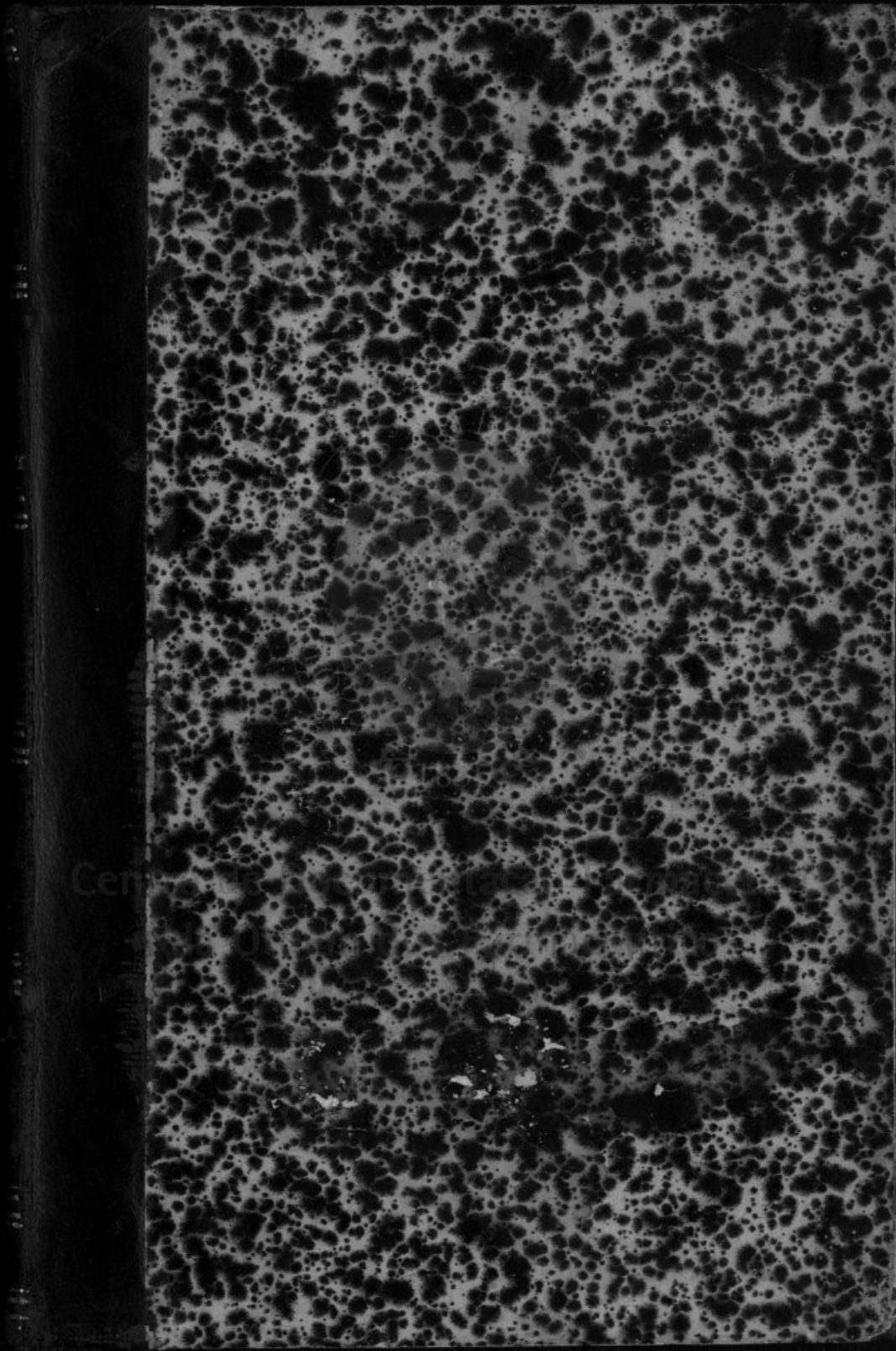






Centro de Documentação Farmacéutica
do Hospital de São João



1855

W. H. Greenough & Co. Ltd.
London & Cambridge



JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA

Magnum iter ascendo, sed dat mihi
gloria vires.

PROF.—Lib. 4, Eleg. 10.

OITAVA SERIE—ANNO DE 1881—TOMO II



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

LISBOA
IMPRENSA DE J. G. DE SOUSA NEVES
65 — Rua da Atalaia — 65

1881

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Dr. Joaquim José Alves, director
João José de Sousa Telles, vice-director
José Dionysio Corrêa
Alfredo da Silva Machado
João de Jesus Pires

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA

DIREITO PHARMACEUTICO PORTUGUEZ

Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, portarias, editaes, etc., relativos aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza

(Continuado do tomo 1.º da 8.ª serie, pag. 124)

N.º 339

Decreto do ministerio dos negocios do reino, de 17 de setembro de 1880, nomeando a commissão de reforma annual do regimento dos preços dos medicamentos

Visto o que dispõe o alvará de 5 de novembro de 1808 e o decreto de 23 de julho de 1879, com respeito á reforma annual do regimento dos preços dos medicamentos; e

Conformando-me com a proposta da junta consultiva de saúde publica:

Hei por bem nomear a commissão de reforma do mesmo regimento, a que se refere o artigo 43.º do decreto com força de lei de 3 de dezembro de 1868, a qual fica assim composta: presidente, Claudino José Vicente Leitão, profes-

sor de pharmacia da escola medico-cirurgica de Lisboa; vo-
gaes, Joaquim Urbano da Veiga e Francisco Antonio Alves
de Azevedo, pharmaceuticos de primeira classe.

A commissão, baseando o seu trabalho nas disposições
legaes e no systema adoptado em a Pharmacopêa portu-
gueza, e attendendo ás observações feitas pela junta con-
sultiva de saude publica, proporá as alterações e melhora-
mentos que lhe aconselhar o seu zelo e reconhecida com-
petencia scientifica; tendo, porém, especialmente em vista
a redução equitativa das taxas das substancias medicamen-
tosas e das relativas ás manipulações.

O ministro e secretario de estado dos negocios do reino
assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 17 de
setembro de 1880.—REI.—*José Luciano de Castro.*

(*Diario do governo*, n.º 232, de 1880.)

N.º 340

Decreto do ministerio dos negocios do reino, de 7 de de-
zembro de 1880, exonerando o pharmaceutico Francisco
Antonio Alves de Azevedo de vogal da commissão de re-
forma do regimento dos preços dos medicamentos

Attendendo ao que me representou o pharmaceutico Fran-
cisco Antonio Alves de Azevedo: hei por bem exonerar-o
de vogal da commissão encarregada da reforma do regi-
mento dos preços dos medicamentos, para que havia sido
nomeado por decreto de 17 de setembro ultimo.

O ministro e secretario de estado dos negocios do reino
assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 7 de
dezembro de 1880.—REI.—*José Luciano de Castro.*

(*Diario do governo*, n.º 290, de 1880.)

N.º 341

Decreto do ministerio dos negocios do reino, de 7 de de-
zembro de 1880, nomeando o pharmaceutico José Ri-
beiro Guimarães Drack para vogal da commissão de re-
forma do regimento dos preços dos medicamentos

Tendo sido exonerado, por decreto d'esta data, o phar-

macentico Francisco Antonio Alves de Azevedo, de vogal da commissão encarregada da reforma do regimento dos preços dos medicamentos, creada por decreto de 17 de setembro ultimo: hei por bem nomear para o dito logar o pharmaceutico José Ribeiro Guimarães Drack.

O ministro e secretario de estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 7 de dezembro de 1880.—REI.—*José Luciano de Castro.*

(*Diario do governo*, n.º 290, de 1880.)

(Continúa.)

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Sessão solemne para commemorar o quadragésimo quinto anniversario da sociedade pharmaceutica lusitana

(Continuado do tomo 1.º da 8.ª serie, pag. 229)

Em sueguida o sr. presidente preferiu o seguinte discurso:

Senhores.—Pela terceira vez tenho a honra de vos fallar d'este logar. Á vossa benevolencia e nunca desmentido affecto devo a reeleição para o cargo de presidente, que qualquer de vós desempenharia melhor do que eu. Não porque eu tenha menos amor por esta sociedade, menos dedicação pela classe que ella representa, menos vontade de pôr o meu insignificante contingente ao serviço d'ella. O motivo é outro. Estou cansado. Desde 1863 que quasi constantemente tenho exercido cargos n'esta sociedade. Durante nove annos exerci o cargo de primeiro secretario, e tenho a consciencia de ter empregado todos os esforços de que era capaz para sustentar o credito e bom nome d'esta sympathica associação. Mas estas lides fatigam. Só quem tem exercido os cargos da mesa pôde avaliar os trabalhos que pesam sobre quem os exerce, trabalhos inglorios e pela maior parte ignorados de todos.

Depois da fadiga ha tambem em mim um pouco de des-

crença. Não ha meio de convencer os socios a ser assíduos ás sessões, a vir tomar parte nos trabalhos que só teem por fim alcançar vantagens para elles, para nós todos.

Conheço que este mal é geral. O fanatismo pelas associações vae passando. Não porque as vantagens da associação não sejam ainda valiosas, mas porque tudo no mundo obedece ao despotismo da moda.

Em 1835 era moda o enthusiasmo pelas associações, e esta moda era justificada.

Depois da oppressão, era natural a reacção. Todos quizeram gosar das vantagens que a liberdade lhes concedia.

A classe pharmaceutica foi das primeiras a associar-se, e razão de sobejo tinha para que assim o fizesse, pois que ella fôra a mais opprimida, vexada e ludibriada.

Bastante conseguiu a sociedade em favor da classe. Em todos os relatorios annuaes havia a consignar mais um melhoramento, mais uma concessão, mais um passo no caminho do progresso.

Depois multiplicaram-se as associações. Todas pediam com mais ou menos razão. Da impossibilidade de satisfazer a todas, veio o costume de não attender a nenhuma. Hoje todas pedem inutilmente. Ninguém consegue cousa alguma a não ser pela politica. Esta porém faz milagres. Tem até força para annullar os esforços d'esta sociedade, obtendo dos governos, decretos, portarias, instrucções em que em beneficio de um se promove o mal de uma classe inteira.

E provavelmente a convicção de que nada pôde travar a roda do carro que nos leva ao abysmo, que produz a descrença, o desanimo, o abandono em que se vêem estas cadeiras.

Não posso pois, não devo, antes de descer d'este lugar, deixar de vos bradar mais uma vez. Vinde, não desampareis os vossos mais caros interesses. A vossa indiferença é quasi criminosa. Attendei que se deixardes morrer este grande centro, augmentará a oppressão e a desconsideração, e a sociedade não pôde existir sem vós.....

Quizera poder annunciar-vos que a mesa conseguira al-
fim convencer o governo da indispensabilidade da reforma
do ensino pharmaceutico. Infelizmente nada por emquanto
podêmos conseguir. Não foi porque as nossas diligencias
afrouxassem. Ao contrario: nunca se empregaram mais es-
forços para isto conseguir. Subsistem porém, e subsistirão
sempre, creio, as razões que até hoje teem obstado a esta re-
forma, e como não ha governo que se resolva a arcar com cer-
tos preconceitos e privilegios, venço-me de que nunca ha-
verá um ministro que apresente em côrtes uma proposta de lei
creando uma escola de pharmacia em harmonia com as exi-
gencias da epocha, e com o estado actual da sciencia. Oxalá
que tão triste prophesia se não realise.

Mas então deverá estar a nossa classe eternamente pri-
vada do ensino official? Nunca a classe pharmaceutica terá
uma escola especial, com professores pharmaceuticos? Hade
sempre vergar sob o vexame de ser a unica a quem não é
permittido instruir os seus alumnos, sendo a classe medica
a encarregada de lhe ministrar o ensino?

Os factos encarregam-se de responder a estas perguntas.

Ha 45 annos que luctamos para conseguir este *desidera-
tum*, e por emquanto, o que se tem feito é mais no sentido
de facilitar a acquisição do respectivo diploma, do que de
difficultal-a.

Não ha uma só profissão scientifica para a qual sejam ad-
mittidos os exames de passagem nos lyceus de 2.^a classe,
mas admittem-se para a pharmacia.

Não faltam portarias recommendando aos professores dos
lyceus que não sejam demasiadamente exigentes com os
alumnos pharmaceuticos. Em francez basta saber traduzir,
em mathematica basta saber as quatro operações, em in-
troducção bastam conhecimentos geraes, etc., etc.

Não se passa um anno em que não appareça uma porta-
ria d'esta ordem, como se as habilitações exigidas por lei
fossem exageradas, como se faltassem pharmaceuticos para
as necessidades do paiz.....

E pôde alguém convencer-se de que hade acabar este estado de cousas? É crível que alguém consiga convencer os que nos governam, de que taes concessões só dão em resultado o aniquilamento de uma classe, a que nos outros paizes se exigem tão grandes e variados conhecimentos?... Não me parece.

Em 1870, o nosso presado collega Antonio Augusto Felix Ferreira, levado do desejo de levantar a classe e de lhe dar instrucção, propoz que esta sociedade creasse uma escola particular, subsidiando-a quanto coubesse em suas forças, e valendo-se do auxilio dos socios que voluntariamente se prestassem a reger as respectivas cadeiras.

Tão sympathica proposta não foi approvada. Teve contra si o parecer de uma commissão especial e o voto d'esta sociedade.

Confessemos porém que a razão da sua rejeição, não foi a convicção da sua pouca vantagem, mas o receio de que, desprotegida do governo, sem o prestigio official, e não tendo a sociedade os meios para remunerar os professores, montar laboratorios, officinas e gabinetes, tal escola seria pouco duradoura.

E é para lamentar que estas ou outras razões obstassem a que a sociedade dêsse um passo de tanto alcance, vinculando o seu nome a uma empresa de tão reconhecidas vantagens e destinada a dar á classe o ensino de que parece haver o proposito de a privar.

A primeira escola de pharmacia em Paris teve uma origem identica. Foi a sociedade de pharmacia d'aquella grande cidade que a creou e subsidiou, até que o governo a declarou official, dotando-a com os meios necessarios, nomeando-lhe os professores a quem deu cathegoria e vencimentos eguaes aos das outras escolas.

A nossa seria tambem o nucleo de uma escola official se a sociedade a tivesse podido crear e manter, e se no nosso paiz houvesse o costume de olhar sériamente para as cousas que dizem respeito á instrucção publica.

Supponhamos porém que é por emquanto impossivel a creação da escola de pharmacia. Se houvesse sincero desejo de attender á necessidade da reforma, bastava que se acabasse já com os exames vagos, e com as celebres portarias illegaes, abusivas e attentatorias do bom senso e da dignidade da classe.

Mas para que esta medida tivesse verdadeira utilidade, era indispensavel regular por modo claro e digno o registro official da pratica pharmaceutica.

Registro como actualmentē está organizado, é inutil, ridiculo e presta-se a toda a casta de abuso.

O pharmaceutico é obrigado a ter um livro do modelo approved superiormente, onde inscreva o nome do ajudante, idade, filiação, naturalidade, dia da entrada, dia da sahida, interrupções da pratica, se as houve, etc., etc.

No mez de outubro de cada anno é o pharmaceutico obrigado a enviar a cada uma das tres escolas de medicina uma copia exacta das notas respectivas a cada um dos ajudantes.

É o commissario de policia em Lisboa e Porto, e o administrador do concelho nas outras terras, o encarregado de fiscalisar, por occasião das visitas, o exacto cumprimento da lei.

Mas o pharmaceutico por esquecimento e ás vezes por outros motivos, não envia ás escolas as participações a que é obrigado.

A auctoridade só passa a visita quando algum ressentimento pessoal ou politico a impelle a perseguir o pharmaceutico. De resto ninguem trata de indagar se a lei foi cumprida e de que modo o foi.

Concluida a sua pratica, o ajudante que não é culpado do esquecimento de quem tinha a seu cargo fazer a participação, mas que não tem meios de justificar a sua pratica por meio da certidão passada pela escola, requer e procede a uma justificação judicial ou administrativa. Obtida ella requer ao Ministerio do Reino que o mande admittir a exame de pharmacia.

Acontece porém ás vezes que tal pratica não houve. Que o justificante obtem das auctoridades, a troco de serviços eleitoraes ou outros quaesquer, um processo em que se prova o que nunca existiu.

Não imagino hypotheses. Argumento com factos que posso provar.....

Isto é serio?... Isto é digno?.....

Organizado o registro da pratica como ha em França seria mais difficil senão impossivel a um intruso obter uma carta de habilitação.

Entre as questões propostas para premio por esta sociedade, figurou por muitos annos a seguinte: *Causas da decadencia da pharmacia entre nós—meios de as evitar ou destruir.*

Ninguem ainda se propoz tratar esta questão com o fim de vir ao concurso aberto pela sociedade. No entanto affigura-se-me facillima a resposta. As causas da decadencia da pharmacia entre nós são duas—Falta de organização no ensino—Falta de policia pharmaceutica.

Os meios de as evitar ou destruir são tambem dois—Creação de uma boa escola de pharmacia—Vigilancia das auctoridades para que as leis se cumpram.

De facto: se para adquirir o diploma de pharmaceutico fosse necessario um longo tirocinio escolar, um trabalho pouco inferior ao que ha para adquirir o diploma de medico—o publico, os medicos, as auctoridades olhariam para a nossa classe com a deferencia e respeito que em toda a parte merece a sciencia e a dignidade.

Dir-se-ha—Os interesses que podem provir da pharmacia são por tal fórma insignificantes que não convidariam os alumnos a cursar as escolas....

Essa seria a primeira vantagem. Dar-se-ia o caso que se deu com os alumnos de medicina. Quando a lei lhes exigiu muitos preparatorios, diminuiu muito a concorrencia, o que deu em resultado augmento de vantagens para os poucos que se habilitavam. Estas vantagens foram tantas e taes que

o numero dos alumnos augmentou mais tarde por modo incrível.

Actualmente o numero de pharmaceuticos habilitados excede muito as necessidades do paiz. Todos os annos se habilitam em Coimbra dezenas de aspirantes de 2.^a classe, mas as escolas regulares continuam abandonadas e assim estarão em quanto os governos facultarem a habilitação por aquelle meio.

Os resultados são sabidos. Grande numero de pharmaceuticos subjeitam-se hoje ao mister de ajudantes com ordenados mesquinhos que pouco differem do que tinham quando não habilitados. Os que assim não conseguem collocar-se vão para o ultramar arrastar uma vida de privações, para n'um futuro, (que a insalubridade e o clima das provincias ultramarinas tornam problematico) terem direito a uma reforma com o soldo de 45\$000 réis mensaes....

Aqui tendes as bellezas da desorganisação do ensino pharmaceutico.

Notemos porém que ainda conseguida a reforma no ensino e no registro, seria ella incompleta se não fosse acompanhada da necessaria fiscalisação para que os interesses dos pharmaceuticos legalmente habilitados não fossem, como estão sendo, lesados por quantos se julgam no direito de se arvorar em vendedores de medicamentos.

Os droguistas fazem em Lisboa uma terrivel concorrência aos pharmaceuticos. Preparam medicamentos, aviam receitas, e o publico ignorante procura de preferencia o droguista, que lhe vende mais barato....

Quereis saber as razões porque elle vende mais barato? São varias.

A 1.^a é porque para elle não ha regimento de preços, nem visitas policiaes.

A 2.^a é porque alliando o aviamento de receitas com a venda de varias drogas e substancias, aufere interesses muito superiores aos dos pharmaceuticos.

A 3.^a é porque vendem em segunda mão, enquanto em geral o pharmaceutico só vende em terceira.

A 4.^a, finalmente, é porque não tendo gasto tempo, dinheiro e trabalho para adquirir um diploma, a venda do medicamento representa para elle uma simples troca da substancia por dinheiro, contentando-se com um ganho insufficiente para o pharmaceutico.

Ora quando isto se dá em Lisboa, séde do governo central, onde ha policia de varias especies, onde finalmente poderia ou antes deveria haver mais escrupulo pelo exacto cumprimento da lei, o que se passará nas provincias, onde as auctoridades se vêem muitas vezes forçadas a fechar os olhos, por motivos que é inutil aqui referir?!!...

Triste é o presente da pharmacia portugueza!!! Mais triste se me affigura o futuro, porque não vejo tendencia para fazer acabar este estado de cousas.

Disse-vos ha pouco que em Portugal só por politica se alcançava alguma cousa, mas que ella fazia milagres.

Pois se isto é assim, façamos nós tambem politica. Façamos-nos homens importantes, imponhamo-nos, já que por outros meios não alcançamos os nossos fins. O nosso partido será o que em mais curto espaço realisar as reformas de que a nossa classe carece, a creação da escola de pharmacia, a reforma da lei de saude, especialmente na parte que diz respeito á policia pharmaceutica.

Conseguido o nosso fim, abandonemos as lides partidarias; voltemos as nossas attensões para a sciencia, que é a unica que sabe premiar quem trabalha. Lembremo-nos que hoje o pharmaceutico não deve saber só preparar medicamentos. Póde e deve ser chamado a prestar serviços, que só com conhecimentos pouco vulgares, que só com verdadeira sciencia póde desempenhar.

O ensaio dos medicamentos que adquire no mercado, o exame dos generos alimenticios, a analyse toxicologica, a chimica pathologica, são outros tantos ramos onde nos podemos tornar uteis á sociedade e á humanidade, adquirindo assim gloria e bom nome.

Não deixemos que outras classes nos invadam este cam-

po. Lembrae-vos que cá e em toda a parte a pharmacia deveu sempre o seu esplendor á chimica, e quando ella não fôr inseparavel da pharmacia, está morrerá de inanição.

Todos os esforços da medicina tendem a emancipar-se da pharmacia, de que sempre dependeu quanto a exames e ensaios chimicos, e alguma cousa vae conseguindo.

É necessario pois que nós vamos envidando todos os esforços para nos tornarmos não só uteis mas indispensaveis, e só poderemos conseguil-o estudando e trabalhando. É esta uma guerra para a qual não hesito em incitar-vos. Combata-mos com armas leaes e a victoria coroará os nossos esforços.

Não é só em Portugal que isto se dá. Os pharmaceuticos belgas tambem gritam *alerta*. Lá como cá notam-se as mesmas tendencias para a invasão.

Não ha muito que em um discurso do presidente da sociedade de pharmacia de Bruxellas se punha bem evidencia a necessidade de uma forte união da classe e da acquisição dos mais completos conhecimentos de chimica analytica, para evitar que outras classes nos invadam o campo.

No dia em que conseguirem separar a pharmacia da chimica, a nossa classe receberá um golpe mortal.

Disse-vos ha pouco que era necessario possuir bastantes conhecimentos, verdadeira sciencia, para entrar com vantagem na lucta scientifica, e conquistar a posição a que temos direito. Disse-vos a verdade. Hoje mais que nunca é indispensavel que o pharmaceutico se não limite a saber preparar medicamentos. A sciencia tem progredido, mas não é só n'este ou n'aquelle ramo; em todos se tem feito verdadeiros progressos, e,—ainda mal—a arte de falsificar os inedicamentos e alimentos tem mesmo attingido um certo grau de perfeição. O commercio das drogas, que devia dar o exemplo de probidade e seriedade é o que nos apresenta maiores provas de mercantilismo, de ambição illicita, de torpe especulação.

Corre-nos o rigoroso dever de analysar todas as substancias medicamentosas, especialmente as que nos veem do estrangeiro. Todo o cuidado é pouco. O sulfato de quinina, o ferro reduzido pelo hydrogenio, o iodeto de potassio, o subazotato de bismutho veem hoje ao mercado falsificados com a maxima perfeição, de modo a illudir os mais experimentados. Para que o pharmaceutico mereça este nome, é necessario que antes de comprar estas substancias possa convencer-se que ellas são puras, e esta convicção só lh'a pôde dar um exame minucioso e detido. Para o saber fazer é indispensavel muita aptidão em chimica analytica, que só o estudo e a pratica de laboratorio podem dar.

Não ha muitos annos que, sendo eu nomeado pela auctoridade superior do districto, para conjunctamente com o nosso illustrado collega Manuel Vicente de Jesus proceder á analyse de varios medicamentos pedidos a despacho na alfandega de Lisboa, verificamos que o que se pretendia introduzir no consumo como sulfato de quinina era só chlorhydrato de cinchonina—que o ferro reduzido pelo hydrogenio, era uma mistura grosseira de peroxido e sulfureto de ferro—que o subazotato de bismutho estava inquinado com forte porção de arsenico, etc. Se qualquer de nós, confiando na excellente apparencia d'aquelles medicamentos, os comprasse e expedissemos, mancharia o seu credito e illudiria a boa fé que o publico n'elle depositasse.

Não menos frequentes são os casos de sophisticação dos generos alimenticios.

O vinho, o vinagre, o azeite, a farinha, são objecto de tantas e tão variadas falsificações, que se torna indispensavel examinal-os antes de os entregar ao consumo. O methodo actualmente seguido para córar os vinhos com *fuchsina* torna perigoso o seu uso sem previo exame, pois que esta materia córante é quasi sempre acompanhada de consideravel quantidade de arsenico.

O vinagre, que no nosso paiz não se sabe fabricar, apparece ás vezes falsificado com acidos mineraes. Esta falsi-

ficação é perigosa e inutil. Perigosa porque a addição de um acido mineral em quantidade tão avultada torna'o vinagre venenoso; inutil porque, por mais fraco que seja o vinho portuguez, tem elle sempre uma quantidade de alcool tal, que desdobrado em acido acetico, daria ao vinagre uma acidez mais que sufficiente para os usos a que tal liquido é destinado.

Não ignoraes por certo que um vinagre é considerado bom e capaz de resistir á destruição logo que tenha 8 p. c. de acido acetico. Pois quando um vinho tenha 7,5 p. c. de alcool, e quando se saiba conseguir o desdobramento de todo elle, deverá produzir um vinagre contendo 9 p. c. de acido acetico.

Ora não ha em Portugal vinho com menos de 10,5 p. c. de alcool. Já vêdes que tinha razão quando affiançava que esta fraude era inutil. Que os fabricantes aprendam os processos com que lá fôra se obtem o vinagre bom e em poucas horas, e esta falsificação perderá toda a razão de ser.

A analyse toxicologica é tambem um ramo que até hoje tem estado sempre entregue á nossa classe, quasi exclusivamente. É no laboratorio d'esta sociedade, e quasi sempre a cargo do nosso illustrado collega dr. Joaquim José Alves, que se praticam todos os exames chimico-legaes com que a justiça da capital e dos districtos das relações de Lisboa e Açores precisa esclarecer-se, e bastante tem isto contribuido para o credito e esplendor da nossa benemerita associação.

A chimica pathologica, isto é o exame chimico dos productos pathologicos da economia, é hoje um assumpto que está chamando a attenção dos medicos mais esclarecidos.

Hoje, não pôde considerar-se completo o estudo de um doente se não foi acompanhado do exame chimico da sua urina, etc. É pelos dados que a chimica lhe fornece, que o clinico pôde precisar o seu diagnostico e dirigir o tratamento. Com quanto alguns clinicos prefiram proceder elles mesmos a esse exame, é certo que um grande numero

d'elles recorre ao pharmaceutico que mais confiança lhe merece.

Mas, poderá o pharmaceutico prestar-se conscientemente a estes trabalhos com os poucos conhecimentos que adquire no estudo da introdução á historia natural?... Não; não pôde, nunca poderá...

Para que a opinião do pharmaceutico seja auctorizada e respeitada é indispensavel que elle possua conhecimentos profundos em chimica analytica, e estes só se adquirem no curso respectivo e nos laboratorios.

Parece-me pois demonstrada a minha these. Não pôde na actualidade um pharmaceutico contentar-se com os conhecimentos que a imperfeitissima organização do ensino official lhe fornece.

Muitos dos nossos collegas, conscios d'esta verdade, teem ido, depois de habilitados, procurar adquirir nas escolas officiaes os conhecimentos que a pratica lhe demonstrou serem indispensaveis. O procedimento d'estes collegas é superior a todo o elogio, mas seja isto mais um argumento a apresentar aos governos, para os resolvermos a olhar com attenção para a organização do ensino pharmaceutico.

Houve em tempos idéa de realisar na sala d'esta sociedade conferencias, com o fim de tornar conhecidos dos nossos collegas e ajudantes os processos mais faceis e precisos para examinar os vinhos, os vinagres, os azeites, a analyse dos medicamentos, das farinhas de pão, etc. etc.; finalmente, supprirmos o que por desgracia nossa o ensino official não fornece. A carencia dos meios necessarios obstatou á realisação d'este desejo.

Era indispensavel adquirirapparelhos de custo relativamente elevado. Era necessario costear estas prelecções ou conferencias, e a sociedade não estava habilitada para tanto.

Vêdes pois o grande e extenso trabalho que tendes a emprehender.

A classe pharmaceutica portugueza não pôde nem deve ficar indifferente aos grandes progressos da sciencia.

Nós, em geral, limitamo-nos a comprar no mercado estrangeiro os productos que nós parecem mais recommendaveis pela sua boa apparencia ou pela boa preparação, mas não tratamos de indagar os processos que lá fóra empregam para conseguir aquelles resultados.

Os medicos, quasi sempre seduzidos pelos pomposos annuncios, pedem estes medicamentos modernos, estas especialidades, algumas das quaes marcam um verdadeiro progresso. As perolas, os saes granulados, as *hostias Limousin*, etc. são evidentes demonstrações felizes d'este progresso e é justo o applauso com que são recebidos. Alguns ha porém, e pela maior parte mesmo, são especulações charlatanicas que nada recommenda; mas que constituem uma valiosa contribuição que o publico paga aos estrangeiros, e mais uma causa da decadencia da nossa classe. Não devemos fechar os olhos á evidencia. Para fornecer uma pharmacia de todas as especialidades pharmaceuticas estrangeiras é indispensavel um capital importante que dá ao pharmaceutico um juro extremamente modico.

Depois, para vender estes medicamentos já preparados e promptos, tão apto se considera o droguista como o pharmaceutico. D'aqui a concorrencia que já demonstrei, tão fatal estar sendo á classe pharmaceutica.

Eia pois: É, como vêdes, extenso e cheio de abrolhos o caminho que tendes a percorrer. É preciso trabalhar, e muito. É indispensavel uma forte e sincera união da classe. Tendes o nucleo formado—A Sociedade Pharmaceutica Lusitana—Não a abandoneis. Concorrei ás suas sessões; dai-lhe vida. Lembrai-vos dos serviços que ella vos tem prestado e dos que pôde e deve ainda prestar.

Como soldado humilde, mas firme, achar-me-hei sempre ao vosso lado, prompto a sacrificar-me pelo bem da classe a que pertenço e a que tambem pertenceu meu pae.

Disse.

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 21 DE OUTUBRO DE 1880

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da seguinte**Correspondencia**

Officios:—1.º Da procuradoria regia, pedindo o nosso laboratorio para n'elle se proceder a uma analyse toxicologica.—Concedido.

2.º Do sr. Bernardo Pereira Maia, de Cabeceiras de Basto, sobre negocios de thesouraria.—Inteirada.

3.º Do sr. conselheiro João Ignacio Ferreira Lapa, director geral do instituto geral de agricultura, convidando a sociedade a assistir á sessão solemne de abertura das aulas d'este estabelecimento.—Recebido com especial agrado.

Ordem do dia**Propostas**

Teve primeira leitura uma proposta de candidato a socio correspondente, do sr. Antonio Augusto Felix Ferreira.—Para segunda leitura.

Segundas leituras

Teve segunda leitura uma proposta do sr. João Francisco Delicioso, para socio correspondente.

Procedendo-se a todas as formalidades exigidas pelo nosso regimento interno, foi eleito socio correspondente o sr. João Diniz d'Abreu, pharmaceutico estabelecido em Taboa.

O sr. *presidente* usando da palavra, disse que mais uma vez manifestava á sociedade o seu reconhecimento pela honra que lhe havia dispensado elegendo-o presidente de uma sociedade que tantos e tão uteis serviços tem prestado

à classe, mas que pedia com o maximo empenho aos collegas presentes que se não lembrassem na eleição de hoje do seu nome para o referido logar, visto que os seus encargos o inhibiam de actualmente o exercer.

Eleição de novos funcionarios

O sr. *presidente* interrompeu a sessão para os socios fazerem as suas listas, e procedendo-se depois em conformidade com o que dispõe o regimento interno, ficaram eleitos os senhores:

João José de Sousa Telles, presidente.

José Ribeiro Guimarães Drack, primeiro vice-presidente.

Antonio Augusto Felix Ferreira, segundo vice-presidente.

Alfredo da Silva Machado, primeiro secretario.

José Gomes de Mattos, segundo secretario.

Joaquim Simões Serra, primeiro vice-secretario.

Emilio Augusto de Faria Estacio, segundo vice-secretario.

João Francisco Delicioso, thesoureiro.

Antonio Joaquim Pinto, vice-thesoureiro.

José Augusto da Silva Gameiro, bibliothecario.

João Thomaz da Silva Pinto, vice-bibliothecario.

Por proposta do sr. Drack, resolveu-se que as commissões permanentes fossem reeleitas.

O sr. *Telles* agradeceu á sociedade a honra que acaba de dispensar-lhe, e que empregaria todos os esforços para não desmerecer tamanha prova de confiança. Usando da palavra, expoz claramente os serviços, dedicação, zelo e boa vontade com que o nosso muito illustrado collega, o sr. Felix Ferreira, tratou os negocios da sociedade, merecendo por isso a estima e consideração de todos os collegas que sabem avaliar bem os esforços que por muitas e muitas vezes poz em pratica para o engrandecimento da sociedade e da classe em geral.

Mostrou tambem quaes os serviços prestados á sociedade pelo sr. Urbano da Veiga, que muito dignamente exerceu o cargo de presidente e outros de grande importancia; e

terminou por propôr que se consigne na presente acta um voto de louvor aos membros da mesa e ao sr. Delicioso, que, como thesoureiro, tem concorrido poderosamente para o engrandecimento da sociedade.

O sr. *presidente* agradeceu ao sr. Telles as expressões de estima que acaba de dispensar-lhe; que eram conhecidos de todos os bons serviços prestados pelo nosso primeiro secretario á sociedade, associando-se d'este modo á proposta do sr. Telles.—Posta á votação a proposta do sr. Telles, foi approvada unanimemente.

O sr. *Felix Ferreira* agradeceu reconhecido as expressões dos srs. Telles e Veiga; que as julgava immerecidas, pois que sómente havia diligenciado satisfazer os cargos com que a sociedade o tinha honrado. Mostrou desejos de que a sociedade officiasse ao sr. Carlos Augusto Lopes, nosso escripturario, agradecendo-lhe os bons serviços que tem prestado á sociedade.—Assim se resolveu.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte — posse de cargos, pareceres de comissões e segundas leituras. Eram nove horas e meia da noite.—O segundo secretario, *Augusto d'Oliveira Abreu*.

CHYMICA

Centro de Documentação Farmacêutica

Analyse qualitativa dos halogeneos

da Ordem dos Farmacêuticos

PROCESSO DE EMILIO ESTACIO

Sobre uma solução medianamente concentrada de CrO_3 , addicionada de algumas gotas de HO , AzO_5 lance-se o licor que contem os halogeneos. Se se fôrma precipitado, filtre-se. Aqueça-se á ebulição o licor filtrado, e verifique se ainda ha I.

Póde-se logo pelos processos ordinarios reconhecer o Br,

mesmo não estando expulso todo o I; mas, querendo reconhecer-o depois de completamente eliminado basta prolongar a ebulição, e verificar de vez em quando, até não existirem vestígios.

Convem logo verificar a presença do Br.

Reconhecido este, continue-se a ebulição até que também o Br seja expulso, para o que é preciso quasi sempre chegar á seccura, sem que todavia calcine. Filtre-se, e no licor filtrado procure-se o Cl.

Convem, para completa segurança, procurar o Cl, immediatamente á expulsão do Br; sendo necessario para isso procurar este em experiencias successivas.

Para reconhecer o I e o Br emprega o auctor o CS^2 , recommendando ter o ensaio em repouso algum tempo, para se separar do CS^2 a solução de CrO^3 , que interpondo-se córa aquelle de amarello esverdeado, o que pôde ser causa de erro para os menos experimentados; ou, melhor, substituindo por diversas aguas a solução chromica e agitando, de modo a lavar o CS^2 , o qual ficará completamente branco no caso de não haver I nem Br.

Para o reconhecimento do Cl emprega o AgO, AzO^5 , depois de haver juntado um grande excesso de HO, AzO^5 (o triplo, ou mais, do volume).

Se o precipitado é branco, em forma de coagulo, soluvel em AzH^4O , é evidente a presença do Cl; se é vermelho purpura, mais ou menos carregado, é que algum AgO, CrO^3 se não solveu no HO, AzO^5 , podendo envolver o precipitado branco de AgCl . N'este caso aquece, e immediatamente, solvendo-se o primeiro, o AgCl fica só, e se reconhece distinctamente; podendo isolar-se filtrando a quente.

Aquella expulsão do Br. é embaraçada pela presença do ClO^5 , e n'este caso elimina-o, precipitando pelo AgO, AzO^5 , fundindo o precipitado lavado com $\text{KO} \left\{ \begin{array}{l} \text{NaO} \end{array} \right\} 2\text{CO}^2$, e tractando pela agua a massa fundida.

A solução aquosa, acidificada ligeiramente pelo HO, AzO^5 ,

é então apta para ser tractada pelo processo indicado, sendo desnecessario n'este caso juntar mais HO, AzO^5 .

A eliminação perfeita do I não é pois embaraçada pela presença do AzO^5 nem de outros corpos, e o Cl isola-se completamente do Br, o que, como é sabido, não houvera podido conseguir-se ainda.

VARIEDADES

Processo para dar aos moveis a cor de acajú.—Esfrega-se a madeira lisa, de nogueira ou pereira, com acido azotico pouco diluido; solva-se em 1 litro de alcool 50 grammas de sangue de drago e 15 grammas de carbonato de soda; filtra-se com cuidado este soluto, que será applicado com pincel fino. Quando a tintura esteja sêcca, prepara-se um soluto com 50 grammas de gomma laca em 1 litro de alcool, addicionando-se 8 grammas de carbonato de soda, e applica-se como o primeiro e, estando sêcco, será polido com pedra-pomes e um pedaço de faia fervida em oleo de linhaça.

Remedio para curar os animaes da tumefacção resultante da fermentação das forragens verdes no estomago.—Muitas vezes as forragens verdes causam nos bois, carneiros, cavallo e outros animaes herbivoros uma meteorisação ou tumefacção, produzindo-lhes quasi sempre a morte. O sr. Thenard, havendo estudado a causa d'este mal, achou, diz o *Journal de Saint-Quentin*, o remedio efficaz, e consiste em misturar algumas gotas de ammonia em um copo de agua, a qual se faz engulir ao animal doente, que é, o mais das vezes, curado no espaço de uma hora.

Conservação das armas.—Applica-se, com rolinha de lã, um pouco de unguento mercurial. Este processo, devido ao sr. Martin, impede que o oxydo se forme e conservam-se bem as espingardas.

Preparação das côres nos vernizes.—O sr. Jonas, tendo observado que os oleos seccativos se combinam facilmente com os oxydos metallicos de maior peso especifico, e que elles formam sabões com os oxydos metallicos mais leves, a ponto de ser-lhe possivel preparar com grande numero de côres metallicas e estes oleos combinações constantes, que seriam de uma qualidade infinitamente mais fina que as côres produzidas pelo meio mecanico, tem empregado, para este effeito, precipitados metallicos ainda no estado humido misturados com os vernizes apropriados.

Para accelerar a germinação das sementes.—São introduzidas n'um sacco de panno, o qual é exposto á influencia da temperatura quente, depois de haverm sido humedecidas na agua. Os jardineiros de Strasbourg misturam as sementes com a madeira apodrecida antes de as molhar.

Verniz para preservar o ferro da ferrugem.—Mistura-se 80 partes de pó de talco com 20 partes de oxydo de chumbo, incorpora-se-lhe oleo de linhaça até formar massa espessa, que se dilue com essencia de terebinthina. O ferro deve ser primeiramente bem limpo da ferrugem que tiver e, com duas camadas d'este verniz, resiste perfeitamente á acção da agua do mar.

Meio simples de augmentar as qualidades nutritivas das forragens e sua quantidade.

—Acredita-se geralmente que não é necessario seccar o feno senão quando as sementes da planta estejam maduras e as hastes comecem a seccar e a amarellecer: é um grave erro, porque a planta quando floresce exaure-se para nutrir as suas sementes.

Para o corte do feno deve-se procurar o momento ou a maioridade das gramineas. A herva, cortada em completa florescência, produz feno mais tenro e mais nutritivo.

J. D. CORRÊA.

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA

Balancete do 2.º trimestre de 1880

Receita	Despeza
Saldo em cofre em 1 de d'abril de 1880	Analyses toxicologicas
Quotas dos membros contribuintes	Renda da casa, 2.º semestre de 1880
Diplomas	Iluminação
Juros d'inscrições	Ordenado do continuo
Analyses toxicologicas	Gratificação do escriptuario
Assignaturas do jornal	Porte de jornaes e correspondencia
Venda de jornaes e formularios	Compra de livros e impressos e outras despesas d'expediente
	Diversas despesas
	Saldo para o 3.º trimestre de 1880
260\$780	428\$230
64\$800	51\$690
1\$300	479\$920
121\$590	
24\$000	
4\$320	
3320	
479\$920	

Secretaria da sociedade pharmaceutica lusitana, 30 de junho de 1880.

O primeiro secretario,

Antonio Augusto Felix Ferreira.

O thesoureiro,

João Francisco Delicioso.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 10 DE AGOSTO DE 1880 ¹

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 1/2 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* deu conta da correspondencia, que teve o devido destino.

Sobre o officio do sr. Bernardo Pereira Maia, em que este senhor pede para que no nosso laboratorio se proceda á analyse de uma agua ferrea, o sr. dr. Alves é de opinião que se lhe officie para que remetta uma amostra d'ella e se faça então uma analyse quantitativa. — Assim se resolveu.

Ordem do dia

Propostas

1.^a Do sr. João Francisco Delicioso. — Para segunda leitura.

2.^a Do sr. José Dionysio Corrêa. — Para segunda leitura.

Entrando em discussão os quesitos apresentados pelo sr. Pitta Simões, e trocadas algumas explicações entre differentes socios que tomaram a palavra, resolveu-se:

1.^o Que as substancias pedidas sob a fôrma liquida devem ser dissolvidas quando fôr possivel e o uso therapeutico a que são destinadas o aconselhar, mas sempre em harmonia com a indicação do clinico.

2.^o Que no exemplo indicado na regra do quesito da consulta, o sulfato de quinina deve ser dissolvido por meio do acido sulfurico q. s.

3.^o Que a addição do acido sulfurico diluido para dissolver o sulfato de quinina pedido debaixo da fôrma liquida, sendo de uso geral e recommendada por auctorizados scientificos, deve ser empregada sempre que não haja indicação especial.

¹ Por justos motivos publica-se esta acta fóra do seu logar.

4.º Que a tinctura de iodo deve ser preparada segundo a formula da Pharmacopêa Portugueza, sem addicionamento algum.

Os srs. *presidente*, *Tedeschi* e *Alves*, referindo-se á portaria emanada do ministerio do reino, em virtude da qual ficámos privados do subsidio que ha muitos annos nos era concedido para a publicação do nosso jornal, mostraram o seu profundo desgosto por tal procedimento, e propozeram que a sociedade não descursasse esta questão, tratando-a pela imprensa jornalística, para que ficasse bem conhecido de todos tal procedimento.—Assim se resolveu.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão dando para ordem do dia da seguinte—propostas, pareceres de comissões, segundas leituras e eleição dos novos funcçionarios. Eram nove horas e meia da noite.—O segundo secretario, *Augusto d'Oliveira Abreu*.

PHARMACIA

Collyrio contra o tumor lagrimal

(Dr. Lober)

Azotato de prata crystallizado... 1 gram.

Agua distillada..... 50 »

Solva. Para injeccão de baixo para cima, no sacco lagrimal, nos casos de tumor lagrimal.

Liquido prophylactico

(Langlebert)

Alcool ordinario..... 30 gram.

Sabão molle de potassa..... 20 »

Essencia de limão..... 15 »

Solva. Recommendado em loções sôbre os órgãos genitales, para prevenir a contágio.

Loção contra a calvicie

(Landerer)

Fôlha de loureiro em pó..... 60 gram.

Cravinho em pó..... 8 »

Espirito de alfazema 120 »

Espirito de ouregão..... 120 »

Macere tudo por seis dias, filtre e ajunte:

Ether sulfurico..... 15 »

Applica-se em fricções, de manhã e de tarde, sobre o couro cabelludo, para impedir a queda dos cabellos.

Poção contra a tinha

(Hardy)

Chloreto mercurico 1 gram.

Alcool..... q. b.

Agua distillada..... 500 gram.

Solva. Applica-se no tratamento da tinha. Depois da depilação lava-se o couro cabelludo, com esponja fina embebida d'este soluto, repetindo-se esta operação, de manhã e de tarde, durante oito dias; no fim d'este tempo unta-se o couro cabelludo com pomada de enxôfre.

Mistura contra a caria dentaria

da Ordem dos Farmacêuticos

(Magitot)

Chloroformio...:..... 5 gram.

Laudano de Sydenham..... 2 »

Tinctura de benjoim..... 10 »

Misture. Introduza, na cavidade do dente cariado, uma bolinha de algodão em rama embebida d'esta mistura; renova-se esta applicação até que se obtenha a insensibilidade.

Pilulas antisyphiliticas

(Velpeau)

Iodeto mercurioso.....	4 centigram.
Acetato de morphina.....	1 »
Thridacio.....	3 »

F. s. a. uma pilula. Duas por dia, para combater os accidentes secundarios da syphilis.

Pilulas contra a cephalalgia chlorotica

(Siredey)

Sulfato de quinina.....	3 gram.
Ferro reduzido pelo hydrogenio	3 »
Extracto de rhuibarbo.....	q. b.

F. s. a. 60 pilulas. Quatro por dia, para combater a cephalalgia devida a anemia. A associação do ferro ao sulfato de quinina é de grande utilidade para os chloroticos.

Pilulas de opio compostas

(Hospitales de Londres)

Opio em pó.....	2 gram.
Extracto de cicuta.....	4 »
Gomma arabica em pó.....	q. b.

F. s. a. 40 pilulas. Uma ou duas, á noite, para combater as dôres do cancro que não pode ser operado e certas tosses nervosas.

Pilulas de ouro e mercurio

(Ricord)

Amalgama de ouro e mercurio.	60 centigram.
Thridacio.....	20 »
Conserva de rosas.....	50 »
Raiz de alcaçus em pó.....	q. b.

F. s. a. 40 pilulas, que contêm cada uma 6 centigrammas de amalgama, ou 5 centigrammas de mercurio e 1 centigramma de ouro. Administra-se uma a tres pilulas por dia, na syphilis secundaria, e pode-se elevar a dose sem provocar a salivacão.

Pilulas tonipurgativas

(Beasley)

Sulfato de ferro bem secco. 2,00 gram.

Extracto de rhuibarbo. 5,00 »

Conserva de rosas. 2,50 »

F. s. a. 40 pilulas. Uma a tres por dia, para fazer cessar a constipação dos chloroticos e estimular as funcções digestivas.

Pocão antisymphilitica

(Boinet)

Tinctura de iodo. 1 gram.

Agua distillada. 400 »

Xarope de casca de laranja. 15 »

Misture. Administra-se duas a quatro colheres por dia, para combater os accidentes terciarios da syphilis.

Pocão expectorante

(H. Green)

Vinho de ipecacuanha. 40 gram.

Xarope de balsamo de Tolú. 15 »

Mucilagem de gomma arabica. 25 »

Misture. Administra-se uma colher á sobre-mesa, de hora a hora ou de duas a duas horas, ás creanças ameaçadas de crup ou ás affectadas de bronchita.

Pocão mercurial

(H. Green)

Chloreto mercurico 25 centigram.

- Tinctura de genciana..... 100 gram.
 Xarope de flor de laranjeira... 50 »
 F. s. a. Duas colheres das de café por dia, nos accidentes secundarios da syphilis e as doenças chronicas da pelle.

Pomada antisiphilitica

(Startin)

- Bisulfureto de mercurio..... 1,50 gram.
 Oxydo de mercurio..... 0,60 »
 Creosota..... 2 gotas
 Banha preparada..... 50 gram.
 F. s. a. Applica-se sobre as syphilidas e ulceras venereas.

Soluto antisiphilitico

(Ricord)

- Agua distillada..... 200 gram.
 Tinctura de iodo..... 4 »
 Iodeto de potassio..... 1 »
 Solva. Applica-se nas ulcerações syphiliticas com algodão embebido d'este soluto; augmenta-se a dôse da tinctura de iodo até que o medicamento produza calor pronunciado.

Soluto iodetado

(Velpeau)

- Iodeto de potassio..... 15 gram.
 Agua distillada..... 500 »
 Solva e filtre. Administra-se duas colheres das de sopa d'este soluto, para combater os accidentes terciarios da syphilis e em particular as affecções dos ossos. Cada colher contém approximadamente meio grammma de iodeto de potassio. Quando os doentes experimentam repugnancia de tomar este medicamento, pode-se tornal-o mais agradável, ajuntando-se-lhe algumas colheres de rum, que disfarça o sabor do iodeto.

Soluto resolutivo

(M. Robert)

Tartarato de potassa e de ferro 40 gram.

Agua distillada..... 100 »

Solva. Applica-se nos cancrios com algodão embebido d'este soluto.

Solutos contra a epilepsia idiopathica

(Dr. Séguin)

(A) Brometo de potassio..... 32 gram.

Brometo de ammonio..... 16 gram.

Agua..... 224 »

Solva. Para administrar ás colhêres das de café.

(B) Brometo de sodio..... 32 gram.

Brometo de ammonio..... 16 »

Agua..... 224 »

Solva. O auctor varia as doses d'estes medicamentos, segundo a tolerancia e o modo de obter sempre ligeiro bromismo, e tem cuidado de os fazer tomar sem interrupção. Diminue ás vezes as doses, nunca supprime o medicamento, antes prolonga sua administração tres annos depois do ultimo ataque. Aos principaes accidentes do bromismo oppõe-lhe meios apropriados.

Xarope antiblenorrhagico

(Dr. Lober)

Essencia de sandalo..... 9 gram.

Essencia de hortelã pimenta... 24 gotas

Xarope simples..... 120 gram.

Misture. Para tomar metade, durante o dia, por tres vezes. Desde que o corrimento se torne menos abundante, diminua-se as essencias na proporção de um terço.

J. D. CORRÊA.

CHIMICA

Relação dos medicamentos mais usados e que são solvidos na glicerina, com a indicação do coefficiente de solubibilidade para 100 partes d'este liquido.

PELO SR. SURUN

Acetato de chumbo.....	20,00	Chloreto mercurico.....	7,50
" de cobre.....	10,00	" de sodio.....	20,00
" de morphina.....	20,00	" de zinco.....	50,00
Acido acetico, em toda a proporção.		Chlorhydrato de morphina.	20,00
" arsenico.....	20,00	Cinchonina.....	0,50
" arsenioso.....	20,00	Codeina, em toda a proporção.	
" azotico, em toda a proporção.		Cyaneto de mercurio.....	27,00
" benzoico.....	10,00	" de potassio.....	32,00
" borico.....	10,00	Enxôfre.....	0,10
" chlorhydrico, em toda a proporção.		Estrychnina.....	0,25
" citrico, idem.		Hydrato de potassa, em toda a proporção.	
" lactico, idem.		" de soda, idem.	
" oxalico.....	15,00	Iodeto de enxôfre.....	1,67
" phosphorico, em toda a proporção.		" ferroso, em toda a proporção.	
" salicylico.....	2,00	" mercurico.....	0,29
" sulfurico, em toda a proporção.		" de potassio.....	40,00
" tartarico, idem.		" de zinco.....	40,00
Ammonia, idem.		Iodo.....	1,90
Arseniato de potassa.....	50,00	Lactato ferroso.....	16,00
" de soda.....	50,00	Morphina.....	0,45
Atropina.....	3,00	Phosphoro.....	0,20
Azotato de estrychnina....	3,85	Quinina.....	0,50
" de prata, em toda a proporção.		Sulfato de alumina e de potassa.....	40,00
" acido de mercurio, idem.		" de atropina.....	33,00
Bicarbonato de soda.....	8,00	" de cinchonina.....	6,70
Borato de soda.....	60,00	" de cobre.....	30,00
Brometo de potassio.....	25,00	" de estrychnina.....	22,50
Bromo, em toda a proporção.		" de ferro.....	25,00
Brucina.....	2,25	" de quinina.....	2,75
Carbonato de ammonia....	20,00	" de zinco.....	35,00
Carbonato neutro de soda.	98,00	Sulfureto de cal.....	10,00
Chlorato de potassa.....	3,50	" de potassio.....	25,00
" de soda.....	20,00	" de sodio, em toda a proporção.	
Chloreto de ammonia.....	20,00	Tannato de quinina.....	0,77
" antimonioso, em toda a proporção.		Tannino.....	50,00
		Tartarato de potassa e de antimonio....	5,50
		" de potassa e de ferro.....	8,00
		Uréa.....	50,00

Chloreto de baryo.....	10,00	Veratrina.....	1,00
" ferrico, em toda a proporção.			

J. D. CORRÊA.

TOXICOLOGIA

Methodos analyticos para se reconhecer a existencia de varios toxicos nos envenenamentos

(Continuado do tomo 1.º da 8.ª serie, pag. 197)

Bromo

Este metalloide foi descoberto, em 1826, por Balard.

Segundo a descripção feita pelo sr. dr. Rabuteau, os effeitos toxicos do bromo são completamente analogos aos do iodo.

Applicado sobre a pelle, o bromo liquido amarellece-a, desorganisa-a e a faz cair em seguida; nas mucosas exerce uma acção da mesma ordem, mas com maior violencia. Os vapores d'este metalloide, em contacto com a pelle e as mucosas produzem, como os do chloro, sensação de calor, comichão, congestão mais ou menos pronunciada sobre a mucosa ocular exposta a estes mesmos vapores.

Introduzido no tubo digestivo, o bromo não produz nada de particular, quando é ingerido n'um vehiculo abundante e capaz de o solver; mas se fôr, ainda que em pequena quantidade, de tal maneira no estado livre e em contacto com as paredes estomacaeas, irrita o estômago, produz sensação de calor, ardor no interior, soluços, náuseas com ou sem vomitos, colicas, diarrhéa, etc.

A pesquisa do bromo effeetua-se da mesma maneira que a do iodo; todavia o ether, o chloroformio e o sulfureto de carbono coloram-se em vermelho-escuro ou em amarello-alaranjado, conforme a quantidade do metalloide existente nos liquidos. O seu doseamento é quando esteja no estado de brometo de prata; a 100 partes d'este brometo correspondem 42,54 partes de bromo.

Chloro

O chloro foi descoberto, em 1774, por Scheele, illustre chimico e modesto pharmaceutico de Kœping, na Suecia.

O sr. dr. Rabuteau relata que este metalloide possui diversas propriedades que o tornam digno de apreço, tanto em medicina como na industria, não só pelas suas propriedades desinfectantes e antisepticas, mas tambem pelas suas propriedades descorantes.

A entoxicação pelo chloro tem sido sempre accidental e notada nas fabricas de papel, nas quaes se branqueia a massa por meio d'este agente descorante; porém as maiores victimas têm sido os chimicos, entre os quaes Pelletier, em Bayonne, e Roë, em Dublin.

O chloro destroe as materias organicas, apossando-se provavelmente do hydrogenio e formando d'este modo acido chlorhydrico, o qual passa ao estado de chloreto de sodio. Quando o gaz tem sido respirado, a sua passagem em estado de chloreto no sangue effectua-se difficilmente, visto que na abertura do craneo do chimico Roë se sentiu o cheiro de chloro.

No caso de envenenamento pela agua chlorada, reconhece-se a natureza d'este liquido ajuntando-se os vomitos e o conteúdo estomacal, filtrando-o e addicionando-lhe pequena porção de amido e soluto de iodeto de potassio: o chloro põe em liberdade o iodo que colóra o amido em azul.

Iodo

O iodo foi descoberto por Courtois, em 1811.

Com relação aos seus effeitos toxicos e á sua pesquisa, o sr. dr. Rabuteau diz que este metalloide pode ser ingerido em fraca dóse, sem que produza accidentes, quando solvido em vehiculo sufficiente e apropriado; em maiores doses e em contacto das paredes do estomago, produz nauseas, vomitos de materias biliosas, diarrhéa, cephalalgia, prostração, pallidez da face e vertigens.

No caso de envenenamento serão aproveitadas as materias dos vomitos e bem assim o conteúdo do estomago e intestinos; depois agitadas com o chloroformio ou o sulfureto de carbonio. Qualquer d'estes liquidos apoderam-se do iodo e coram-se em violeta; separam-se rapidamente pela addição de soluto de potassa, que transforma o iodo em iodeto de potassio, que será submettido á evaporação.

O iodo é dosado no estado de iodeto de prata, tratando o soluto de iodeto alcalino pelo azotato de prata; o iodeto de prata formado será levado á seccura, fundido e pesado, e a 100 partes d'este iodeto correspondem 54,04 de iodo.

As manchas escuras produzidas pelo iodo sobre a pelle, a mucosa buccal ou no feto, desaparecem rapidamente; todavia as que produz a tinctura de iodo são mais persistentes. Reconhece-se a propriedade que ellas possuem de desaparecerem facilmente pelas loções alcalinas e produzirem as reacções do iodo; por exemplo: corarem em azul, pela agua amidonada contendo acido azotico; precipitarem em branco-amarello, pelo azotato de prata; em amarello, pelo azotato de thallio; em verde, pelos saes mercuriosos; em vermelho-intenso, pelos saes mercuricos.

O iodo contido nas materias dos vomitos e o encontrado no tubo digestivo, transforma-se rapidamente em acido iodhydrico ou antes em iodeto; n'este caso procede-se á competente pesquisa.

Phosphoro

O phosphoro foi descoberto, em 1669, por Brandes.

O sr. dr. Rabuteau diz que os envenenamentos produzidos pelo phosphoro são frequentemente suicidas e ás vezes accidentaes.

O envenenamento tem logar após a ingestão de bebidas mais ou menos quentes, nas quaes os palitos phosphorados tenham sido introduzidos ou lhes tivessem caído accidentalmente.

A massa d'estes palitos apresenta uma composição variavel; indicaremos a seguinte:

Phosphoro.....	2,5	Arêa fina.....	2,0
Colla forte.....	2,0	Ocre vermelho..	0,5
Agua	4,5	Vermelhão.....	0,1

A substancia toxica, contida em cincoenta palitos, é sufficiente para causar a morte; e tem acontecido que dois ou tres palitos produzem accidentes graves nas creanças.

Diversos processos estão em uso para descobrir a presença do phosphoro no organismo; citaremos os seguintes:

1.º *Processo de Mitscherlich*.—Submettendo-se á distillação o liquido inerte contendo phosphoro. (Vide este jornal, tomo de 1875 pag. 204.)

2.º *Processo de Fresenius e Neubauer*.—Fundado sobre a propriedade que possui o phosphoro de produzir precipitado negro no soluto de azotato de prata.

3.º *Processo pelo sulfureto de carbono*.—Este sulfureto solve o phosphoro com extrema facilidade e, introduzindo-se um fragmento de phosphoro n'um vaso que contenha este liquido, vê-se desaparecer em pouco tempo; depois, se se mergulhar no soluto um pedaço de papel e tiral-o logo em seguida, o sulfureto de carbono vaporisa-se rapidamente, deixando sobre o papel o phosphoro em pó impalpavel, o qual inflamma-se espontaneamente, faz arder o dito papel com chamma resplandecente e derrama vapores brancos de acido phosphorico.

Faz-se, portanto, digerir com o sulfureto de carbono as materias que se pretende analysar; filtra-se depois, recolha-se o sulfureto e observe se deixa, pela evaporação, residuo inflammavel; o qual, tratado pelo acido azotico fervente ou pelo chloro, transforma-se em acido phosphorico, que será dosado no estado de pyrophosphato de magnesia ou de phosphomolybdato de ammonia.

(Continúa)

J. D. CORRÊA.

PHYSICA

Polarisação da luz

O physico francez Malus descobriu, em 1810, que a luz é modificada em suas propriedades sempre que se propaga n'um meio que não é homogeneo, isto é, todas as vezes que encontra qualquer obstaculo á sua livre marcha. Malus falleceu pouco tempo depois do seu descobrimento, antes de o ter podido completar com as precisas investigações; mas Arago, Seebeck, Biot e outros sabios proseguiram com grande aproveitamento da sciencia no estudo do phenomeno, que tem hoje importantes applicações, algumas das quaes de muito interesse para a pharmacia.

Os raios luminosos propagando-se n'um meio homogeneo produzem a *luz natural*; se porém encontram algum obstaculo que lhes faça soffrer reflexões ou refracções, então as suas propriedades são modificadas de modo que não podem reflectir-se ou refranger-se de novo em certas direcções, e a luz diz-se *polarisada*.

A luz *polarisa-se* por reflexão e por refracção simples e dobrada.

Um feixe luminoso incidindo sobre um espelho de vidro negro, fazendo com elle um angulo de $35^{\circ}25'$, *polarisa-se* de fôrma que se incidir depois sobre uma segunda superficie de vidro sob o mesmo angulo, sendo o novo plano de incidencia perpendicular ao primeiro, apaga-se; segundo outras incidencias reflecte-se mais ou menos. A *luz polarisada* transmittida atravez de um prisma bi-refrangente dá só uma imagem quando a secção principal do prisma é paralela ou perpendicular ao plano de incidencia; não se transmittie atravez de uma lamina de tormalina, cujo eixo de crystallisação é paralelo ao plano de incidencia.

Chama-se *angulo de polarisação* de uma substancia o angulo que o feixe de luz incidente faz com a superficie plana e polida d'essa substancia quando o feixe reflexo é polari-

sado o mais possível. O plano de incidencia em que a luz se polarisa denomina-se *plano de polarisação*. Cada substancia tem o seu angulo de polarisação; assim, o da agua é $37^{\circ}15'$, o do vidro negro é $35^{\circ}25'$, o do quartzo é $32^{\circ}28'$, etc.

Ha varios instrumentos destinados a conhecer se a luz está polarisada e determinar o seu plano de polarisação; denominam-se *polariscopos* ou *analysadores*. Os mais usados são: o espelho negro, a tormalina em lamina delgada, o prisma birefrangente, o prisma de Nicol e a pilha de laminas.

Muitas substancias, e particularmente o quartzo cortado em sentido perpendicular ao eixo de crystalisação, possuem a propriedade de deslocar o plano de polarisação, isto é, de fazer com que o feixe de luz emergente não esteja no mesmo *plano de polarisação* em que estava á entrada; é o que se chama *polarisação rotatoria*. Numas substancias o desvio do plano tem logar da esquerda para a direita, dizem-se *dextrogyras*; n'outras o desvio do plano effectua-se da direita para a esquerda, dizem-se *levogyras*. Para uma mesma substancia a rotação do plano de polarisação é proporcional á espessura da lamina; tambem varia com as diversas côres simples do espectro, sendo maior quanto mais refrangivel fôr a côr.

Um grande numero de liquidos e solutos produzem a *polarisação rotatoria*, o que permite distinguir a sua natureza ainda que tenham igual composição chimica; assim, por exemplo, o assucar de canna é *dextrogyro* e o assucar de uvas é *levogyro*, não obstante terem ambos a mesma composição chimica— $C^{12}H^{22}O^{11}$. O *poder rotatorio* é pois um optimo auxiliar da chimica para a analyse de certos solutos. Effectivamente determinando, com um aparelho especial inventado por Biot, o angulo de rotação do plano de polarisação produzido por uma substancia em dissolução, por meio de formulas estabelecidas se determinam as proporções em que ella entra, sendo conhecido o seu *poder rotatorio especifico* (assim se denomina o desvio produzido por uma substancia para a unidade espessura e unidade densi-

dade). Quando se pretende dosar a quantidade de substancia saccharina contida em um soluto (a glycose na ourina dos diabeticos, por exemplo) emprega-se em lugar do *polarimetro* de Biot, o *saccharimetro* de Soleil; n'este instrumento não se mede o angulo de desvio do plano de polarisação, mas sim a espessura de quartzo necessaria no *compensador* para produzir um desvio em sentido contrario que annulle o desvio produzido no plano de polarisação pelo soluto dado. Tambem se usa para estas dosagens do *diabetometro* de Robiquet, que é apenas uma modificação do *saccharimetro* de Soleil.

Vamos terminar esta *synopse*, com que pretendemos dar uma idéa da polarisação e suas principaes applicações, pela seguinte

Tabella dos principaes corpos que possuem poder rotatorio

«Dextrogyros» ou corpos que desviam o plano de polarisação para a direita.	«Levogyros» ou corpos que desviam o plano de polarisação para a esquerda.
Acido tartrico (soluto aquoso.) Assucar de canna (sol. aq.) Assucar de leite (sol. aq.) Camphora ord. (soluto alcoolico.) Cinchonina (sol. alc.) Creosota. Dextrina (sol. aq.) Essencia de alcaravia. » de alecrim. » de bergamota. » de casca de laranja. » de copahiba (segundo a proveniencia.) » de flores de laranjeira. » de funcho. » de limão. » de noz moscada. » de rosas (segundo a proveniencia.) » de sabina. » de sassafras. » de terebintina ingleza. Glucose (soluto.) Maltose (soluto.) Quartzo (certos exemplares.)	Assucar de uvas (soluto aq.) Codeína (soluto alcoolico.) Essencia de alfazema. » de aniz. » de cajepute. » de canella. » de copahiba (segundo a proveniencia.) » de cravinho. » de cubebas. » de hortelã. » de hortelã pimenta. » de rosas (segundo a proveniencia.) » de terebintina de Bordeaux. » de zimbro. Estrychnina (sol. alc.) Gomma arabica (sol. aq.) Morphina (sol. alc.) Nicotina (sol. alc.) Quartzo (certos exemplares.) Quinina (sol. alc.) Salicina (sol. alc.) Sulphato de estrychnina (sol. alc.) » de quinina (sol. alc.)

VARIEDADES

Morte apparente, enterramentos, cremação¹.—Emquanto o corpo do, que suspeitámos morto, não começa a putrefazer-se, é prudente, direi mui asseverativamente, é indispensavel, que desconfiemos de que não está morto, e que procedamos por modo tal, que nada obste a que a vida se expanda de novo por todo aquelle organismo, em cujos mysteriosos penetraes bem pôde ter-se escondido. E a natureza, que em tudo é provida, caracterizou o começo da putrefacção com um signal infallivel, que se não confunde com outro, e que todos podem reconhecer. Este signal, este character valiosissimo, assignalado pela primeira vez por Deschamps, é a *côr verde do ventre*.

No dizer d'este sabio medico, a coloração verde do abdomen é o sêllo da morte, é o character essencial da terminação da vida.

Umaz vezes manifesta-se mais cedo, poucas horas após o ultimo suspiro; outras vezes o seu apparecimento é retardado por circumstancias, que nem sempre se podem facilmente apreciar. D'aqui o absurdo de preestabelecer, que passadas vinte e quatro horas, o corpo real, ou apparentemente morto, seja dado á sepultura.

Disse ha pouco, que todos podem reconhecer a coloração verde do ventre de um verdadeiro cadaver; mas acrescento agora, que, onde houver medico, só este deve examinar o cadaver e dizer se poderá ou não ser sepultado. A interferencia do medico na verificação dos obitos, que quanto antes se deve adoptar, sem excepção, e que o sr. dr. Theophilo Ferreira propoz na camara municipal de Lisboa, tem por fim, além do exame do ventre do cadaver, a realisação de outras observações e experiencias, do conjunto das quaes resultará o convencimento de que se não entrega um vivo aos horrores da sepultura.

¹ Continuado do tomo de 1880, pag. 232.

O dr. Lacassagne, no seu precioso livro *Précis de médecine judiciaire*, depois de ter tratado extensamente do assumpto, de que me tenho occupado, conclue, que a morte é indubitavel, quando tiverem decorrido quarenta e oito horas depois do obito, tendo-se verificado em repetidos exames a *ausencia das palpações do coração*; a *rigidez cada-verica*; a *temperatura de 25° thermometricos na axilla (so-vaco dos braços)*; e a *coloração verde das paredes do ventre*. E não pareça a alguém, que a demora de um defunto em casa durante quarenta e oito horas, e o começo da putrefacção, prejudiquem os vivos.

Deschamps consagra ao estudo d'este ponto um capitulo da sua obra, sob este titulo tranquillizador:

«O cadaver, até ao momento da coloração verde, não causa perigo nenhum.»

Vejâmos agora, como se procede em Portugal e o que é mais grave ainda, em Lisboa, relativamente á authenticação dos obitos e aos enterramentos, dizendo de passagem para nos consolar-mos, se em assumpto tão grave alguma consolação pôde haver, que em França, por todos apontada como modelo de quanto ha bom, a verificação dos obitos faz-se apenas em Paris, e creio, não oaso affirmar-o, que em nenhuma outra parte. *Solatium est miseris...*

Em Lisboa, e n'este caso dizer Lisboa equivale a dizer em Portugal, quando um doente fallece, manda-se um criado á regedoria a pedir um bilhete mortuario e ordena-se-lhe que o leve a casa do medico, que tratou o morto, e que de caminho dê recado ao, que ha de tratar do enterro. Este a primeira coisa, que faz, depois de o encarregarem do funeral, é mandar uma pessoa para amortalhar o defunto; ás vezes é o encarregado do enterro incumbido de mandar ao medico o bilhete com as indicações indispensaveis. O medico não vae verificar o obito, limita-se a attestal-o. Não tarda o amortalhador. Despe o morto, deita-lhe um pingo de cera no umbigo, cerra-lhe as palpebras, pinga-lhas tambem de cera, como o diabo fazia a Santa Thereza, se não

mentiu um biographo da matriarcha dos carmelitas descalços, veste-o, ata-lhe os pulsos, cobre-lhe o rosto com um lenço ou toalha e, se o caixão está ali, ajuda a metter n'elle o corpo.

Quando Deus é servido o caixão fecha-se.

Tudo isto é horroroso, em vista do que a sciencia diz da morte apparente!

A lei estabelece, que ninguem seja enterrado, sem que hajam decorrido vinte e quatro horas depois do obito, espaço de tempo, como disse, insufficiente para a reanimação, caso ella houvesse de se realisar. Mas como é que se cumpre a lei?

É não só conservando o corpo, que se suppõe inanimado, nas pessimas condições, que mencionei, mas as mais das vezes removendo-o de casa encerrado n'um caixão de madeira, ou em caixão de chumbo mettido n'outro de madeira, poucas horas depois do fallecimento, expondo-o a violentos solavancos na descida da escada, pelo caminho de casa até ao cemiterio, e ali até á casa mortuaria, onde fica em deposito, até que hajam passado as vinte e quatro horas.

E quereis saber o que são as casas mortuarias dos nossos cemiterios? Eu vol-o digo, e oxalá que me ouça quem possa substituil-as por outras nas condições, que devem ter. São umas casas frias, desertas de gente viva, que vele pelos cadaveres, tendo um altar com um crucifixo e umas velas, e mesas de pedras, sobre as quaes se collocam os caixões. A porta fatal d'aquellas mansões da morte, sobre a qual se poderia escrever aquelle verso do Dante: *Lasciate ogni speranza o voi che entrate*, fecha-a um empregado tão insensivel e desamoravel, como aquellas frias paredes e marmoreas mesas. De tudo isto, que eu muitas vezes tenho presenciado com profunda magua, e que ainda ha pouco vi, acompanhando á sua derradeira morada uma respeitavel matrona, tiraes vós as conclusões, porque desejo poupar-me ao desgosto de ter de vos dizer, que as nossas ca-

sas mortuarias são uma vergonha, um erro scientifico imperdoavel, um attentado.

Nem pareça que sou hyperbolico. Todos os que me escutam se lembram ainda com saudade d'aquelle grande medico e famigerado professor da escola medico-cirurgica de Lisboa, Abel Jordão. Quando aquelle formosissimo luminar da medicina portugueza estava a pique para morrer, ordenou que seus discipulos, extincta n'elle a flamma da vida, verificassem o obito pelos processos scientificos, que lhes ensinára, e que convencidos de que era cadaver, ainda assim lhe cortassem as jugulares. Occorre-me agora um caso, que tambem é conveniente que se saiba, e que eu, admirador da classe medica portugueza e constante pregoeiro da sua muita illustração, posso contar aqui, como innocente desafoço. Uma dama que havia muito tempo padecia doença grave, e cuja morte não parecia estar imminente, fallece alta noite, sem que a morte fosse antecedida, nem acompanhada de nenhum phenomeno externo, que a caracterisasse. A familia manda chamar um medico para acudir á enferma. O medico chega, entra na camara da doente, olha para ella, não lhe toma o pulso, não lhe ausculta o coração, não observa se respira, contenta-se com levantar-lhe uma palpebra, e passando á sala, onde uma parenta da doente o esperava anciosa, estranha-lhe em phrases desabridas o grande, o enorme, o inqualificavel crime de o terem mandado chamar para... verificar um obito!!

Compare-se a prudencia de Abel Jordão com a reprehensivel imprudencia d'este.

Restá-me agora, disse o sr. Sousa Telles, fallar dos enterramentos e da cremação. Serei mui breve, porque assás tenho abusado da vossa benevolencia.

Á morte segue-se a decomposição, a transformação. No mundo physico tudo se transforma, tudo se transmuta.

Acendeis uma vela; passadas horas consumiu-se toda, dizemos; melhor nos expressariamos, se dissessemos, que se tinha transformado. A elevada temperatura e o oxige-

nio, que é um dos componentes do ar, decompozera a matéria combustível, e os elementos d'esta formaram compostos, que se espalharam pela atmosphera, e que vão entrar em novas combinações. O que acontece á vela, que ardendo nos illumina, acontece aos corpos sepultados, com a differença que a transformação da vela nada tem de repugnante e a dos corpos sepultos resume quanto ha de asqueroso e repellente. No tumulto accumula-se o triste, o tedioso, o nojento, o pestilente.

Ali ha só noite tenebrosíssima, frio glacial, fétido insupportavel, enxamear de vermes. Finda a grande operação chimica, o que foi carne, sangue, nervos e ossos, tudo, tudo transmutado, com maior ou menor rapidez, conforme a composição de cada uma das partes, e a sua textura, entra na grande rotação cosmica. Os gazes vem para a atmosphera, ou penetram nas plantas pela raiz, ou mesmo nas profundezas da terra se combinam com as bases; os compostos solidos associam-se á terra, para mais tarde soffrerem novas transformações e entrarem no torbilhão geral.

(Continúa.)

Meio de economisar a avêa.—Consiste em fazer a humedecer durante algumas horas na agua, afim de poder-se diminuir a ração cerca de um terço.

Os cavallos que tem os dentes gastos mastigam muito imperfeitamente a avêa; outros engolem-na, com tanta sofreguidão, que a maior parte escapa á mastigação, e é em pura perda para a digestão. A maceração na agua remedia este inconveniente: a semente intumece-se e os cavallos a mastigam e digeram melhor. Tres horas de maceração são sufficientes, muito especialmente quando a agua não esteja muito fria.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 20 DE NOVEMBRO DE 1880.

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Não foi lida a acta da sessão anterior, porque o sr. Abreu participou que não podia comparecer.

O sr. *presidente* convidou o sr. Coelho de Jesus a tomar o lugar de segundo secretario.

O sr. *primeiro secretario* (Felix Ferreira) leu a seguinte

Correspondencia

Officios:—1.º Do sr. Monteiro Freire sobre negocios da thesouraria.—Para ulterior resolução.

2.º Do sr. David Teixeira Mendes, de Valle Passos, ácerca de preços de medicamentos.—Foi enviado á commissão de direito pharmaceutico para dar o seu parecer sobre o assumpto e communicou-se ao mesmo sr. esta resolução.

3.º Do sr. Pitta Simões participando ter mudado de residencia e offerecendo o seu prestimo na villa de Redondo.

Foi lido e approvedo unanimemente o parecer da commissão revisora de contas, cujas conclusões são as seguintes:

1.º Que sejam approvadas as contas.

2.º Que sejam louvados os membros da mesa e do conselho administrativo pelo modo como geriram os negocios da sociedade.

3.º Que seja muito especialmente louvada a commissão, encarregada pela sociedade, de solemnisar a grande festa nacional de 10 de junho.

O sr. *Sousa Telles* como vice-presidente, e por não estar presente o sr. Veiga, dá posse aos novos funcionarios dos cargos para que foram nomeados.

O sr. *Felix Ferreira* declara que ao deixar o cargo de

primeiro secretario não pôde callar o seu grandissimo reconhecimento pelas provas de confiança que a sociedade sempre lhe concedeu, e promette que se algum dia vier a occupar novamente um logar na mesa fará por não desmerecer essa confiança.

O sr. *Silva Machado* agradece a sua eleição para o cargo de primeiro secretario, declarando ser seu primeiro intento não acceitar, por falta de competencia para o seu bom desempenho; mas, em attenção á sociedade e particularmente ao sr. Sousa Telles, por cujos dotes de character e de intelligencia tem a maior consideração, foi forçado a acceitar. Pede anticipadamente a benevolencia da sociedade para quaesquer faltas que a sua boa vontade não possa evitar.

O *segundo secretario* agradece tambem a sua eleição, julgando-se indigno de tão subida distincção, e promette dar em boa vontade o que lhe falta em aptidão.

O sr. *Delicioso* pede escusa do logar de vogal da commissão de direito pharmaceutico, agradecendo esta reeleição e a de thesoureiro.

O sr. *presidente* manifesta á sociedade o seu reconhecimento por havel-o eleito para o principal cargo. Referindo-se aos anteriores presidentes, diz que é um pesado encargo o que acaba de tomar, porque elles deixaram muito honrosas tradições, a que deseja corresponder. Falla com o maximo elogio da mesa transacta e particularmente do sr. F. Ferreira, do seu character, da sua intelligencia e da sua actividade.

O sr. *F. Ferreira* agradece em nome da mesa, de que fez parte, e em seu proprio nome.

Ordem do dia

Foi approvado unanimemente o parecer da commissão de direito pharmaceutico, sobre a proposta do sr. Sousa Telles, para ser eleito socio honorario o sr. conde de Ficalho.

Foi approvado socio o sr. Alvaro José de Rosa, por proposta do sr. Ferreira.

Teve primeira leitura uma proposta dos srs. Silva Machado e Coelho de Jesus.

O sr. *presidente* consultou a sociedade sobre a conveniencia de serem trocadas duas casas do andar superior por uma do inferior.

O sr. *Delicioso* deseja que seja consultada sobre o assumpto a mesa transacta.

O sr. *presidente* declara que já era sua intenção fazel-o, e a sociedade approvou unanimemente a troca, quando feita em condições rasoaveis.

Por não haver mais de que tratar o sr. presidente encerrou a sessão. Eram nove horas e meia da noite.—O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

Representação dirigida á faculdade de medicina da universidade, sobre a reforma do ensino pharmaceutico ¹.

Ill.^{mos} e ex.^{mos} srs. director e mais lentes da faculdade de medicina da universidade de Coimbra:

A sociedade pharmaceutica lusitana, empenhada desde a sua instituição, em 1835, em conseguir dos governos e das camaras legislativas uma lei, que regularise o ensino de pharmacia em Portugal, e o eleve á altura, a que tem chegado em muitas das mais cultas nações da Europa, sabendo, que a universidade de Coimbra foi convidada pelo governo a consultar sobre a reforma do ensino superior, e convencida de que o projecto de creação de uma escola especial de pharmacia, redigido pelos respeitaveis professores da escola medico cirurgica de Lisboa, os ex.^{mos} srs. drs. Thomás de Carvalho, Cunha Vianna e Theotonio da Silva, approvado pelo conselho da mesma escola, apresentado na camara dos srs. deputados, favoravelmente informado pela commissão de instrucção publica, representa um grandis-

¹ Foram dirigidas identicas, *mutatis mutandis*, ás escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto.

simo progresso para a pharmacia portugueza, e de que, sancionado que seja pelas camaras legislativas, deve ser o inicio da tão desejada, e tão indispensavel reforma da pharmacia em Portugal, onde ella, apesar de todos os exforços da sociedade pharmaceutica lusitana, jaz em lastimosa decadencia, e de dia para dia peiora, com grave prejuizo da sciencia, dos povos, da sua illustração, e até do decoro dos que a professam, vem pedir-vos, que coadjuvando seu honrado empenho, vos digneis propor ao governo, que o supra-mencionado projecto seja convertido em lei e levado á execução.

Perante uma corporação tão illustrada e recta, e de mais tão conhecedora dos incalculaveis bens, que resultarão para o paiz, de que a classe pharmaceutica seja illustrada, e dos graves damnos, que procedem da sua pouca sciencia, abstem-se a sociedade pharmaceutica lusitana de desenvolver e fundamentar o seu pedido, esperando, que a importancia d'elle actuará poderosamente nos animos dos esclarecidos professores, a que se dirige.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, 29 de março de 1884. — *João José de Sousa Telles*, presidente — *Alfredo da Silva Machado*, primeiro secretario — *José Gomes de Mattos*, segundo secretario.

Officio-circular dirigido aos lentes da faculdade de medicina da universidade de Coimbra,

sobre a reforma do ensino pharmaceutico ¹

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. — A sociedade pharmaceutica lusitana, convencida de que a pharmacia em Portugal só poderá erguer-se do abatimento, em que está, e prestar á medicina e ás outras sciencias e artes o auxilio, que em muitos paizes lhes tem prestado, quando todos os pharmaceuticos tiverem, depois de cursados os necessarios estudos prepara-

¹ Foram dirigidos identicos, *mutatis mutandis*, aos lentes das escolas medico-cirurgicas de Lisboa e do Porto.

torios, frequentado uma escola especial de pharmacia, na qual sejam ensinadas todas as sciencias pharmaceuticas com o conveniente desenvolvimento theorico e pratico; tem no louvavel empenho de obter este indispensavel beneficio para a sua classe e para o paiz, solicitado desde 1835, quasi sem descanso, dos governos e das camaras legislativas uma lei, que acabe de uma vez com o irregular e prejudicial systema de habilitação para o exercicio da pharmacia, realisada quer nos deficientes cursos das escolas de pharmacia annexas ás escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto e da universidade de Coimbra, quer por meio de exames sem previa frequencia das ditas escolas; e que unifique, regularise e amplie o ensino da physica, chimica, mineralogia e historia natural pharmaceutica, da chimica e physica applicada ás analyses toxicologicas e de substancias alimenticias, e outras, cuja composição as artes e industrias necessitam conhecer, e da pharmacia propriamente dita.

Infelizmente, mais de quarenta annos de lucta pertinaz nenhum resultado tem produzido; e tendo-se creado institutos para o ensino da agricultura e das artes industriaes, academias para o ensino das bellas artes, conservatorio para o ensino da musica, só á pharmacia se tem negado a tão pedida e tão indispensavel instrucção.

Não obstante a injusta indifferença dos poderes publicos para com uma classe, que, sendo illustrada, pôde prestar incalculaveis serviços á communidade, a sociedade pharmaceutica lusitana não desiste do seu empenho, e constando-lhe, que a faculdade de medicina da universidade, de que v. ex.^a é ornamento, se occupa em discurrir um projecto de reforma do ensino superior, para satisfazer o honroso convite, que o governo lhe fez, dirigiu á mesma faculdade uma representação, pedindo-lhe, que na sua consulta proponha a creação de uma escola especial de pharmacia, segundo o projecto redigido pelos venerandos professores d^{rs.} Thomaz de Carvalho, Cunha Vianna e Theotonio da Silva, o qual em duas consultas do conselho da escola medico-cirur-

gica de Lisboa foi recommendado ao governo, e na camara electiva obteve favoravel parecer da commissão de instrucção publica.

Para o deferimento de tão justo pedido invoca a mesa da sociedade pharmaceutica lusitana a valiosa protecção de v. ex.^a, que concorrendo com sua voz auctorizada para que o projecto acima indicado seja proposto ao governo pela faculdade de medicina, de que v. ex.^a é dignissimo vogal, não só fará um relevante serviço á sciencia e á patria, mas accrescentará a bem merecida estima, que a sociedade pharmaceutica lusitana consagra ás virtudes e dotes scientificos de v. ex.^a

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, 15 de março de 1884.—*João José de Sousa Telles*, presidente—*Alfredo da Silva Machado*, primeiro secretario—*José Gomes de Mattos*, segundo secretario.

Representação, pedindo providencias ao governador civil de Villa Real contra o abuso praticado pela misericordia de Chaves, de taxar a seu bel prazer os preços dos medicamentos, que lhe são fornecidos.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr.—A sociedade pharmaceutica lusitana, em observancia dos deveres, que lhe impõe a lei, porque se rege; no intuito de zelar os interesses licitos de seus socios; e por bem da saude publica, resolveu n'uma das suas ultimas sessões, tendo discutido previamente o parecer da sua commissão de direito pharmaceutico, sobre o assumpto d'esta representação, dirigir-se a v. ex.^a, como dignissimo magistrado superior do districto, a pedir-lhe, que haja por bem cohibir uma flagrante transgressão de lei, transgressão, que de certo v. ex.^a ignora, e que, ferindo os interesses de um pharmaceutico, prejudicará tambem os enfermos confiados á caridade da misericordia da villa de Chaves.

Vendeu esta misericordia a sua pharmacia ao pharmaceu-

tico, que a administrára, e continuou a fornecer-se da mesma dos medicamentos para o seu hospital.

Entrando, porém, a fazer parte da mesa d'aquelle pio estabelecimento outro pharmaceutico, pretende este taxar os preços dos medicamentos, não conforme o regimento legal, mas a seu bel-prazer, e por maneira, que não só offende a lei, mas prejudica o fornecedor, dando logar a falsificações e substituições prejudiciaes e intoleraveis, se algum pharmaceutico, acceitando aquelle encargo, não quizer ficar lesado em seus interesses, e se conformar com aquelle precario illegal e impossivel, que a misericordia impõe.

A annuencia á proposta da mesa da misericordia da villa de Chaves e a propria exigencia d'aquella corporação envolvem transgressão do preceitnado no n.º 12 do artigo 74.º do decreto com força de lei de 3 de dezembro de 1868, transgressão punivel com multas pecuniarias.

Em vista do exposto, a sociedade pharmaceutica lusitana pede a v. ex.^a remedio prompto e eficaz para o mal, de que acaba de informar a v. ex.^a, e espera da reconhecida intelligencia e do muito zelo pelo bem publico, de que v. ex.^a tem dado provas, que a sua pretensão será attendida.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana.—*João José de Sousa Telles*, presidente—*Alfredo da Silva Machado*, primeiro secretario—*José Gomes de Mattos*, segundo secretario.

Parecer da commissão «ad hoc» encarregada de estudar os quesitos propostos pelo socio o sr. Domingos Antonio Pitta Simões

Senhores.—A vossa commissão *ad hoc* encarregada de dar parecer sobre os quesitos propostos pelo nosso digno consocio o sr. Domingos Antonio Pitta Simões, depois de ter estudado o assumpto, vem hoje apresentar-vos o resultado dos seus trabalhos.

A commissão entendeu dever tomar as opiniões auctori-

sadas de Chernoviz e Dorvault para ponto de partida do que tem a expôr-vos:—O dr. Chernoviz no seu *Formulario*, 1868, pag. 29, diz—«Muitas substancias insolueis na agua não podem ser administradas debaixo da fórma liquida, senão por meio de um intermedio, tal como a mucilagem, que serve para ter as muleculas em suspensão. Se se omitisse o intermedio, o medicamento não produziria o effeito desejado. Assim, quando se receita uma poção com camphora, é necessario prescrever a gemma de ovo, ou qualquer liquido alcoolico, para dissolver-a, pois que ella não é soluvel em agua. Em uma poção em que entra o sulfato de quinina, é indispensavel ajuntar algumas gotas de acido sulfurico, sem o qual o sulfato não se dissolveria.» Com relação a esta ultima substancia diz ainda o dr. Chernoviz no seu *Formulario*, pag. 572—«Quando o medico receita o sulfato de quinina n'uma poção sem designar que se acrescentem algumas gotas de acido sulfurico diluido, pôde o pharmaceutico fazer esta addição, e em q. s. para obter a dissolução do sulfato.» Dorvault, no seu *Repertoire general de pharmacie pratique*, 1872, pag. 904, manifesta identica opinião; diz—«Deve-se fazer dissolver pela acidificação o sulfato de quinina que o medico manda administrar n'um liquido, ainda mesmo que a vontade d'este ultimo não seja expressa a tal respeito? Sim.» Estas opiniões, que tem bastante valor, pois são de dois homens illustrados, um medico e outro pharmaceutico, estão em perfeita harmonia com o que a nossa pratica nos indica; isto é, que as bases das prescripções magistraes que tiverem excipiente liquido devem ser dissolvidas n'elle todas as vezes que o medico não indicar o contrario, e limitar a subscripção ás iniciaes F. S. A. (*fac secundum artem*), empregando-se em caso de necessidade um intermedio apropriado á natureza do medicamento. Verdade é que muitas substancias não se dissolvem no vehiculo e são administradas quer em suspensão, quer emulsionadas por meio de mucilagem, gomma ou gemma de ovo, como são o carbonato calcareo, o

sub-nitrato de bismutho, os oleos, as resinas, etc.; mas a manipulação ordinaria dos medicamentos em que entram estas substancias é bem conhecida e portanto não offerecerá a menor duvida a quem tiver tirocinio pharmaceutico. Quando as propriedades das substancias medicinaes dependem das operações pharmaceuticas a que submettem, e o *modus faciendi* que o medico deseja não é o usual, é então necessario que seja explicito, porque o pharmaceutico não pôde adivinhar as suas intenções. Assim, por exemplo, o musgo islandico, que acompanhado do principio amargo tem propriedades diversas das que apresenta quando tem sido privado d'esse principio. Pela mesma razão deve o medico indicar, no caso de formação de precipitado por effeito de uma mistura, se o medicamento deverá ser filtrado ou não. Está n'este caso a injectão iodada de Velpeau que se prescreve filtrada para separar o iodo precipitado, e é também empregada sem ser filtrada quando se pretende augmentar muito a irritação substitutiva. Todas as vezes, porém, que o medico deixar de indicar o *modus faciendi* do medicamento deve entender-se que este satisfaz á indicação therapeutica, preparado nas condições usuaes.

Diremos agora o que se nos offerece concernente á preparação da tinctura de iodo.—A formula da *Pharmacopéa Portuguesa* é perfeitamente exequivel sem precisar de addição alguma, ainda que á primeira vista não o pareça por entrar n'ella o iodo na elevada proporção de 1:9 e a mesma *Pharmacopéa* dizer, a pag. 240, que o iodo é solúvel em alcool a 90° na proporção de 1:10. Se se usar o meio de preparação indicado pelo nosso digno consocio o sr. Pitta Simões, isto é, dissolvendo o iodo no alcool por trituração em gral, não se consegue decerto a dissolução completa do metalloide. Mas, porque se hade empregar este processo que, além de trabalhoso e incommodo para o operador, não preenche o fim? Não deverá a dissolução ser feita em vaso fechado, como recommenda o antigo *Codigo pharmaceutico*? Decerto, para evitar a perda e o incommodo

resultantes da volatilisação. A vossa commissão *ad hoc* ousa indicar que a tinctura de iodo seja preparada conforme haja ou não necessidade de operar rapidamente: no primeiro caso fazendo a dissolução do iodo no alcool em balão de vidro com tubo de segurança, em banho de areia ou banho de agua; no segundo caso mettendo o iodo e o alcool em frasco de vidro, auxiliando a dissolução pelo vascoejamento, assim o iodo, depois de alguns dias de contacto com o alcool a 90°, na proporção indicada na Pharmacopêa, chega a dissolver-se á custa do acido iodhydrico resultante da reacção do iodo sobre os elementos do alcool. A commissão entende tambem que a quantidade de tinctura a preparar deve ser indicada pelas necessidades do consumo, para evitar tel-a preparada durante muito tempo, visto a prolongada acção d'este lhe modificar as propriedades, segundo está averiguado por abalisados pharmaceuticos.

Finalmente, senhores, a commissão, baseando-se no que fica exposto, é de parecer:

1.º Que as substancias pedidas sob a fórma liquida devem ser dissolvidas quando fôr possivel e o uso therapeutico a que são destinadas o aconselhar, mas sempre em harmonia com a indicação do clinico;

2.º Que no exemplo indicado no segundo quesito da consulta, o sulfato de quinina deve ser dissolvido por meio de acido sulfurico diluido q. s.;

3.º Que a addição de acido sulfurico diluido para dissolver o sulfato de quinina pedido debaixo da fórma liquida, sendo de uso geral e recommendada por auctoridades scientificas, deve ser empregada sempre que não haja indicação especial;

4.º Que a tinctura de iodo deve ser preparada sem addição alguma, em frasco de vidro fechado, ou em balão, auxiliando-se a dissolução do iodo pelo calor brando em caso de urgencia.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, 30 de dezembro de 1879.—*João Francisco Delicioso*
—*Alfredo da Silva Machado*, relator.

CHIMICA

Acido salicylico

(Continuado de pag. 192 do jornal de outubro de 1880)

Derivados de substituição do acido salicylico.

Acidos bromosalicylicos.

Acido monobromo-salicylico $C^7 H^5 Br O^3$. Este acido produz-se quando se tritura o acido salicylico com uma quantidade de bromio insufficiente para converter toda a massa. Forma-se uma massa gommosa que se esgota pelo alcool frio para extrahir o acido salicylico inalterado. Dissolve-se depois o residuo em alcool fervente, e abandona-se o licor á evaporação.

O acido bromosalicylico depõe-se então em prismas incolores de um grande brilho que se assimelham um pouco aos cristaes d'acido *salicylico*. Funde-se a um calor moderado, é pouco solúvel na agua mesmo quente, e dissolve-se muito facilmente no alcool e no eíher, sobretudo a quente. Decompõe-se á distillação secca. Quando se distilla com creia fina, e uma porção de barita, dá vapores espessos que se condensam em um liquido avermelhado. Este distillado repetidas vezes sobre uma mistura de barita e de areia termina por ter a composição do bromo-phenal puro.

O acido bromo-salicylico desdobra-se pois em acido carbonico, e em bromo-phenol, da mesma forma que o acido *salicylico* se desdobra em acido carbonico e em phenol.

O acido bromo-salicylico forma com a potassa, soda e ammonia saes cristallisaveis, menos soluveis que os salicytatos correspondentes; córa os saes ferricos como o proprio acido *salicylico*.

Acido dibromo-salicylico $C^7 H^4 Br^2 O^3$ Para preparar este acido pulverisa-se o acido salicylico, e tritura-se pouco a pouco com um excesso de bromio até que toda a acção tenha cessado, depois do que se abandona a mistura a si mesmo por algumas horas. Lava-se depois com agua fria

para tirar o excesso de bromio, e dissolve-se o residuo em ammoniaco fervente.

Pelo resfriamento da solução, o sal d'ammonio depõe-se em agulhas brilhantes e soltas. Dissolve-se estes cristaes na agua e precipita-se o acido pelo chlorhydrico, lava-se com agua o precipitado branco que se fórma, dissolve-se no alcool, e abandona-se o licor á evaporação espontanea.

Póde-se tambem obter o acido dimobromo-salicylico deitando em uma solução de salicylato potassico um excesso de bromio. O licor aquecido dá, pelo resfriamento, cristaes de dibromo-salicylato de potassio. Decompõem-se pelo acido chlorhydrico, lava-se em agua fria o acido que se precipita e faz-se cristalisar pelo alcool.

O acido dibromo-salicylico fórma pequenas agulhas incolores ou ligeiramente avermelhadas, que se fundem á temperatura de 150° pouco mais ou menos. É pouco soluvel na agua, moderadamente no alcool, e facilmente no ether.

O acido sulphurico concentrado dissolve-o a brando calor, mas a agua precipita-o d'esta solução. O acido azotico fervente dissolve-o facilmente com desinvolvimento de bromio e vapores nitrosos; forma-se acido picrico que cristalisa pelo resfriamento. Distillado com areia e baryta, o acido dibromo-salicylico comporta-se como o acido monobromado ou como o acido salicylico, isto é decompõe-se em acido carbonico e em dibromo-phenol.

Os dibromo-salicylatos d'ammonio, potassio e sodio são menos soluveis que os monobromo-salicylatos. O sal de potassio cristalisa no alcool em prismas incolores e brilhantes.

Acido tribromo-salicylico $C^7 H^3 Br^3 O^3$. Quando uma mistura d'acido dibromo-salicylico em pó fino e bromio em excesso é exposta durante vinte cinco ou trinta dias á acção directa dos raios solares, observam-se cristaes d'acido tribromosalicylico que se purifica lavando-os em agua e fazendo-os recrystalisar pelo alcool. O acido tribromosalicylico fórma pequenos prismas amarellos muito duros e fria-

veis; é insolúvel na agua, moderadamente no alcool e muito soluvel no ether.

Quando se distilla com areia e uma pequena quantidade de baryta, desdobra-se em acido carbonico, e em tribromophénol; só, o ultimo é sempre sujo de uma substancia oleosa. O acido azotico fervente ataca-o com desenvolvimento de bromio, formando cristaes amarelllos.

Os tribromosalicylatos de sodio potassio e ammonio são facilmente cristallisaveis e muito pouco soluveis na agua. O sal d'ammonio dá, com os saes de prata um precipitado d'uma côr amarella alaranjada escura.

Acidos chlorosalicylicos.—Apenas se conhecem dois compostos d'esta ordem, ambos produzidos pela acção directa do chloro sobre o acido *salicylico*: o acido monochlorosalicylico e o acido dichlorosalicylico.

Acido monochlorosalicylicos $C_7H^5ClO^3$. Obtem-se pela acção do chloro sobre o acido *salicylico* em excesso. Todavia, como n'este caso fica sempre uma certa quantidade d'acido *salicylico* inalterado e que além d'isso não se pôde evitar a formação d'uma certa quantidade d'acido dichlorado, a purificação do producto é difficil.

Obtem-se melhores resultados fazendo passar uma corrente muito lenta de chloro, atravez d'uma solução aquosa de salicylato de potassio concentrado.

Para-se a corrente gazosa desde que o liquido, depois de se tornar escuro deixa depôr uma substancia de um verde carregado. Filtra-se então e decompõe-se a solução por um acido. O precipitado obtido é lavado com agua e depois cristallizado no alcool, depondo-se em pequenas agulhas. Constitue o acido mono-chloro silicylico que não é inteiramente puro.

(Continúa)

TOXICOLOGIA

Methodos analyticos para se reconhecer a existencia de varios toxicos nos envenenamentos

(Continuado de pag. 36)

Venenos corrosivos alcalinos

O sr. dr. Rabuteau, nos seus importantes trabalhos de toxicologia, considera em o numero d'estes agentes toxicos, a *potassa*, a *soda* e a *ammonia*.

Potassa e soda

Segundo este mesmo auctor, o envenenamento causado por estas substancias é frequentemente accidental, por vezes suicida e mui raramente criminal; provém quasi exclusivamente do carbonato de potassa, de que servem os marceneiros e do soluto que constitue a agua empregada pelos pintores e os gravadores. Todavia, as lixivias de potassa e de soda, empregadas na fabricação dos sabões, têm causado egualmente envenenamentos.

As doses capazes de produzirem a morte dependem necessariamente da natureza e do grau de concentração da substancia caustica ingerida. Tardieu diz que 10 a 20 grammas de potassa ou de soda são sufficientes para causarem no adulto accidentes mortaes.

A propriedade alcalina das substancias vomitadas, certificada por meio do papel de tornasol, indica a presença de um alcali n'estas materias, e bem assim, a reacção e a effervescencia produzida pela addição de um acido, indica a assistencia de um carbonato alcalino.

A determinação das quantidades de potassa e de soda encontradas, tanto no estado livre como no de carbonatos, nos vomitos e no conteúdo do tubo digestivo, faz-se pelo processo vulgar da alcalimetria.

A quantidade de carbonatos, encontrada nas materias ve-

rificadas, será determinada quando o envenenamento tenha tido lugar não pelos alcalis, mas pelos carbonatos alcalinos, ou seja precipitando-se pelo soluto de baryo, recolhendo-se e pesando-se o carbonato de baryta formado, ou seja dosando-se em volume o acido carbonico que se desinvolve quando se trata por um acido fixo os liquidos filtrados. Pode-se tambem fazer passar uma corrente de acido carbonico na agua de baryta, na qual este gaz produz precipitado de carbonato de baryta.

Finalmente, quando, pelo decurso do tempo da administração do antidoto, o toxico não haja sido neutralizado, é conveniente determinar a quantidade de potassio ou de sodio ingerido no estado de potassa ou de soda ou de carbonatos d'estas bases; para isto se conseguir devem ser desseccadas as substancias suspeitas ou destruidas pela carbonisação directa, depois tratar as cinzas pelo acido azotico diluido e filtrar: o potassio será em seguida dosado no estado de chloroplatinato e o sodio no de bimeta-antimoniato de soda.

Como o organismo contém normalmente saes de potassio e de sodio, levar-se-ha em conta esta circumstancia.

Ammonia liquida

A ingestão de 2 a 4 grammas d'esta substancia corrosiva é seguida de accidentes desde logo graves; 30 grammas levam pouco menos fatalmente a morte, quando não seja rejeitada immediatamente a maior parte do toxico.

Segundo o sr. dr. Rabuteau, o veneno ingerido pode ser encontrado no estado livre nos vomitos ou no tubo digestivo, ou já neutralizado pelos acidos administrados como antidotos, quando não haja desaparecido por causa da sua volatilidade; em todos os casos, a pesquisa d'este agente toxico não pode fornecer resultados positivos e precisos senão quando a morte tenha sido rapida ou os vomitos hajam sido guardados com cuidado, de maneira que obtem ao desaparecimento do veneno volatil.

Para isolar a ammonia livre e dosal-a, submettam-se á distillação as materias suspeitas, sendo antecedentemente adicionadas de alcool forte, e recolha-se o gaz no soluto de acido chlorhydico; depois precipita-se a ammonia no estado de chloreto duplo de platina e de ammonia, que será colhido e calcinado depois de sêcco; do pêsso da platina restante deduz-se o pêsso da ammonia que este chloreto duplo contenha.

O doseamento da ammonia combinada effeetua-se ajuntando-se soda ás materias suspeitas diluidas com quanto baste de agua e procedendo-se á distillação: a ammonia que se desinvolver é dosada como a precedente.

Tambem se pode empregar outro processo: misturar ás substancias suspeitas com leite de cal e collocal-as em uma campanula posta sôbre um vaso que contenha soluto graduado de acido sulfurico; a ammonia, desinvolvida sob a influencia da cal, combina-se com o acido sulfurico que ella neutralisará em parte. Deixam-se as coisas assim dispostas durante dois ou tres dias, no fim dos quaes se determinará a nova graduação do soluto sulfurico.

Sulfuretos alcalinos

Nos mesmos trabalhos do sr. dr. Rabuteau faz-se menção de que os diversos sulfuretos, de potassio e de sodio, possuem a propriedade chimica muito importante e indispensavel para os estudos toxicos d'estas substancias; por que, sob a influencia dos acidos, ainda os mais fracos e debaixo do influxo do acido carbonico do ar atmospherico, deixam desinvolver o hydrogenio sulfurado, formando-se ao mesmo tempo um novo sal com o acido empregado.

O cheiro sulfuroso, desinvolvido dos vomitos ou do conteúdo do tubo digestivo, indicará o genero do sal toxico ingerido; este cheiro será augmentado pela addição de algumas gotas de um acido, e o precipitado de enxôfre que se formar revela que se actua sôbre sulfureto de grau superior aos monosulfuretos.

O melhor processo de analyse para determinar o acido sulphydrico livre ou o desinvoldido dos sulfuretos, é o que resulta do gaz dosado nò estado de sulfureto de arsenico, o qual processo foi proposto por Fresenius para as pesquisas de chimica geral.

(Continúa.)

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Abuso de policia pharmaceutica

Portaria do governador da provincia de S. Thomé e Príncipe permittindo a um droguista o exercicio das funcções de pharmaceutico na ilha de S. Thomé.

O governador da provincia de S. Thomé e Príncipe e suas dependencias determina o seguinte:

Attendendo ao que me requereu o cidadão André Gonçalves Pinto, ha longos annos estabelecido n'esta cidade de S. Thomé, com commercio de drogas medicinaes;

Tendo em vista os documentos com que instruiu a sua petição, o que tudo foi presente á junta de saude da provincia, em sua sessão de 21 do corrente, sendo esta de opinião unanime, que é de justiça o deferimento, attenta a necessidade que ha n'esta ilha d'uma pharmacia que satisfaça ás suas necessidades clinicas, e a reconhecida aptidão do requerente;¹

Conformando-me com a opinião da mesma junta: hei por conveniente permittir ao mencionado cidadão André Gonçalves Pinto, o exercicio das funcções de pharmaceutico n'esta ilha, emquanto n'ella se não estabeleça alguma pharmacia, dirigida por individuo legalmente habilitado.

As auctoridades e mais pessoas a quem o conhecimento d'esta pertencer, assim o tenham entendido e cumpram.

¹ Note-se que ha a pharmacia do estado que tem obrigação de servir ao publico, que tem dois pharmaceuticos e está fornecida de tudo.

A sociedade, que só agora teve conhecimento d'este facto, vae informar-se para depois proceder em harmonia com a letra dos seus estatutos.

Palacio do governo da provincia, em S. Thomé, 24 de novembro de 1879—*Francisco Joaquim Ferreira do Amaral*, governador da provincia.

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez. — Este interessante trabalho, que tem vindo publicado no excellente jornal scientifico de Coimbra, *O Instituto*, começará brevemente a ser transcripto nas paginas d'este jornal, com algumas alterações ainda ineditas, feitas na parte publicada e obsequiosamente offerecidas á sociedade pharmaceutica lusitana por o seu illustrado auctor o ex.^{mo} sr. Adolpho Frederico Moller.

Morte apparente, enterramentos, cremação¹. — Na cremação não ha nada, que repugne, nem que prejudique a saude publica. Em pouquissimo tempo o fogo reduz a um punhado de cinzas o corpo, que foi submettido á sua acção, sem que haja ruido, nem cheiro, nem fumo, podendo a piedade dos, que amaram o morto reunir e guardar n'uma urna as venerandas reliquias do, que lhe foi caro.

Um dosapparelhos, que ha para a cremação, é mui simples: dois caixões de metal, um dentro do outro e perfeitamente fechados; entre um e outro um espaço, para circular a chamma, que póde ser de gaz; chaminé fumivora, isto é, consumidora do fumo. Eis tudo.

Em seguida tratou o sr. Sousa Telles as questões religiosa, economica, e medico-legal, que se ligam a este assumpto. Resumiremos. Disse, emquanto á primeira, que se não lembrava de ter lido nos livros sagrados texto algum, que condemnasse este processo; e que a queima dos cadaveres, cujo resultado é uma transformação da materia, não poderia ser impugnada pelos theologos e moralistas, como attentatoria da doutrina da resurreição da carne, por-

¹ Continuado de pag. 44.

que, segundo a crença christã, ao clangor da trombeta do archanjo, no dia do juizo final, os elementos constitutivos dos corpos poderiam bem associar-se novamente, qualquer que tivesse sido o processo empregado para realizar a sua primeira desagregação.

Ponderou relativamente á segunda, que os cemiterios, além de serem focos de infecção, mórmemente quando não reúnem todas as condições hygienicas, representam uma enorme extensão de terreno, roubado a outras applicações reproductivas. A respeito da questão de medicina legal, concordou em que impossivel seria em muitos casos reconhecer nos residuos da queima dos corpos os vestigios dos crimes, de que elles tivessem sido victimas, como a sciencia medica e chimica actualmente conseguem exhumando os corpos e submettendo-os á observação e á analyse; mas affirmou, que as exumações exigidas pela justiça no intuito de se esclarecer, além de serem bastas vezes impossiveis e improficuas, se deveriam considerar como excepções, que irão sendo tanto mais raras quanto mais se aperfeiçoar o serviço sanitario, do qual faz parte essencial a verificação dos obitos.

Concluindo a sua conferencia, disse o sr. Sousa Telles: Meus senhores, vou concluir com um apophthegma muitas vezes repetido, e sempre proveitosamente escutado, porque encerra uma grande verdade: *Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria*, o que quer dizer em portuguez: Se o que fizermos não fôr util, não esperemos, que d'ahi nos resulte gloria. Tivestes a bondade de me vir escutar, sabendo a aridez do assumpto e a impericia do conferente; não vos attrahiu aqui nem a amenidade da materia, de que se trataria, nem os dotes do que se encarregára de a tratar; trouxe-vos de certo a este recinto o vosso bom senso e o convencimento de que vinheis praticar uma boa acção, contribuindo para que se remedeie um grande mal. É indispensavel, que ninguem corra o risco de ser amortalhado vivo, conduzido vivo para o cemiterio e enterrado vivo.

Para isto se conseguir é mister que se reforme a lei sanitaria, de maneira que n'ella se reflectam os preceitos da sciencia moderna; que nenhum cadaver seja brutal e sacrilegamente entregue ao agente funerario e ao amortecedor, sem que os medicos tenham mais de uma vez verificado o obito; que haja casas mortuarias com as condições que devem ter, para que sejam um asylo e não um inferno. Urge conquistar estes melhoramentos; está a exigil-os imperiosamente a nossa amorosissima religião, a philosophia e o decoro de homens, que se reputam civilizados.

Para que esta reforma se emprehenda quanto antes é mister que a opinião publica a imponha ao governo, aos magistrados superiores dos districtos e ás camaras municipais. E a opinião publica podeis vós começar a formal-a. De hoje em diante dizei, minhas senhoras, a vossos maridos, a vossos filhos, a vossos irmãos, e vós, senhores, dizei tambem a vossas esposas e a todos os vossos parentes, amigos e conhecidos, o que me ouvistes, e não consintaes, por Deus vol o peço, que ninguem de vossas familias seja entregue á solidão sombria e medonha da sepultura, sem que a morte tenha assignalado no corpo inanimado o seu sello fatal.

Meus senhores, tenho tido na minha vida dias de dôr e de lagrimas, dias tristes como a noite e amargosos como o fel; e tambem os tenho tido, bem haja a Providencia, serenos e jubilosos; alegres como a primavera e gratos ao meu espirito, como é doce ao paladar o mel das abelhas.

O dia de hoje jámais me esquecerá.

A attenção, que vos dignastes prestar-me e as demonstrações de immerecido favor, que estou presenciando, obrigam-me por tal modo á gratidão, que se eu costumasse registrar os meus dias faustos, o de hoje inscrevel-o-hia nos meus humildes e secretos annaes com letras de finissimo ouro. Disse.

PEÇAS OFFICIAES

Representação pedindo providencias ao governador civil de Lisboa contra varios abusos praticados na capital, em prejuizo dos interesses legitimos da classe pharmaceutica.

A sociedade pharmaceutica lusitana, em conformidade com os seus estatutos, é obrigada a zelar por todos os meios legaes os interesses da classe, que representa, e n'esse intuito resolveu representar a v. ex.^a, como dignissimo magistrado superior do districto, a quem compete, segundo a lei, superintender em tudo o que diz respeito á saude publica, contra varios abusos, que se estão praticando mesmo na capital e que prejudicando aquelles, que exercem legal e licitamente a pharmacia, não prejudicam menos a saude publica—taes são a manipulação e venda de medicamentos por droguistas e herbolarios, a administração de pharmacias por charlatães sem titulo legitimo, e finalmente, os immoraes contratos de parceria entre medicos e pharmaceuticos, como acontece em alguns consultorios homœopathicos, abusos estes, que são bem notorios, chegando a audacia de alguns delinquentes a ponto de annunciarem nos jornaes com pomposos *réclames* os seus *especificos*!

A sociedade pharmaceutica lusitana levando ao conhecimento de v. ex.^a os factos, a que se refere, e que estão nos casos previstos e punidos pelos art. 70.º e 79.º do decreto de 3 de dezembro de 1868, que organisou o serviço de saude, pede a v. ex.^a haja por bem mandar inquirir e proceder na forma da lei contra os delinquentes, e espera da reconhecida intelligencia e do muito zelo pelo bem publico, de que v. ex.^a tem dado exuberantes provas, que será attendida na sua justissima pretensão.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, 17 de maio de 1881.—*João José de Sousa Telles*, presidente.—*Alfredo da Silva Machado*, primeiro secretario.—*José Gomes de Mattos*, segundo secretario.

Parecer da commissão de redacção, sôbre a proposta apresentada pelo consocio o sr. dr. Joaquim José Alves, para que no jornal da sociedade se abrisse uma secção de annuncios de drogas, medicamentos,apparelhos pharmaceuticos, chimicos e chirurgicos, etc., mediante as condições que se julgassem convenientes.

No intuito de crear uma fonte de receita, para occorrer á despesa, que esta sociedade tem de fazer com a impressão do seu jornal, augmentada depois que o ministerio transacto injustamente a privou do subsidio, que lhe fôra concedido em 19 de maio de 1862 pelo governo presidido pelo fallecido duque de Loulé, como demonstração de reconhecimento dos serviços, que esta sociedade collectivamente e muitos de seus membros individualmente têm prestado á nação, propoz n'uma das nossas ultimas sessões o ex.^{mo} sr. dr. Joaquim José Alves, que no jornal da sociedade se abrisse uma secção de annuncios de drogas, medicamentos, apparelhos pharmaceuticos, chimicos e chirurgicos, mediante as condições, que se julgassem convenientes.

Apoiando aquella proposta, ampliou-a o presidente da sociedade, lembrando que tambem se poderiam inserir no jornal annuncios de obras litterarias e scientificas, considerando-se a secção dos annuncios do jornal uma especie de campo neutro, na qual poderiam figurar annuncios de cousas, que não fôsssem propriamente medicas, pharmaceuticas ou chimicas, mas de que os interessados desejassem fazer chegar a noticia ao conhecimento dos numerosos pharmaceuticos, que recebem o nosso jornal e das muitas pessoas de todas as classes, que frequentando as pharmacias do continente, das ilhas, das nossas possensões ultramarinas e dos paizes estrangeiros, para onde elle é remettido todos os mezes.

No correr da discussão, judiciosamente ponderou algum socio, que não conviria, que o jornal de uma sociedade

scientifica, que sempre tem condemnado os medicamentos cuja composição seus auctores occultam, se constituísse pregoeiro e inculcador d'elles, embora varios jornaes, redigidos por homens de sciencia e de probidade, insiram em suas secções nunciativas annuncios de remedios secretos.

Não parecendo rasoavel tomar immediata resolução ácerca da proposta, que o ex.^{mo} sr. dr. Alves apresentara, accorreu-se em que fosse submettida ao exame da commissão de redacção, a qual communicaria á sociedade o seu parecer, que sendo approbativo, viria acompanhado do programma, segundo o qual a proposta se deveria realizar.

Em cumprimento, pois, do que a sociedade determinou, vem hoje a commissão de redacção apresentar-vos o seu parecer.

Julga ella util e exequivel a proposta inicial para que se publiquem no nosso jornal annuncios de medicamentos, remedios, preparados chimicos, drogas,apparelhos chirurgicos, chimicos e pharmaceuticos, bem como de consultorios, estabelecimentos scientificos, moradas de pharmaceuticos, medicos, parteiras, etc.

Tambem approva a idéa de se publicarem annuncios e avisos relativos a obras scientificas, litterárias, artisticas e industriaes, a reuniões de sociedades e associações e bem assim correspondencias, que não envolvam discussões politicas ou religiosas, quando estejam redigidas em termos cortezes e suaves.

Em quanto á inserção de annuncios de medicamentos de composição secreta, julga a vossa commissão de redacção que não deve ser consentida.

Para os annuncios parece conveniente destinar a principio a capa do jornal; e, no caso de maior affluencia, quatro ou mais paginas de impressão, conforme fôr sendo necessario.

O preço dos annuncios deverá ser, salvo melhor alvitre, de cincoenta réis por cada linha.

Para que a proposta do ex.^{mo} sr. dr. Alves produza em

breve os resultados, que se esperam, parece á commissão que convirá adoptar os seguintes alvitres:

1.º Mandar imprimir rasoavel numero de avisos ou convites, nos quaes se exponham as vantagens dos annuncios no jornal da sociedade para os annunciantes, as condições a que se devem sujeitar e o logar para onde os devem dirigir;

2.º Dar ao nosso continuo, ou a outro agente, probo e zeloso, uma commissão, egual á que se dá ás agencias de annuncios;

3.º Encarregar da distribuição dos avisos, ou convites indicados acima, o nosso continuo ou o agente, que se queira encarregar de tal serviço, sob a direcção da commissão de redacção;

4.º Mandar imprimir recibos especiaes, que serão assignados de mão ou de chancella pelos srs. secretario e thesoureiro; recibos, que o continuo ou agente receberá para entregar aos annunciantes, e de que dará conta na thesouraria;

5.º Estabelecer, sem excepção, que os annuncios sejam pagos adiantadamente.

Lisboa e sala da sociedade pharmaceutica lusitana, 28 de março de 1881. — *Dr. Joaquim José Alves.* — *João José de Sousa Telles.* — *José Dionysio Corrêa.* — *Alfredo da Silva Machado.* — *João de Jesus Pires.*

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 14 DE DEZEMBRO DE 1880

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 7 1/2 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (Silva Machado) leu a seguinte

Correspondencia

Officios:—1.º Do sr. Alvaro Rosa indicando a maneira de satisfazer as suas quotas.—Inteirada.

2.º Do sr. Carril Barbosa sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

3.º Do sr. Monteiro Freire agradecendo a resolução que a seu respeito a sociedade tomou.—Inteirada.

4.º Do sr. Vaz Teixeira accusando uma falta na remessa do jornal.—Remetteu-se.

5.º Do sr. Pitta Simões agradecendo o parecer da sociedade sobre os seus quesitos.—Inteirada.

6.º De mr. Andouard agradecendo a sua eleição para socio honorario.—Inteirada.

7.º Da procuradoria regia pedindo o laboratorio para uma analyse.

O sr. *presidente* deu conta do modo como resolveu a questão da troca de casas.

O sr. *Tedeschi* pediu esclarecimentos.

O sr. *presidente* explicou, que em virtude da difficuldade de obter casa em circumstancias favoraveis, e da despesa a fazer com a mudança, a mesa resolvera acceitar as condições em que o senhoriao propunha a troca.

O sr. dr. *Alves* comprehende as difficuldades em que se achou a mesa para resolver este assumpto.

Diz que a sociedade não póde permanecer n'esta casa e lembrando a conveniencia de se adquirir uma, pede que seja nomeada uma commissão para estudar este assumpto.

O sr. *primeiro secretario* apresentou a organisação das commissões permanentes.—Foi approvada.

Commissões permanentes

Saude publica

Dr. José Thomaz de Sousa Martins, director.

José Mendes de Assumpção, vice-director.

Augusto Ribeiro dos Santos Viegas, vogal.

Joaquim de Sant'Anna Machado Figueiras, supplente.

Pharmacia

José Dionysio Corrêa, director.

João de Jesus Pires, vice-director.

Joaquim Simões Serra, vogal.

José Gomes de Mattos, supplente.

Chimica

Dr. Joaquim José Alves, director.

Joaquim Urbano da Veiga, vice-director.

José Ribeiro Guimarães Drack, vogal.

Antonio Augusto Felix Ferreira, supplente.

Physica

Thomaz d'Aquino Alves, director.

Alfredo da Silva Machado, vice-director.

José Antonio d'Oliveira, vogal.

José Mendes Jara, supplente.

Historia natural

João José de Sousa Telles, director.

Antonio Gomes Roberto, vice-director.

José Pereira Rodrigues, vogal.

Verissimo Gomes Ferreira Lobo, supplente.

Direito pharmaceutico

José Tedeschi, director.

Augusto d'Oliveira Abreu, vice director.

João Francisco Delicioso, vogal.

José Bento Coelho de Jesus, supplente.

Apresentou tambem uma proposta da mesa para que a sociedade subscriva para o monumento que vae erigir-se ao grande historiador Alexandre Herculano.

da Ordem dos Farmacêuticos

Proposta

Esta benemerita sociedade, que de uma maneira tão brilhante representou a classe no prestito civico do tri-centenario de Camões e que não menos condignaamente contribuiu para o monumento ao dr. Brotero, não saberá negar-se a uma nova affirmacão do seu patriotismo, e, n'essa crença a mesa inaugura os trabalhos da sua gerencia propondo:— que a sociedade pharmaceutica lusitana resolva desde já

subscrever para o monumento que vae ser erigido ao grande historiador Alexandre Herculano, determinando-se mais tarde a quantia, segundo o estado do cofre.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, 14 de dezembro de 1880.

O presidente, *João José de Sousa Telles*—O primeiro secretario, *Alfredo da Silva Machado*—O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

O sr. *presidente* explica a proposta dizendo que a mesa, prestando esta homenagem ao talento de Alexandre Herculano, tem por fim affirmar e robustecer o credito da sociedade como associação scientifica.

Fallam sobre este assumpto os srs. *Tedeschi* e *F. Ferreira*, resolvendo-se finalmente que a subscrição seja feita por todos os socios, e que se envie a cada um um prospecto para que possam mais largamente promover-a nas suas localidades e entre as pessoas das suas relações.

Ordem do dia

Tiveram primeira leitura duas propostas para socios.

O sr. dr. *Alves* apresentou o parecer da commissão de chimica sobre uns preparados do sr. *Serra*. A approvação d'este parecer ficou dependente do da commissão de pharmacia.

O sr. *Pires* disse que na primeira sessão apresentaria esse parecer.

O sr. *Tedeschi* apresentou o parecer da commissão de direito pharmaceutico ácerca de preços de medicamentos.

Este parecer foi unanimemente approvado e a commissão é de opinião que se envie com urgencia ao ministro do reino um protesto contra a administração da misericórdia de Chaves.

O sr. *Delicioso* pede para que se officie directamente ao magistrado superior do districto do Algarve para evitar uns abusos que se dão na venda de drogas avulso principalmente em Castro Marim.

Foram eleitos e proclamados socios os srs. Ferreira da Silva, Bernardo de Sousa e Francisco de Carvalho.

O sr. dr. *Alves* insiste com a mesa para que proteste contra a injustiça de ter sido retirado o subsidio ao jornal.

O sr. *Ferreira* declara que este protesto não foi feito pela mesa transacta porque se julgou a occasião intempestiva.

Discutem largamente este assumpto os srs. *Alves*, *Ferreira*, *Tedeschi* e *Pires*: resolvendo-se finalmente que seja feito o protesto e publicado no jornal como satisfação aos socios e ao publico em quem pôde ter feito má impressão o silencio da sociedade.

Por não haver mais de que tratar o sr. presidente encerrou a sessão. Eram dez horas da noite.—O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

SESSÃO DE 28 DE JANEIRO DE 1881

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 7 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (*Silva Machado*) leu a seguinte

Correspondencia

Officios:—1.º Da administração da encyclopedia medico-pharmaceutica de Barcellona pedindo uns pumeros do nosso jornal.—Foi remettido.

2.º Do presidente da camara de Elvas sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

3.º Do sr. João Soares d'Oliveira, de Fafe, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

4.º Do sr. Antonio Lopes da Cunha, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

5.º Do sr. Francisco de Carvalho, agradecendo a sua eleição para socio effectivo.—Inteirada.

6.º Do mesmo senhor sobre assumpto da thesouraria.—nte irada.

7.º Do sr. Francisco Bernardo de Sousa agradecendo a sua eleição para socio effectivo.—Inteirada.

8.º Da Procuradoria Regia auctorisando a analyse de umas visceras.—Inteirada.

O sr. *F. Ferreira* pede que a sociedade empregue todos os esforços afim de se obter a reforma do ensino pharmaceutico. Diz que para o conseguir podem seguir-se tres caminhos: 1.º, a representação ás côrtes como em tempos se fez; 2.º, ao ministro do reino; 3.º, aos conselhos das escolas medicas encarregados pelo governo de propôr a reforma do ensino respectivo.

O sr. *S. Machado* parece-lhe trabalho baldado a representação ás côrtes e opta pelo ultimo alvitre do sr. *F. Ferreira*.

Os srs. dr. *Alves*, *Tedeschi* e *Delicioso* fallando sobre o mesmo assumpto são de opinião que a sociedade represente ás côrtes e ás escolas de medicina.

O sr. *F. Ferreira* insistindo pela representação ás côrtes, diz que é indispensavel a reforma e refere-se desfavoravelmente aos exames de pharmacia feitos em Coimbra.

O sr. *S. Machado* diz que não pôde deixar de protestar contra a maneira porque o sr. *Ferreira* fallou da Universidade a proposito dos exames de pharmacia, parecendo dar a entender que só devem ter valor os diplomas obtidos n'outras escolas. Diz mais que não extranha que o sr. *Ferreira* falle d'este modo porque é systema antigo da casa; mas condemna este systema que pôde crear rivalidades entre os pharmaceuticos de diferentes escolas e obstar a que muitos queiram fazer parte de uma sociedade onde são ridiculisados os seus diplomas.

O sr. *Tedeschi* diz que não reconhece differença de escolas nem de classes de pharmaceuticos; que a lei só estabelece uma classe e por isso todos devem ser igualmente considerados.

O sr. *presidente* diz que lhe parece intempestiva a representação ás côrtes porque n'esta sessão legislativa só serão

discutidos assumptos propriamente politicos. A representação ao ministro do reino é baldada em vista das más disposições em que elle está para com a sociedade. Por lhe parecer o unico meio aproveitavel opta portanto pela representação ás escolas.

A sociedade approvou unanimemente este alvitre.

O sr. dr. *Alves* lembrou a conveniencia de serem publicados annuncios na capa do jornal para tornar menos dispendiosa a sua publicação.

O sr. *Tedeschi* condemna essa publicação e pede para que seja consultada a commissão de redacção.

O sr. *presidente* concorda com a idéa do sr. dr. *Alves* e lembra a inserção de annuncios não só de preparados pharmaceuticos, mas tambem de obras litterarias.

O sr. *Assumpção* deseja saber se a sociedade se tem informado do estado de saude do sr. D. Corrêa.

O sr. *Ferreira* diz que durante a sua gerencia ordenou sempre ao continuo para que se informasse repetidas vezes.

O sr. *S. Machado* affirma que mantem estabelecida essa ordem.

O sr. *F. Ferreira* pede para que se nomeie uma commissão para comprimentar o sr. D. Corrêa.

O sr. *presidente* entende que é um dever da sociedade ir a mesa comprimental-o.

Centro de Documentação Farmacêutica da Ordem dos Farmacêuticos

Ordem do dia

Tiveram primeira leitura uma proposta para socio effectivo e duas para socios benemeritos.

Foi eleito socio correspondente o sr. *Baião*.

Foi tambem eleito socio correspondente o sr. *Manuel Evangelista Junior*.

Por não haver mais de que tratar o sr. *presidente* encerrou a sessão. Eram nove horas e meia da noite. — O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

PHARMACIA

Bólos antilacteos

(Bouchut e Després)

Acetato de soda em pó.....	10 gram.
Camphora em pó.....	4 »
Azotato de potassa em pó.....	4 »
Arrôbe de sabugueiro.....	q. b.

F. s. a. 60 bólos. Para serem administrados dois, de manhã e de tarde, a fim de fazer cessar a secreção do leite. Alimentação pouco abundante.

Clyster calmante camphorado

(Langlebert)

Camphora.....	50 centigram.
Extracto de opio.....	5 »
Gemma de ovo.....	n.º 1
Agua.....	200 gram.

F. s. a. Administra-se de manhã e de tarde, para abrandar a dysuria que acompanha a cystita do collo. Fricções no periné com pomada camphorada.

Collutorio tonico e antiseptico

(Dr. Gallois)

Agua de cal.....	45 gram.
Tinctura de myrrha.....	8 »
Mel rosado.....	8 »

Misture. Para tocar, varias vezes por dia, nas ulcerações superficiaes da mucosa boccal.

Gargarejo antiseptico

(Jeannel)

Chlorato de potassa.....	10 gram.
Agua.....	250 »
Mel rosado.....	50 »
Acido chlorhydrico.....	2 »

F. s. a. Applica-se contra a estomatita ulcerosa e gangrenosa, e contra a salivacão mercurial.

Gargarejo estimulante

(Copland)

Infuso de rosas.....	150 gram.
Acido chlorhydrico diluido.....	2 »
Tinctura de pimentão.....	6 »
Mel.....	20 »

Misture. Este medicamento é recommendado na estomatita, quando as ulcerações tardam muito a cicatrizar.

Linimento para estancar a secreção lactea

(Gardner)

Essencia de hortelã pimenta.....	6,00 gram.
Oleo de ricino.....	140,00 »
Essencia de bergamotta.....	6,00 »
Camphora.....	2,50 »

F. s. a. Para untar os peitos, a fim de estancar a secreção.

Linimento sedativo

(Ricord)

Oleo de meimendo.....	50 gram.
Camphora.....	1 »

Laudano de Rousseau	1	»
Extracto de belladona	1	»
Chloroformio.....	1	»

F. s. a. Applica-se em fricções, tres ou quatro vezes por dia, contra as nervalgias e dôres rheumaticas.

Mistura antisiphilitica

(Hospitales de Londres)

Chloreto mercurico.....	2,00	gram.
Acido chlorhydrico concentrado..	4,00	»
Espirito de camphora.....	2,00	»
Assucar queimado.....	0,50	»
Agua distillada	1000,00	»

Solva. Cinco grammas d'este soluto contêem um centigramma de mercurio. Administra-se, 4 a 8 grammas por dia, na syphilis secundaria.

Opodeldoch com arnica

(Dr. Gallois)

Sabão vegetal.....	16	gram.
Alcool a 90°.....	40	»
Tinctura de arnica.....	20	»
Camphora em pó	4	»

Solva a banho de agua e filtre.

Emprega-se em fricções contra o Rheumatismo.

Pilulas antispasmodicas e antinervalgicas

(Rayer)

Extracto de valeriana.....	} aã 1 gram.
Assafetida	
Galbano.....	
Castoreo em pó	

F. s. a. 18 pilulas. Administra-se tres por dia: uma de manhã, outra ao meio dia e outra á noite, como calmante antispasmodico e antinervalgico; além d'isso combate-se as dôres locaes com linimentos chloroformisados ou pequenos vesicatorios contendo morphina. Se o doente é anemico, tomará um preparado ferruginoso no principio das duas principaes refeições.

Pilulas calmantes

(Ricord)

Extracto de belladona.....	30 centigram.
Extracto de valeriana.....	4 gram.

F. s. a. 30 pilulas. Tres por dia: uma de manhã, outra ao meio dia e outra á noite, na cystita chronica, quando o doente supporta mal o opio. Injecções de decocto de althea e dormideiras na bexiga; suppositorios belladonados.

Pilulas contra a constipação

(Dr. Gallois)

Aloes socotrino.....	8 gram.
Rhuibarbo em pó.....	8 »
Pós aromaticos.....	2 »
Sabão medicinal.....	4 »
Xarope de ameixas.....	q. b.

F. s. a. 60 pilulas. Duas á noite, para curar a constipação habitual dos dyspepticos.

Pilulas contra a espermatorrhéa

(Guipon)

Massa pilular de Vallet.....	10 gram.
Lupulo em pó.....	2 »
Castoreo em pó.....	2 »

F. s. a. 100 pilulas. Duas a oito por dia na espermatorrhéa; injecção prolongada na uretra, todas as noites ao deitar, com agua saturnina; loções e immersões frias, abstenção rigorosa de tudo que fôr excitante; conservar o ventre livre.

Pilulas mercuriales

(Dzondi)

Chloreto mercurico.....	75 centigram.
Assucar branco.....	12 gram.
Miolo de pão.....	} aã q. b.
Agua distillada.....	

F. s. a. 240 pilulas, que conterão cada uma tres milli. grammas de chloreto mercurico. Pode-se administrar duas, de manhã e de tarde, nas affecções venereas secundarias e nas doenças de pelle chronicas de forma escamosa.

Pilulas purgativas

(Van den Corput)

Podophyllina.....	} aã 30 centigram.
Extracto de noz vomica.....	
Extracto de belladona.....	

F. s. a. 10 pilulas. Duas ou tres por dia, para curar a constipação dolorosa dos operários que trabalham no chumbo. Administra-se ao mesmo tempo banhos sulfurosos.

Pilulas sedativas

(Bouchut)

Fôlha de dedaleira em pó.....	5,00 gram.
Chlorhydrato de morphina.....	0,30 »
Camphora em pó.....	2,00 »
Conserva de rosas.....	q. b.

F. s. a. 40 pilulas. Administra-se uma, de manhã e de tarde, e eleva-se successivamente á dôse se ellas fôrem supportadas, no caso de anevrysmo da aorta e em certas affecções organicas do coração.

Pó contra o coryza

(Dr. Gallois)

Raiz de lilio florentino em pó	4,00 gram.
Raiz de althea em pó	4,00 »
Tannino	0,20 »
Tinctura de baunilha	16 gotas

Misture. Applica-se este pó tres ou quatro vezes por dia, e mais se fôr necessario, para attenuar os symptomas mais incommodos do coryza. Para as creanças, pode-se recorrer á pomada seguinte, que será introduzida nas fossas nasaes por meio de um cylindro de papel.

Acido tannico	5 centigram.
Banha preparada	5 gram.
Tinctura de baunilha	5 gotas.

F. s. a.

Pó reconstituente phosphatado

(Réveil)

Phosphato de cal precipitado	20 gram.
Assucar de fôrma em pó	20 »
Ferro reduzido pelo hydrogenio	5 »

Misture e divida em 30 dôses. Uma no começo de cada refeição, na dyspepsia que acompanha a chlorosa.

Poção vomitiva

(H. Green)

Sulfato de zinco crystallisado	60 centigram.
--	---------------

Ipecacuanha em pó.....	1 gram.
Agua tepida.....	100 »

F. s. a. Para ser administrada ás colhêres, das de café, todos os quartos de hora, ás creanças affectadas de crup.

Sacchareto de lupulo

(Personne)

Assucar granuloso em pó.....	100 gram.
Tinctura de lupulo.....	25 »

Misture por trituração a tinctura ao assucar, evapore o alcool na estufa a brando calor. Vinte grammas d'este sacchareto representam um gramma de lupulo. Administra-se 20 a 60 grammas ás pessoas affectadas de espermatorrhêa.

Topico adstringente

(Vogt)

Sulfato de alumina e de potassa em pó.....	0,50 gram.
Extracto de ratanhia em pó.....	8,00 »
Casca de carvalho em pó.....	8,00 »
Mel.....	10,00 »

F. s. a. Contra o coryza ulceroso. Applica-se este medicamento por meio de um pincel fino, tocando tres vezes por dia as ulcerações. Se o doente padecer de syphilis, administra-se-lhe ao mesmo tempo preparados mercuriaes.

Xarope antisymphilitico

(Puche)

Iodeto de potassio.....	10 gram.
Tartarato ferrico-potassico.....	10 »
Agua de canella.....	20 »
Xarope simples.....	480 »

F. s. a. Aconselhado aos doentes que apresentarem ao mesmo tempo symptomas secundarios e terciarios da syphilis. Começa-se por uma colher das de sopa por dia e augmenta-se progressivamente.

J. D. CORRÊA.

CHIMICA

Processo para reconhecer o chloro em presença do bromo e do iodo

Segundo o sr. G. Vortmann, este processo é fundado sôbre a acção diversa exercida nos chloretos, brometos e iodetos pelos hyperoxydos de manganez e de chumbo, em presença do acido acetico.

Os iodetos são decompostos em parte por estes oxydos, mesmo no soluto neutro, ajuntando-se acido acetico e levando-se á ebullição; o apartamento do iodo é completo.

Os brometos, no soluto neutro, não são decompostos nem pelo hyperoxydo de manganez nem pelo de chumbo; no soluto acetico, o hyperoxydo de chumbo é o unico que actua e o bromo separa-se.

Os chloretos não são atacados por nenhuns dos hyperoxydos em presença do acido acetico.

Para se reconhecer o chloro, em presença do bromo e do iodo, faz-se ferver o soluto tornado acido pela addição do acido acetico com o hyperoxydo de chumbo, até que o soluto, depois de decantado, seja incolor e que não apresente nem o cheiro do bromo nem o do iodo.

O bromo e uma parte do iodo separam-se no estado de bromo e de iodo livres, o restante do iodo fica combinado com o chumbo no estado de iodeto de chumbo insolúvel; depois filtra-se para apartar este iodeto e o excesso de peroxydo de chumbo, lava-se o precipitado e o liquido filtrado contém todo o chloro completamente desembaraçado do bromo e do iodo.

Reactivos do hydrato de chloral

O hydrato de chloral é soluvel no alcool, ether, agua; aquecido com potassa produz chloroformio. O sr. Frank Ogston indica a reacção baseada sobre a acção do sulfhydrato de ammonia.

Ajuntando-se ao soluto de hydrato de chloral, de fôrça mediana, o sulfhydrato de ammonia, o soluto incolor adquire em pouco tempo a côr amarella-alaranjada; pelo repouso prolongado o soluto turva-se, torna-se escuro e desinvolva gaz de cheiro muito desagradavel; aquecendo-se depois a mistura das duas substancias, forma-se immediatamente precipitado vermelho e depois alaranjado.

Resulta d'estas pesquisas do sr. Ogston que o soluto que contenha 0 gr. 01 de hydrato de chloral adquire, em presença do sulfhydrato de ammonia e em 6 horas, a coloração escura, o cheiro caracteristico e contém precipitado; o soluto de 0 gr. 001 apresenta, depois de 12 horas, a coloração amarella-alaranjada, sem cheiro nem precipitado; o soluto 0 gr. 0001 produz coloração amarella de palha apenas sensivel.

O chloroformio, o ether chlorhydrico, o benzol, o acido formico, etc., não dão a mesma reacção.

O croton-chloral procede, em presença do sulfhydrato de ammonia, como o hydrato de chloral.

Nota.—O sr. Baudrimont havia já indicado esta reacção e proposto o hydrato de chloral para distinguir os monosulfuretos dos sulfhydratos de sulfuretos.

Os monosulfuretos dão, com o hydrato de chloral, coloração vermelha.

Os sulfhydratos de sulfuretos, com o soluto de hydrato de chloral pouco concentrado, dão immediatamente precipitado amarello-avermelhado e desinvolução arrebatada de gaz.

(Pharm. Zeitschrift für Russland.)

Presença da materia albuminoide particular na urina

PELO SR. FURBRINGER

Ha trinta annos que Bence Jones descobriu que a urina continha materia albuminoide particular, que não se coagula pela ebullição, ainda mesmo muito acidulada.

O auctor tem observado tres casos analogos, e operando em urinas acidas, ricas de materia albuminoide, só apresentaram, depois da ebullição, pequena turvação; á qual, addicionando-se diminuta quantidade de acido azotico, produziu-lhe precipitado, e com excesso d'este mesmo acido provocou-lhe consideravel coagulação. O acido acetico comporta-se de differente modo: ajuntado a pequena porção de urina quente, produz-lhe abundante precipitado flocooso que se dissolve facilmente no excesso de acido; quando se sobrepõe á urina uma camada de alcool, apresenta-se um anel opalino á superficie de contacto; pela mistura, todo o liquido se turva levemente e não forma precipitado.

É muito provavel que os diminutos precipitados produzidos pelo calor, pelo acido azotico em pequena quantidade ou pelo alcool, são devidos á presença de diminuta proporção de serina, coexistente na urina com a materia albuminoide muito particular e muito mais abundante, que sobre-sahe pela sua precipitação pelo acido acetico com o auxilio de calor e pela sua não coagulabilidade, pelo alcool ou o acido azotico empregado em pequena proporção. Devido a estes caracteres negativos tem ella muitas vezes passado desapercibida nas analyses de urina, e o mesmo auctor recommenda que não se omita a addição de algumas gotas de acido acetico á urina fervente, mesmo nos casos em que o calor sómente não lhe produza precipitado.

(Zeitschrift für analytische chemie.)

Sôbro o ferro reduzido pelo hydrogenio

PELO SR. H. MOISSAN

O auctor tem descoberto que em se reduzindo o sesquioxydo de ferro puro pela corrente de hydrogenio tambem puro, passa-se, antes de chegar ao ferro metallico, por differentes graus de oxydação intermediarios, oxydo de ferro magnetico e protoxydo de ferro.

Quando se pretende obter o ferro reduzido pelo hydrogenio, a operação requer um certo tempo; se a corrente de hydrogenio não é sêcca e bastante rapida, se houver pouca experiencia e a temperatura, ainda que elevada, não sendo uniforme, obtem-se uma mistura de ferro, de protoxydo de ferro e de oxydo de ferro magnetico. É assim que acontece á maior parte do ferro reduzido do commercio.

O ferro reduzido bem preparado tem côr cinzenta de ferro, deve ser em pó impalpavel; o que não estiver completamente redusido apresenta côr negra do oxydo magnetico ou do protoxydo e deixa residuo quando atacado pelos acidos diluidos.

A maior parte das amostras commerciaes, examinadas pelo auctor, contêem enxôfre e algumas arsenico, impuresas provenientes do acido sulfurico empregado na preparação do hydrogenio. Certos ferros redusidos encontra-se-lhes pequenas quantidades de silica, cobre e saes soluveis na agua.

(Bul. de la Soc. ch.)

Determinação dos acido tartarico nos sedimentos do vinho

Secca-se uma porção de sedimento do vinho que se pretende pesquisar; reduz-se a pó fino, e d'este pó pesa-se dez grammas, que serão collocadas em capsula de porcellana, e ajunta-se-lhe acido chlorhydrico puro em quantidade sufficiente para formar pasta; depois de vinte e quatro horas de contacto, addiciona-se-lhe agua, aqueça-se, filtra-se

e lava-se o residuo; os liquidos filtrados são aquecidos e neutralisados com leite de cal.

Terminada a reacção acida, deixa-se esfriar; recolhe-se o precipitado de tartarato de cal sobre um filtro tarado; lava-se, secca-se e pesa-se. 100 partes contêm 50 a 76 de acido tartarico anhydro ou 57 a 69 de acido hydratado.

(*Zeitsch. des Alg. oesterr. Apoth. Vereins.*)

J. D. CORRÊA.

TOXICOLOGIA

Methodos analyticos para se reconhecer a existencia de varios toxicos nos envenenamentos

(Continuado de pag. 61)

Acido arsenioso

O sr. dr. Rabuteau diz que, no envenenamento suicida, o acido arsenioso tem sido ingerido sob todas as formas; umas vezes solvido na agua ou outro liquido, outras vezes em fragmentos. No envenenamento criminal tem sido dado á victima muitas vezes em bebida ou nos alimentos; por exemplo: no caldo, café, chocolate, etc.

Os operarios que extraem os mineraes de arsenico, e os que lhes fazem soffrer as operações necessarias para se obter o acido arsenioso, estão expostos a accidentes mais ou menos graves.

O arsenito de cobre (*verde de Scheele*) é insolúvel na agua, mas pode dissolver-se no acido chlorhydrico do succo gastrico; e, exposto ao ar, desinvolve hydrogenio arsenical.

O aceto-arsenito de cobre (*verde de Schweinfurth*) é insolúvel ou mui pouco soluvel na agua, mas soluvel nos acidos que dissolvem o arsenito de cobre.

Estes dois productos são empregados na tinturaria e na pintura, na coloração dos estofos, na fabricação das flores artificiaes, nos papéis pintados, nos enfeites de bailes, e

têm produzido accidentes que vêem juntar-se aos que resultam da penetração do toxico nas vias respiratorias.

Differentes methodos têm sido empregados para isolar e caracterisar o acido arsenioso; o mais geralmente adoptado é o de James Marsh, descoberto em 1836.

Acido azotico

Segundo a descripção feita pelo sr. dr. Rabuteau, Geber, foi o alchimista arabe do fim do viii seculo que descobriu a preparação do acido azotico ou nitrico, vulgarmente chamado *agua-forte*; mais tarde, Alberto o Grande (1193-1259) fez egualmente, com mais exactidão, a narrativa d'este acido, o qual appellidou *agua-prima*, e observara que esta agua dissolvia a prata, e o soluto obtido produzia sobre a pelle manchas difficeis de tirar: *tingit cutem hominis nigro colore et difficulter mobili*.

Pôsto que o acido azotico seja frequentemente empregado nas artes, especialmente na gravura sobre metaes, o envenenamento por esta substancia é muito menos frequente que o produzido pelo acido sulfurico.

A effervescencia que as materias dos vomitos fazem em contacto dos carbonatos alcalinos, a reacção acida que apresenta o conteúdo do estomago, descobrem desde logo que a substancia toxica pertence ao grupo dos venenos acidos; o cheiro nitroso, que estas materias derramam em geral, faz presumir egualmente que se trata do acido azotico, mórmente se apparecem nos órgãos manchas amarellas que produz esta substancia, tendo-se em consideração que o acido picrico ou trinitrophenico os colóra do mesmo modo.

Depois de se ter verificado a acidez anormal dos liquidos e dos órgãos que se pretende submeter á analyse, proceda-se á neutralisação pelo carbonato de cal puro reduzido a pó; depois evapora-se e trata-se o residuo pelo alcool que solve o azotato de cal formado. O soluto alcoolico será tam-bem evaporado e o seu residuo, tratado pela agua distillada, apodera-se do azotato de cal e abandona as materias

gordurosas que o alcool se havia apoderado. O azotato assim obtido é facil de caracterisar.

Acido carbonico

Ácêrca do acido carbonico, o sr. dr. Rabuteau, entre outras considerações, diz que elle existe em mui pequena quantidade na atmosphaera; que se encontra em porção mais ou menos consideravel em certas depressões do solo, nas grutas, valles, cratêras de vulcões extinctos. Cita-se a este respeito a gruta de Aubenas, no departamento de Ardèche; as grutas de Napoles, Pouzzoles, Bolzena, na Italia; as de Pymont e do lago de Laacher, na Allemanha; finalmente, as que existem em grande numero na ilha de Java.

Este acido encontra-se, tanto no estado de combinação como no de liberdade, em muitas aguas mineraes; forma-se tambem em grande quantidade no organismo dos animaes de sangue quente, por que o ar expirado dos pulmões contém 4 por 100; finalmente, este mesmo gaz produz-se na fermentação alcoolica, na combustão lenta ou rapida das materias carbonadas, na fabricação da cal.

A atmosphaera fortemente carregada de acido carbonico é rapidamente mortal; os cães morrem em tres minutos na gruta de Pouzzoles, os gatos em quatro minutos, o homem em dez minutos. Têm-se dado accidentes graves e mesmo mortaes acontecidos nas adêgas, balseiros e fornos de cal onde se desinvolve grande quantidade de acido carbonico. Este acido inspirado, ainda que de mistura em maiores ou menores proporções com o ar atmospherico produz, segundo as experiencias feitas por Herpin, Ozanam, Julius Clarus, symptomas que consistem na impossibilidade dos movimentos, a perda de sentidos, o afrouxamento da circulação e da respiração, o abaixamento da temperatura, a dilatação da pupilla, muito semelhantes aos que produzem os anestesicos.

No caso de entoxicação pelo acido carbonico, dever se-ha observar se este gaz existia em grande excesso na atmos-

phera onde o paciente estivera mergulhado antes de haver fallecido; e para este fim seguir-se-ha o processo de Thénard, o qual consiste no doseamento do acido carbonico no ar, fazendo-o passar atravez do soluto de baryta, formando-se carbonato de baryta insolúvel, que será recolhido, lavado, sêcco na estufa e pesado. O doseamento do acido carbonico fazer-se-ha então como na analyse elementar das substancias organicas, pelo recente processo dos srs. Jolyet e Blanche. (*Comptes rendues des séances de l'Académie des Sciences*, 1873.)

Acido chlorhydrico

O envenenamento pelo acido chlorhydrico é raro, não obstante ser este acido frequentemente empregado nas artes e na medicina. Segundo o sr. dr. Rabuteau, a dose toxica minima d'este acido concentrado e que tenha sido ingerida, é de 15 grammas e, n'este caso, a morte effeituase em dezoito horas. Os pacientes soffrem dôr violenta na garganta, a qual dôr propaga-se ao epigastro, sôbrevindo-lhes, pouco depois da ingestão do liquido corrosivo, náuseas, vomitos, que são amarelentos, esverdeados e muitas vezes escuros, *côr de café*. Esta ultima coloração procede quando o estomago está ulcerado, ou haja rotura de capillares ou de vasos de mais grosso calibre.

O acido chlorhydrico existe normalmente no succo gastrico, na proporção de 3 por 1000 approximadamente, conforme as analyses de Schmidt. Também nos diversos liquidos e tecidos do organismo encontra-se chloreto de sodio, e o acido chlorhydrico que existir no tubo digestivo de um cadaver pode ser transformado, na maior parte, n'aquelle mesmo sal sob a influencia do bicarbonato de soda contido no sangue, no qual o acido se havia penetrado por absorpção durante a vida e por embebição depois da morte.

As lesões anatomicas e a reacção acida das materias suspeitas indicarão sufficientemente qual a especie d'envenenamento.

O processo mais simples consiste em submeter á distillação as substancias liquidas e semiliquidas, que comprehendem os vomitos e o conteúdo do estomago e do intestino; ao liquido recolhido no recipiente ajunta-se-lhe azotato de prata, para precipitar o acido chlorhydrico no estado de chloreto de prata, o qual será pesado depois de secco e fundido. A 1 de chloreto de prata corresponde 0,25435 de acido chlorhydrico.

Tardieu aconselha o processo seguinte: «Os órgãos internos e os vomitos serão divididos em pequenos fragmentos e reduzidos a massa liquida e depois repartida em duas partes perfeitamente eguaes; neutralisa-se uma d'estas porções com carbonato de soda isento de chloreto e evapora-se a banho de agua até quasi completa dessecação; a outra porção acida será submettida á mesma evaporação sem ser neutralizada; os dois productos resultantes serão calcinados separadamente em dois cadinhos de porcellana até perfeita carbonisação; cada uma das massas serão tratadas por egual volume de agua distillada e filtrados os respectivos liquidos, e cada um dos solutos fortemente acidulados com acido azotico puro e addicionado de azotado de prata. Forma-se, n'este caso, um precipitado em cada soluto, tendo-se em conta que os liquidos alimenticios e os órgãos contêm chloretos no estado normal; os dois precipitados serão separados e colhidos sobre filtros de papel Berzelius, bem lavados, seccos e calcinados com os filtros em pequenos cadinhos de porcellana e, finalmente, pesados na balança de precisão. Se a quantidade de chloreto de prata fór sensivelmente a mesma nos dois casos, o chimico terá a prova cabal de que não existia acido chlorhydrico livre nos órgãos e vomitos; se a porção neutralizada pelo carbonato de soda fornecer quantidade de chloreto de prata muito mais consideravel que a da porção não neutralizada, será evidente que n'este excedente de chloro, provado pela analyse, não podem ser mettidos em conta os chloretos naturaes da economia e dos alimentos e

que provêem de origem estranha.» (*Étude médico-légale sur l'empoisonnement.*)

Schmidt recommenda que, para se proceder a uma rigorosa analyse e muito principalmente quando se dispõe de pequena quantidade de substancia, na qual se precisa verificar se a acidez do succo gastrico será devida ao acido chlorhydrico, deve-se neutralisar uma porção d'este acido com um alcali e proceder-se ao doseamento de todo o chloro que elle contenha, e a outra porção será evaporada á secura completa e dosado egualmente o chloro que se encontrar e proseguir-se em terceiro logar á determinação de todas as bases incluídas nas duas porções. Verificando-se que o excesso de chloro, existente na primeira porção, é superior á quantidade necessaria para transformar todas as bases em chloretos, e havendo-se desinvolvido um composto volatil chlorado, durante a evaporação da segunda porção, e que este composto apresenta acidez, não pode ser senão o acido chlorhydrico.

Acido cyanhydrico e cyanetos

Com relação a estas substancias, o sr. dr. Rabuteau diz que o envenenamento pelo acido cyanhydrico é ás vezes criminal e muitas vezes suicida ou accidental; que os cadaveres das pessoas entoxicadas por este acido apresentam em geral uma rigidez mais consideravel e mais prolongada que de ordinario; que á abertura dos mesmos cadaveres nota-se-lhes o cheiro de acido cyanhydrico, sendo menos apreciavel quando o toxico fôra empregado em menor porção ou a morte data de algum tempo.

12 centigrammas de cyaneto de potassio correspondem a 5 centigrammas de acido cyanhydrico anhydro considerada dose mortal.

Sendo o acido cyanhydrico volatil e deixando os cyanetos facilmente desprender o gaz, é necessario, o mais de pressa possivel, recolher-se os liquidos contidos no tubo digestivo, e bem assim o sangue e os intestinos, e conser-

val-ões em vasos bem rolhados até ao momento em que se fizer a analyse.

As substancias suspeitas, primeiramente divididas e adicionadas de agua distillada para as reduzir a massa liquida, serão submettidas á distillação em retorta, da qual o tubo abductor mergulhe no soluto de azotato de prata e aqueça-se no banho de agua: se a massa contém o acido cyanhydrico livre ou o cyanhydrato de ammonia, este acido ou o cyanhydrato volatilisa-se e produzem no soluto de azotato de prata precipitado de cyaneto de prata. Quando não se forma mais precipitado, ajunta-se á massa pequena porção de acido chlorhydrico e continua-se com o calor brando; um novo precipitado de cyaneto de prata indica que as materias suspeitas contém um outro cyaneto, por exemplo o cyaneto de potassio.

É necessario, pois, certificar se o precipitado do soluto argéntico é o cyaneto de prata e não o chloreto d'este metal, produzido pelo desinvolvimento de pequena quantidade de acido chlorhydrico durante a distillação, e separar-se o chloreto do cyaneto por meio do acido azotico que dissolve este ultimo. Neutralisando-se o liquido, o precipitado de cyaneto de prata restabelece-se; é facil de evitar a formação do chloreto de prata, por que, em lugar de receber-se no soluto de azotato de prata os productos da distillação, recebam-se na agua distillada, a qual será submettida á distillação n'uma retorta contendo borax ou carbonato de cal em pó. N'esta rectificação o acido chlorhydrico é retido na retorta no estado de chloreto de sodio ou de calcio e o acido cyanhydrico é que se desprende.

Acido fluorhydrico

O acido fluorhydrico foi descoberto por Scheele, que o denominou *acido fluorico*, e estudado mais tarde, em 1810, por Gay-Lussac e Thenard.

Segundo a descripção feita pelo sr. dr. Rabuteau, este acido, ainda mesmo diluido, é um dos liquidos mais cor-

rosivos que se conhece; os seus vapores produzem, sôbre as vias respiratorias, irritação intensa que fez succumbir o chimico belga Louyet, quando procedia a varias experiencias.

O acido fluorhydrico liquido, applicado sôbre a pelle, causa viva dôr e produz ulcerações que têm sido certificadas por Gay-Lussac, Thenard e Gruber (*Étude expérimentale sur les effets des fluorures et des composés métalliques en général*, 1867).

A entoxicação por este acido é muito rara; o sr. King diz que 15 grammas d'este liquido corrosivo produz nauseas, vomitos, suores frios e viscosos sôbre todo o corpo, o pulso torna-se pequeno e as pupillas contraem-se, resultando a morte no fim de trinta e cinco minutos. Encontra-se pela autopsia, as meninges congestionadas, bem como os pulmões e a mucosa tracheal e bronchica.

No caso em que a morte seja consequencia da inspiração dos vapores de acido fluorhydrico, será difficil provar a presença d'este acido nos órgãos inflammados.

As substancias submettidas á analyse serão digeridas com agua distillada, depois deitadas sôbre filtro; aos liquidos filtrados ajunta-se soluto de chloreto de calcio, que produzirá precipitado de fluoreto de calcio, que será recolhido e caracterisado. Com effeito, aquecido com acido sulfurico em vaso de chumbo, o fluoreto de calcio desinvolve vapores que atacam o vidro. A 1 de fluoreto de calcio corresponde 0,2564 de acido fluorhydrico.

Acido oxalico e oxalatos

Conforme o sr. dr. Rabuteau, o envenenamento pelo acido oxalico é pouco commum; tem sido notado, em Inglaterra, quasi sempre accidental.

O envenenamento pelo acido oxalico é muitas vezes suicida, o produzido pelo sal de azeda é geralmente accidental; a dóse necessaria para causar a morte é de 10 a 15 grammas.

As materias dos vomitos, assim como os liquidos encontrados no tubo digestivo, serão recolhidos e tratados pela agua fervente, e opera-se juntamente com o dito tubo digestivo dividido em pequenos pedaços; filtra-se. Os liquidos filtrados serão em seguida evaporados á seccura e o residuo tratado pelo alcool ordinario, que solve o acido oxalico (prefere-se o alcool amylico); o acido separa-se immediatamente do soluto alcoolico submettido á evaporação moderada; mas, como elle esteja impuro, deve-se evaporar á seccura, tratar o residuo d'esta evaporação pela agua distillada, que solve o acido oxalico e o isola de um certo numero de substancias insolueis na agua.

O primeiro residuo, proveniente da evaporação dos liquidos aquosos e tratados pelo alcool, retém o bioxalato de potassa que houvesse sido ingerido; realmente este sal é completamente insoluel no alcool concentrado; tratado pela agua distillada e filtrado este soluto, ajunta-se ammonia e chloreto de calcio para que o bioxalato de potassa seja transformado em oxalato calcareo insoluel, ao qual se addicionará acido azotico para lhe destruir as materias organicas que o tornam impuro; em seguida será neutralisado pela ammonia, que precipita de novo o oxalato de cal, mas no estado puro.

Os antidotos administrados depois da ingestão do toxico, taes como a magnesia, a crê, podem ter transformado o acido oxalico ou o bioxalato de potassa em oxalato de magnesia ou de cal; então tratam-se os vomitos e os órgãos pela agua acidulada com acido chlorhydrico, que dissolve estes ultimos oxalatos; filtra-se e ajunta-se aos liquidos filtrados ammonia e chloreto de calcio, que produzem precipitado de oxalato de cal e de phosphato calcareo, o qual provém dos phosphatos contidos nas materias submettidas á analyse; em seguida ajunta-se acido acetico a este precipitado mixto, que dissolve o phosphato de cal e deixa o oxalato d'esta base.

Acido phenico

A entoxicação pelo acido phenico, como descreve o sr. dr. Rabuteau, tem sido frequente n'estes ultimos annos, principalmente em Inglaterra, e quasi sempre accidental; as doses capazes de produzirem a morte não estão ainda bem determinadas.

As visceras, os órgãos, o sangue e a urina espalham o cheiro do acido phenico. Nos diversos casos de envenenamento, este acido deve ser encontrado na urina, o qual será isolado não sómente das materias dos vomitos e do conteúdo do tubo digestivo, mas tambem do liquido urinario; além de que, e independentemente da analyse chimica, o cheiro d'este acido é sufficiente e augmenta quando se aquece ligeiramente estas materias depois de lhes ter adicionado acido sulfurico ou acido phosphorico.

A separação do acido phenico effeetua-se facilmente pela destillação com agua acidulada pelo acido sulfurico; se as materias são assás fluidas, ajunta-se-lhes simplesmente pequena quantidade d'este acido. O phenol será arrastado com o vapor d'agua para o recipiente do apparelho distillatorio; o liquido será condensado no mesmo recipiente e, em seguida, agitado com ether que attrahe o acido phenico; o liquido ethereo, sendo decantado, abandona este acido pela evaporação espontanea.

(Continúa.)

J. D. CORRÊA.

Centro de Documentação Farmacêutica

HISTORIA NATURAL

da Ordem dos Farmacêuticos

Catalogo das plantas medicinaes que habitam
o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

É este o titulo d'um trabalho botanico-medico, que o sr. Adolpho Frederico Moller, mui digno inspector do jardim botanico da universidade de Coimbra, vae publicar.

...

Das sciencias biologicas é a botanica a que offerece mais attractivos sem que o seu estudo promova ordinariamente repugnancia aos sentidos.

No reino animal é forçoso que, para lançarmos a base do edificio, presencemos as scenas repugnantes dos phenomenos de putrefacção; que levemos o fio do escalpelo aos tecidos d'um animal morto, cuja vista nos repugna, cujo cheiro nos incommoda e cuja disseccção repelle e afasta d'aquella ordem de estudos.

Quando se trata da especie humana, cresce toda essa repugnancia; desenham-se na face do cadaver as contracções dolorosas do padecimento do doente, e como que se pintam n'ella ainda as ultimas saudades de tanta afeição a tudo que lhe era caro; ao collocarmos a mão sobre o cadaver recebemos uma indizível sensação, que jámais objecto algum frio nos produziu; hesitamos em dar o primeiro golpe sobre aquelles tecidos que ha pouco tinham vida; trememos ao esquartejar o cerebro que algum tempo antes elaborava e fazia jorrar as idéas mais brilhantes, os pensamentos mais felizes, e onde se accommodavam os sentimentos mais delicados; e parece-nos que n'esse momento desfazemos toda uma intelligencia, destruimos toda uma sensibilidade affectiva.

E, se em vez do frio do cadaver, encontramos ainda calor proprio, é mais violento o tremor, é maior a hesitação e mais profunda a repugnancia, porque o calor é ainda o ultimo resto da vida.

A mais pequena experiencia physiologica exige ordinariamente o derramamento de sangue, e cada verdade scientifica é arrancada á natureza á custa d'uma vida que se esvae, manifestando signaes de sensibilidade e de intelligencia.

É só o desejo de ser util á humanidade que dá coragem ao anatomista para viver no meio dos despojos de tanta morte, e ao physiologista para fazer as suas experiencias.

No reino vegetal nada d'isto. A vida da planta é mais

simples, sem phenomenos de sensibilidade consciente, sem as manifestações supremas da vida; a morte, portanto, mais simples tambem e menos dolorosa para quem a presençea e para quem a effectua.

Só um espirito apaixonado, como o de Luiz Figuiier, pela morte recente do filho ao escrever o — *Lendemain de la mort*, se pôde entreter em devaneios sobre o chorar das plantas e differentes manifestações de dôr e prazer, cuja concepção será facil para um espirito que a paixão torne pueril e visionario, mas que será vivamente rejeitado pela razão fria do espirito scientifico.

A germinação da semente; o extender dos ramos; o desenrolar das folhas; o espalmar da corolla; o desabrochar da flôr, e finalmente a propria fecundação, operando-se no meio de mil perfumes, são outros tantos factos incruentos, que, semelhantes no fundo, muito se desviam, na apparencia, dos phenomenos analogos no reino animal. A dissecção nada tem de repugnante e a physiologia nada encerra de positivamente doloroso.

Eis, portanto, outros tantos attractivos no estudo da botanica.

E não offerece elle menos trabalho; nem deixa de levar o espirito até ás altas regiões de debates e theorias, onde encontramos nomes de sabios como os de Linneu e Darwin. É comtudo um estudo menos complexo; e na medicina é a botanica apenas um meio.

Do reino vegetal aproveita a therapeutica muitos agentes mais ou menos efficazes; se entre nós não temos a abundancia de medicamentos vegetaes e energicos, que o solo americano encerra collocando assim abundantes medicamentos ao pé de immensas molestias graves, possuímos comtudo muitas plantas medicinaes, indigenas ou importadas, que o medico muito lucra em conhecer, especialmente o medico rural.

Com paciencia e trabalho irá este encontrar, entre as plantas vulgares, succedaneos baratos de substancias medi-

camentosas, que a arte pharmaceutica nos fornece nas cidades, de mais commoda administração, mas por preço mais elevado.

Mas então precisa o medico conhecer as plantas medicinaes pelos seus caracteres taxonomicos, precisa de verificar a planta para não dar logar a enganos fataes.

O trabalho do sr. Moller não é tudo o que o medico precisa; falta a descripção de cada planta, é porém um poderoso auxiliar; encontram-se n'este catalogo as plantas medicinaes que vivem no nosso paiz e só essas, sendo portanto facil o ir estudar os seus caracteres botanicos n'uma Flora qualquer.

É portanto um trabalho de utilidade real o que o sr. Moller empreehendeu.

Parabens por este empreehimento.¹

(Instituto de Coimbra, janeiro, 1878.)

Publicamos o catalogo das plantas medicinaes, que habitam no continente portuguez.

Não é nossa intenção fazer um trabalho botanico, pois conhecemos a nossa insufficiencia; mas sim apresentar simplesmente uma lista das plantas que tem, ou já tiveram uso pharmaceutico, e que vivem no nosso paiz. O methodo seguido na disposição das plantas é o do grande botanico austriaco Stephano Endlicher, exposto na sua obra intitulada *Enchiridion botanicum*.

As obras que consultamos para escrever este modesto

¹ O catalogo do sr. Adolpho Frederico Moller é tambem de manifesta utilidade pratica para o pharmaceutico, visto dar informação de todas as plantas que tem ou já tiveram uso pharmaceutico, e que vivem no nosso paiz. Com quanto não venha ahi a descripção da planta é comtudo um bom auxiliar para a sua colheita e renovação, por dar conhecimento do logar onde brota espontanea, vive naturalmente acclimada ou apparece por effeito de cultura, e a época da floração.

O sr. Moller fez acompanhar o artigo relativo a cada especie da indicação das respectivas virtudes therapeuticas e de outras informações que interessam tambem ao pharmaceutico.

A. S. Machado.

trabalho foram entre outras, as seguintes: *Prodromus Florae Hispanicae* de M. Willkomm e J. Lange, *Flora Pharmaceutica de Hespanha e Portugal* de D. J. Texidor y Cos, *Flora lusitanica* de Brotero, *Flora pharmaceutica e alimentar portugueza* de J. J. de Figueiredo, *Medical and Oeconomical botany* de J. Lindley, *Pharmacopêa portugueza*, 1876, *Formulario ou Guia Medica* de Chernoviz, *Compendio de Materia medica e de Therapeutica* de Beirão etc.

As abreviaturas querem dizer: *Hab.* habita, *P. u.* parte usada, *Emp.* emprega-se, *Flor.* floresce.

Coimbra, janeiro 1878.

THALLOPHYTA

PROTOPHYTA

Algae

Nostochinae. Agardh

Nostoc commune. Vauch.

(N. Paracelsi. Goeffr; Tremella terrestris. Dilliw; T. Nostoc. L.)

Flor da terra; Saliva das estrelas.

Hab. nos terrenos humidos em quasi todo o reino, durante o outomno e inverno.

P. u. toda a planta.

Emp. Applicava-se outr'ora nas queimaduras e na sarna.

Pouco usada.

Confervaceae. Endl

Rhizoclonium rivulare. Kg.

(*Conferva rivularis.* L.)

Limos.

Hab. nas aguas estagnadas e nos remansos dos rios e ribeiros, em todas as estações.

P. u. toda a planta.

Plinio aconselhou-a nas contusões: Murray na tísica e asthma. Em algumas localidades de Hespanha, o povo emprega os limos contra as queimaduras. Pouco usado.

Griffithsia corallina. Ag.

(*Conferva corallina*. Lightf; *C. coralloides*. L.)

Hab. no Tejo, Sado e em alguns pontos da nossa costa.

P. u. toda a planta.

Na China e Japão, usam-se umas pastilhas, confeccionadas com o infuso concentrado d'esta planta, que se empregam como analepticas e refrigerantes. Pouco usado.

Ulveaceae. Agardh

Ulva lactuca. L.

Ovas do mar.

Hab. a nossa costa maritima.

P. u. toda a planta.

Emp. como refrigerante e calmante em varios povos do norte, e para se extrahir o iodo. Pouco usada.

Ulva lactissima. Kg.

Alface marinha.

Hab. nos mesmos sitios que a especie antecedente.

P. u. toda a planta.

Emp. unicamente para se lhe extrahir o iodo.

Phycoseris Linza. Kg.

(*Ulva Linza*.) e

Porphyra laciniata. Ag.

(*Ulva umbilicalis*. L.)

Tudo o que diz respeito á especie antecedente.

Floridaceae. Lamour

Corallina officinalis. L.

Coralina.

Hab. a nossa costa maritima.

P. u. toda a planta.

Emp. como anthelmintica ¹.

Aspidium helminthochorton. Kg.

(*Sphaerococcus Helminthochorton*. Ag.; *Helminthochorton officinale*. Lk.; *Fucus helminthochortos*. Turner.; *Gigartina helminthochorton*. Lamour.)

Musgo de Corsega ².

¹ Dioscórides recommenda-a contra a gotta e congestões sanguíneas.

² Impropriamente chamado musgo, visto ser uma alga

Hab. a nossa costa marítima.

P. u. toda a planta.

Emp. como vermífuga.

Chondrus crispus. Lyngb.

(*Ch. polymorphus*. Lamour.; *Sphaerococcus crispus*. Ag.

Fucus crispus. L.)

Carragahen, musgo branco, musgo de Irlanda, musgo marinho perlado.

Hab. a nossa costa marítima. Abunda muito nos mares do norte da Europa.

P. u. toda a planta.

Emp. como tónico analeptico e peitoral.

Fucaceae. Laminaria

Laminaria saccharina. Lamour.

(*Fucus saccharinus*. L.)

Budella saccharina.

Hab. no Tejo e na nossa costa marítima.

P. u. toda a planta.

Emp. para se lhe extrahir o iodo, assucar, e uma geleia chamada ityocola do Japão.

Fucus vesiculosus. L.

Budella ou carvalho marinho.

Hab. na nossa costa marítima, bem como algumas das suas variedades.

P. u. toda a planta.

Emp. como antiscrophuloso. Pouco usado¹.

Lichenes

Hymenothalami. Fries

Cladonia pyxidata. Fries.

(*Cenomyce pyxidata*. Ach.; *Lichen pyxidatus*. L.)

Musgo copinho de tuberculos fuscus.

¹ Podiamos mencionar outras espécies de algas que outr'ora foram empregadas na medicina, como antiscrophulosas, vermífugas e mucilaginosas, mas como a maior parte hoje não são usadas na pratica, entendemos não as mencionar aqui. D'um grande numero d'estas plantas se extrah o iodo.

Hab. nas proximidades de Coimbra, Porto e em quasi toda a parte septemtrional do paiz.

P. u. toda a planta.

Emp. contra a coqueluche e tosse convulsa ¹. Pouco usado.

Cladonia rangiferina. Hoffm.

(*Cenomyse rangiferina*. Ach.; *Lichen rangiferinus*. L.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

P. u. toda a planta.

Emp. como analeptico ². Pouco usada.

Lecanora parella. Ach.

(*Verrucaria parella*. Hoffm.; *Lichen parellus*. L.)

Orzelha ou Orzella da terra, ou dos montes.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Aveiro, Mafra, Cintra e em muitos outros pontos do paiz.

P. u. toda a planta.

Emp. como os seus congeneres. Pouco usada.

Physcia parietina. Nyl.

(*Lomaria parietina*. Hoffm.; *Parmelia parietina*. Ach.; *Lichen parietinus*. L.)

Hab. em quasi todo o paiz.

P. u. toda a planta.

Emp. como febrifugo e tonico analeptico. Pouco usado.

Sticta pulmonaria. Sehaer.

(*Lichen pulmonarius*. L.)

Pulmonaria das arvores ou dos carvalhos.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em quasi toda a parte septemtrional do paiz.

P. u. toda a planta.

Emp. contra a hemoptysia. Pouco usada.

Peltigera canina. Fries.

(*Lichen caninus*. L.)

Musgo dos cães damnados, musgo canino, figadella.

¹ O dr. J. J. de Figueiredo reputa esta planta tão util como o musgo islandico. O dr. Beirão diz que as suas virtudes analepticas e tonicas já eram conhecidas por Murray.

² *Materia medica* de J. Pereira, tomo II, pag. 918.

Hab. nas proximidades de Coimbra, Cintra, Mafra, Porto e em outros pontos do paiz.

P. u. toda a planta.

Emp. contra a hydrophobia¹. Pouco usado.

Cetraria islandica. Schaer.

(Lichen islandicus. L.)

Musgo islandico.

Hab. na serra da Louzã nos pontos mais elevados onde é pouco frequente. Nas visinhanças de Mafra foi encontrada pelo sr. E. da Veiga.

P. u. toda a planta.

Emp. como tonico, em quanto contém a substancia amarga; como emolliente e analeptico, se está d'ella privada pela maceração.

Rocella tinctoria. Ach.

(Lichen Rocella. L.)

Orzella, orzella das ilhas, urcella.

Hab. sobre as rochas das Berlengas, e foi encontrada nas proximidades de Mafra pelo sr. E. da Veiga.

P. u. toda a planta.

Emp. como peitoral². Pouco usada.

Evernia prunastri. D. C.

(Ramalina prunastri. Cheval.; Lichen prunastri. L.)

Musgo das amexieiras. Orzella do reino.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Porto, Braga e em outros pontos do paiz.

P. u. toda a planta.

Emp. como adstringente. Pouco usado.

HYSTEROPHYTA

Fungi

Gasteromycetes. Fries.

Claviceps purpurea. Tub.

¹ Texidor y Cos—*Flora Pharmaceutica*. A pharmacopéa britannica prescreve o pó d'este lichen com o nome de «*Pó anty-lyssico*.»

² Na Ilha de S. Mauricio preparam com esta planta uns caldos peitoraes. Na eschola de Medicina de Dublin recommendam o infuso com este linchen para debellar certas tosses.

(*Sclerotium clavus*. D. C.; *Spermoedia clavus*. Fries.)

Cravagem de centeio, esporão de centeio, carvão de centeio.

Hab. no paiz, desenvolvendo-se entre as valvulas e no logar da semente do centeio¹. Este cogumello passa por tres metamorphoses: 1.^a spacelia; 2.^a esporão; 3.^a claviceps. É no segundo d'estes estados que elle é aproveitado na medicina.

P. u. toda a planta.

Emp. para despertar as contracções uterinas, no caso de inercia do utero, e sustar as hemorragias d'este orgão.

Bovista gigantea. Nees.

(*Lycoperdon Bovista*. Bull.)

Fungam, buffa de lobo, licoperdo bovino.

Hab. em quasi todo o paiz, e particularmente na nossa provincia da Extremadura.

P. u. os esporos.

Emp. como ligeiro adstringente nas hemorragias dos pequenos vasos. Na medicina homeopathica usam d'esta planta para obter a tintura mãe.

Hymenomyces. Fries.

Polyporus fomentarius. Fries.

(*Boletus unguatus*. Bull. *B. fomentarius*. L.)

Agarico dos carvalhos, boleto da isca, boleto da isca de coiro.

Hab. sobre o tronco de algumas cupulíferas.

P. u. toda a planta.

Emp. para vedar hemorragias dos pequenos vasos². Pouco usado.

Polyporus igniarius. Fries.

(*Boletus obtusus*. D. C. *B. igniarius*. L.)

¹ Este parasita tambem apparece ás vezes no trigo e em outras gramineas.

² Humedecendo este cogumello n'uma solução de perchlorureto de ferro a 30° cent. obtem-se a isca hemostatica, e impregnando-o de nitrato de potassa serve para acender fogo.

Agarico dos cirurgiões; isca de coiro.

Hab. sobre os troncos das arvores em quasi todo o paiz.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

Agaricus campestris. L.¹.

Cogumello das iguarias.

Hab. em Coimbra e em muitos outros pontos do paiz, no outomno.

Emp. como planta alimenticia por ter grande quantidade de materias azotadas².

CORMOPHYTA

ACROBRYA

*Acrobrya anophyta*¹

Hepaticae

Marchantiaceae. Endl.

Marchantia polymorpha. L.

Hepatica das fontes ou dos charcos, marchanda.³

Hab. nas proximidades de Coimbra e em toda a parte septemtrional do paiz.

P. u. toda a planta.

Emp. na veterinaria para accelerar a cicatrisação das ulceras. Pouco usada.

Conocephalus conicus. Dmrt.

(*Marchantia conica*. L.; *Fogatella officinalis*. Raddi.)

Hepatica fontana, lichen estrellado.

Hab. nas proximidades de Coimbra, na Ribeira de Cose-lhas e na fonte do Gato, assim como na Beira Alta e em muitos outros pontos do paiz.

Tudo o que diz respeito á especie antecedente.

¹ Variedades: *pratensis*. Vitt.; *silvicola*. Vill.; *hortensis*. Auct.; *vaporarius*. Otto.; *rufescens*. Berk.

² Poderíamos mencionar algumas outras especies de cogumellos, a que se lhe tem attribuido uso medico, mas como são muito pouco empregados, pareceu-nos não os dever referir aqui.

³ Nas Antilhas empregam as hepaticas contra as doenças de figado.

Musci

Bryaceae. Endl.*Polytrichum commune. L.*

Polytrico, polytricho de oiro, avenca de oiro.

Hab. nas nossas provincias do norte; floresce no outomno e inverno.

P. u. toda a planta.

Emp. contra a calvicie, como diuretico e litonriptico.

Pouco usado.

(Instituto de Coimbra)

(Continúa)

VARIEDADES

Alexandre Herculano. — A proposito da nossa subscrição para o monumento que vae ser erigido a este eminente escriptor, vem publicada no n.º 5:490 do *Diario de Noticias*, uma local, com palavras de justo encomio para a sociedade, cuja leitura deve ser agradavel a todos os socios, e por isso tomamos a liberdade de a transcrever.

É a seguinte:

A sociedade pharmaceutica lusitana, uma das mais antigas e das mais uteis sociedades scientificas de Portugal, deliberou, sem previo convite, promover entre os seus socios uma subscrição para o monumento do grande historiador Alexandre Herculano. Salvo erro, até agora só duas corporações scientificas se tem associado á patriotica idéa da grande commissão. O que a sociedade pharmaceutica offerece não é muito, porque a subscrição montou apenas a sessenta mil réis; mas representa a homenagem espontanea dos pharmaceuticos portuguezes a uma das maiores glorias da patria; nem era de esperar que attingisse uma elevada somma, porque ainda ha pouco aquella sociedade figurou briosamente nas festas do tricentenario de Camões; e concorreu para o busto do eximio botanico portuguez Felix de Avellar Brotero, e para a trasladação dos ossos do

grande e desventurado Vieira da Silva, ao qual em breve as associações de Lisboa vão vingar do esquecimento a que tantos amigos das mesmas têm sido condemnados, com uma solemnidade, que ha de ser digna do finado presidente do centro promotor e das corporações que a promovem.

Ourinas sem glucose desviando á direita.

—Borntranger observou duas ourinas não assucaradas, desviando á direita o plano de polarisação. A rotação, variando de $+0,4$ a $+0,6$, desaparecia em seguida ao emprego do acetato de chumbo e não era devida á presença de glucose. Estas ourinas provinham de dois morphophagos, deshabituaados pelo tratamento. Elles haviam absorvido a sua ultima dose de morphina, um tres dias, e outro oito dias antes da observação. Vê-se por isso, que os resultados do exame optico podem algumas vezes ser inquinados de erro em diversas circumstancias.

(Archiv der Pharmacie)

Modo facil de distinguir os tecidos vegetaes (algodão, canhamo, linho, etc.) dos fios animaes (lã, seda, etc.).

—Consiste em cortar, no tecido que se pretende ensaiar, um pedaço quadrado de 3 ou 4 centimetros, tirar-lhe todos os fios pelo meio (os da urdidura) e todos os mais em comprimento; pegar em um, depois em outro e queimal-os á luz. Os fios de origem vegetal ardem com chamma viva, sem deixar residuo, e produz o cheiro de linho queimado; os fios de origem animal ardem com difficuldade, e o carvão esponjoso, que se forma, desinvolve o cheiro caracteristico de chavelho queimado. É facil, por tanto, contar os fios de uma, e de outra origem.

Os fios animaes, aquecidos com soluto de potassa ou de soda (5 partes de alcali para 100 partes de agua), dissolvem-se; e os fios vegetaes, pelo contrario, são insolúveis.

Processo de desinsecção dos retretes—

O melhor e o mais simples meio de desinsecção é o chlo-

reto ou o sulfato de zinco; solvendo 500 grammas de uma d'estas substancias em duas celhas de agua quente e deitar este soluto nos sitios que se pretende desinfectar. Tambem se pode empregar o sulfato de ferro, mas não é tão efficaz, com quanto menos dispendioso que o chloreto ou o sulfato de zinco.

Verniz para os moveis.—Gomma arabica solvida em agua e sandaraca solvida em alcool quente, de cada um, partes iguaes; ajunte assucar candi e uma clara de ovo, mexendo bem esta mistura, e applica-se uma camada sôbre o objecto para envernizar.

Meio de tornar o calçado impermeavel á humidade.—Derreta-se em vasilha de barro vidrado, posta sôbre o lume brando, uma quantidade qualquer de bom alcatrão; ajunta-se pequena porção de gomma elastica, cortada em laminas muito delgadas e primeiramente amollecida sôbre o vapor de agua quente, e agita-se a mistura com espatula de madeira para facilitar a solução da gomma. Applica-se este composto com pequeno pincel sôbre a primeira sola do calçado, tendo-o proximo do calor, depois sôbre a costura, deixando-lhe pequeno espaço não recoberto em toda a extensão do debrum e, finalmente, em toda a superficie, repetindo-se esta operação até que a camada haja adquirido a espessura de duas cartas de jogar e ponha-se a secçar.

Meio de conservar o peixe.—O sr. Stanislas Martin emprega miolo de pão, convenientemente impregnado de espirito de vinho, e faz pasta molle; enche com esta pasta as guelas e a bôcca dos peixes que se deseja conservar, e depois são collocados em uma camada de urtigas recentes, cercada de palha, a qual será humedecida, de tempos a tempos, com agua bem fresca.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 8 DE MARÇO DE 1881

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (Silva Machado) leu a seguinte**Correspondencia**

Officios:—1.º Do sr. José Gomes de Mattos, segundo secretario, declarando que não pode comparecer á sessão.—Inteirada.

2.º Do sr. José Gabriel de Sousa e Silva, declarando que não pode comparecer á sessão por ter estado bastante doente e achar-se ainda convalescente.—Inteirada.

3.º Do sr. Francisco Mendes Bagorro Junior, de Lisboa, participando o fallecimento de seu irmão, nosso socio effectivo, o sr. Eloy Mendes Bagorro.—Recbido com bastante sentimento.

4.º Do sr. Torquato de Magalhães, de Fão, participando o fallecimento do socio correspondente o sr. Manuel Lopes Pereira.—Inteirada.

5.º Do sr. Duarte Pereira Dias Ribeiro, de Vianna do Castello, despedindo-se de socio.—Que se officie pedindo-lhe que desista da sua resolução.

6.º Do sr. Lino Alberto Santa Clara, de Paião, sobre negocios da thesouraria.—Inteirada.

7.º Do mesmo senhor sobre negocios da thesouraria e pedindo para se lhe suspender a remessa dos jornaes.—Que se officie pedindo que desista do proposito de abandonar a sociedade.

8.º Do sr. João Pedro de Pina, de Portalegre, despedindo-se de socio.—Que se officie no mesmo sentido do antecedente.

9.º Do sr. João José Pereira Leal, de Pico de Regalados, pedindo para ser admittido socio.—Inteirada.

10.º Do sr. Manuel Lopes Affonso Ferreira, de Vianna, pedindo para ser admittido socio.—Inteirada.

11.º Do sr. Daniel Filippe dos Santos, de Campo Maior, sobre negocios da thesouraria.—Inteirada.

12.º Do sr. José de Mattos Casaca, de S. Braz de Alportel, item.—Inteirada.

13.º Do sr. Sebastião Timotheo da Trindade, de Alpalhão, item.—Inteirada.

14.º Do sr. Frederico A. Leite, de Mirandella, item.—Inteirada.

15.º Do sr. Miguel José de Sousa Ferreira, nosso delegado no Porto, item.—Inteirada.

16.º Do mesmo senhor, item.—Inteirada.

17.º Do sr. Francisco Porfirio Albano Gonçalves, de Salvaterra de Magos, item.—Inteirada.

18.º Do sr. Emilio Augusto de Faria Estacio, de Belem, enviando a descripção de um processo seu para analyse dos halogeneos Cl, Br. e I, e pedindo para ser publicado no jornal da sociedade.—Que seja publicado.

19.º Do sr. Julio Carlos Gonçalves de Sousa, participando ter transferido a sua pharmacia para a Vinha da Rainha.—Inteirada.

20.º Da Procuradoria Regia, para uma analyse toxicologica.—Inteirada.

21.º—Da mesma proveniencia para identico fim.—Inteirada.

22.º Do sr. João Rodrigues de Noronha, de Azambuja, accusando a falta dos jornaes de setembro e outubro.—Que lhe sejam enviados.

23.º Do sr. José Alberto Marques Silva, de Lagôa, pedindo para lhe serem enviados os jornaes para esta localidade.—Inteirada.

24.º Da Pharmaceutical Society of Great Britain, pedindo informações das sociedades de pharmacia existentes em

Portugal, e os nomes e moradas dos srs. presidentes; assim como os nomes e moradas de quaesquer pessoas interessadas no progresso da pharmacia. — Que se satisfaça enviando a indicação da Sociedade pharmaceutica lusitana e Centro pharmaceutico portuguez e os respectivos presidentes, e a lista dos pharmaceuticos que são benemeritos da sociedade.

Propostas

O sr. *primeiro secretario* Alfredo Machado apresentou tres propostas para socios correspondentes.

Teve segunda leitura uma proposta do sr. José Joaquim Alves Azevedo para socio correspondente, sendo approvada por unanimidade, e em seguida proclamado socio correspondente o sr. João Maria Corrêa Barbosa, pharmaceutico em Odemira.

O sr. *presidente* informou a sociedade sobre o estado de saude do sr. José Dionysio Corrêa, cujo melindroso estado de saude tem merecido da sociedade a maxima solicitude.

Disse ter ido a mesa felicitar o ex.^{mo} sr. Lapa, pela sua elevação ao pariato, recebendo aquella inequivocas provas de estima e consideração.

Alludiu aos trabalhos empregados para conseguir do governo a approvação do projecto apresentado ás côrtes pelo sr. dr. Joaquim José Alves, sentindo ter que dizer á sociedade não lhe parecer esta a melhor occasião para novas tentativas, pois que a feição actual dos homens de estado, envolvidos em grandes questões politicas, não lhe parecia inclinada aos desejos da sociedade.

Pediram a palavra os srs. *Tedeschi* e *dr. Alves*, mostrando o seu pesar por não haver a mesa transacta como a presente procedido á representação da sociedade.

Que nunca julgaram demasiados todos quaesquer esforços tendentes ao conseguimento da approvação do projecto.

Disse mais o sr. *Tedeschi* que era de urgentissima necessidade dirigir-se a sociedade ás tres escholas medicas, onde

actualmente se discute a reforma de instrucção superior, manifestando o desejo da approvação do projecto do sr. dr. Alves, relativamente á pharmacia.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão dando para ordem do dia da seguinte—propostas e segundas leituras. Eram nove horas e meia da noite.—Pelo segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

CHIMICA

Novos alcaloides

Jaborina.—É este o nome dado por M. Hardy a um alcaloide por elle encontrado, depois de repetidas experiencias, nas aguas mães da preparação da pilocarpina.

Para obter a *jaborina* tem sido postos em pratica dois processos:

1.º O soluto alcoolico das aguas mães, acidulado pelo acido chlorhydrico é precipitado fraccionadamente pelo bichloreto de platina (o chloroplatinato de jaborina é mais solavel que o de pilocarpina). O primeiro precipitado, que contém ordinariamente materias gordas, é uma massa insolavel em agua, que se despresas. O liquido separado d'este primeiro precipitado é filtrado e depois completamente precipitado pelo sal de platina. Filtra-se novamente; depois do que, o liquido alcoolico filtrado, abandonado ao repouso, deposita ainda uma pequena quantidade de sal de jaborina.

Estes dois ultimos precipitados são esgotados por agua fervente, e o liquido, depois de filtrado, é concentrado no vacuo, sobre acido sulfurico. O chloroplatinato de jaborina é um pó de côr amarella brilhante ou uma massa amorpha vermelho-escura. Lavagens prolongadas com alcool roubam a este deposito uma pequena quantidade de materia corante. Decompondo o sal de platina obtem-se a *jaborina* em massa amorpha amarella.

2.º A materia bruta dissolve-se em agua addicionada de

acido chlorhydrico; ao liquido filtrado junta-se bi-chloreto de mercurio até que se produza um precipitado de aspecto leitoso. Por uma agitação demorada, seguida de filtração, obtem-se um liquido amarellado que, depois de submettido á acção do hydrogenio sulfurado para o desembaraçar do mercurio que contém, se concentra, se addiciona de soda caustica, e finalmente se agita com ether. O soluto ethereo deixa, depois de evaporado, *jaborina* amorpha incolor.

A *jaborina* tem uma composição approximada da pilocarpina, e pode ser produzida pela simples concentração de um soluto acido d'este alcaloide.

(*Pharmaceutical Journal.*)

Rotoina e *Scopoleina*.—Assim se denominam dois alcaloides extrahidos da raiz de belladona do Japão (*Scopolia Japonica*) pelo chimico M. A. Langgard.

A *rotoina* tem sido obtida em diminuta quantidade; passa em dissolução no chloroformio quando se agita o seu soluto acido com este liquido. É crystallisavel, dá saes tambem crystallisaveis, e os seus solutos dilatam a pupilla.

A *scopoleina* é muito mais abundante; passa no chloroformio quando se agita um dos seus solutos alcalinos com este liquido. Não se tem podido obter senão amorpha; é pouco soluvel em agua simples, muito soluvel em agua acidulada, em chloroformio e em alcool. A sua acção physiologica parece ser igual á da atropina. O hydrato de soda, o carbonato de soda e de ammoniaco separam o *scopoleina* de seus solutos ligeiramente acidos, sob a forma de precipitado branco caseoso soluvel em um excesso de reagente. O iodeto de potassio iodado produz precipitado escuro, e o acido phosphomolybdico precipitado branco. O acido tannico precipita os solutos acidos, neutros e alcalinos. Posta em ebullicão n'um soluto de alcali, a *scopoleina* desdobra-se em uma nova base e n'um acido que se póde extrahir com o auxilio de ether e obter em estado

liquido oleoso, quasi insolúvel a frio. A *scopoleina* dilata a pupilla; aproxima-se muito da atropina, como tambem da hyosciamina, da daturina e da duboisina.

Tratando pelo alcool amylico o residuo da extracção da *rotoina* e *scopoleina*, poudo o auctor isolar um terceiro alcaloide muito parecido com a solanina.

(Archiv der Pharmacie.)

A. S. MACHADO.

Tabella indicando os graus de Baumé em que convem parar a evaporação dos solutos dos principaes saes, para a sua boa crystallisação.

PELOS SRS E. FINOT E A. BERTRAND

Saes	Grãos de Baumé, a quente	Saes	Grãos de Baumé, a quente
Acetato de ammoniaco.....	14	Baryta hydratada.....	12
Acetato de chumbo.....	42	Benzoato de ammoniaco.....	5
Acetato de cobre.....	3	Benzoato de cal.....	2
Acetato de manganex.....	26	Borax.....	24
Acetato de nickel.....	30	Brometo de ammonio.....	30
Acetato de soda.....	22	Brometo de cadmio.....	63
Acetato de zinco.....	20	Brometo de potassio.....	40
Acido borico.....	6	Brometo de sodio.....	53
Acido oxalico.....	12	Brometo de stroncio.....	50
Acido tartrico.....	33	Carbonato de soda.....	28
Alumen de ammoniaco.....	20	Chlorato de baryta.....	40
Alumen de potassa.....	20	Chlorato de potassa.....	22
Arseniato de ammoniaco.....	50	Chlorato de soda.....	43
Arseniato de potassa.....	36	Chlorato de stronciana.....	63
Arseniato de soda.....	36	Chloreto de ammonio.....	12
Azotato de ammoniaco.....	29	Chloreto de baryo.....	33
Azotato de baryta.....	18	Chloreto de calcio.....	40
Azotato de bismutho.....	70	Chloreto de cobalto.....	41
Azotato de cal.....	53	Chloreto de cobre.....	45
Azotato de chumbo.....	50	Chloreto (proto) de estanho.....	75
Azotato de cobalto.....	50	Chloreto de magnesio.....	33
Azotato de cobre.....	53	Chloreto de manganex.....	47
Azotato de magnesia.....	45	Chloreto de nickel.....	50
Azotato de potassa.....	28	Chloreto de potassio.....	25
Azotato de soda.....	40	Chloreto de stroncio.....	34
Azotato de stronciana.....	40	Chloreto de zinco ammoniacal.....	43
Azotato de zinco.....	55	Chromato (bi) de ammoniaco.....	28

Saes	Grãos de Baumé, a quente	Saes	Grãos de Baumé, a quente
Chromato de potassa.	38	Per-manganato de potassa	25
Chromato de soda.	43	Phosphato de ammoniaco.	35
Citrato de potassa.	36	Phosphato de soda.	20
Citrato de soda.	36	Phosphato de soda e de ammo- niaco.	17
Cyaneto de mercurio.	20	Pyrophosphato de soda.	18
Cyano-ferreto de potassio	38	Sulfato de alumina.	25
Ethylsulfato de baryta.	43	Sulfato de ammoniaco.	28
Ethylsulfato de cal.	36	Sulfato de cobalto.	40
Ethylsulfato de soda.	37	Sulfato de cobre.	30
Formiato de baryta.	32	Sulfato de cobre ammoniacal.	33
Formiato de soda {estio.	30	Sulfato de ferro.	31
{inverno.	25	Sulfato de magnesia.	40
Hypo-sulfato de baryta.	24	Sulfato de manganez.	44
Hypo-sulfato de soda.	24	Sulfato de nickel.	40
Hypo-sulfito de ammoniaco.	37	Sulfato de nickel ammoniacal.	18
Hypo-sulfito de cal.	41	Sulfato de potassa.	15
Hypo-sulfito de magnesia.	40	Sulfato (bi) de potassa.	35
Hypo-sulfito de soda.	40	Sulfato de soda.	30
Iodato de potassa.	17	Sulfato de zinco.	45
Lactato de cal.	8	Sulfito de soda.	25
Lactato de magnesia.	6	Sulfocyanato de ammoniaco.	18
Lactato de manganez.	8	Sulfocyanato de potassa.	35
Mannita {no estio.	8	Tartrato de ammoniaco.	25
{no inverno.	7	Tartrato de ferro.	40
Oxalato de ammoniaco.	5	Tartrato neutro de potassa.	48
Oxalato de peroxido de ferro e de ammoniaco.	30	Tartrato de potassa e de soda.	36
Oxalato de potassa.	30	Tungstato de soda.	45

A. S. M.

Centro de Documentação Farmacêutica

TOXICOLOGIA

da Ordem dos Farmacêuticos

**Methodos analyticos para se reconhecer a
existencia de varios toxicos nos envene-
namentos.**

(Continuado de pag. 95)

Acido sulphydrico

Segundo o sr. dr. Rabuteau, o acido sulphydrico é um dos
gazes mais perigosos; os animaes entoxicados por este aci-
do putrificam-se rapidamente; na autopsia, feita immidia-

tamente ou mais tarde, sente-se o cheiro de hydrogenio sulfurado mais ou menos pronunciado.

Nas fossas ou nas latrinas, a sua atmospheria contém quantidades variaveis de acido sulfhydrico e de sulfhydrato de ammonia, grandes proporções de azoto, carbonato de ammonia e acido carbonico livre; no primeiro caso diffunde-se o cheiro sulfurado (*mephitismo sulfurado*), no segundo, o cheiro nauseabundo mais ou menos ammoniacal (*mephitismo azotado*); o oxygenio encontra-se então em diminuta quantidade.

O mephitismo sulfurado tem o cheiro de ovo pôdre e ennegrece o papel impregnado de acetato de chumbo; produz na chamma de vela a aureola azulada; o chloro destroe-lhe o cheiro, isola-lhe o enxôfre e produz vapores brancos devidos ao sulfhydrato de ammonia.

O mephitismo azotado tem o cheiro das materias feaes ou das ammoniacae; provém directamente da decomposição das materias organicas azotadas, ou do resultado da acção do ar sôbre o mephitismo sulfurado ou do sulfhydrato de ammonia e do acido sulfhydrico oxydados, de maneira que o azoto prevalece na mistura e acha-se compôsto de 88 a 94 partes de azoto, de 2 a 4 partes de acido carbonico ou de carbonatos ammoniacae.

A asphyxia pelo mephitismo das fossas ou das latrinas, provém principalmente quando são abertas ou se rompe a *crosta*, quando se agita as materias solidas e são deitadas nas vasilhas respectivas. Tem-se observado a muitos operarios demorarem-se, sem inconveniente, em uma fossa aberta para ser concertada e cairem como fulminados, quando separam os rebocos das paredes ou levantam as lages.

O processo de analyse, geralmente seguido, para determinar o acido sulfhydrico, é o adoptado por Fresenius e já indicado quando tratámos dos sulfuretos alcalinos.

Acido sulfurico

Acêrca do envenenamento pelo acido sulfurico, o sr. dr.

Rabuteau diz: que é, algumas vezes, accidental, raramente criminal e repetidas vezes suicida. Este ultimo modo de entoxicação tem sido mais frequentemente na Allemanha que n'outros paizes.

As doses de acido sulfurico capazes de produzirem accidentes graves e mortaes dependem essencialmente do estado de concentração do toxico; a dose minima que tem causado a morte ás creanças é de 40 gotas; a dose de 4 grammas é considerada muito perigosa no adulto e capaz de produzir-lhe a morte, senão immediatamente mas no espaço de tempo mais ou menos alongado, pelos estragos que causa nas primeiras vias digestivas (o esophago e o estomago); a dose de 15 grammas é certa a morte no intervallo de algumas horas.

A ingestão d'este acido concentrado produz no paciente dores atrozes, não só na garganta, mas tambem no esophago e no estomago, acompanhadas de vomitos ordinariamente escuros avermelhados, que decompõem os carbonatos calcareos.

O acido sulfurico ingerido e que não tenha sido vertido pelos vomitos, pode ser transformado parcial ou totalmente em sulfatos, ou seja por effeito dos antidotos ou pelo contacto dos liquidos alcalinos contidos no organismo; e este ultimo resultado tem tido logar principalmente no cadaver, por causa da embebição que se produz depois da morte. O mais frequente é encontrar-se o acido sulfurico no estado livre, tanto nos vomitos como nas materias submettidas á analyse, e o melhor meio é tratar estas materias e os órgãos pelo alcool, o qual misturando-se com o acido produzem acido sulfovinico, que não precipita os saes de baryta.

Tardieu e Roussin apresentaram o seguinte processo, fundado sobre a solubilidade do sulfato de quinina no alcool, com a exclusão de outros sulfatos. Faz-se digerir as materias em agua distillada, por espaço de algumas horas; filtra-se e, aos liquidos filtrados, addiciona-se quinina; se existir o acido sulfurico nos liquidos, forma-se o sulfato de

quinina; evapora-se a banho de agua até á consistencia de extracto semifluido, e trata-se o residuo pelo alcool absoluto, que solve o sulfato de quinina e não os sulfatos naturaes contidos no organismo; o soluto alcoolico será depois evaporado para depositar o sulfato de quinina. Este sal pode em seguida ser transformado em sulfato de baryta, cujo peso serve para determinar o do acido sulfurico livre encontrado nas materias submettidas á analyse.

Em quanto ao doseamento dos sulfatos, effectua-se facilmente incinerando-se as materias com azotado de potassa puro, depois de as haver reduzido ao estado completo de seccura; tratar pela agua distillada o residuo da incineração, filtrando-se em seguida e precipitando-se pelo chloreto de baryo.

Para se assegurar da presença do acido sulfurico, nas manchas encontradas muitas vezes no fato da victima, é tratá-las pela agua distillada e deitar n'esta, depois da lavagem, chloreto de baryo.

Chloreto antimonioso

O chloreto antimonioso é, segundo o sr. dr. Rabuteau, um caustico energico e muito doloroso; applicado sobre a epiderma ou as feridas, actua rapidamente e produz escaras brancas, molles, largas e profundas; os accidentes que este compôsto produz, depois de ingerido no tubo digestivo, são essencialmente effectos causticos.

Os casos de envenenamento pelo chloreto antimonioso são raros, pôsto que esta substancia seja empregada em medicina e nas artes, principalmente pelos armeiros que se servem para bronzear os canos das espingardas. Todavia, Pearson, Haughton, Banks e Mann têm descripto, cada um, casos de entoxicação por este compôsto. N'um d'estes casos, o envenenamento foi suicida; n'outros, resultado de inadvertencia.

Os symptomas observados fôram os que produzem os acidos mineraes, com especialidade o acido chlorhydrico.

No caso de envenenamento mortal, citado por Mann, o paciente havia ingerido, no intento de suicidar-se, 60 a 90 grammas de chloreto antimonioso, que lhe servia para bronzear as armas, a bocca, garganta, esophago e o estomago estavam amollecidos e mesmo carbonisados em certos pontos.

A pesquisa do veneno não apresenta difficuldade; pode ser encontrado no tubo digestivo já reduzido a oxychloreto de antimonio sob a forma de pó branco; a presença do antimonio e do acido chlorhydrico nos vomitos e no tubo digestivo deve ser determinada pelos processos já conhecidos.

Tartarato de potassa e de antimonio

O sr. dr. Rabuteau diz que o envenenamento por este compôsto é raramente criminal ou suicida; as doses que podem produzir accidentes graves e mortaes variam, não sómente á idade, senão também ao estado da pessoa; as doses de 5 a 10 centigrammas, solvidas em um ou dois copos de agua e tomadas por uma pessoa adulta e saudavel, o tartaro estibiado provoca, no fim de 5 a 15 minutos, nauseas e vomitos; tomado nas mesmas doses e solvido em grande quantidade de agua, em uma garrafa por exemplo, pode fazer vomitar sem duvida, mas produz primeiramente effeitos purgativos; finalmente, quando se tem cuidado de administrar doses fraccionadas e repetidas, consegue-se fazer tomar cada dia doses consideraveis, 50 centigrammas a 1 gramma, sem causar nem vomitos nem effeitos purgativos. Segundo o sr. Taylor, as doses de 10 a 12 centigrammas ingeridas de uma vez, por um adulto e com boa saude, são capazes de lhe produzir a morte.

É principalmente no figado que se deve procurar o toxico; segundo as experiencias de Danger e Flandin, este órgão parenchymatoso conterà cem vezes mais que as urinas depois de administrado o emetico; o baco e os rins retêm igualmente quantidades consideraveis; em quanto aos pul-

mões só se lhes encontrará vestígios, depois da entoxicação pelo tartarato de potassa e de antimonio.

Para effectuar-se esta analyse, é necessario primeiramente desembaraçar-se das materias organicas, no meio das quaes se encontra a substancia toxica, e empregar os processos indicados por Tardieu e Roussin. (Vide este jornal, tomo de 1875 pag. 206.)

(Continúa.)

J. D. CORRÊA.

HISTORIA NATURAL

Botânica

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 106)

ACROBRYA PROTOPHYTA

Calamariaceae

Equisetaceae. D. C.

Segundo Brotero encontram-se no paiz quatro especies de Equisetum, a saber: *E. fluviatile*. L.; *E. limosum*. L.; *E. arvense*. L.; *E. palustre*. L.

Vulgarmente são conhecidos pelos nomes de Cavallinha, rabo de cavallo, de mulla, de ovelha e equisetto.

As virtudes medicas d'estas plantas são tidas em pouca consideração. Outr'ora empregavam-se como estimulantes, astringentes, diureticas e emenagogas; tambem se usaram contra as hemorrhagias e corrimentos de diversa natureza.

Filicis

Polypodiaceae R. Br.

Ceterach officinarum. C. Bauh.

(*Asplenium Ceterach*. L.; *Grammitis Ceterach*. Sw.; *Scelopendrium Ceterach*. Sm.; *Gymnogramma Ceterach*. Spr.)

Doiradinha. Herva doirada.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio e outomno.

P. u. as frondes.

Emp. como peitoral, detersiva, diuretica e adstringente¹.

Polypodium vulgare. L.

(*Polypodium polymorphum*. Villers.)

Polypodio, feto doce.

Hab. nos arredores de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas².

Emp. como anthelmintico, outr'ora attribuia-se-lhe virtudes laxantes. Pouco usado.

Adiantum capillus-veneris. L.

Avença, avença, capillaria.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. as frondes.

Emp. como emolliente e peitoral.

Pteris aquilina. L.

Feto femea das boticas, feto ordinario.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmintico, podendo-se usar na falta do feto macho. Pouco usado.

Asplenium ruta-muraria. L.

Ruta muraria, paronychia de Mathiola, avença branca, ar-ruda dos muros.

Hab. na Beira meridional junto do Tejo, no Minho e Trás-os-Montes.

Flor. desde abril a outubro.

P. u. as frondes.

¹ Nas visinhanças de Coimbra o povo usa um xarope feito com as frondes d'esta planta para debelar a coqueluche.

² As frondes d'este feto, foram antigamente muito empregadas na medicina, hoje porém está quasi abandonado o seu uso.

Emp. como emenagoga e peitoral. Pouco usada.

Asplenium trichomanoides. Cav.

(*A. Trichomanes*. L.)

Avenção, Polytricho das boticas.

Hab. nas proximidades de Coimbra, assim como na parte septemtrional do paiz.

Flor. desde abril a setembro.

P. u. as frondes.

Emp. como emenagoga e peitoral¹. Pouco usado.

Asplenium adianthum nigrum. L.

Avenca negra.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em toda a Beira.

Flor. desde maio a setembro.

P. u. as frondes.

Emp. como peitoral e diuretico². Pouco usada.

Athyrium filix foemina. Rth.

(*Polypodium Filix foemina*. L.)

Feto femêa dos Italianos.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em quasi toda a parte septemtrional do paiz.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmentico. Pouco usado.

Scolopendrium officinali. Sm.

(*Sc. Lingua*. Cav.; *Sc. Phyllitis*. Rth.; *Asplenium Scolopendrium*. L.)

Lingua cervina, lingua de boi, escolopendrium.

Hab. nas proximidades de Coimbra, e na parte septemtrional do paiz.

Flor. desde maio a setembro.

P. u. as frondes.

¹ Texidor y Cos diz que este feto é empregado com frequencia na medicina e particularmente nos hospitaes, em Hespanha.

² Em Hespanha usam das frondes d'este feto em lugar da avenca, e no commercio vende-se repetidas vezes, como se fôra avenca do Canadá. *Adiantum pedatum*. L. (Texidor y Cos).

Emp. como peitoral e emolliente. Pouco usada.

Aspidium aculeatum. Koch.

(*Polypodium aculeatum*. L.; *Tectaria aculeata*. Cav.; *Nephrodium aculeatum*. Coss. et Germ.)

Hab. nas proximidades de Coimbra e nas provincias da Beira, Minho e Trás-os-Montes.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmintico. Pouco usado.

Polystichum Filix-mas. Rth.

(*Polypodium Filix-mas*. L.; *Nephrodium Filix-mas*. Coss. et. Germ.; *Aspidium Filix-mas*. Sw.)

Feto macho. Dentebrura.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em todas as nossas provincias septentrionaes.

Flor. desde maio a setembro.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmintico de reconhecida efficacia.

Polystichum cristatum. Rth.

(*Polypodium cristatum*. L.; *Tectaria cristata*. Cav.; *Polystichum Callipteris*. D. C.; *Nephrodium Callipteris*. Coss. et Germ.)

Hab. em alguns pontos do nosso paiz (Welw.)

Flor. em julho e agosto.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmintico. Pouco usado.

Polystichum spinulosum. D. C.

(*Aspidium spinulosum*. Sw.; *Nephrodium spinulosum*. Desv.; *Polypodium cristatum*. Vill. non L.)

Hab. em alguns pontos do nosso paiz (Welw.)

Flor. desde junho a setembro.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anthelmintico. Pouco usado.

Osmundaceae. Mart.

Osmunda Regalis. L.

Feto real.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz, com especialidade na Beira.

Flor. desde maio a setembro.

P. u. os rhizomas.

Emp. como diuretico. Pouco usado.

Selagines

Lycopodiaceae. D. C.

Lycopodium clavatum. L.

Lycopodio, pé de lobo.

Hab. em alguns pontos do paiz nos montes elevados (Vand.)

Flor. em agosto e setembro.

P. u. os esporos.

Emp. para polvilhar as excoriações e erythemas em adultos e crianças, assim como para envolver as pilulas.

ACROBRYA HYSTEROPHYTA

AMPHIBRYA

Glumaceae

Gramineae. Juss.

Oryza sativa. L.

Arroz.

Planta originaria da China e India oriental e muito cultivada em alguns pontos do nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. as sementes.

Emp. internamente na diarrheia catarrhal; externamente em cataplasmas, que substituem com vantagem as de linhaça por não se alterarem facilmente com o calor das superficies do corpo a que se applicam. Usa-se ainda em pó para polvilhar as regiões affectadas de erysipela.

Zea mays. L.

Milho.

Planta indigena do Paraguoey e cultivada em Portugal.

Flor. no estio.

P. u. as sementes e os estyletes¹.

Emp. as sementes como emollientes e alimenticias². O povo attribue aos estyletes propriedades diureticas.

Arundo donax. L.

Canna.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. nos fins do estio e principios do outomno.

P. u. os rhizomas.

Emp. com depurativo e antileitoso. Pouco usada.

Phragmites communis. Trin.

(*Arundo phragmites*. L.)

Canico d'agua.

Hab. nas terras humidas junto ao Tejo e Mondego, entre Monte-mór-o-Velho e Lares, e em outros sitios do paiz.

Flor. em agosto e setembro.

P. u. os rhizomas.

Emp. como sudorifico e depurativo³. Pouco usado.

Cynodon dactylon. Pers.

(*Panicum dactylon*. L.; *Paspalum dactylon*. D. C.; *Dactylon officinale*. Vill.)

Grama das boticas, Gr. canina.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, assim como em todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como anti-phlogistico e diuretico.

Avena sativa. L.

Aveia.

Cultiva-se no paiz e com especialidade nas provincias septentrionaes⁴.

¹ Vulgarmente chamada a barba do milho.

² Nas visinhanças de Coimbra a medicina popular usa do xarope das sementes do milho para debellar a tosse.

³ Tem-se recommendado contra o rheumatismo, gotta e especialmente como antisiphilitico.

⁴ Segundo Brotero cultivam-se no paiz a *Avena agraria*, Brot. (Avea)

Flor. no principio do verão.

P. u. as sementes.

Emp. como emolliente¹.

Lolium temulentum. L.

Joio.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, assim como em todo o paiz.

Flor. desde maio a julho.

P. u. as sementes.

Emp. nos ataques violentos de rheumatismo das meninques². É planta toxica para o homem, e ainda é desconhecido o antidoto especial d'este veneno. Pouco usado.

Triticum vulgare. Vill.

(*T. aestivum* et *T. hibernum*. L.)

Trigo.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. 1.º a *farinha*: para polvilhar as partes erysipeladas e para fazer caldos analepticos.

2.º *farello* ou *semeas*: em cosimentos para clysteres e banhos.

3.º *gluten*: para fabricação do pão para os doentes que soffrem de diabetes.

4.º *amido*: nas erysipelas e em varias molestias de pelle, assim como em caldos, geléas, cataplasmas e clysteres.

5.º *dextrina*: como emolliente e mucilaginoso e para embeber as ligaduras no chamado aparelho amidonado.

Agropyrum repens. P. B.

Triticum repens. Lin.

Gramma das boticas de França.

—*A. agraria mutica*, Brot. (Avêa mocha.)—*A. agraria sesquialtera*, Brot. (Avêa ordinaria)—que nos parece não serem mais do que variedades da *Avena sativa*. L.

¹ Na Escocia preparam com as sementes de aveia uma bebida alcoolica muito estimada pelo povo da Gran-Bretanha, a que chamam *Whisky*.

² Vide *Toxicologia* do dr. Macedo Pinto, artigo *Lolium temulentum*.

Hab. na Beira septentrional, no Minho, Douro e Trazos-Montes.

Flor. em junho e julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. o mesmo que o da grama já mencionada. *Cynodon Dactylon*. (Pers.)

Secale cereale. L.

Centeio.

Planta originaria do Caucaso-Caspio, e cultivada em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. como alimenticia e emolliente.

Hordeum hexastichum. L.

Cevada.

Cultiva-se em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.

Emp. como emolliente, e, misturada com a grama, usa-se internamente nas phlegmasias e em varias molestias febris.

Hordeum distichum. L.

Cevada santa¹.

Planta indigena da Tartaria, e cultivada em alguns pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as sementes.²

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usada.

Cyperaceae. D. C.

Carex arenaria. L.

Salsa parrilha de Allemanha.

¹ O povo por muito tempo a considerou d'uma efficacia milagrosa em certas molestias, e deu-lhe por isso o nome de *Cevada santa*.

² As caryopses descorticadas e arredondadas constituem a *Cevadinha* ou *Cevada perlada* (Pharmacopêa Portugueza, 1876).

Hab. no littoral do Minho e no littoral proximo da cidade do Porto.

Flor. na primavera.

P. u. os rhizomas.

Emp. como depurativo. Pouco usada.

Scirpus holoschoenus. L.

(*Isolepis holoschoenus*. R. S.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. desde maio a julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. contra as dôres do ventre, hemorrhagias e diarrêas. Pouco usado.

Scirpus lacustris. L.

Bunho.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e na parte austral do paiz.

Flor. desde maio a julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

Cyperus longus. L.

Junça de cheiro ou albafor.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. nos fins na primavera e no estio.

P. u. os rhizomas.

Emp. como excitante, estomachico e emenagogo. Pouco usada.

(Instituto de Coimbra.)

(Continúa.)

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

VARIEDADES

Maneira de tirar das ostras as qualidades nocivas.—É necessario banhal-as, durante cinco a seis horas, em agua doce, renovada repetidas vezes; então ellas vomitam e rejeitam todas as materias que as inquinam. É tambem conveniente ajuntar, ao seu tempero, um pouco de vinagre.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 9 DE ABRIL DE 1881

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (Silva Machado) leu a seguinte**Correspondencia**Officios: 1.º Da *Pharmaceutical Society of Great Britain*.—Inteirada.

2.º Do sr. Francisco Antonio de Goes, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

3.º Do sr. José Gabriel de Sousa e Silva, participando que não podia comparecer á sessão.—Inteirada.

4.º Do sr. Pedro Franco a agradecer as felicitações que a sociedade lhe enviou.—Inteirada.

5.º Do sr. João Maria Corrêa Barbosa, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

6.º Do lente bibliothecario da escola polytechnica, annunciando uma remessa de livros vindos da Smithsonian Institution para a bibliotheca da sociedade.—Inteirada.

7.º Do sr. Francisco Antonio Goes, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

8.º Circular da Smithsonian Institution.—Inteirada.

9.º Circular da commissão que promove a subscrição para o monumento de Vieira da Silva.—A sociedade resolveu subscrever com 4\$500 réis.

O sr. *presidente* lembra a conveniencia de se estudar um meio de obter, por preço favoravel, uma casa para a sociedade estabelecer definitivamente a sua séde, evitando assim os inconvenientes a que se acha actualmente sujeita.

Fallam detidamente sobre o assumpto os srs. presidente, Tedeschi, Delicioso e Assumpção.

Foi offerecida á sociedade, pelo sr. dr. Sousa Martins, uma carta antiga de pharmaceutico, para a qual se mandou fazer uma moldura conveniente.

O sr. *presidente* dando conta á sociedade dos meios empregados pela Mesa para obter a reforma do ensino pharmaceutico, participou que se enviára uma representação á Universidade de Coimbra e ao conselho de cada uma das Escolas Medicas do paiz encarregadas de propôr ao governo a reforma do respectivo ensino.

Participou tambem que se dirigiram cartas pessoalmente a cada um dos membros dos conselhos, pedindo para que promovam tão necessaria e desejada reforma.

Ordem do dia

Leitura de proposta para socio honorario. — Á commissão de direito pharmaceutico.

Tiveram primeira leitura duas propostas para socios effectivos e uma para socio correspondente.

Tiveram segunda leitura tres propostas, sendo proclamados socios correspondentes os srs. João José Pereira Leal, de Pico de Regallados; Antonio Candido da Cruz, pharmaceutico do quadro da India; Manuel Lopes Affonso Ferreira, de Vianna.

Foi unanimemente approvedo o parecer da commissão de redacção relativo á publicação de annuncios na capa do jornal.

Por não haver mais de que tratar o sr. presidente encerrou a sessão. Eram dez horas da noite. — O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

SESSÃO DE 3 DE MAIO DE 1880

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (Silva Machado) leu a seguinte

Correspondencia

Offícios: — 1.º Do sr. Pereira Leal, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

2.º Do sr. Corrêa Barbosa, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

3.º Do sr. Adolpho Moller.—Inteirada.

4.º Do mesmo senhor.—Inteirada.

5.º Do collegio de pharmaceuticos de Madrid.—Inteirada.

6.º Do sr. João Diniz Simões, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

7.º Do sr. João Soares d'Oliveira, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

O sr. *presidente* agradeceu em nome da commissão promotora do monumento a Vieira da Silva, a quantia com que a Sociedade contribuiu.

O sr. *Pires* propoz que a mesa fosse visitar o sr. F. Ferreira que se acha gravemente doente.

Ordem do dia

Primeira leitura de proposta para socio honorario. — À commissão de direito pharmaceutico.

Primeira leitura de propostas para socios effectivos.

O sr. *Silva Machado* propoz: 1.º que a commissão de direito pharmaceutico seja convidada a elaborar um regulamento para uso da medalha; 2.º que se represente ao governador civil de Lisboa contra varios abusos que se praticam em detrimento dos legitimos interesses dos pharmaceuticos.

Tiveram primeira leitura os pareceres da commissão de pharmacia sobre os preparados do sr. Alves.

Foram eleitos e proclamados socios, effectivo :

O sr. Antonio Augusto d'Assumpção.

Correspondentes os srs. Acurcio Ramos de Carvalho e Manuel Fernandes Pessoa.

Por não haver mais de que tratar, o sr. presidente encerrou a sessão. Eram 10 horas da noite.—O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

PHARMACIA

Tabella synoptica para a diluição do alcool

PELO SR. G. PFERSDORFF

	100°	95°	92°	90°	86°	85°	80°	75°	70°	65°	60°	56°	55°	50°	45°	40°	35°	30°	25°	20°	15°*
95°..	917 83																				
92°	873 127	952 48																			
90°	850 150	926 74	973 27																		
86°	800 200	872 128	916 84	941 59																	
85°	790 210	861 139	904 96	929 71	987 13																
80°	730 270	796 204	836 164	858 142	912 8	924 76															
75°	673 327	733 267	770 230	791 209	841 159	851 149	921 79														
70°	620 380	676 324	710 290	729 271	775 225	784 216	849 141	921 79													
65°	560 440	610 390	641 359	658 342	700 300	708 292	767 233	832 168	903 97												
60°	510 490	556 444	584 416	600 400	637 363	670 330	698 302	737 243	823 178	910 96											
56°	470 530	512 488	538 462	552 448	587 413	594 406	643 357	701 299	758 242	839 161	921 79										
55°	460 540	501 499	526 474	541 459	575 425	582 418	630 370	683 317	741 259	821 179	901 99	978 22									
50°	415 583	452 548	475 525	488 512	518 482	525 475	568 432	616 384	669 331	741 259	813 187	883 117	902 98								
45°	380 620	414 586	435 565	447 553	475 525	481 519	520 480	564 436	612 388	778 322	745 255	808 192	826 174	915 85							
40°	335 665	365 635	383 617	394 606	418 582	424 576	458 542	497 503	540 460	598 402	656 344	712 288	728 272	807 193	881 119						
35°	290 710	316 684	332 668	341 659	362 638	366 634	397 603	430 570	467 553	517 483	569 431	617 383	630 370	698 302	763 237	865 135					
30°	255 745	278 722	292 708	300 700	316 682	322 678	349 651	378 622	411 589	457 543	500 500	563 437	554 446	614 386	671 329	762 239	879 121				
25°	225 775	245 755	257 743	264 736	281 719	284 716	308 692	334 666	362 638	401 599	441 559	478 522	489 511	542 468	592 408	671 329	775 225	882 118			
20°	185 815	201 799	211 789	217 783	231 769	234 766	253 747	274 726	298 702	330 670	362 638	393 607	402 598	445 555	486 514	552 448	637 363	725 275	822 178		
15°	150 850	163 837	171 829	176 824	187 813	189 811	205 795	222 778	241 759	267 733	294 706	319 681	326 674	361 639	394 606	447 553	517 483	588 412	666 334	810 190	
10°	110 890	119 881	126 874	129 871	137 863	139 861	150 850	163 837	177 823	196 804	215 785	234 766	239 761	265 735	289 711	328 672	379 621	431 569	488 512	594 406	733 267

* Grãos do alcool que se quer diluir.

.. Grãos a que se quer chegar pela diluição.

(Journ. de pharm. d'Alsace-Lorraine.)

M.

Banho estimulante tonico

(Jeannel)

Chlorhydrato de ammonia..... 2 kilogram.

Chloreto ferroso crystallizado.... 500 gram.

Agua de Colonia..... 100 »

Misture á agua do banho. Prescreve-se ás pessoas escrofulosas e chloro-anemicas. Oleo de bacalhau internamente, regimen fortalecente.

Clyster antidysenterico

(Palm)

Iodo..... 0,60 gram.

Iodeto de potassio..... 1,00 »

Agua distillada 60,00 »

Solva. Aconselhado contra a dysenteria. É necessario, algumas vezes, dar dois clysteres nas vinte e quatro horas e continuar o uso por mais dois ou tres dias. Para as creanças é sufficiente metade d'este soluto. Um dos principaes effeitos d'este clyster é fazer cessar promptamente o tenesmo.

Clyster contra a dysmenorrhéa

(Lisfranc)

Laudano de Sydenham.... 10 a 20 gotas

Camphora..... 15 a 30 centigram.

Decocto de althea..... 80 gram.

Gemma de ovo..... n.º 1

F. s. a. Administra-se quasi frio, na occasião de se deitar, para combater as dôres menstruaes. Fomentações quentes sôbre o ventre.

Collyrio antiescrofuloso

(Orosi)

Chloreto de baryo..... 0,50 gram.

Mucilagem de semente de marmelo. 2,00 »

Laudano de Sydenham.....	2,00	»
Agua distillada	30,00	»

F. s. a. Instilla-se algumas gotas, entre as palpebras das pessoas affectadas de ophthalmia escrofulosa. Prescreve-se igualmente o oleo de bacalhau, os preparados de quina e o regimen azotado.

Electuario adstringente

(Dr. Gallois)

Diascordio	15,00	gram.
Cato	10,00	»
Subazotato de bismutho	10,00	»
Opio em pó	0,50	»
Xarope de marmelo	q. b.	

F. s. a. Para ser dado em cinco dias, pouco mais ou menos, ás pessoas affectadas de colicas e diarrhéa. Bebidas pouco abundantes, comida principalmente composta de carne assada.

Gargarejo antiescorbutico

(Dr. Gallois)

Decocto de quina amarella.....	150	gram.
Tinctura de myrrha	8	»
Espirito de cochlearia.....	8	»
Xarope de amoras	40	»

Misture. É recommendado contra a gengivita escorbútica. Alimentação reconstituinte, insolação.

Gotas antidiarrheicas

(H. Green)

Tinctura de camphora	18	gram.
Tinctura de pimenta de Hespanha...	6	»
Espirito de alfazema composto	12	»
Tinctura de opio camphorada	12	»

Misture. Vinte a quarenta gotas, nas formas ligeiras de diarrhêa, e na diarrhêa premonitória do cholera. Desde que os primeiros symptomas da diarrhêa cholérica se manifestam, administra-se trinta a sessenta gotas todas as horas, e mesmo mais se as circumstancias o exigirem. Estas gotas são igualmente efficazes para impedir a irritação intestinal, á qual as creanças e os adultos são sujeitos durante os calôres, quando mudam de regimen ou bebem agua de inferior qualidade da que faziam uso.

Linimento saponaceo iodado

(Dr. Gallois)

Sabão bem secco	23 gram.
Iodeto de potassio	23 »
Glycerina.....	15 »
Essencia de limão.....	2 »
Agua distillada.....	150 »

F. s. a. Applica-se em fricções, contra as obstrucções ganglionnarias e escrofulosas.

Pilulas antiescrofulosas

(Thomson)

Oxydo ferrico.....	4,00 gram.
Extracto de cicuta.....	1,20 »

F. s. a. 24 pilulas. Uma a quatro por dia, para combater certos accidentes da escrofula e evitar a cachexia cancerosa.

Pilulas contra a dysmenorrhêa

(Dr. Gallois)

Castoreo em pó.....	4,00 gram.
Camphora em pó.....	0,60 »
Extracto de opio.....	0,30 »
Arrôbe de sabugueiro.....	q. b.

F. s. a. 12 pilulas. Administra-se duas de seis a seis horas, para fazer cessar as colicas da dysmenorrhœa. Cataplasmas quentes sôbre o ventre, infusos quentes e aromaticos.

Pilulas opiadas camphoradas

(Tully)

Opio em pó.....	3 gram.
Camphora em pó.....	1 »
Sabão medicinal.....	7 »

F. s. a. 60 pilulas, que contêm cada uma cinco centigrammas de opio. Esta massa pilular conserva por muito tempo a mesma consistencia, pode-se-lhe ajuntar adstringentes ou outra especie de medicamentos. Administra-se uma a tres pilulas na cystita aguda e na tosse espasmodica.

Poção antidiarrheica

(Dr. Gallois)

Agua de alface.....	80,00 gram.
Extracto de opio.....	0,05 »
Extracto de ratanhia.....	60,00 »
Xarope de marmelo.....	32,00 »

F. s. a. Para ser administrada ás colhéres de hora a hora. Se a diarrhéa é acompanhada de vomitos, prescreve-se o uso de agua de Seltz, adocada com xarope de marmelo; se as colicas são violentas, administra-se um quarto de clyster (125 gram.) amidonado e laudanisado e applica-se cataplasmas sôbre o ventre.

Poção antidysenterica

(Dr. Gallois)

Tinctura de cato.....	35 gram.
Laudano de Rousseau.....	4 »
Agua de canella.....	120 »
Xarope simples.....	25 »

Misture. Para ser tomada ás colhéres das de sopa depois da purgação, na dysenteria e na diarrhéa chronica acompanhada de evacuações abundantes.

Pomada bromo-iodada

(Dr. Gallois)

Brometo de potassio.....	2 gram.
Iodeto de ferro.....	2 »
Bromo.....	40 gotas
Banha preparada	30 gram.

F. s. a. Para untar, de manhã e de tarde, os tumores de origem escrofulosa.

Pomada resolutiva

(Guéneau de Mussy)

Carbonato de ammonia em pó.....	5 gram.
Camphora em pó	1 »
Banha preparada	30 »

F. s. a. Unções sôbre os gangliões cervicaes indolentes das pessoas escrofulosas. Tisana depurativa.

Soluto antiescrofuloso

(Augustin)

Chloreto de baryo	1 gram.
Perchloreto de ferro.....	1 »
Agua distillada	30 »

Solva. Administra-se 20 a 30 gotas, uma ou duas vezes por dia, nas affecções escrofulosas diversas e as doenças dos ossos. Regimen tonico.

Suppositorio contra a cystita

(Dr. Gallois)

Estearina	2,00 gram.
Oleo de cacáo	3,00 »
Extracto de belladona.....	0,20 »

F. s. a. um suppositorio. Aconselhado contra a cystita aguda. Pilulas opiadas e camphoradas internamente, cataplasmas emollientes sobre o ventre.

Vinho antiescerofuloso

(Dr. Gallois)

Tinctura de iodo	6 a 8 gram.
Infuso de rosas rubras.....	50 »
Vinho velho.....	250 »

Misture. Administra-se uma colher, de manhã e de tarde, para combater a escrofula. Regimen azotado, banhos salgados e banhos de mar, exercicio no campo, gymnastica-

Xarope antiescerofuloso

(Verneuil)

Iodeto de potassio	4 gram.
Tinctura de iodo.....	4 »
Xarope de genciana.....	150 »
Xarope de quina.....	150 »

Solva. Uma ou duas colheres das de café por dia, ás pessoas affectadas de escrofula. Oleo de bacalhau e tisanas amargas.

Xarope tonico

(Bourgogne)

Xarope de quina.....	} aã 20 gram.
Xarope de casca de laranja.....	
Xarope de flor de laranjeira.....	
Vinho de Malaga.....	

Misture. Tres ou quatro colheres das de café por dia, ás creanças enfraquecidas das diarrheas prolongadas e dos vomitos.

J. D. CORRÊA.

CHIMICA

Densidades de vapor dos halogeneos

Entre os novos dados obtidos em chimica geral, ultimamente, figura um que chamou a attenção dos homens sabios—é o facto da diminuição de densidade que experimenta o vapor do chloro, do bromo e do iodo quando se submette a uma temperatura elevada.

O sr. V. Meyer, usando um engenhoso aparelho, de que é inventor, para determinar a intensidade de vapor do chloro desde o vermelho escuro até ao branco brilhante, julgou reconhecer uma diminuição de densidade; empregando porém o iodo, é que tal mudança se torna bem sensivel e mesmo se pôde avaliar com alguma certeza.

Depois das publicações d'estas experiencias, os srs. Crafts e Meyer repetiram as mesmas observações com um aparelho ligeiramente modificado, tendo especialmente em vista determinarem com exactidão a temperatura a que operavam.

Os resultados a que chegaram estes sabios estão de accordo com aquelles que haviam sido annunciados, no que diz respeito ao facto capital da diminuição de densidade dos halogeneos com a elevação de temperatura; mas não julgam que esta variação pare sómente nos dois terços da densidade primitiva. Eis aqui as conclusões definitivas a que chegaram:

A densidade do chloro é normal até 1330° , temperatura maxima do forno de Perrot. A densidade do vapor de iodo é igualmente normal até 600° ; a partir d'este ponto, observa-se uma diminuição de densidade continua, de sorte que a 1350° a densidade é reduzida a 0,60 do valor theorico, e os auctores admittem que, se se podessem fazer outras determinações a uma temperatura mais elevada, não se obteria senão metade da densidade primitiva, attingindo assim o limite do phenomeno.

Para o bromio os resultados são intermediarios; a temperatura a que principia a diminuir a sua densidade fica comprehendida entre 600° e 1350°.

Segundo os srs. Crafts e Meyer, para explicar estes factos singulares, pôde admittir-se que as moleculas de chloro, de bromio e de iodo representadas na chimica pelas formulas Cl^2 , Br^2 , I^2 , se desdobram, dissociam, a uma temperatura elevada para dar um gaz composto de atomos simples Cl, Br, I, que se reúnem de novo pelo esfriamento; concebe-se, admittida essa hypothese, que 0,50, ou metade da densidade normal, seja o limite da reacção. Concebe-se tambem a importancia que haveria em tomar as densidades nas mais elevadas temperaturas dos focos conhecidos e em demonstrar que depois de terem attingido 0,50, conforme a theoria, não vão além.

Se os factos que acabamos de expôr resumidamente têm despertado um tão vivo interesse, é porque não se trata aqui de um phenomeno exclusivamente chimico ou physico, mas de uma ordem de factos pertencendo indissolvelmente a essas duas sciencias e prendendo-se ás questões, ainda tão obscuras, da constituição da materia.

O sr. V. Meyer, com o auxilio do seu aparelho, poudo tomar as densidades dos vapores de um certo numero de outros corpos reputados pouco volateis, mencionadamente o acido arsenioso e o protochloreto de cobre, e fixou assim o seu verdadeiro peso molecular.

(*Revue scientifique.*)

A variação de densidade observada nos halogeneos pelos srs. Crafts e Meyer é muito semelhante á que apresenta o vapor do enxofre. Assim, segundo o sr. Dumas, a densidade d'este metalloide no estado aeriforme, determinada a 500° é de 6,654, e determinada a 860° é, segundo os srs. H. Deville e Troost, de 2,218; o que mostra que o vapor do enxofre, da mesma maneira que o dos halogeneos apresenta dois agrupamentos moleculares distinctos.

A. S. M.

HISTORIA NATURAL

Botanica

Catalogo das plantas medicinaes que habitam
o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 128)

Helobiae

Alismaceae. R. Br.*Alisma plantago. L.*

Tanchagem d'agua.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera e verão.

P. u. os rhizomas e folhas.

Emp. os rhizomas como remedio contra a hydrophobia e a epilepsia, e as folhas como diureticas e rubefacientes. Pouco usada.

Coronariae

Juncaceae. Agardh*Juncus conglomeratus. L.*

Junco glomerado.

Hab. a parte septemtrional do paiz.

Flor. em junho e julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. como diuretico. Pouco usado.

Juncus effusus. L.

Junco diffuso.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em quasi toda a parte septemtrional do paiz.

Flor. em junho e julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

*Melanthaceae. R. Br.**Veratrum album. L.*¹

Hellebro branco.

Hab. no valle da Espera, junto da villa do Sabugueiro e em outros pontos da Serra da Estrella, assim como no Gerez.

Flor. em junho e julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. externamente obra como caustico e internamente como drastico e emeto-cathartico. A pomada tem-se empregado como antipsorica. Extrahe-se dos seus rhizomas a veratrina². Pouco usado.

Colchicum autumnale. L.

Colchico, lyrio verde.

Hab. na serra de Rebordão, proximo de Bragança e cultiva-se em alguns pontos do paiz para os usos pharmaceuticos.

Flor. em setembro e outubro.

P. u. os bolbos e sementes.

Emp. como sedante e diuretico na gotta e rheumatismo articular, em alta dose é um veneno irritante³.

*Liliaceae. Lindl**Lilium martagon. L.*

Martagão.

Hab. nas serras do Gerez, Estrella, Rebordão e em outros pontos na parte septentrional do paiz.

Flor. no principio do verão.

P. u. os bolbos.

Emp. como emolliente e diuretico. Pouco usado.

¹ Existem duas variedades d'esta planta, que são a *albiflorum* e *viridiflorum*.

² O *Hellebro branco* em dose elevada obra como veneno narcotico-acre.

³ Alguns pharmaceuticos no nosso paiz empregam em vez do *Colchicum autumnale L.* os colchicos da nossa Flora, que são o *C. Bivonae Guss.* (*C. multiflorum*, Brot.; *C. lusitanicum*, Brot.), *C. arenarium*, W. K. e a *Merendera bulbocodioides*. Steud. (*C. bulbocodioides*, Bröt.); porém a acção d'estas ultimas especies é muito inferior á da primeira.

Lilium candidum. L.

Açucena branca, Cebola cecem.

Cultiva-se nos jardins¹.

Flor. em maio e junho.

P. u. os bolbos e flores.

Emp. as antheras como anodinas e emenagogas, as pétalas como calmantes e antispasmodicas, os bolbos como emollientes². Pouco usada.

Muscari comosum. Mill.

(Bellevalia comosa. Kith.; Hyacinthus comosus. L.)

Jacinto penachudo, alho das bruxas.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. os bolbos e sementes.

Emp. as sementes como febrifugas e os bolbos como purgativos e diureticos. Pouco usado.

Urginea scilla. Sthl.

(*Scilla maritima*. L.; *Sc. hispanica*. Clus.)

Cebola albarrã.

Hab. nas vizinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. entre agosto e outubro.

P. u. os bolbos.

Emp. como diuretico e espectorante, externamente usa-se muito o alcooleo de scilla em fricção em casos de edemacias. Em alta dóse é um veneno narcotico acre.

Ornithogalum umbellatum. L.

Leite de gallinha.

Hab. nas serras do Monsanto e da Arrabida, nas proximidades de Eiras, proximo a Coimbra, e em alguns outros pontos do paiz³.

¹ Na primavera de 1877, andando nós a herborisar, encontrámos alguns pés d'esta planta crescendo espontaneamente n'um terreno inculto nos montes de Sancta Clara, proximo a Coimbra.

² Texidor y Coz, diz que os bolbos d'esta planta se empregam muito em Hespanha na preparação de cataplasmas emollientes.

³ Esta planta cresce espontanea no Jardim Botânico de Coimbra e terrenos annexos.

Flor. na primavera.

P. u. os bolbos.

Emp. como emolliente. Pouco usado.

Allium cepa. L.

Cebola das cosinhas.

Planta originária da Asia e cultivada em grande escala no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. os bolbos.

Emp. como estimulante, rubefaciente, vermifugo, diuretico e expectorante. Pouco usada.

Allium porrum. L.

Porros hortenses.

Planta que habita a Italia, Oriente, Aegypto e cultivada no nosso paiz.

Flor. no verão.

P. u. os bolbos.

Emp. como expectorante, emolliente e ligeiramente diuretica. Pouco usado.

Allium scorodoprasmum. L.

Alhos grossos ou Alhos de Hespanha.

Planta indigena da Europa septentrional e central, e que se cultiva no nosso paiz, principalmente no Alemtejo.

Flor. no estio.

P. u. os bolbos.

Emp. o mesmo que o da Cebola das cosinhas. Pouco usado.

Allium sativum. L.

Alho ordinario ou das cosinhas.

Planta originaria do Oriente e que se cultiva muito no nosso paiz.

Flor. no estio.

P. u. os bolbos.

Emp. internamente como vermifugo; externamente como rubefaciente.

Asphodelus ramosus. L.

Gamoens, Abrotea dos hervolarios. Abrotea da primavera.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as raizes.

Emp. contra a sarna, queimaduras, e por meio da fermentação das suas raizes pôde obter-se alcool¹. Pouco usada.

Simethis bicolor. Kth.

(*Anthericum planifolium*. L.; *Anth. bicolor*. Desf.; *Phalangium bicolor*. D. C.)

Ouro peso, Disciplinas.

Hab. nas proximidades de Coimbra, e nas nossas provincias da Beira e Extremadura.

Flor. na primavera.

P. u. as raizes.

Emp. Usada pelo povo em alguns pontos do paiz como purgativa.

Asparagus officinalis. L.

Espargo hortense.

Cultiva-se nas hortas e ás vezes apparece quasi que espontaneo proximo ás mesmas.

Flor. no estio.

P. u. as raizes e os turões recentes².

Emp. como diuretico e depurativo; é uma das cinco raizes aperientes.

Asparagus aphyllus. L.

(*A. phyllacanthus*. Lam.: *A. aphyllus* var. 1. Brot.; *A. rigidus* var. *aphyllus*. Lge.)

Corruda maior, Espargo silvestre maior, Espargo maior do monte.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. no estio.

P. u. as raizes.

Emp. e mesmo que o da especie antecedente³.

¹ Pôde substituir-se pelo *Asphodelus aestivus*. Brot. (Abrotea de verão.) (Pharmacopêa Portuguesa, 1876.)

² Vulgarmente chamados Pontas de espargo ou rebentões.

³ Nas pharmacias de Coimbra empregam a raiz do Espargo silvestre em vez da do Espargo hortense.

Smilacaceae. R. Br.

Polygonatum vulgare. Desf.

(*Convallaria Polygonatum*. L.)

Sello de Salomão.

Hab. nas proximidades de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. os rhizomas.

Emp. como adstringente¹. Pouco usado.

Convallaria majalis. L.

(*Polygonatum majale*. All.)

Lyrrio convalle.

Planta originaria da Europa septemtrional e central, Italia, Corsega e Oriente, cultivada no nosso paiz².

Flor. na primavera.

P. u. os rhizomas, folhas e bagas.

Emp. como purgante, emetico, esternutatorio e febrifugo. Pouco usado.

Smilax aspera. L.

Legação, Salsa parrilha do reino.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. em agosto e setembro.

P. u. a raiz.

Emp. como sudorifero e depurativo na sarna e molestias chronicas da pelle.

Smilax mauritanica. Desf.³ (*S. aspera* B. mauritanica, Gren. et Goar.; *S. nigra*, W.; *S. catalonica*, Lam.; *S. aspera nigro-fructo*, Clus).

Legação.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e na maior parte do paiz.

Flor. em agosto e setembro.

¹ Na Russia é um medicamento vulgar contra a hydrophobia (Martius).

² Brotero diz que nunca encontrou esta planta apesar de haver quem affirmasse tel-a encontrado espontanea em Portugal.

³ Variedade: *B. Vespertilionis*. Bss.

P.u. a raiz.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

Ruscus aculeatus. L.

Gilbarbeira.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e nas nossas provincias da Beira e Extremadura.

Flor. em março e abril.

P. u. os rhizomas.

Emp. como diuretico e é uma das cinco raizes aperientes.

(Instituto de Coimbra.)

(Continúa.)

VARIEDADES

Processo para tornar a madeira incombustivel.—O processo do sr. Folbarri consiste no emprêgo das substancias seguintes: sulfato de zinco, 24,75 k.; potassa americana, 9,90 k.; alumen de America, 19,80 k.; oxydo de manganez, 9,90 k.; acido sulfurico a 60°, 9,90 k.; agua, 24,75 k. Introduz-se todas as materias solidas em uma caldeira contendo a agua á temperatura de 113° Fahr. (45°,30 centigrados). Logo que estejam solvidas junta-se, pouco a pouco, o acido sulfurico até completa neutralisação.

Para preparar a madeira, colloca-se em um aparelho especial sôbre grades de ferro, tendo-se cuidado de deixar entre cada peça um intervallo de meia polegada (0",0125); em seguida, por meio de uma bomba, injecta-se o liquido no aparelho e, quando todos os espaços vazios estejam preenchidos, faça-se aquecer durante tres horas, findas as quaes será retirada a madeira e collocada em forma de grades, para seccar ao ar livre.

Modo de solver o caoutchouc e as resinas pelo chloroformio.—O sr. Cloez chama a attenção dos chimicos para o emprêgo que se pode fazer do chloroformio como solvente. Este liquido, com effeito, solve abun-

dantemente os corpos gôrdos e resinosos, e geralmente todos os productos mui carbonados.

O caoutchouc é, sem refutação, uma das substancias mais refractarias á acção dos solventes; o chloroformio solve-o a frio muito melhor que nenhum outro liquido e abandona-o pela evaporação com todas as suas propriedades primitivas.

O chloroformio solve, em grande quantidade, a resina copal e produz soluto limpido que pode ser empregado como verniz.

A chrysêna é difficil de purificar por meio dos solventes usualmente empregados; pode-se obter muito pura e em pouco tempo, solvendo-a a quente no chloroformio e deixando esfriar lentamente o soluto.

Tem sido tambem aconselhado o emprego do sulfureto de carbono; mas estes processos exigem pratica, por causa da differença de seu preço com o chloroformio.

Cerveja economica.—Para um barril de 30 litros, emprega-se:

Lupulo	64 gram.
Coentro	8 »
Melaço	1000 »
Pão em massa	500 »
Assucar	125 »
Fermento não lavado	93 »
Agua potavel	25 litros

Ajunta-se o lupulo e o coentro em 4 ou 5 litros da agua; dilua-se o pão em massa em 5 litros da agua fermentante; deita-se as outras substancias no restante da agua; reuna-se os tres liquidos dentro do barril não rolhado; deixa-se produzir a fermentação, a qual dura habitualmente 4 ou 5 dias e, depois de uma semana de repouso, a cerveja pode ser consumida.

(*Le petit Journal*, 1880.)

J. D. CORRÊA.

PHARMACIA

Peptonas

Dotadas de um valor therapeutico axiomatico para uns e duvidoso para outros, são as *peptonas* um dos agentes de que mais se têm occupado ultimamente os jornaes *pharmaco-therapeuticos*, havendo até dado logar a gladiarem-se em acalorada controversia dois pharmaceuticos francezes, inspirados, não no amor da sciencia, mas sim nos seus interesses particulares.

Não pretendemos ser juiz em nenhum dos casos; mas visto os preparados de peptonas (vinho e elixir) serem actualmente prescriptos repetidas vezes por alguns clinicos, julgamos opportuno quebrar, com uma noticia, ainda que resumida, o silencio que a tal respeito tem sido guardado nas paginas d'este jornal.

O sr.^o Petit, illustrado presidente da sociedade de pharmacia de Paris, depois de repetidas experiencias em que fez variar as proporções relativas de agua, de pepsina e de acido, adoptou para a preparação das *peptonas* o seguinte processo: — Tome-se um kilogramma de carne de vacca, limpa de gordura e tendões, corte-se miudamente e ponha-se em digestão durante 12 horas em 10 litros de agua acidulada pelo acido chlorhydrico (4 gram. por litro) a uma temperatura de 50°, agitando repetidas vezes; ajunte-se pepsina em quantidade sufficiente, que varia conforme a sua actividade (da pepsina de porco preparada pelo processo do sr. Petit bastam 10 grammas); passadas 12 horas, cõe-se, deixe-se esfriar e filtre-se por um filtro previamente molhado para reter a materia gorda, e o liquido não deverá dar precipitado pela addição de acido nitrico; sature-se completamente pelo bicarbonato de soda, e evapore-se a banho de agua até á secura. Um kilogramma de carne produz, termo medio, 250 grammas de peptonas séccas.

Em logar de evaporar até á secura, pode-se concentrar

as peptonas de maneira a obter um liquido marcando 25° Baumé, que contém cerca de 50 por cento de peptonas.

As peptonas preparadas pelo processo que fica indicado, ás quaes o sr. Petit chama *peptonas pepsino-chlorhydricas*, podem ser administradas solvidas em caldo; mas como retêm grande quantidade de chloreto de sodio, não convêm, por causa do seu sabor salgado, para os preparados pharmaceuticos, pois que ficam desagradaveis.

Para evitar este inconveniente, propõe o sr. Petit que seja substituido, na preparação das peptonas, o acido chlorhydrico pelo acido tartarico (15 gram. para os 10 litros de agua). Quando a transformação estiver terminada, filtre-se como fica indicado, e divide-se o liquido filtrado em duas partes eguaes; sature-se uma pelo bicarbonato de potassa e junte-se em seguida á outra porção do liquido (forma-se assim cremor de tartaro, do qual uma parte precipita immediatamente); filtre-se, leve-se á consistencia de xarope e deixe-se esfriar. Quasi todo o cremor que ainda continha se deposita em crystaes; decante-se e evapore-se a banho de agua até á seccura.

Os preparados pharmaceuticos feitos com estas peptonas, contendo diminuta quantidade de cremor de tartaro, ficam muito superiores em sabor áquelles em que entram eguaes doses de *peptonas pepsino-chlorhydricas*.

Para se fazer idéa de qual seja o partido que a medicina possa colher do emprego das peptonas, apresentamos em seguida as conclusões formuladas pelo distincto professor, o sr. Sée, publicadas no *Journal de thérapeutique*, depois de ter ensaiado as peptonas em diferentes casos pathologicos:

1.º Nas obstrucções das vias superiores, a alimentação pelas peptonas é a unica possivel; ella basta para prolongar a vida dos doentes; mas a sua acção local acaba por ser nociva, determinando a diarrhéa rectal, e por embaracar assim a absorpção das peptonas;

2.º Nos anus contra a natureza, se a extremidade infe-

rior comprehende uma grande porção de intestino delgado e a primeira parte do colon, pode-se esperar chegar á alimentação directa, isto é, á peptonisação pelo succo intestinal e sobretudo pelo succo pancreatico.

Se pelo contrario a lesão é muito em baixo, e o grosso intestino não possui já meio algum de peptonisação, o unico recurso que resta é o emprêgo das peptonas artificiaes; mas, nfelizmente, a dôse necessaria para entretenimento da vida é tão grande que se torna quasi impossivel esperar isso, além de um certo tempo, sem provocar accidentes funestos de irritação local;

3.º Nas dispepsias graves, nos vomitos alimentares incoerciveis, as peptonas constituem um recurso auxiliar que convem não desprezar.»

Para os preparados pharmaceuticos de peptonas, o sr. Petit recommenda as formulas seguintes:

Elixir de peptona

Alcool a 95°.....	10
Vinho de Frontignan ¹	40
Assucar.....	25
Agua.....	20
Peptona tartarica.....	5

Solva a peptona na agua, depois junte o vinho e o assucar e filtre. Uma colher das de sopa (20 grammas) contém 1 gramma de peptona.

Xarope de peptona

Agua.....	30
Assucar.....	60
Peptona tartarica.....	5
Tinctura de casca de laranja.....	5

F. s. a.

¹ Póde ser substituido por vinho de Carcavellos.

Vinho de pepton

Vinho de Malaga 95

Pepton tartarica 5

Solva a frio.

**Preparação do xarope de violetas pelo
sr. C. Bernbech**

Tomam-se 100 grammas de violetas, recentemente colhidas e privadas de seus calices, contundem-se em gral de latão ou de pedra com 50 grammas de alcool; deixa-se a massa em repouso durante cinco a seis horas em um vaso de vidro ou de porcellana, e depois submete-se à prensa. Ao liquido junta-se aquelle que se obtem ainda, submettendo o residuo da operação precedente à acção d'uma pequena quantidade de agua e depois a uma nova pressão. O peso do liquido é assim levado a 100 grammas; conserva-se este liquido filtrado em um pequeno frasco de vidro, cuja rôlha deve ter sido embebida de parafina salicylada, ou se transforma immediatamente em xarope misturando a frio com 900 grammas de xarope simples concentrado ($D=1,35$). Este xarope apresenta uma bella côr violeta e um perfume muito agradável; este resultado é devido ao alcool que, coagulando as materias albuminoides, tornou mais perfeita a dissolução da cyanina e da violina. A proporção do alcool é muito fraca para ser nociva.

(Archiv der Pharmacie.)

da Ordem dos Pharmaceuticos**Topico contra a caria dentaria**

Collodio 2 gram.

Acido phenico q. b.

Junta-se o acido por gotas ao collodio até formar massa

* Pôde ser supprido por vinho da Madeira.

S. M.

de consistencia gelatinosa. Introduz-se um bocadinho d'esta massa na cavidade do dente cariado e protege-se com uma bola de algodão. O seu effeito é seguro e rapido, segundo temos observado.

Outro

(Peyraud)

Introduz-se, por meio d'uma bola d'algodão, pequena quantidade de brometo de potassio em pó na cavidade do dente cariado e protege-se com outra bola d'algodão embebida em tinctura concentrada de benjoim. O brometo de potassio, segundo diz o auctor, cauterisa o nervo dentario, insensibilisa o dente e permite que a obliteração se faça rapidamente.

Poção contra a diarrhêa

(Dr. Beaumetz)

Sub-nitrato de bismutho	10 gram.
Laudano de Sydenham	10 gotas
Agua de hortelã	10 gram.
» de alface	70 »
Xarope de ratanhia	30 »

F. s. a. Para tomar ás colhêres, com o fim de fazer cessar a diarrhêa.

SILVA MACHADO.

Centro de Documentação Farmacêutica

CHIMICA

da Ordem dos Farmacêuticos

Purificação do iodeto de potassio

(Pelo sr. Guichard)

Quando se ensaia o iodeto de potassio do commercio, reconhece-se que está longe de ser puro e que este producto não pode ser empregado nas pharmacias no estado em que o commercio o apresenta.

Se se analysar o iodeto de potassio pelo processo indicado pelo sr. Personne, encontra-se-lhe 82 a 90 por 100 de iodeto puro. O resto é formado de agua e de diversos saes que acompanham ordinariamente o iodeto de potassio. Não é raro achar no mesmo frasco crystaes marcando 82 e outros marcando 90; o que não deve surprehender e é devido a estes crystaes não provirem da mesma crystallisação. Effectivamente, um mesmo soluto de iodeto de potassio pode fornecer successivamente crystaes marcando 94 a 98, por exemplo.

Para se dar uma relação bem exacta das impurezas do iodeto de potassio, não basta ensaiar o iodeto crystallisado e sêcco na estufa, por que este iodeto contém agua, não de crystallisação pois que o iodeto é anhydro, mas agua de interposição. Esta quantidade de agua varia nos ensaios do sr. Guichard, sôbre os iodetos do commercio, entre 3 e 7 por 100. Esta agua não é iodeto de potassio, e o pharmaceutico está no direito de a considerar como uma impureza; mas sob o ponto de vista industrial não acontece assim, e convem estabelecer distincção entre a agua e as impurezas devidas á purificação incompleta ou a fraude.

Para apreciar estas impurezas, convem operar sôbre iodeto pulverisado e sêcco ou melhor sôbre iodeto fundido, e fazer dois ensaios ao mesmo iodeto com o licôr do sr. Personne. Os iodetos do commercio fundidos marcam 88 a 97 por 100.

Depois de ter experimentado os diversos processos de purificação que podem ser empregados, o sr. Guichard considera que o melhor meio consiste na preparação directa do iodeto de potassio pelo ferro e o iodo. Prepara-se assim iodeto de ferro que se precipita pelo carbonato de potassa. Obtem-se d'esta maneira um iodeto marcando crystallisado 96 e fundido 100.

O sr. Guichard pensa, pois, que é este o processo que se deve empregar para obter iodeto puro.

(*J. de pharmacie et de chimie*).

SILVA MACHADO.

TOXICOLOGIA

Methodos analyticos para se reconhecer a existencia de varios toxicos nos envenenamentos.

(Continuado de pag. 120)

Gaz de illuminação

O gaz de illuminação obtem-se geralmente pela distillação do carvão de pedra, e pode ser tambem obtido decompondo-se pelo calor as resinas, substancias gordurosas e betuminosas; e o que provém do carvão de pedra é formado, metade, de hydrogenio protocarbonado, depois hydrogenio bicarbonado, hydrogenio livre, oxydo de carbono, acido carbonico, acido sulphydrico.

Segundo o sr. dr. Rabuteau, o conteúdo n'estes productos é variavel, conforme o grau de temperatura e o periodo no qual se opéra a distillação. Os gazes obtidos, durante a primeira meia hora da distillação, são pouco resplandecentes; os da segunda meia hora são mais ricos de hydrogenio carbonado, e por consequencia mais luzentes.

A composição mediana do gaz, colhido depois da metade da distillação, representa approximadamente pelos algarismos seguintes, quando já privado dos acidos carbonico e o sulphydrico por meio da cal:

Hydrogenio protocarbonado.....	12
Hydrogenio bicarbonado.....	58
Hydrogenio livre.....	16
Oxydo de carbono.....	12,3
Azoto.....	1,7
	100,0

O gaz de boa qualidade, produzido da usina de Inglaterra e analysado antes de ser purificado, é composto, segundo Henry, da maneira seguinte:

Hydrogenio protocarbonado.....	72
Hydrogenio bicarbonado	8
Oxydo de carbono	13
Acido carbonico.....	4
Acido sulfhydrico.....	3

100

Da composição d'este gaz, que contém tão grande proporção de oxydo de carbono, resulta os accidentes que lhe são attribuidos; além de que o hydrogenio protocarbonado não pode ser considerado como gaz perigoso, proposição apoiada pelo facto de que os operarios acham-se expostos sempre nas minas e soffrem sómente quando a proporção é consideravel. Em quanto ao hydrogenio bicarbonado, parece mais activo que o gaz dos pantanos, segundo as experiencias de Tourdes.

O primeiro caso de envenenamento pelo gaz de illuminação, referido por alguns auctores, teve logar em 1830, em Paris, n'um armazem da rua de Bussy; muitos outros casos, mortaes ou não mortaes, têm-se dado, e em Strasbourg, em 1841, a familia Béringer, composta de seis pessoas, só escapou uma.

O tratamento d'esta entoxicação é o mesmo que o empregado nos vapôres do carvão; a inspiração do oxygenio, a respiração artificial, as fricções, os cordiaes e mais tarde o purgante, têm produzido bons resultados. A electricidade tambem tem sido applicada contra as paralyrias consecutivas.

Saes de aluminio

O alumen ordinario (sulfato de alumina e de potassa) foi, outr'ora, ajuntado á farinha, assim como tem sido igualmente o sulfato de cobre. Segundo o exposto pelo sr. dr. Rabuteau, o pão que contém alumen é indigesto; Snow assevera que o rachitismo é uma das consequencias do uso do alimento assim falsificado, por que o phosphato calcareo

contido na farinha transforma-se em sulfato de cal, inepto para a nutrição do systema osseo.

Pela ingestão do alumen em soluto aquoso, as victimas, felizmente pouco numerosas, têm experimentado uma sensação de dôr forte e ardente na boçca, pharynge e estomago; sôbrevindo-lhes vomitos, mais ou menos abundantes, evacuações alvinas com colicas violentas, indisposição geral e anxiedade.

Tardieu e outros classificam o alumen em o numero dos venenos irritantes ou corrosivos; as doses capazes de produzirem a morte estão ainda pouco determinadas.

Em quanto á pesquisa do toxico, no caso de envenenamento, pode ser effectuada da maneira seguinte: tratar-se as materias suspeitas pelo acido chlorhydrico e o chlorato de potassa; tambem podem ser destruidas as materias organicas pela carbonisação directa; os compostos do alumen encontram-se nas cinzas no estado de alumina; estas cinzas, tratadas pelo acido chlorhydrico ou pela agua-regia, produzem chloreto de aluminio.

Encontrando-se a alumina nas materias submittidas á analyse, obtendo-se o precipitado normal de sulfato de baryta e, tratando-se em seguida pelo chloreto de baryo, o soluto resultante do tratamento pelo acido chlorhydrico e o chlorato de potassa, affirma-se que as materias suspeitas contêm sulfato de alumina; achando-se ao mesmo tempo excesso de potassa nas cinzas, provenientes da carbonisação directa, tambem se pode certificar que estas materias encerram o alumen ordinario.

Para se verificar o alumen no pão, emprega-se o processo da carbonisação directa; e, para provar a presença dos sulfatos d'estas bases, trata-se o pão pela agua fervente e depois pelo chloreto de baryo o liquido filtrado.

Saes de baryo

São já conhecidos diferentes casos de envenenamento pelos saes de baryo. O sr. dr. Rabuteau descreve a inges-

ção de um sal solúvel de bário, apresentando-se sabor es-typtico excessivamente desagradável; náuseas, ás quaes succedem-se vomitos, que são algumas vezes immediatos, outras vezes mais ou menos tardios. Os pacientes experimentam em pouco tempo uma indisposição inexplicavel e prostração geral.

Entre os caracteres communs d'estes saes, encontram-se os seguintes: precipitam em branco com os carbonatos alcalinos, com a potassa e a soda; não dão precipitado com a ammonia, nem com o acido sulfhydrico, sulphydrato de ammonia, ferrocyaneto e ferrocyaneto de potassio; precipitam pelo acido hydrofluosilico, os chromatos de potassa, o acido sulfurico e os sulfatos soluveis, cujos precipitados são completamente insolúveis na agua.

Saes de mercurio

Segundo a narração feita pelo sr. dr. Rabuteau, os principaes compostos de mercurio são, entre os insolúveis ou mui pouco soluveis, os seguintes: *bisulfureto*, *bioxydo vermelho*, *amarello* ou *precipitado*, *iodetos verde e vermelho*, *protochloreto*, *protobrometo*. Entre os compostos soluveis citaremos o *bichloreto*, *bibrometo*, *azotatos mercurioso* e *mercurico*, *sulfatos mercurioso e mercurico*, *cyaneto de mercurio*.

A distincção entre os compostos mercuriaes, soluveis e não soluveis, é feita não só sob o ponto de vista chimico, mas tambem sob o toxicologico. Com effeito, em quanto que os preparados mercuriaes soluveis podem produzir envenenamentos sobreagudos e algumas vezes mortaes, os preparados insolúveis dão lugar, geralmente, aos envenenamentos agudos, como se observa depois da administração prolongada do protochloreto e do protoiodeto de mercurio.

O melhor processo de analyse é submeter as fezes, urinas e a saliva, durante a vida do paciente; a bilis, figado e os outros órgãos parenchymatosos, assim como o sangue, depois da morte.

Procede-se á destruição pelo chlorato de potassa e o acido chlorhydrico; o mercurio será encontrado no liquido, ou seja no estado de bichloreto, ou no de chloreto duplo de mercurio e de potassio; depois este mesmo liquido será evaporado a brando calor até seccura, e o residuo tratado pela agua distillada; este soluto aquoso, filtrado, será submettido á corrente do hydrogenio sulfurado e produzirá precipitado branco-sujo, depois amarello-avermelhado e, finalmente, negro de sulfureto de mercurio; este precipitado será dissolvido na agua-regia, o soluto conterà o mercurio no estado de bichloreto.

Será facil reconhecer a presença do sal mercurico pelos caracteres seguintes:

1.º Com a *potassa* e a *soda* — precipitado vermelho, que se torna depois em amarello;

2.º Com a *ammonia* — precipitado branco de chloramido de mercurio;

3.º Com o *iodeto de potassio* ou o *iodeto de sodio* — precipitado vermelho, (biiodeto de mercurio), que se dissolve no excesso de *iodeto alcalino* (iodeto de mercurio iodetado);

4.º Com o *sulphydrato de ammonia* — precipitado negro insolúvel no excesso do reactivo;

5.º Com o *protochloreto de estanho* — precipitado branco, que se ennegrece pela redução do sal mercurico, e esta reacção é sensivel a $\frac{1}{40000}$ e até mesmo a $\frac{1}{50000}$;

6.º Com a *lanana* ou o *fil de cobre*, mergulhado no soluto de sal de mercurio — recobre-se de uma camada d'este metal.

(Continúa.)

J. D. CORRÊA

(Imp. da Off. Lit. e Gr. da Pharm. Lusitana)

Acção Pastilhas. Livro dos charcos.

Hab. nos campos do Mondego e do Tejo, Goiana, e em

outros pontos do país.

O povo regula a sua vida a esta planta e por isso tem a sua medicina.

Aplicamos para colheita todos os conhecimentos e experiências.

(Beirão)

HISTORIA NATURAL

Botanica

Catalogo das plantas medicinaes que habitam
o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 147)

Artorhizae

Dioscoreae R. Br.

Tamus communis. L.

Norça preta.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em quasi todo o paiz.

Flor. desde março a junho.

P. u. as raizes.

Emp. como purgativa e hydragoga; tambem se tem recommendado como diuretica e emmenagoga¹. Pouco usada.

Ensatae

Irideae R. Br.

Iris foetidissima. L.

Lirio fetido.

Hab. nas visinhanças de Coimbra e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. em maio e junho.

P. u. os rhizomas e sementes.

Emp. no tratamento das escrophulas e hydropsia, e concede-se-lhe acção estimulante, hydragoga, diuretica e purgativa. Pouco usado.

Iris pseudo-acorus. L.

(I. palustris. Mnch.; I. lutea. Lam.)

Acoro bastardo. Lirio dos charcos.

Hab. nos campos do Mondego e do Tejo, Coima, e em outros pontos do paiz.

¹ O povo reputa resolutiva a raiz d'esta planta, e por isso faz d'ella cataplasmas para collocar sobre as contusões e ecchymoses. (Mat. Med. do dr. Beirão.)

Flor. de maio a julho.

P. u. os rhizomas e sementes.

Emp. os rhizomas para combater as escrophulas (Blair.) como tonico, astringente, purgativo e diuretico (Plater.) vermifugo (Ettmuller) as sementes como febrifugas (Guyton de Morveaux.) Pouco usado.

Iris germanica. L.

Lirio de Allemanha, Lirio dos jardins.

Planta originaria da Europa central e meridional e da Africa boreal. Em Portugal cultiva-se nos jardins, e encontra-se muitas vezes como planta substonaca.

Flor. de maio a julho.

P. u. os rhizomas.

Emp. o macerato dos rhizomas recentes obra como purgativo; o dos seccos como aperitivo. Tambem dos rhizomas se fazem as espheras ou contas dos fonticulos. Os pös usam-se como dentifricios ¹. Pouco usado ².

Crocus sativus. L.

Açafrão.

Planta originaria do Oriente e cultivada em alguns pontos do nosso paiz ³.

Flor. no outomno.

¹ Esta planta póde usar-se na fal a do *Lirio florentino*. (*Iris florentina* L.)

² O dr. J. J. de Figueiredo diz que o *Iris subiflora*. Brot. (*Lirio roxo*) e o *Iris sambucina*. L. (*Lirio cardano*) tambem são empregados em medicina.

³ Em Portugal habitam o *Crocus autumnalis*. Brot. (*C. serotinus* Salisb.) Açafrão bravo, o *Crocus vernus*. All. (*C. sativus* β *vernus*. L.) Açafrão da primavera, o *Crocus nodiflorus*. Sm., e o *Crocus carpatanus*. Bss. et Reut. O primeiro e terceiro florescem no outomno, o segundo na primavera e o quarto na primavera e estio. O *C. autumnalis* Brot. encontra-se em Buarcos, Cintra e outros pontos do paiz; o *C. nodiflorus*. Sm. no Porto, Gerez, Cabeceiras de Basto e nas visinhanças de Coimbra em diversos pontos da freguezia de S. Paulo de Frades; e o *C. carpatanus*. Bss. et Reut na Serra da Estrella proximo á Senhora do Desterro.

O dr. Beirão, no seu compendio de Materia Medica, quando trata do *C. sativus*. L., diz n'uma nota o seguinte: «Na nossa Flora temos o *Crocus autumnalis multifidus*. Brot. — *Phylogr.*, tomo II, pag. 40 (*Crocus autumnalis*. Brot. — *Flor. lusit.*, tomo I, pag. 49). Açafrão bravo, que differe muito do verdadeiro açafrão, e é um erro dizerem os nossos historiadores que o ver-

P. u. os estigmas ¹.

Emp. como estimulante, emmenagogo e antispasmodico. Em alta dose produz a embriaguez e a congestão cerebral.

Amaryllidaceae R. Br.

Pancratium maritimum. L.

Açucena do mar.

Hab. nos terrenos arenosos de quasi toda a nossa costa maritima.

Flor. de maio a agosto.

P. u. os bolbos.

Emp. Dioscórides e Plinio, quando tratam do bolbo do *Pancratium*, descrevem-no como amargo e emetico, recomendam-no contra a hydropisia, e dizem que algumas vezes se tem usado como succedaneo da Cebolla albarrã (*Urginea Scilla. Sthl.*) Pouco usada.

Narcissus. Pseudo-narcissus. L.

(*N. major. Lois. nom Curt.; N. festalis. Salisb.; Ajax. Pseudo-Narcissus. Haw.*)

Narcisso trombeta.

Hab. em alguns pontos da Serra da Estrella, visinhanças do Porto, Cabeceiras de Basto, Cintra e cultiva-se nos jardins.

Flor. de março a junho.

P. u. os bollos e flores.

Emp. os bolbos como emeticos e succedaneos da ipecacuanha (*Clusius e Deslongchamps*) ² como antispasmodicos (*Dufresnoy*): as flores contra a diarrhea e dysenteria (*Deslongchamps*) ³. Pouco usado.

dadeiro açafão é frequente em Portugal (dr. Figueiredo, *Flora pharm. e aliment.*, pag. 564).

A *Pharmacopœa Portugueza*, 1876, cita só o açafão bravo, e quando d'elle falla diz o seguinte: «Açafão, *Crocus*, variedade cultivada do *Crocus autumnalis* Mill e Brot. (*Crocus sativus* Allioni), Iridea vivaz, indigena do continente.

Os estigmas do *C. autumnalis* Brot. substituem os do *C. sativus* L.

² Efeito comprovado por Dufresnoy, Veillechéze, Lôiroleur e Orfila. Este ultimo diz que ministrados em dose elevada podem ser nocivos.

³ Morgagni diz que o oleoleo d'esta planta, applicado em fricções so-

Agave americana. L.

Piteira.

Planta originaria da America meridional, Jamaica e Antilhas e naturalisada no nosso paiz, podendo hoje contar-se no numero das nossas especies indigenas ¹.

Flor. no estio.

P. u. a seiva e as folhas.

Emp. a seiva como laxante, diuretica e emmenagoga; as folhas pisadas e applicadas em fórma de cataplasma sobre partes dolorosas obram como anodynas ². Pouco usada.

VARIEDADES

Fructo da falta de policia sanitaria.—Lemos em o n.º 2:946 do *Diario Illustrado* a noticia d'um acontecimento que podia ser fatal e que de certo não haveria tido lugar, se já se tivessem dado as providencias pedidas pela Sociedade pharmaceutica lusitana, na sua representação dirigida ao magistrado superior do districto de Lisboa, em 17 de maio ultimo.

Eis a noticia a que nos referimos:

CASO GRAVE

«Ha poucos dias uma senhora mandou o criado comprar folhas de borragem. O criado foi comprar-as a um herbanario. As folhas eram para chá. A senhora ao tomar-o queixou-se de que estava muito amargoso. Passado um quarto de hora, fugia-lhe a luz dos olhos, não tinha movimento nas pernas, prendia-se-lhe a falla, sobrevinha febre, e logo delirio.

bre o ventre, é um abortivo muito conhecido em Italia. (Texidor y Cos — *Flor. Pharm.*)

¹ Esta planta foi introduzida na Europa no anno de 1561.

² Com quanto esta planta fosse transportada para a Europa ha mais de tres seculos, não tem manifestado as propriedades medicas que possui no seu paiz natal.

(Instituto de Coimbra.)

(Continúa)

Extremamente afflicta, a familia mandou chamar o medico, que, ao observar a doente, reconheceu um envenenamento.

Tratando de descobrir a causa que o houvesse produzido, lembrou o chá, que amargava. O medico examinou as folhas que tinham sobejado, e as que estavam no bule em que se fizera o chá, e reconheceu que em vez de serem de borragem eram de bella-dona.

A senhora está felizmente livre de perigo, mas ainda em tratamento e soffrendo muito.

Não seria tempo de prohibir de uma vez para sempre a venda de hervas e productos venenosos em outros estabelecimentos que não sejam as pharmacias?

Pois a nossa vida, exposta por todos os lados a perigos inevitaveis, ha de estar ainda em cima arriscada a estes equivoccos, que são frequentes, e têm chegado a ser fataes?

Chamamos, pois, a attenção dos sub-delegados e da junta consultiva de saude para estes casos, que são de toda a gravidade.»

SILVA MACHADO.

Exames de pharmacia na Suissa

Pelo sr. C. Mallalain

O conselho federal suisso publicou em 2 de julho d'este anno (1880) um regulamento sobre os exames de medicos, pharmaceuticos e veterinarios, firmado com as assignaturas do presidente da confederação, Welti, e do chanceller Schiess.

Entre as minuciosas disposições comprehendidas no dito regulamento, determina-se, no art. 1.º, que os exames de pharmaceuticos se verifiquem nas capitães dos cinco cantões onde se ensina pharmacia; segundo o art. 14.º as commissões especiaes para estes exames hão-de constar unicamente de dois a tres membros, quando hajam de intervir no exame de commissarios pharmaceuticos, e até sete membros para o exame profissional.

Desde o art. 52.º até ao 59.º inclusivè comprehendem-se as materias do exame de commissario e de pharmaceutico.

Para optar pelo exame de commissario pharmaceutico, exige-se dos candidatos que justifiquem acharem-se habilitados com os estudos preparatorios por meio de uma certidão de exame da penultima classe de um collegio superior, ou da classe superior de um collegio real (escola industrial); a dita certidão, com respeito aos programmas de aptidão insertos no appendice ao regulamento, ha-de comprehender os estudos da lingua materna e outra nacional Suissa, com as respectivas grammaticas, composição escripta, facilidade de dicção e redacção, além do latim, sua grammatica e syntaxe, traducção de Cesar, Tito-Livio, Ovidio e Virgilio, com o fim de que o candidato possa entender perfeitamente a pharmacopêa suissa. Tambem deverá constar da certidão os conhecimentos de arithmetica e algebra, até ás equações do 2.º grau a uma incognita, logarithmos e suas applicações mais importantes, géometria e trigonometria plana. E quando o candidato (aspirante) não apresentar a dita certidão dos mencionados estabelecimentos, terá de submeter-se a um exame das mesmas materias, que se effectuará ante examinadores competentes.

Outra certidão, passada por um pharmaceutico em exercicio, *provará a pratica de officina de pharmácia por tres annos*, sendo sufficiente dois no caso de que o candidato (aspirante) prove ter feito os seus estudos em um collegio superior litterario.

Com estes preparatorios, se procede ao exame de commissario pharmaceutico, dividido em pratico e oral.

O primeiro comprehende a traducção escripta e oral de dois artigos da pharmacopêa latina suissa; a preparação pelo menos de tres medicamentos, segundo as formulas magistraes; uma manipulação pharmaco-chimica, uma preparação galenica da pharmacopêa suissa, e duas analyses seguras ou infalliveis (*sencillos*) de drogas ou preparados pharmaceuticos officinaes.

O exame oral estende-se á botanica systematica e conhecimentos de diferentes plantas medicinaes e uteis; á phy-

sica elementar, á chimica pharmaceutica; ao estudo das substancias pharmaceuticas do commercio; e ás formulas, doses e preparações de medicamentos.

O exame de commissario pharmaceutico deve ser immediato ao tirocinio (aprendizagem).

Os estrangeiros e os suissos, que justifiquem o haver sido approvados em exame equivalente no estrangeiro, podem desempenhar as funcções de commissarios, como os que têm o diploma ou certificado de approvação suisso; mas não têm direito ao exame de pharmaceuticos senão mediante a decisão expressa do conselho (comité) director.

Para ser admittido ao exame profissional de pharmaceutico, o candidato deve provar: que fez exame de commissario pharmaceutico nos termos expressos, ou o equivalente aceite pelo conselho (comité) director; que tem exercido a pharmacia pelo menos um anno debaixo da direcção de um ou mais pharmaceuticos, cujos attestados legalisados tem que apresentar, e que estudou pelo menos quatro semestres completos em uma universidade ou escola especial de pharmacia, e trabalhou durante o mesmo tempo, sem interrupção, no laboratorio d'este estabelecimento.

O exame de pharmaceutico divide-se em pratico, que comprehende o escripto e oral: o primeiro compõe-se dos seguintes pontos: execução de duas preparações de chimica pharmaceutica, com memoria escripta; analyse qualitativa de uma substancia falsificada ou venenosa ou alimenticia com memoria; idem de uma mistura que não contenha mais de seis substancias; analyse quantitativa de uma mistura em peso e em volume com as memorias correspondentes; determinação microscopica de alguns objectos e composição de uma memoria sôbre um assumpto especial de pharmacia, de pharmacologia, ou de chimica applicada, escolhido de tres pontos tirados á sorte. Quatro horas se concede ao candidato, como maximo, para escrever esta memoria.

O exame oral estende-se aos seguintes ramos: botanica, physica, mineralogia, chimica theorica, chimica das prepa-

rações pharmaceuticas (pharmaco-chimica), chimica analytica, comprehende os casos de medicina legal, de hygienia e de policia sanitaria; pharmacologia e pharmacia.

Os estrangeiros tambem estão sujeitos ao commum dos exames, a não ser que o conselho (comité) director os declare isentos, por entender que gosam de uma alta reputação scientifica, ou por uma pratica de mais de dez annos.

As qualificações que obtêm os examinados são: muito bem, bem, mediano; debil ou limitado é insufficiente, e prescreve a repetição de exame.

O regulamento, cujas principaes disposições, com relação aos pharmaceuticos, temos dado a conhecer, está conforme com as modificações que a assembléa federal introduziu, no 1.º de julho d'este mesmo anno (1880) no projecto do conselho federal, e principiará a reger no 1.º de janeiro de 1881.

Comparando o regulamento suisso com a legislação hespanhola, encontra-se de menos desde logo n'esta a falta de pratica de officina de pharmacia nos programmas de 1868, falta que se tem tratado de sanar recentemente de uma maneira pouco explicita na nova reforma e que devera ser de tres a quatro annos, applicando do modo mais conveniente os preceitos da lei de 1857, e a analyse que prescreve a mesma lei, tambem requerida nos programmas e accete unicamente para o doutorado, o que faz com que os licenciados de pharmacia, unicos que possuem laboratório e executam manipulações, sejam excluidos dos reconhecimentos chimico-legaes, nos quaes intervynham os antigos pharmaceuticos, o que redundo agora em prejuizo da prompta administração de justiça e de muitos presuppuestos réos, que eternisam nas cadeias, porque os materiaes submittidos a exame são remettidos com frequencia a grandes distancias, e a sua accumulção contribue para a morosidade lamentavel dos processos, do que poderia citar exemplos occorridos em diversas comarcas judiciais onde não ha doutores. (El Restaurador Farmaceutico).

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 11 DE JUNHO DE 1881

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (Silva Machado) leu a seguinte**Correspondencia**

Officios:—1.º Do sr. João Diniz Simões.—Inteirada.

2.º Do mesmo senhor, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

3.º Do sr. Casimiro Mourato, accusando irregularidade na remessa do Jornal.

4.º Do sr. Rodrigo da Silva Carvalho, pedindo para ser eliminado do quadro dos socios.

Officiou-se-lhe, para que desistisse do seu intento.

5.º Da Smithsonian Institution, pedindo um exemplar da Pharmacopêa Portugueza.—Foi-lhe enviado.

6.º Do sr. Rebello Gamboa, participando que enviava pelo vapor Benguella uns oleos para serem analysados no laboratorio da Sociedade. Estes oleos não foram até hoje entregues.

7.º Do sr. Rego de Carvalho, agradecendo a sua nomeação de socio.—Inteirada.

8.º Circular da Associação dos Jornalistas, convidando a Sociedade a fazer-se representar no congresso das associações.

9.º Da Procuradoria Regia, pedindo o laboratorio para cinco analyses.—Concedido.

O sr. *Assumpção* pediu, que a Sociedade empregasse todos os esforços afim de obter do governo a prohibição de despacho dos medicamentos secretos importados do estrangeiro. Julga esse o unico meio de evitar a concorrência

feita livremente pelas drogarias ás pharmacias, que os não podem vender.

Parece-lhe occasião opportuna de pedir isto ao governo, visto pensar-se agora em fazer um novo tratado de commercio com a França.

Usou da palavra o sr. Jara, que fez algumas referencias a pharmacias, que se acham abertas illegalmente, e concluiu por pedir á mesa a sua maxima sollicitude para a repressão d'esses abusos, que se realisam em toda Lisboa e em todo o reino com grave risco da saude publica.

Ainda usou da palavra o sr. Delicioso, que exprobrou a indifferença das auctoridades para tão importante assumpto, mostrando a incompatibilidade das leis de saude com as leis de fazenda; pois que sendo prohibida por aquellas a entrada no paiz de productos pharmaceuticos secretos, entram ao abrigo d'estas; na alfandega, onde são despachados com a minima vigilancia e livremente.

O sr. *Lima* pede providencias á Sociedade contra o modo como é feita em Lisboa a policia pharmaceutica.

O sr. *S. Machado* diz que a mesa tem empregado todos os meios para chamar a attenção da auctoridade superior do districto de Lisboa, para os abusos, de que os pharmaceuticos são victimas; e lê a representação, que foi dirigida ao sr. governador civil.

Fallam sobre este assumpto o sr. Assumpção e Tedeschi, que pediu que a mesa fosse pessoalmente fallar ao sr. governador civil.—Assim se resolveu.

O sr. *presidente* disse, que na proxima sessão apresentaria o projecto de representação ao governo sobre o tratado de commercio, na parte relativa á importação de medicamentos de formula secreta.

Ordem do dia

Tiveram primeira leitura uma proposta para membro effectivo e outra para correspondente.

Foi lida e approvada uma proposta do sr. Tedeschi para

ser inserto no Jornal um artigo do Restaurador pharmaceutico, de Barcellona.

Tiveram primeira leitura tres propostas para socios honorarios.

Foi unanimemente eleito, e em seguida proclamado socio benemerito, o sr. Antonio Augusto Felix Ferreira.

Foi eleito e proclamado socio correspondente o sr. Francisco Antonio Serra.

O sr. *presidente* participou, que tinha representado a Sociedade no congresso das associações.

Tiveram segunda leitura dois pareceres da commissão de chimica sobre os preparados do sr. Thomaz d'Aquino Alves, ficando para a sessão seguinte a leitura de outro parecer acerca dos mesmos preparados.

Por não haver mais de que tratar, o sr. presidente encerrou a sessão. Eram 10 horas da noite.—O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

SESSÃO DE 5 DE JULHO DE 1880

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (Silva Machado) leu a seguinte

Correspondencia

Officios:—1.º Do sr. E. Ferrand, de Paris, offerecendo um exemplar da sua obra intitulada *«Premiers secours aux empoisonnés, aux noyés, etc.»*—Recebida com agrado.

2.º Do sr. João P. Leal, de Pico de Regalados, sobre negocio da thesouraria.—Inteirada.

3.º Do sr. Duarte Pereira Dias Ribeiro, de Vianna do Castello, exonerando-se de socio correspondente.—Inteirada.

4.º Do sr. Francisco Antonio Serra, de Portalegre, agradecendo a sua admissão para socio correspondente e sobre negocio da thesouraria.—Inteirada.

5.º Do sr. João Diniz Simões, de Coimbra, sobre negocio da thesouraria e agradecendo os numeros do jornal que lhe foram offerecidos para completar a sua collecção.—Inteirada.

6.º Da Procuradoria Regia, remettendo umas visceras humanas para se proceder a analyse toxicologica.—Inteirada.

Propostas

Teve primeira leitura uma proposta do sr. Antonio Augusto Felix Ferreira, para admissão de um socio effectivo.

Teve primeira leitura uma proposta do sr. José Dionysio Corrêa, para admissão de um socio correspondente.

Segundas leituras

Tiveram segunda leitura tres pareceres da commissão de direito pharmaceutico, que foram unanimemente approvados, sendo em seguida proclamados socios honorarios os ex.^{mos} srs. Emilio Silvestre Dias, engenheiro da companhia do gaz, de Lisboa, proposto pelo sr. Augusto d'Oliveira Abreu, dr. Julio Augusto Henriques, lente de botanica da universidade de Coimbra, e Adolpho Frederico Moller, inspector do jardim botanico de Coimbra, propostos pelo sr. Alfredo da Silva Machado.

Teve segunda leitura e foi approvada uma proposta do sr. Francisco Maria Nogueira, sendo em seguida proclamado socio correspondente o sr. Antonio Dias Pereira da Graça, pharmaceutico estabelecido na ilha do Principe.

Teve segunda leitura e foi approvada uma proposta do sr. José Gomes de Mattos, sendo em seguida proclamado socio effectivo o sr. Emilio Manuel Fragoso, pharmaceutico residente em Lisboa.

Por não haver mais de que tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem do dia da sessão seguinte, propostas, pareceres de commissões etc. Eram dez horas da noite.—Pelo segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

PHARMACIA

Clyster contra a gotta

(Fontaine)

Tinctura de colchico.....	6 a 8 gram.
Agua distillada.....	150 „

Misture. É administrado pela via rectal, desde a appareção das dôres da gotta. D'este modo evita-se os effeitos incommodos que resultam, para o estomago e o intestino, do uso interno e muito prolongado dos preparados de colchico.

Collutorio adstringente

(Neuhof)

Sulfato de alumina e de potassa em pó.....	4 gram.
Tinctura de myrrha.....	2 „
Mel rosado.....	60 „

F. s. a. Aconselhado contra a salivacão mercurial e a gengivita ulcerosa. Tres ou quatro applicações por dia com auxilio de um pincel.

Gotas antigastralgicas

(Niemeyer)

Tinctura de noz vomica.....	4 gram.
Tinctura de castoreo.....	4 „

Misture. Doze gotas durante o accesso, em meia chavena de infuso de valeriana. Applicações quentes na cavidade epigastrica.

Linimento contra o prurido

(Bazin)

Agua de cal.....	30 gram.
Glycerina.....	30 „
Oleo de amendoas.....	60 „

Misture. Recommendado para abrandar o prurido do anus, tão frequente na arthrita.

Linimento terebinthinado acetico

(Pharm. ingleza)

Essencia de terebinthina.....	15 gram.
Acido acetico.....	15 »
Camphora.....	3 »
Azeite.....	12 »

F. s. a. Aconselhado como resolutivo, no tratamento do rheumatismo.

Mistura antidyspeptica

(H. Green)

Magnesia alva.....	8 gram.
Rhuibarbo em pó.....	6 »
Tinctura de rhuibarbo.....	25 »
Xarope simples.....	25 »
Agua de hortelã pimenta.....	100 »

F. s. a. Uma colher das de sopa, nas dyspepsias acompanhadas de flatulencias ou de azias.

Pastilhas de longa vida

(Dr. Gallois)

Rhuibarbo em pó.....	3,00 gram.
Magnesia calcinada.....	30,00 »
Bicarbonato de soda.....	3,75 »
Gengibre em pó.....	1,00 »
Canella em pó.....	0,75 »
Assucar branco.....	60,00 »
Mucilagem de gomma alcatira...	q. b.

F. s. a. pastilhas de um gramm cada uma. Tres a seis por dia, para facilitar as digestões e manter o appetite.

Pilulas antiictericas

(Dr. Gallois)

Aloes socotrino.....	} aã 5 gram.
Rhuibarbo em pó.....	
Extracto de saponaria.....	

F. s. a. pilulas de 15 centigrammas. Oito a doze por dia, na ictericia chronica.

Pilulas antirheumatismas

(Porcher)

Sulfato de quinina.....	2,00 gram.
Sulfato de morphina.....	0,50 »

F. s. a. 20 pilulas. Uma ou duas por dia, contra as dôres nervalgicas e rheumatismas.

Pilulas cholagogas

(Gubler)

Aloes socotrino.....	1 gram.
Gomma gutta.....	1 »
Calomelanos por vapôr.....	1 »
Extracto de taraxaco.....	q. b.

F. s. a. 10 pilulas. Prescreve-se uma ou duas por semana, para entreter a liberdade do ventre, nas doenças do figado e do coração.

Pilulas febrifugas

(H. Green)

Acido arsenioso.....	10 centigram.
Sulfato de quinina.....	4 gram.
Conserva de rosas.....	2 »

F. s. a. 30 pilulas. Duas por dia, nas febres intermitentes rebeldes.

Pó absorvente antiacido

(Dr. Gallois)

Subazotato de bismutho.....	23 a 50 centigr.
Magnesia calcinada.....	10 »
Opio em pó.....	3 »

Misture para uma dose, que será ingerida um quarto de hora antes de cada uma das duas principaes refeições, na dyspepsia acida. Agua mineral alcalina misturada com vinho nas comidas.

Pó antidyspeptico

(Bonnet)

Subazotato de bismutho.....	20 gram.
Chlorhydrato de morphina.....	5 a 10 centigr.

Misture exactamente e divida em 20 doses. Administra-se uma dose ao tomar cada uma das duas principaes refeições, em duas colheres de agua com assucar, nos casos de dyspepsia com tendencia á diarrhêa.

Pó expectorante

(Albers)

Enxôfre dourado de antimonio..	0,20 gram.
Ipecacuanha em pó.....	0,40 »
Assucar de leite em pó.....	2,00 »

Misture e divida em 8 doses. Uma todas as duas horas, ás creanças que tossirem em seguida ao sarampo. Revulsivos repetidos sobre o peito.

Poção calmante

(Graves)

Tartaro emetico.....	0,12 gram.
Camphora.....	0,90 »
Almiscoar.....	2,60 »

Mucilagem de gomma arabica...	16,00 gram.
Xarope de dormideiras.....	32,00 »
Agua.....	110,00 »

F. s. a. Para ser administrada ás colhêres, das de sopa, de duas em duas horas, contra os sôbresaltos de tendões e os accidentes cerebraes que acompanham a febre typhosa grave.

Poção contra a salivação mercurial

(Kluge)

Iodo	20 centigram.
Alcool.....	8 gram.

Solva e ajunte:

Agua de canella.....	80 gram.
Xarope simples	16 »

Para tomar uma colhêr immediatamente e mais tarde outra, quatro vezes por dia, para combater a salivação mercurial.

Poção diaphoretica

(Dr. Gallois)

Acetato de ammonia.....	15 gram.
Agua de flôr de lorangeira.....	30 »
Infuso de tilia.....	120 »
Xarope das cinco raizes.....	60 »

Misture. Para ser dado ás colhêres, de hora a hora, para revocar a erupção subitamente recolhida, a escarlatina por exemplo. Para tisana o infuso de flôr de sabugueiro.

Poção ferruginosa

(Trousseau)

Tartarato de potassa e de ferro.	4 a 8 gram.
Acido tartarico.....	0,20 »

Agua distillada.....	100,00 gram.
Agua de canella.....	20,00 »
Xarope de balsamo de Tolú....	30,00 »

F. s. a. Administra-se ás colhêres das de sopa, de hora a hora, no caso de purpura hemorrhagica, de variola hemorrhagica, de cancro phagedenico e de gangrena.

Poção iodada

(Bogros)

Iodeto de potassio.....	4 gram.
Tinctura de dedaleira.....	2 »
Agua de tilia.....	150 »
Xarope de morphina.....	32 »

F. s. a. Para ser dada ás colhêres, de tres a tres horas, no rheumatismo articular agudo.

Pomada antirheumatismal

(Guéneau de Mussy)

Extracto de belladona.....	4 gram.
Extracto de meimendro.....	6 »
Extracto de opio.....	2 »
Banha preparada.....	50 »

F. s. a. Fricções tres ou quatro vezes por dia, sôbre as articulações dolorosas, no caso de rheumatismo articular agudo.

J. D. CORRÊA.

HISTORIA NATURAL

Botanica

Catalogo das plantas medicinaes que habitam
o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 463)

Gynandreae.

Orchideae. R. Br.

Em Portugal habita um numero consideravel de especies de orchideas terrestres, cujos tuberculos tem composição e acção medicamentosa muito analoga, podendo da maior parte d'elles extrahir-se o salepo, que é excellente peitoral e analeptico.

Citaremos as especies que habitam no nosso paiz e vem mencionadas no *Prodromus Florae Hispanicae*, de M. Wilkomm e J. Lange, com as addições que julgamos convenientes.

Orchis papilionacea. L.¹

(*O. rubra*. Jacqu. *O. papilionacea-rubra*. Brot.)

Herva borboleta.

Hab. na Serra da Arrabida, Azeitão, em Elvas, junto do Forte da Graça, e em outros pontos da nossa provincia do Alentejo.

Flor. na primavera.

Orchis morio. L.²

Hab. proximo a Cabeceiras de Basto, e em outros pontos do Minho, Trás-os-Montes, Douro, e na Extremadura ao sul do Tejo.

¹ Variedades α . *Parviflora*. β . *Grandiflorum*. Bss.

² Variedades α . *Vulgaris*,

β . *Picta*. Rehb. fl. (*O. picta*. Lois.) Esta planta habita nas visinhanças de Azeitão e Serras de Arrabida e de Monchique. Ha tres annos foi encontrado na primavera um exemplar d'esta orchidea nas proximidades de Coimbra, nos montes de Santa Clara, pelos estudantes de botanica, Augusto Arthur Teixeira d'Almeida e Antonio Manuel da Costa Lerenó, n'uma das suas excursões botanicas.

Flor. de março a junho.

Orchis coriophora. L.¹

(*O. coriophora-symphypetala*. Brot.)

Herva porsobeja.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, em Cintra e na Serra de Monsanto.

Flor. em maio.

Orchis tridentata. Scop.

(*O. acuminata*. Desf.; *O. lactea*. Poir.; *O. globosa*. Brot. non L.; *O. Hanrii*. Jord.)

Hab. nas visinhanças de Bellas, Cintra, e em muitos outros pontos da Extremadura.

Flor. na primavera e principios do estio.

Orchis simia. Lam.

(*O. militaris*. L.; *O. tephrosanthos*. Vill.; *O. italica*. Poir.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, e em muitos pontos da Beira.

Flor. de fevereiro a abril.

Orchis militaris. L.

(*O. Rivini*. Gou.; *O. galeata*. Lam.; *O. tephrosanthos* β . Lois.; *O. cinera*. Schrk.)

Hab. nos mesmos sitios que a especie antecedente.

Flor. de fevereiro a maio.

Orchis Longicruris. Lk. e Brot.)

O. militaris. Poir.; *O. tephrosanthos*. Desf.; non Vill.; *O. undulatifolia*. Biv.; *O. tephros* β . *undulatifolia*. Wbb.)

Flor dos rapazinhos ou dos macaquinhos dependurados.

Hab. nas visinhanças de Lisboa, Cintra, Torres-Vedras, e em muitos outros pontos da Extremadura e Beira.

Flor. na primavera.

Orchis mascula. L.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bussaco, e em quasi toda a Beira; assim como na Serra de Rebordão, proxima a Bragança.

¹ Variedades β . *Polliniana*. Rchb. fl., γ *Carpetana*. Wk.

Flor. de abril a junho.

Orchis laxiflora ¹. Lam.

(*O. ensifolia* Vill.; *O. Tabernaemontani*. Gmel.)

Hab. no Cabeço de S. Bartholomeu, proximo a Bragança.

Flor. em maio e junho.

Orchis sambucina. L.

(*O. saccata*. Rehb.; *O. incarnata*. Hall.)

Hab. proximo da Torre de Moncorvo, e em todo o resto da provincia de Trás-os-Montes.

Flor. de abril a junho.

Orchis pseudosambucina. Ten.

(*O. flavescens*. Koch.)

Hab. na Serra de Rebordão, proxima a Bragança.

Flor. em maio e junho.

Orchis incarnata. L. β . *sesquipedalis* genuina. Rehb. fil.

(*O. latifolia*. Lk.; *O. sesquipedalis*. Willd.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Cintra, e em alguns pontos da Beira.

Flor. de maio a junho.

Orchis maculata. L.

Hab. proximo a Miranda, Gerez, e em outros pontos na parte septemptrional do paiz.

Flor. na primavera.

Orchis bifolia. L.

(*O. alba*. Lamk.; *Plantanthera bifolia*. Rich.; *Plat. solstitialis*. Bönnggh.)

Hab. nas proximidades de Cabeceiras de Basto, Villa-Real e Bragança.

Flor. em maio e junho.

Orchis cordata. Willd.

(*Satyrion diphylum*. Lk.; *Habenaria cordata*. R. Br.; *Herminium cordatum*. Lindl.; *Gymnadenia diphyllo*. Lk.; *Peristylus cordata*. Lindl.; *Platanthera diphyllo*. Rehb. fil.)

Hab. nas visinhanças de Azeitão, e em muitos pontos da Serra da Arrabida.

¹ Variedade β . *longebracteata*.

Flor. na primavera.

Anacamptis pyramidalis. Rich.

(*Aceras pyramidalis*. Rehb, fil.; *Orchis pyramidalis*. L.;
O. condensata. Desf.)

Satyrião menor.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bellas, Cintra, Cascaes,
e em outros pontos do paiz.

Flor. de abril a julho.

Aceras anthropophora. R. Br.

Ophrys antropophora. L.; *O. anthropomorpha*. W.; *Lo-
roglossum anthropophora*. Rich.; *Himantoglossum anthro-
pophora*. Spr.)

Homem enforcado.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Bellas, Cintra, Azeitão,
e em outros pontos do paiz.

Flor. de março a junho.

Aceras densiflora. Bss.

(*Aceras intacta*. Rehb. fil.; *A. secundiflora*. Lindl.; *Saty-
rium maculatum*. Desf.; *S. densiflorum*. Brot.; *Orchis in-
tacta*. Lk.; *O. atlantica*. W.; *Himantoglossum secundiflorum*.
Rehb.; *Ophrys densiflora*. Desf.; *Peristylus densiflorus et
maculatus*. Lindl.)

Hab. nos montes de Santa Clara, nas visinhanças de Coim-
bra, e na Serra da Arrabida.

Flor. em maio.

Aceras longebracteata. Rehb. fil.

(*Orchis longebracteata*. Biv.; *O. fragrans*. Ten. non.
Poll.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Torres-Vedras, e em
outros pontos do paiz.

Flor. em fevereiro e março.

Serapias cordigera. L.

(*Helleborine cordigera*. Seb. e Maur.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, nos terrenosproximos
á estação da Granja, em Ourentam, e n'alguns pontos da
Beira; assim como na Extremadura ao sul do Tejo.

Flor. de abril a junho.

Serapias occultata. Gay.

(*S. laxiflora*. Rehb.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, e em outros pontos do paiz.

Flor. em maio.

Serapias lingua. L.

(*S. glabra* Lap.; *Helleborine Lingua*. P.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Ourentam, e em quasi toda a Beira; assim como em Loires, proximo a Lisboa.

Flor. na primavera.

Ophrys aranifera. Huds. ¹

(*O. aranifera* et *Pseudospeculum*. D. C.)

Hab. a parte meridional do paiz.

Flor. de abril a junho.

Ophrys tenthredinifera. Willd.

(*O. Arachnites*. Lk.; *O. insectifera* α *rosea*. Desf.)

Hab. nos montes de Santa Clara, nas visinhanças de Coimbra, Moinho do Almoxarife, Cintra, Serra da Arrabida, Lisboa, e em quasi toda a Extremadura.

Flor. de fevereiro a abril.

Ophrys arachnites. Reichh.

(*O. fuciflora* e *brachyotus*. Rehb.; *Orchis insectifera arachnites*. L.)

Herva aranha.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz. (Brot.)

Flor. na primavera.

Ophrys apifera. Huds.

(*O. insectifera*. L. ex. p.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Ourentam, Cintra e Serra da Arrabida.

Flor. em maio e junho.

¹ Variedades α . Genuina. Rehb. fl., β . Atrata. Rehb.

Ophrys scolopax. Cav. non. Brot. α . *picta* Rehb.

(*O. picta* Lk.; *O. corniculata*. Brot.; *O. insectifera* *api-formis*. Desf.)

Hab. nos montes de Santa Clara, nas visinhanças de Coimbra, Cintra, Serra da Arrabida, e em muitos outros pontos da Extremadura.

Flor. em abril e maio.

Ophrys bombyliflora. Lk.

(*O. insectifera* β *biflora*. Desf.; *O. tabanifera*. W.; *O. la-brofossa*. Brot.)

Hab. nos montes de Santa Clara, nas visinhanças de Coimbra, na Serra do Monsanto, e nos arredores de Lisboa.

Flor. de fevereiro a abril.

Ophrys speculum. Lk.

(*O. insectifera* δ . L.; *O. Myodes* δ . Poir.; *O. scolopax* e *vernixia*. Brot.)

Herva abelha.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, e em muitos pontos da Beira.

Flor. em abril e maio.

Ophrys fusca. Lk.

(*O. insectifera* γ . L.; *O. laetea*. Biv. non. Cav. *O. myodes*. Lap. non. L.)

Moscardo fusco.

Hab. em Cintra, Lisboa, Serra da Arrabida, e em muitos outros pontos da Extremadura; é rara nas visinhanças de Coimbra.

Flor. na primavera.

Ophrys lutea. Cav.

(*O. insectifera* α . L.; *O. vespifera* Brot.; *O. fusca*. Ten. non. Lk.)

Herva vespa.

Hab. nos montes de Santa Clara, nas visinhanças de Coimbra, Moinho do Almoxarife, Cintra, Lisboa, e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. de fevereiro a abril.

Neottia nidus avis. Rich. ¹

(*Ophrys nidus avis*. L.; *Epipactis nidus avis*. Crtz.; *Listera nidus avis* Hook.)

Hab. no Bussaco.

Flor. em maio e junho. Parasita. ²

Epipactis helleborine. Crtz. ³

(*E. latifolia*. All.; *Serapias helleborine* α . *latifolia*. L.)

Helleborinha.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, e em quasi toda a Beira.

Flor. de maio a julho.

(Instituto de Coimbra.)

(Continúa.)

¹ Esta planta foi, ha poucos annos, encontrada pela primeira vez em Portugal pelo sr. dr. Julio Augusto Henriques na matta do Bussaco.

² As raizes d'esta orchidea abreviam a cicatrização das feridas, e, segundo Lémery, são tambem resolutivas.

³ Variedades α . *microphylla*. Rchb. fl., β . *rubiginosa*. Crtz.

NECROLOGIA

FELIX FERREIRA

A ampulheta da vida marcou no dia 9 do corrente o termo d'uma existencia por muitos titulos preciosa — quando contava apenas 42 annos de idade, baqueou ao sópro implacavel da morte o nosso collega e dignissimo consocio benemerito o sr. Antonio Augusto Felix Ferreira, victima d'uma dolorosissima doença que o torturou durante oito mezes, deixando inconsolaveis esposa, filhos e amigos.

Intelligencia, illustração, actividade, honradez e amor de classe eram qualidades que o nosso mallogrado consocio possuia em elevado gráo, e que poz, em quanto a saude lh'o permittiu, á disposição dos interesses profissionaes da classe pharmaceutica que honrava.

A sociedade pharmaceutica lusitana, da qual este

prestante pharmaceutico exerceu varios cargos por muitos annos, deve-lhe relevantissimos serviços e rara dedicação, que hão de ser perpetuamente memorados pelos seus consocios.

O funeral realisou-se no dia 11 ás onze e meia horas da manhã e o prestito compunha-se da quasi totalidade dos socios effectivos da sociedade pharmaceutica lusitana e de muitos outros amigos que quizeram assim manifestar a estima e saudade que por elle sentiam.

Pegaram ás borlas do caixão, que foi coberto com a bandeira da sociedade, os membros da mesa e os srs. Claudino Leitão, dr. Xavier da Cunha, Urbano da Veiga e Santos Viegas.

O sr. João José de Sousa Telles, presidente da sociedade pharmaceutica, proferiu á beira da sepultura o seguinte discurso:

Meus senhores. — Faz hoje oito dias levantei eu a minha debil voz no cemiterio occidental d'esta cidade perante milhares de pessoas, que ali tinham ido celebrar a apothéose de um obreiro infatigavel da civilisação.

A cerimonia, que ali se realisou não foi um funeral, foi uma consagração.

Se a saudade arrancava ainda lagrimas de muitos olhos e suspiros de muitos corações, havia tambem ali hymnos festivaes corôas de louro, e de rosas, ramalhetes alegres, bandeiras e estandartes, sem signal de lucto.

Vieira da Silva tinha exhalado o ultimo suspiro havia treze annos, e desde aquelle dia, em que Lisboa consternada soltou um gemido dolorosissimo e acompanhôu silenciosa e mesta o grande apostolo da associação até á humilde jazida, a opinião publica, mitigada a dôr, e asserenadas as paixões, que os tribunos denodados incitam e exaltam sempre em torno de si, conferira-lhe o glorioso e nobilissimo titulo de benemerito da patria.

Hoje, aqui, no cemiterio oriental, êrgo outra vez a voz, perante um auditorio não tão numeroso, mas igualmente respeitavel, auditorio composto de cavaalheiros, que a amisade, o reconhecimento, e a confr-

ternidade profissional impelliram a vir prestar a ultima homenagem a um dos homens mais perfeitos, que tenho conhecido, e cujo nome abençoado, ha de ser repetido com profundo acatamento por nós, por nossos filhos, e pelos filhos de nossos filhos, todas as vezes, que fôr mister apontar um modelo de virtudes, uma bella intelligencia cultivada e engrandecida pelo estudo incessante, uma actividade prodigiosa posta sempre ao serviço da communidade, um amor de classe revelado em todas as suas palavras, em todas as suas obras, em todas as suas generosas aspirações; mas sem a mais pequena sombra de exclusivismo egoista, do qual tantas vezes brotam odios e discórdias entre os gremios, que mais unidos devem estar e mais estreitamente ligados pelos laços da amizade e da sciencia.

Quizera poder dizer-vos n'este momento quanta nobresa havia no character de Antonio Augusto Felix Ferreira; como elle sabia temperar a mais severa rigidez no cumprimento de suas obrigações com a mais encantadora e meiga delicadesa; como elle amava e respeitava seus paes; de quantos carinhos e desvellos cercava a esposa e os filhos; os serviços relevantissimos, que prestou á classe pharmaceutica, cujo decoro e engrandecimento o preocupavam dia e noite; a assiduidade, com que durante muitos annos se dedicou a melhorar as condições da sociedade pharmaceutica lusitana, uma das mais antigas e mais prestantes sociedades de Portugal, conseguindo, sem a minima ambição, antes com raro e exemplar desinteresse, e sem jámais solicitar o favor de seus confrades, que estes o elevassem á categoria de benemerito; e merecendo sem injustiça, que o seu nome fosse para toda a familia pharmaceutica tão venerando, tão auspicioso e tão sympathico, como os de José Vicente Leitão, Antonio de Carvalho, Rodrigues d'Oliveira, Henrique José de Sousa Telles, José Tedeschi, Dionysio Corrêa, Urbano da Veiga, Francisco Bernardo dos Santos e Pedro José da Silva.

Quizera, meus senhores, poder apresentar-vos exemplos d'uma qualidade, que em Felix Ferreira sobre-

excedia a todas as outras, e na qual, por ventura, estava o segredo, e quasi magia, com que elle enleiaa e attraia irresistivelmente quantos o tratavam.

Essa qualidade era a honradez, a pureza immaculada da sua vida publica e particular; a honestidade, tamanha, tão perfeita, tão excepcional, que bem poderia, sem hyperbole, symbolisal-a com a candura do arminho.

Mas, é cedo ainda para aquilatar os peregrinos do-tes do nosso amigo e collega.

É cedo ainda, não porque se possam levantar duvidas em louval-o, e bemdizel-o; mas por que ainda o estamos a ver martyrisado por uma crudelissima enfermidade; olhando sem esperanza de poder continuar a conviver com elles, para a esposa virtuosa, e para os filhos queridos, que antevia seriam a consolação de sua velhice.

Ainda estamos a contemplar aquella interminavel agonia; o cair das trevas da morte, e o occaso prematuro d'um astro, que nos parecia não ter percorrido ainda metade do seu curso.

Ouvimos d'aqui os gemidos de sua mãe, de sua consorte e de seus filhos.

O lucto d'estes, tomamol-o nós tambem. Aquelle cedro frondoso e virente, baqueando por terra, tão inesperadamente, molestou de tal sorte nossos corações, que só podemos gemer e chorar.

Chorar, repito, que as lagrimas não envergonham, quando caem sobre o feretro de um collega, de um amigo, de um desventurado, de um verdadeiro homem de bem.

Quando o tempo, que tudo cura, tiver mitigado a nossa dôr, então a razão desassombrada escreverá, o elogio d'aquelle com quem nos parece, que estamos ainda a conversar; então o lucto converter-se-ha em gala; as nenias em hymnos de jubilo; e em vez de saudades e goivos, viremos offertar ao que soube honrar a familia, a classe, a patria e a humanidade, corôas de louro e grinaldas de açucenas e violetas, que dirão na sua linguagem symbolica: valor, pureza e modestia.

PEÇAS OFFICIAES

Consulta da sociedade pharmaceutica lusitana ácerca de uma amostra de sulfato de quinina que lhe foi enviada pelos srs. Creswell & C.^a, representantes em Lisboa da fabrica lombarda de productos chimicos em Milão.

A sociedade pharmaceutica lusitana, satisfazendo ao pedido que lhe fizeram os srs. Creswell & C.^a, representantes em Lisboa da fabrica lombarda de productos chimicos em Milão, para a mesma sociedade mandar proceder á analyse de uma amostra de sulfato de quinina produzido n'aquella fabrica e dar-lhes o respectivo parecer, mandou ouvir a commissão de chimica, a qual apresentou, em sessão litteraria de 13 de agosto do anno corrente, o seu parecer, que foi discutido e approvedo, declarando que o referido sal de quinina é de boa qualidade e não está falsificado, em vista dos seguintes caracteres que lhe notou — *Crystallino, insolúvel na agua, soluvel na agua addicionada de algumas gottas de acido sulfurico, dando um soluto limpido com reflexo azulado; perdeu pelo aquecimento na estufa 9,8 por cento do seu peso; tratado pelo ether e ammoniaco dissolveu-se completamente, ficando os dois liquidos separados pela differença de densidade, mas perfeitamente limpidos; um gramm do sulfato dissolvido em 15 grammas de chloroformio e alcool absoluto deixar pela evaporação um residuo crystallino.*

Em virtude do que se mandou passar a presente consulta, que vae assignada pela mesa e timbrada com o emblema de que usámos.

Lisboa e sala das sessões da sociedade pharmaceutica lusitana, 2 de setembro de 1881 (assignados) — O presidente, João José de Sousa Telles — O primeiro secretario, Alfredo da Silva Machado — O segundo secretario, José Gomes de Mattos.

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 13 DE AGOSTO DE 1881

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (Silva Machado) leu a seguinte**Correspondencia**

Officios: 1.º Do sr. Marques da Silva, propondo á Sociedade uns quesitos sobre a limonada de citrato de magnesia.

2.º Do sr. dr. Julio Henriques, agradecendo a sua nomeação de socio honorario.—Inteirada.

3.º Do sr. Adolpho Moller, com identico fim.—Inteirada.

4.º Do sr. Emilio Dias, agradecendo a sua nomeação de socio honorario e offerecendo os seus serviços para analyses chymicas.—Inteirada.

5.º Do presidente da commissão executiva da exposição d'arte ornamental, enviando o programma e pedindo que no nosso jornal se faça propaganda a favor d'esta idéa.—Inteirada.

6.º Do secretario da Smithsonian Institution, accusando a recepção da Pharmacopêa, dos Estatutos e dos numeros do jornal, que a Sociedade lhe enviou.

7.º Do sr. Martins Pereira, da Merceana, annuindo ao convite do sr. primeiro secretario ser proposto socio.

Fez a proposta o sr. Silva Machado.

8.º Da Procuradoria Regia, pedindo o laboratorio, para se fazer a analyse d'umas visceras.—Concedido.

9.º Do sr. Emilio Fragoso, agradecendo a sua nomeação de socio effectivo.—Inteirada.

10.º Do sr. Santa Clara, de Paião, participando que continua a ser socio até terminar a assignatura do jornal.—Inteirada.

11.º Do sr. Pina, de Portalegre, desistindo do seu pedido para ser excluido de socio.—Recebido com agrado.

12.º Do sr. Timotheo da Trindade, sobre assumpto da thesouraria.—Inteirada.

13.º Do presidente da commissão encarregada de levar a effeito a conclusão do jazigo e a trasladação dos restos mortaes de Vieira da Silva, convidando a Sociedade a fazer-se representar n'aquella solemnidade.—Inteirada.

14.º Do agente da fabrica Lombarda de productos chimicos, de Milão, enviando um frasco com sulphato de quinina e pedindo para ser analysado no laboratorio da Sociedade.—Inteirada.

O sr. *presidente* chamou a attenção da Sociedade para o officio, que trata da exposição de arte ornamental e disse que, com quanto este assumpto não tivesse relação directa com o objecto da nossa Sociedade, lhe parecia conveniente satisfazer o pedido da commissão.

Resolveu-se publicar um artigo relativo á exposição e transcrever o programma no jornal.

O sr. *presidente* desejou saber, se a Sociedade queria associar-se á manifestação feita em honra de Vieira da Silva.

A Sociedade respondeu affirmativamente e resolveu, que nas proximidades do dia 4 se enviassem circulares a todos os socios pedindo-lhes para comparecerem no cemiterio occidental á hora designada nos programmas.

Ordem do dia

Tiveram primeira leitura duas propostas para socios effectivos, uma para socio correspondente, um parecer da commissão de chimica sobre o sulphato de quinina, e da commissão de pharmacia sobre a limonada de citrato de magnesia e ainda outra proposta dos socios E. Fragoso e G. Mattos para a creação d'um curso de pharmacia nas salas da Sociedade.

Foram eleitos e proclamados: socio effectivo o sr. Francisco José Malato, de Lisboa, e correspondente o sr. Alexandre Augusto de Araujo, da Povia de Varzim.

Foi eleita a commissão de exame de contas.

Por não haver mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, eram dez horas da noite.==O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

SAUDE PUBLICA

Efeitos da ingestão do pão bolorento nos animaes e nos homens

Pelo sr. Mégnin

N'um destacamento de cavallaria, de guarnição em Oran (Algérie), fez-se a distribuição do pão de munição aos homens; este pão, apenas com quarenta e oito horas de manufacturado, estava coberto de vegetações cryptogamicas escuras e alaranjadas; alguns dos cavalleiros recusaram comê-lo, outros deram-o a seus cavallos que gostaram. A consequencia d'esta ingestão foi produzir-se um envenenamento, não seguido de morte, mas com resultados graves em um dos cavallos.

Estes factos relatados pelo sr. Mégnin não são os primeiros que a sciencia tem registrado, a que o homem e os animaes estão sujeitos; este auctor occupa-se de estudar as substancias que se desinvolvem sôbre as amostras de pão de munição enviado de Oran, ás quaes tem encontrado duas especies de bolor: uma formando camada floccosa côr de ferrugem, o *Ascophora nigricans*, o antigo *Rhizopus* de Erenberg; a outra produzindo manchas côr de salmão, a qual é o *Oidium aurantiacum*.

Em 1771, Poggiale descobriu que, sôbre o pão de munição e segundo a sua frescura, os esporulos d'este cogumêlo preexistem na farinha. O sr. Mégnin confirma a descoberta do sr. Poggiale, pelas zônas que estes bolores produzem na espessura do mesmo pão, submettido ao seu exame, e á alteração que soffre durante o fabrico.

O sr. Mégnin tem cultivado o *Ascophora nigricans* e o

Oidium aurantiacum sobre o pão de munção recente e obtido vegetações abundantes, que têm sido experimentadas nos cães; os seus effeitos são muito mais violentos com o *Ascothor* que com o *Oidium*.

(Revue d'hygiène.)

Pesquisa do alumen na farinha e no pão

O pão que contém alumen, pôsto em contacto com decocto recente do lenho de campeche, produz coloração azul-cinzenta, e Hadow obteve esta reacção depois de muito tempo para reconhecer a falsificação. O sr. Hassall (*Food, its adulterations and the methods for their detection*. London, 1876, pag. 356), sustenta que este methodo é incerto e pode conduzir a erros; mas o sr. Stoddart attribue estes maus exitos ao emprêgo do lenho alterado.

O sr. Young affirma que o methodo referido tem-lhe dado egualmente resultados constantes e que pode ser empregado na farinha, sendo sufficiente fazer com agua massa liquida e ajuntar-lhe em seguida tinctura ammoniacal de campeche. A farinha que possuir, para quatro libras inglezas, cinco grãos de alumen somente adquire a coloração azul-cinzenta, que persiste durante oito dias, em quanto que a farinha pura só é córada mui ligeiramente.

O sr. Dupré isola o alumen existente, agitando em um funil com torneira 100 grammas da farinha suspeita, em 300 a 500 centímetros cubicos de chloroformio; depois do repouso a farinha occupa a superficie, em quanto que as falsificações mineraes precipitam-se e podem ser isoladas pela decantação e filtração. Os fragmentos do alumen podem ser reconhecidos directamente pelo exame microscopico d'este precipitado, ou ainda solver este ultimo na agua e procurar no soluto o acido sulfurico e a ammonia do alumen ammoniacal formado.

A alumina é geralmente retida na parte insolúvel e, para

a encontrar, é necessario dissolvê-la no acido chlorhydrico. Empregando-se certas precauções pode-se, com auxilio do chloroformio, isolar quasi na sua totalidade o alumen contido na farinha.

O sr. Welborn reduz a farinha ou o pão suspeito a massa liquida, addicionada de pequena quantidade de acido chlorhydrico, e submette-a á dialyse; passadas vinte e quatro horas a agua exterior contém a alumina e o acido sulfurico.

(*J. de pharm. et de chim. de Paris.*)

J. D. CORRÊA.

PHARMACIA

Peptonas mercuricas

Com a denominação de peptonatos de mercurio, têm prescripto, ultimamente, os medicos francezes, solutos de bi-chloreto de mercurio addicionados de chloreto de sodio e de peptonas, em tal proporção que algumas propriedades dos saes de mercurio ficam ali dissimuladas. Assim, estes solutos não precipitam pelos alcalis e mostram possuir todas as boas condições para uma rapida absorpção. E o chloreto mercurico, achando-se combinado com uma substancia albuminoide, não irrita os tecidos.

Parece que os resultados obtidos pelo emprêgo das peptonas mercuricas em injeções hypodermicas, no tratamento da syphilis, têm sido optimos; não se lhe seguindo nenhum accidente, segundo affirmam alguns medicos que as têm usado na sua clinica.

Para preparar extemporaneamente estes solutos propõe o sr. Petit a formula seguinte:

Bi-chloreto de mercurio.....	1
Chloreto de sodio.....	2
Peptonas sêccas.....	1

Dissolve-se tudo na menor quantidade possivel de agua,

filtra-se e em seguida evapora-se no vacuo. O producto bem sêcco é triturado novamente. Dissolve-se completamente em agua distillada.

Para preparar uma injeccão hypodermica contendo 1 por 100 de bi-chloreto, tomar-se-ha pois:

Peptona mercurica.....	4
Agua distillada.....	100

O mesmo producto pode ser empregado na preparação de pilulas contendo cada uma 4 centigrammas de peptonas mercuricas, comprehendendo portanto exactamente a 1 centigramma de bi-chloreto de mercurio.

S. M.

CHIMICA

Algumas considerações sobre os caracteres dos gazes e vapores organicos chlorados

Por Berthelot

Sabe-se que a presença dos compostos chlorados volateis, taes como o chloroformio, dissolvidos no sangue ou nos liquidos organicos, pode reconhecer-se fazendo passar seu vapôr, misturado com ar e vapôr de agua, atravez de um tubo aquecido ao rubro: o chloro torna-se em parte livre e parte em acido chlorhydrico. Os gazes, dirigidos em seguida sobre um soluto de nitrato de prata, produzem precipitado branco caracteristico.

A acção da faisca electrica e a da combustão decompõem igualmente os gazes organicos chlorados, tornando-os susceptiveis de tambem precipitar o nitrato de prata.

Muitas vezes tive occasião de observar diversas causas de erro n'este genero de investigações, devidas á presença do acido cyanhydrico e da acetylena, e que julguei util assignalar.

A presença do acido cyanhydrico embarça, sem duvida,

*

a procura do chloro e do acido chlorhydrico, por que o cyaneto de prata assemelha-se muito ao chloreto do mesmo metal, e forma-se egualmente á custa do nitrato de prata, ainda mesmo n'um soluto fortemente acido.

A acetylena precipita do mesmo modo o azotato de prata neutro, formando acetylureto de prata.

Ora estas causas de erro não são puramente theoricas: mas são para receiar quando se opéra a decomposição dos vapôres, na presença de uma quantidade de oxygenio insufficiente ou do ammoniaco. Sob a influencia da faísca electrica, o azoto livre tambem se transforma em acido cyanhydrico rapidamente.

É facil de verificar queimando um liquido volatil á superficie de uma solução de azotato de prata, que os gases obtidos podem precipitar o azotato, mesmo na ausencia total do chloro.

Resulta d'estes factos que a formação de um precipitado branco no azotato de prata neutro ou ligeiramente acido, atravessado por uma corrente gazosa, não é um caracter exclusivo do chloro ou do acido chlorhydrico.

Eis como estas diversas causas de erro podem ser evitadas.

O acetylureto de prata, uma vez formado, não se dissolve immediatamente no acido azotico; dissolve-se porém no acido concentrado e fervente, e o licor, diluido em seguida com agua pura, fica limpo.

Podemos mesmo evitar a formação do acetylureto de prata, acidulando precisa e fortemente pelo acido azotico a solução do azotato de prata, que deve ser atravessada pelos gases.

Esta precaução não basta contra o acido cyanhydrico. N'este caso convém dissolver primeiro os gases na agua pura e leval-a á ebulição, afim de expulsar o acido cyanhydrico que possa conter. A acetylena dissolvida é egualmente eliminada por esta via, após algum tempo de ebulição. O acido chlorhydrico, pelo contrario, fica no licor, por que forma um hydrato menos volatil que a agua pura.

Observações polarimetricas sobre a rapidez da inversão do assucar de canna pelo acido chlorhydrico concentrado á temperatura ordinaria

Por F. Urech

Abandonando á temperatura de 23° uma solução de assucar de canna adicionada de 10 % de acido chlorhydrico concentrado, a interversão se faz pouco a pouco e está completa no fim de 6 a 7 horas. Segundo os numeros dados pelo auctor, a interversão marcha rapidamente a principio; mas vae sendo mais morosa á medida que augmenta a proporção do assucar intervertido.

J. J. PIRES.

TOXICOLOGIA

Separação e dosagem do arsenico nas investigações toxicologicas

Por E. Fischer

No processo proposto por Schneider e por Fyse para a separação e dosagem do arsenico nas buscas toxicologicas, pela distillação da materia com acido chlorhydrico, ha algumas causas de erro: somente o acido arsenioso distilla no estado de chloreto; o acido arsenico fica por decompôr; o auctor propõe transformal-o em acido arsenioso com chlorreto ferroso. Para isto, trata a substancia pelo chlorato de potassa e acido chlorhydrico; os sulfuretos de arsenico, de antimonio e de estanho são em seguida oxydados pelo chloro em solução alcalina, segundo o processo de Bensen, e o chlorato alcalino destruido em grande parte pelo acido chlorhydrico concentrado. Distilla-se depois em um balão de 500 a 600^{cc}, ajuntando 20^{cc} de uma solução saturada a frio de chloreto ferroso, e 140^{cc} de HCl a 20 %. Se a substancia contém pouco arsenico basta uma distillação; no caso contrario, ajunta-se acido chlorhydrico ao residuo e

distilla-se ainda; depois de quatro distillações, todo o arsenico terá passado arrastando somente um pouco de estanho e de antimónio. Retomam-se então os liquidos distillados e tornam-se a distillar com chloreto ferroso: só o arsenico passa n'esta ultima distillação, e pôde-se então dosar pelos processos ordinarios, pelos licores graduados, por exemplo. Obtem-se assim resultados satisfatorios.

J. J. PIRES.

VARIEDADES

Deputados pharmaceuticos.— Os srs. dr. Joaquim José Alves e conselheiro Pedro Augusto Franco, distinctos pharmaceuticos que exercem a profissão e socios daso cidade pharmaceutica lusitana, estão eleitos deputados para a proxima legislatura.

Felicitemos por este motivo a classe pharmaceutica do paiz; pois estamos certos de que os nossos illustres collegas e consocios hão de continuar a envidar todos os seus esforços, no seio da representação nacional e perante o ministro do reino, a fim de conseguirem que a pharmacia portugueza seja finalmente dotada com a indispensavel reforma do respectivo ensino, tantas vezes solicitada pela sociedade pharmaceutica lusitana.

Sobre a maturação das uvas.— D'um artigo publicado acerca d'este assumpto no *Jornal d'Agricultura*, transcrevemos, com a devida venia, os seguintes periodos:

«No estado verde, a uva não contém nem assucar, nem tinta, nem oleos, essencias, pectina, etc., que contém quando madura; mas contém a materia verde, a cellulose, o tannino, acidos, a pectose e as materias azotadas. A transformação, portanto, d'estes ultimos n'aquell'outros elementos — eis o que constitue o phenomeno da maturação.

A formação do assucar deriva principalmente dos acidos e do tannino. Diz-nol-o a coincidencia de desaparecerem estes com o apparecimento d'aquelle. A transformação dos

ácidos e tannino no assucar não se faz, porém, sem transições, antes se dão primeiramente outras transformações até chegarem ao termo da saccharificação.

Além d'aquelles também a pectose e cellulose se transformam em assucar, apenas pela perda de agua.

A pectina ou gelêa vegetal emana da pectose por oxidação e hydratação d'esta.

A tinta da uva, essencias e oleos são uma transformação, ainda desconhecida na sua intimidade, das outras substancias contidas no bago verde.

A tinta é fixada na massa branca esponjosa que reveste internamente a pellicula do bago; sendo ahi que também reside o tannino não convertido em assucar e as essencias.

Os oleos acham-se principalmente nas grainhas. O assucar encontra-se no sumo accumulado na periferia de miolo celluloso, como egualmente se encontram os saes, a materia azotada e os ácidos.

A tinta da uva é no começo vermelha, tomando a cor preta azulada só nos ultimos tempos.

Esta mudança de cor explica-se pela diminuição dos ácidos que vai deixando, que se affirme a cor propria da encyanina, que é a azul.»

Exposição retrospectiva da arte ornamental hespanhola e portugeza, em Lisboa.—Inventou a civilização moderna as exposições, como meio efficaz de promover o desenvolvimento e aperfeiçoamento das artes e industrias, quer pela comparação facil dos productos das mesmas, em um só paiz, mas em diferentes épocas, quer pela comparação dos productos oriundos de paizes diferentes.

Em ambos os casos os resultados, que se obtêm, são de incalculavel proveito para a humanidade, mormente se os expositores, procedem de boa fé, procurando exhibir não productos esporadicos, que representam um esforço excepcional da sua intelligencia e vontade, mas productos, que representem o estado verdadeiro, e por assim dizermos

normal, das artes e industrias no periodo, a que a exposição se refere; e se os, que visitam estas grandes agglomerações de objectos, se não deslumbram com o effeito, que produz a sua quantidade e variedade, e procuram examinal-os sob o seu aspecto verdadeiro e util, para do exame, a que procedem, poderem tirar todos os resultados, todas as consequencias, que possam influir nos aperfeiçoamentos futuros dos artefactos, ou seja sob o aspecto puramente artistico e industrial, ou seja sob o aspecto economico e moral.

As exposições universaes ou geraes, que exigem grandes esforços e o emprego de avultadas quantias, podem as nações, cujas condições economicas lhes não permitem abalançar-se a tanto, substituir as exposições nacionaes ou provinciaes, e ainda n'um reino ou provincia, as exposições de uma só industria ou arte, ou de uma industria e arte com as suas correlativas.

Pela proficuidade d'estas em Portugal propugnou, ha muito, quem escreve estas linhas; e com muito prazer viu, que a cidade do Porto, com o zelo, que lhe é proprio e com a decidida vontade, com que intenta quanto pôde engrandecer a patria, as inaugurou e continúa a fazer, dando assim exemplo e reprehensão a Lisboa, que não timbra em actividade.

Se as exposições representativas da energia actual do homem são utilissimas, não o são menos as, que tem por fim desenterrar das ruinas do passado o, que n'essas ruinas haja digno de estudo, e expol-o não só á admiração dos mais superficiaes, o que já é de certa vantagem, mas principalmente ao estudo e meditação dos, que sabem apreciar todas as manifestações da intelligencia e do gosto, umas vezes para com taes elementos reconstruirem a historia imperfeitissima dos tempos, que já lá vão, outras vezes para com elles recompoem e retocarem a arte e a industria de hoje.

Ninguem ignora, que as civilisações antigas se affirma-

ram em todos ou quasi todos os ramos das sciencias, das letras, das artes, e ainda de algumas industrias, por modo tal, que a sociedade moderna, apesar de todos os progressos intellectuaes dos ultimos seculos, admira aquellas manifestações, e procura, muitas vezes em vão, egualal-as ou excedel-as, sem que consiga o seu empenho.

Ora, a arte em Portugal está em lastimosa decadencia; e a industria muito áquem da perfeição, que pôde attin-gir.

Não é este o lugar para tratar questões d'esta natureza, nem a penna, que isto escreve, está habilitada para as discutir.

Diremos sómente que, quem quizer levantar as artes e as industrias, ha de ser como o Jano da fabula; ha de ser bifronte, de maneira que simultaneamente olhe para o pre-terito e para o presente; ha de estudar as artes antigas e as modernas; ha de como na litteratura, digam o que dis-serem os sectarios da escola realista, haurir das fontes clas-sicas as preciosidades, que ellas subministram, e sem que-rer ser exclusivamente classico, não cair nos repugnantes excessos da escola realista, sem graça, sem colorido, sem elevação, sem dignidade, e sem aquelle suave perfume, que ha de ser sempre bello e bom.

Por estas e outras rasões, que omittimos, parece auspi-ciosissima a exposição retrospectiva, que ora se trata de realisar, em Lisboa, da arte ornamental hespanhola e por-tugueza.

Desde muito tempo existiam escondidas nos mosteiros, e nas mãos de particulares inapreciaveis riquezas, algumas só conhecidas de seus possuidores, e quantas ignoradas até-dos, que as possuiam.

Ia o tempo deteriorando umas, a cobiça e ignorancia fa-zendo desaparecer outras, e a sagacidade intelligente dê-alguns estrangeiros adquirindo muitas, para regalo de opu-lentos amadores, e enobrecimento de museus estranhos.

Emquanto isto acontecia nem sabiamos o, que possuia-

mos, nem dávamos á curiosidade dos artistas e amadores a parte, de que carecia para seu ensino e aperfeiçoamento.

Felizmente, a futura exposição, que no proximo mez de novembro começará no palacio, ás Janellas Verdes, ha de concorrer por muito para o aperfeiçoamento de nossos artistas, conterà elementos valiosos para a historia das artes e porventura dos costumes na época anterior ao seculo actual, engrandecerá o nome portuguez e estreitará as relações artisticas de Portugal com a Hespanha e Inglaterra.

Coadjuvar a commissão em tão util empreendimento, por todos os modos possiveis é, pois, um serviço, que ninguém, que possa prestar-lh'o, lhe deve negar.

Insignificantissimo é o, que fazemos, annuindo ao seu pedido, para que n'este jornal proclamássemos a utilidade d'aquella exposição e dessemos aos nossos leitores conhecimento do programma, que se segue.

**Exposição retrospectiva da arte ornamental
hespanhola e portugueza em Lisboa**

Protector. — Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Luiz I.

COMISSÃO CENTRAL DIRECTORA

Presidente. — Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Fernando II.

Vice-Presidente. — Sua ex.^a o sr. ministro e secretario de estado dos negocios das obras publicas, commercio e industria.

Secretario. — Ex.^{mo} sr. conselheiro Francisco Augusto Florido Mouta e Vasconcellos, chefe da repartição do commercio e industria.

Vogaes. — Os ex.^{mos} srs.: João de Andrade Corvo, par do reino. — Antonio de Serpa Pimentel, par do reino. — José de Mello Gouvêa, par do reino. — Visconde de S. Januario, par do reino. — Antonio Augusto d'Aguiar, par do reino. — Thomaz de Carvalho, par do reino. — Antonio Maria d'Amorim, director geral de instrução publica. — Joaquim Simões Margiochi, director geral das obras publicas e minas. — Silvestre Bernardo Lima, director geral do commercio e industria. — Ignacio

de Vilhena Barbosa, socio da academia real das sciencias. — Conde de Ficalho, lente da escola polytechnica. — José Gregorio da Rosa Araujo, presidente da camara municipal de Lisboa. — Manuel de Assumpção, sub-director geral do ministerio da justiça. — Carlos Ribeiro, socio da academia real das sciencias. — Pedro Correia, antigo deputado. — Augusto Cesar Ferreira de Mesquita, antigo deputado. — Manuel Pinheiro Chagas, socio da academia real das sciencias. — Dr. Luiz Leite Pereira Jardim, antigo deputado. — Luiz Augusto Palmeirim, director do conservatorio real de Lisboa. — Venancio Augusto Deslandes, administrador geral da imprensa nacional de Lisboa. — Delfim Deodato Guedes, inspector da academia real de bellas-arts. — Antonio Thomaz da Fonseca, director da escola de bellas-arts. — Augusto Carlos Teixeira de Aragão, socio da academia real das sciencias. — Dr. Augusto Filippe Simões, lente da universidade de Coimbra. — Eduardo Coelho, jornalista. — Visconde de Jerumenha, socio da academia real das sciencias. — Visconde de Daupias, industrial. — Carlos Relvas, socio honorario da academia real de bellas-arts. — Fernando Pereira Palha Osorio Cabral, proprietario. — Antonio Augusto de Carvalho Monteiro, proprietario. — Francisco Marques de Sousa Viterbo, professor da escola de bellas-arts. — Antonio de Sousa e Vasconcellos, director do jornal a *Arte*. — Francisco Rangel de Lima, escriptor publico. — João Pedro da Costa Basto, official da Torre do Tombo. — José Luiz Monteiro, professor da escola de bellas-arts. — José Simões de Almeida Junior, professor da escola de bellas-arts. — José Ferreira Chaves, socio de merito da academia real de bellas-arts.

COMISSÃO EXECUTIVA

Delfim Deodato Guedes, presidente. — Antonio Thomaz da Fonseca. — Ignacio de Vilhena Barbosa. — Augusto Carlos Teixeira d'Aragão. — Francisco Marques de Sousa Viterbo. — José Luiz Monteiro. — Dr. Augusto Filippe Simões, secretario.

Em conformidade com as determinações do decreto de 22 de junho de 1881, a exposição retrospectiva da arte ornamental e decorativa hespanhola e portugueza abrir-se-ha no palacio destinado para museu de bellas-artes no proximo mez de novembro, e encerrar-se-ha no fim do mez de janeiro de 1882.

São admissiveis á exposição as obras de arte, hespanholas e portuguezas, anteriores ao seculo XIX, e tambem quaesquer outras de origem differente, mas que tenham existido em Hespanha ou em Portugal até ao fim do seculo passado.

A commissão executiva regulará a fôrma da admissão e entrega dos objectos destinados á exposição; escolherá aquelles, que deverão ser expostos, fará a classificação, dirigirá a collocação e coordenará o catalogo dos mesmos objectos.

A commissão declara, que empregará todos os esforços possiveis para que os objectos, que são confiados á sua guarda não soffram o menor damno ou extravio.

As obras de arte da casa real, que Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I se dignou mandar para a exposição; áquellas, que Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Fernando II se dignou tambem offerecer para o mesmo fim; ás collecções da Academia Real de Bellas-Artes, da Academia Real das Sciencias, dos thesouros das mitras e dos cabidos das sés, dos conventos e estabelecimentos publicos de Lisboa e de outras terras do reino; aos exemplares emprestados por muitas pessoas, que se empenham no bom exito d'este civilizador empreendimento, accrescerá uma valiosa collecção do museu South Kensington, de Londres e os exemplares com que a Hespanha concorreu á exposição, que actualmente se celebra n'aquelle museu.

Até hoje não se reuniram ainda, nem talvez se tornarão a reunir tantas e tão varias obras da arte hespanhola e portugueza, como as que se têm já colligido e continuarão a colligir-se até á abertura da exposição.

A commissão executiva convida pois todas as pessoas, que

possam concorrer com objectos das especies adiante designadas para tornarem o mais completa que fôr possível uma exposição, que terá, entre outras vantagens, as seguintes:

1.º Dará idéa clara e positiva das origens, evolução e phases successivas da arte ornamental portugueza, fazendo conhecidos os productos artisticos de cada seculo e os caracteres dos seus respectivos estylos.

2.º Mostrará as relações da arte portugueza com a arte hespanhola e as suas reciprocas influencias em cada época.

3.º Reunirá os subsidios indispensaveis para a historia de arte, que tanto nos importa conhecer.

4.º Poderá influir no aperfeiçoamento da arte moderna, facilitando o estudo e confrontação dos exemplares, que melhor attestam o gosto e mostram os processos dos artistas portuguezes que floresceram nos tempos passados.

Os expositores terão entrada gratuita.

Classes e exemplos das obras de arte admissiveis á exposição de arte ornamental e decorativa, que se ha de abrir em Lisboa no proximo mez de novembro

1.º Ourivesaria, metaes preciosos e joias

a) Alfaias do culto — Custodias, calices, cruzes d'altares e processionaes, pyxides, galhetas, thuribulos, navetas, sacras, portas de sacrarior, porta-pazes, castiças, campainhas, corôas, resplandores, lampadas, relicarios, baculos, etc.

b) Obras decorativas para uso domestico — Jarros, salvas, gomis, bacias, fructeiras e outras peças de baixella, urnas, copos, molduras d'espelhos, bandejas, utensilios de tocador, etc.

c) Adornos pessoases — Brazões, collares, broches, pulseiras, botões, fivellas, cadeias, condecorações, aneis, etc.

2.º Obras de metaes não preciosos

a) Obras de serralharia — Portas e grades de janellas, fechaduras, cofres, aldrazas, ferrolhos, chaves, medalhões, estantes, candelabros, fogões, etc.

b) Bronzeria e obras de outras ligas metallicas — Bacias, candieiros, pratos, marcos, campainhas, cofres, obras tauxiadas, escrevaninhas e outros objectos de uso domestico, alfaia do culto, etc.

3.º Esculptura decorativa — Estatuetas, baixos relevos, imagens de santos, figuras de presepes, etc.

a) Em marmore.

b) Em marfim.

c) Em barro.

d) Em madeira.

e) Em cera.

4.º Armas

a) Armas defensivas — Armaduras, escudos, guantes, cotas de malha, adargas, grevas, etc.

b) Armas offensivas — Espadas, adagas, massas d'armas, allabardas, lanças, punhaes, arcabuzes, espingardas, pistolas, etc.

c) Utensilios de caça — Polvarinhos, cartucheiras, facas de mato, etc.

5.º Vehiculos, arreios, estribos, acicates, sellas, coldres, telizes, xaireis, etc.

6.º Ceramica, vidros e esmaltes

a) Louças hispano-arabes, porcelanas estrangeiras, terracota, taças, bacias, pratos,apparelhos de chá, medalhões, cestos, etc.

b) Porcelanas asiaticas.

c) Louças portuguezas.

d) Azulejos.

e) Vidros estrangeiros — Garrafas, pratos, vasos, copos pintados ou frascos, taças, lustres, castiças, espelhos pintados ou gravados, objectos de ornato, etc.

f) Vidros orientaes e hispano-arabes.

g) Vidros pintados.

h) Vidros portuguezes.

i) Esmaltes incrustados — Relicarios e outros objectos do culto feitos de cobre esmaltado, etc.

j) Esmaltes pintados — Diptycos, triptycos, placas, cofres, medalhões, taças, bacias e outros objectos tanto do culto como do uso domestico.

7.º Mosaicos

8.º Obras de tartaruga — Cofres, caixas de rapé, pentes, etc.

9.º Mobilia

a) Moveis de uso domestico — Mesas, contadores, secretarias, leitos, cadeiras, braseiras, obras marchetadas ou embutidas, cofres, couros estampados, bahu, portas, espelhos, molduras, estantes, bandejas, armarios, etc.

b) Moveis proprios do culto — Sacrarios, credencias, andores, estantes do côro, retabulos, etc.

c) Moveis de charão da India e do Japão.

10.º Relojos e instrumentos de precisão, notaveis pela sua ornamentação artistica

11.º Instrumentos de musica, notaveis pela ornamentação artistica

12.º Tecidos e bordados

a) Paramentos e alfaia do culto — Paramentos de brocado, lhama ou seda notaveis pela antiguidade ou pela bordadura, casulas, dalmaticas, pluviaes, veos de hombros, veos de calix, frontaes, pavilhões de sacrarior, etc.

b) Tapetes, etc.

c) Colchas.

d) Trajos antigos de homem e de mulher.

e) Leques.

f) Bordados.

g) Rendas.

h) Passamanes.

13.º Encadernações

a) Em couro.

- b) Em metal.
- c) Em pergaminho.
- d) Em madeira.

14.º Miniaturas

15.º Revestimentos de salás

- a) Pannos de Arras.
- b) Pannos pintados.
- c) Papeis pintados.

16.º Couros estampados, pintados, dourados ou prateados

17.º Manuscriptos illuminados

18.º Desenhos, modêlos e photographias de obras decorativas

Secretaria da commissão executiva, 10 de julho de 1881.

— *Delfim Deodato Guedes*, presidente. — *Antonio Thomaz da Fonseca*. — *Ignacio de Vilhena Barbosa*. — *Augusto Carlos Teixeira d'Aragão*. — *Francisco Marques de Sousa Viterbo*. — *José Luiz Monteiro*. — *Dr. Augusto Filippe Simões*, secretario.

Receita para bronzear o cobre e o latão.

— Se o objecto para bronzear é de cobre, deve ser tratado pelo acido azotico diluido; se é de latão, recobre-se primeiramente de uma camada cuprica, mergulhando-o em soluto de sulfato de cobre e tocando-lhe ao mesmo tempo com um pedaço de ferro. Em os objectos sendo extrahidos, serão lavados e séccos cuidadosamente com serradura de madeira ou com sênea.

Áparte, prepara-se uma mistura de plumbagina (95 grammas) com hematita (130 grammas), que será moida com cuidado em porphyro, ajuntando-se, vez em quando, pequenas porções de alcool a 36°. A massa espessa pode ser conservada em frasco de vidro bem rolhado.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extractos das actas das sessões litterarias

SESSÃO DE 1 DE SETEMBRO DE 1881

Presidencia do sr. Sousa Telles

Abertura da sessão ás 8 horas da noite.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* (Silva Machado) leu a seguinte correspondencia que teve o devido destino.

O sr. Emilio Fragoso leu o parecer da commissão revisora de contas, do qual as conclusões, são as seguintes:

1.º Que seja louvado o conselho administrativo, a sua illustrada gerencia.

2.º Que se officie aos socios em atraso pedindo-lhes que entrem em cofre com as suas quotas, afim de se poder mais facilmente installar na sociedade um curso de pharmacia.

Este parecer foi approved depois de alguma discussão, relativo á segunda parte, entre os srs. S. Machado, Delicioso e Fragoso.

Não teve segunda leitura o parecer da commissão de pharmacia sobre a limonada de citrato de magnesia, por não se achar presente o sr. relator.

Foram eleitos e proclamados socios:

Correspondente o sr. Francisco de Paula Martins Ferreira, da Merceana;

Effectivos os srs. Antonio Simões Ferreira e Izidoro Nogueira de Azevedo.

Por não haver mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, eram dez horas da noite.—O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

Sessão solenne para commemorar o quadragesimo sexto
anniversario da sociedade pharmaceutica lusitana

Presidencia do sr. Sousa Telles

No dia 24 de setembro, ás oito horas e meia da noite, estando presentes muitos socios benemeritos, honorarios e effectivos, abriu o sr. presidente a sessão, e deu a palavra ao segundo secretario, José Gomes de Mattos, para ler o

Relatorio dos trabalhos da sociedade pharmaceutica lusitana
durante o 46.º anno da sua installação

Senhores:—Venho hoje cumprir o ultimo, e o mais espinhoso dever, do cargo para que me elegestes.

Pelo nenhum valor d'este meu trabalho, como pelo de todos os outros, vereis que vos illudistes ou que fostes extremamente benevolos, com quem não podia, por lhe faltarem todos os requisitos de intelligencia, de saber e de aptidão, desempenhar, á altura das conveniencias d'uma associação scientifica um cargo que, sendo dos ultimos, é ainda muito superior em exigencias, aos recursos de que posso dispôr.

Estas palavras não são a mascara d'uma falsa modestia para fazer, porventura, realçar o meu trabalho, visto assim pela vossa benevolente condescendencia; significam simplesmente a convicção em que estou, de ter cumprido mal o vosso mandato que, ao mesmo tempo, me honrou extraordinariamente, e evidenciou a minha incompetencia para este cargo.

Convicto de que sereis ainda por esta vez indulgentes para comigo, passo a fazer a historia da sociedade pharmaceutica no ultimo anno decorrido.

Não deve ser a simples narração dos factos economicos e scientificos occorridos durante o anno que passou, o unico objecto d'estes trabalhos; é indispensavel que das premissas estabelecidas se tirem deducções logicas, que dos factos saiam conclusões, que se faça critica, fiel, austera, impar-

cial; foi isto o que fizeram os meus antecessores, seria isto o que eu faria, se soubesse.

Senhores: completou ha pouco o 46.º anno da sua existencia, a sociedade pharmaceutica lusitana.

Teem passado aqui duas gerações de pharmaceuticos.

A primeira deixou a sua passagem impressa com caracteres indeleveis na historia da pharmacia contemporanea. Merece, e merecerá sempre por isso, a admiração e o respeito dos que presam o trabalho desinteressado, nobre, quasi heroico, com que aquelles velhos se dedicaram á causa da emancipação e do engrandecimento da sua classe.

A segunda, se alguma coisa merece é uma accusação energica, por não ter seguido o caminho, cheio de gloriosas tradições, trilhado á custa de enormes sacrificios, por nossos antepassados.

Ha, felizmente para todos nós, algumas e muito notaveis excepções.

Em geral, porém, reconhece-se um condemnavel desprezo dos socios pela causa da sociedade.

É esta uma das mais antigas associações de Portugal e das que mais esforços tem empregado para conseguir a prosperidade da classe que representa, mas é tambem, apesar de tudo, a mais infeliz de todas.

Parece que um estylo occulto, gravou nas tábuas da lei do destino a sua condemnação fatal, e não ha esforço por mais energico, dedicação por mais desinteressada, heroismo por mais arrojado, que consiga salvar-nos d'esse lema fatal: desprezo.

Quando pretendemos elevar-nos, os que podiam, os que deviam vir em nosso auxilio, despresam-nos. É o que succede hoje, como hontem, como amanhã talvez.

São muitas as causas do deploravel estado em que se acha actualmente a classe pharmaceutica.

Uma e a principal é a falta de ensino official que nos permitta ostentar publicamente as nossas habilitações.

Agora, o pharmaceutico pôde ter muita intelligencia, e muita illustração que ninguem dará por elle.

Se, como no estrangeiro, possuísse um grão doutoral, talvez então pudesse ser ignorante quanto quizesse, que todos os respeitariam.

Isto não significa que eu não creia na regeneração scientifica da pharmacia, pela organização do ensino, é simplesmente um protesto contra o esquecimento e o desprezo a que estão condemnados muitos pharmaceuticos distinctos da nossa terra por não possuírem habilitações officiaes, que aliás teriam, se lhes facultassem meio de as obter.

Não posso deixar de mencionar, a par das culpas dos poderes publicos que sempre teem descurado da nossa educação scientifica, as nossas proprias culpas. E, não são estas de menor importancia do que aquellas.

O que significa a extraordinaria redução de preços nos fornecimentos por arrematação a monte-pios e outras corporações senão o proposito firme de illudir e falsear?

Vender ao publico medicamentos de composição secreta e origem desconhecida, não será declinar a propria responsabilidade que todos devemos ter e nunca devemos desprezar?

Não será abdicar os nossos direitos, para nos egualarmos áquelles a quem, por não possuírem habilitações legaes, nenhuma responsabilidade se podem exigir?

Preparar e vender *injecções divinas* não será, além do disparate do titulo, uma humilhação em presença dos magníficos preparados que do estrangeiro nos enviam?

Que consideração pode merecer o pharmaceutico, que, exorbitando das suas funcções, se introduz já na dos medicos, já na dos enfermeiros receitando e curando? Poderá erguer a voz para protestar contra o desprezo que lhe votam, o pharmaceutico curandeiro e o pharmaceutico charlatão?

É ridículo e prejudicial de mais para que possam attender o.

Desculpae-me, senhores, se são excessivamente asperas estas palavras; mas é preciso castigar os parasitas que se

alimentam roubando-nos o nosso unico elemento de vida— a dignidade da classe.

Só poderemos ser respeitados se formos dignos.

Foi, como em todos os annos, motivo principal de muitas sessões a já quasi lendaria reforma do ensino pharmaceutico.

A mesa fez sobre este assumpto tudo quanto pôde. Pediu tudo e pediu a todos. Empregou todas as forças e a resultante foi nulla.

Os conselhos das escolas medicas foram encarregados de fazer um projecto de reforma do respectivo ensino. Era indispensavel que fosse incluído o de pharmacia.

A mesa da sociedade dirigiu-se por officios a cada um dos conselhos, pediu, por circular, a cada um dos membros, implorou pessoalmente a muitos d'estes; mas o governo caiu e o projecto morreu.

Quando assumptos d'esta gravidade dependem da prosperidade d'esta ou d'aquella facção partidaria, nada devemos esperar, enquanto existir entre nós esta grande agitação politica.

Ninguém desconhece os continuos e publicos abusos praticados pelas drogarias, na venda não só de medicamentos secretos, como na preparação de outros, que só por pharmaceuticos devem ser feitos.

Contra isto, que além de poder prejudicar muito a saúde publica, dando logar a erros fataes, é um attentado contra os legitimos interesses do pharmaceutico, protestou energicamente a sociedade, perante a auctoridade superior do districto: mas, como sempre, ainda não foi attendida a sua justa reclamação.

Tem muita mais consideração por nós o poder judicial, que, depositando inteira confiança na sociedade, encarregou repetidas vezes os seus operadores da missão cheia de responsabilidades, de analysar visceras suspeitas de envenenamento.

N'estes trabalhos se houve a vossa commissão de chimica

á altura da illustração e da dignidade de character, que todos nós reconhecemos nos membros d'ella.

Tratou-se por varias vezes, em diversas sessões, o importante assumpto da definitiva installação da sociedade em casa, que offereça condições de commodidade indispensaveis ás exigencias d'uma corporação d'esta natureza.

Lembraram alguns socios o alvitre de contrair, por meio de acções, um empréstimo cujo producto fosse applicado á construcção d'um edificio em que podesse haver sala de sessões, laboratorio, secretaria, bibliotheca, etc.

Esta idéa cuja realisação não me parece impossivel, foi impugnada por alguns socios a quem eu respeito muito, mas que me pareceram n'este assumpto extremamente meticulosos.

Por proposta do sr. dr. Alves, e depois de ouvida a commissão de redacção, resolveu a sociedade inserir na capa do jornal annuncios de preparados pharmaceuticos, e publicações scientificas, o que ainda não pôde executar-se por motivos alheios á vontade da mesa. Esta medida se der o resultado desejado será d'um grande alcance financeiro, porque o cofre acha-se actualmente muito sobrecarregado com despesas aliás indispensaveis.

Ha muito quem accuse de pouco importante o nosso jornal.

Eu que não tenho nem podia ter a honra de fazer parte da sua commissão de redacção, posso fallar imparcialmente sobre este assumpto.

É facto que tem sido em geral de pouco interesse, não porque ás commissões encarregadas de o redigirem falte a necessaria competencia, mas porque os seus deveres officiaes ou particulares lhe não deixam de sobra o tempo indispensavel para trabalhos de grande vulto.

Aos accusadores, porém, lembramos que são elles principaes culpados porque, por disposição regularmentar, as paginas do jornal estão patentes a todos os socios para a publicação dos seus escriptos, e n'este caso, só é pouco

interessante pelo simples facto dos socios não quererem es-crever.

Agora que fallo do jornal devo dizer que felizmente não é elle tão desconceituado pelos estrangeiros, porque algumas sociedades scientificas tem pedido a troca, e reclamado alguns numeros quando extraviados.

Ultimamente recebeu a sociedade a distincção de o poder honrar publicando por transcripção do *Instituto*, um importante trabalho do sr. Adolpho Moller, que não só auctorisou esta transcripção, mas ampliou a sua obra expressamente para sair mais completa no nosso jornal.

A este cavalheiro e ao sr. dr. Julio Henriques, que além da sua grande erudição, possui a qualidade rarissima em Portugal de ser um grande e incansavel trabalhador, deve a sociedade as mais assignaladas provas de deferencia.

Não quero cançar a vossa attenção narrando-vos factos de pequena importancia e dos quaes todos vós tendes conhecimento pelas actas das sessões.

Por ultimo devo dizer-vos que são injustas quaesquer accusações que alguém faça aos funcionarios da presente e das preteritas gerencias, pondo em duvida os bons desejos que todos teem tido de obter a prosperidade e o bem da classe pharmaceutica.

Citarei, por ser aquella de cujos importantes trabalhos mais conhecimento tenho, a mesa que precedeu a actual.

Essa mesa que tinha por presidente um dos mais notaveis pharmaceuticos portuguezes, a quem todos nós respeitamos, pela sua grande intelligencia, pelo seu muito saber, e pelo seu elevado character, e a quem eu particularmente devo uma interminavel gratidão por ter sido, com o maior desinteresse o meu dedicado mestre; essa mesa que tinha por primeiro secretario o malgrado, o infeliz Felix Ferreira, que foi o mais activo, o mais desinteressado, o mais infatigavel trabalhador, sendo ao mesmo tempo um dos mais honestos, dos mais intelligentes e dos mais illustrados membros da sociedade, essa mesa que tinha um segundo secretario cuja apti-

dão é muito superior ás exigencias d'este cargo; conquistou á sociedade um merecidissimo reconhecimento e serão sempre por isso injustas ou aleivasas, todas as accusações, que alguém, pouco consciencioso ou pouco recto, lhe dirija.

Para terminar o relatorio dos trabalhos da sociedade, durante o seu 46.º anno, dir-vos-hei que todos os membros das commissões permanentes desempenharam dignamente os seus cargos.

A commissão de chimica, além de treze analyses toxicologicas que praticou no laboratorio por pedido da procuradoria regia, deu um desenvolvido e bem elaborado parecer sobre os preparados pharmaceuticos habilmente feitos na pharmacia do sr. Thomaz Alves, sob a direcção do sr. Simões Serra.

Analysou tambem e deu parecer sobre uma amostra de sulphato de quinino que lhe foi enviado pela fabrica lombarda de productos chimicos.

A commissão de pharmacia deu tambem desenvolvidos pareceres sobre os preparados do sr. Thomaz Alves.

Por ultimo, a commissão de direito pharmaceutico, foi sempre pontualissima no cumprimento das respectivas attribuições.

Continua a ser pouco prospero o estado financeiro da sociedade, parecendo comtudo mostrar tendencia para melhorar, o que é sem duvida devido á muita actividade e zelo do dignissimo thesoureiro, na cobrança das quotas.

A receita foi de.....	1:245\$250
A despesa de.....	1:041\$950
Saldo.....	203\$300

Além de 8:300\$000 réis que possui em inscripções.

A sociedade soffreu dolorosa perda pelo fallecimento de quatro socios os srs. Eloy Mendes Bugarro, de Lisboa, José Martins Pereira, da Merceana, Manuel Lopes Pereira, de Fão, Thomaz de Sousa Pereira Veiga, de Braga.

Já depois de terminado o periodo a que este relatorio se

refere passou a sociedade pela mais dura provação que nos ultimos annos tem experimentado.

O fallecimento de A. A. Felix Ferreira deixou para muito tempo enlutada toda a classe pharmaceutica.

Não é este o logar nem eu o panegyrista digno do grande benemerito.

A sociedade pharmaceutica lusitana ha de pagar a grande divida de gratidão que tem para com elle e alguem mais autorisado do que eu fará o seu elogio.

Já tambem depois de terminado o anno, de cujos acontecimentos este relatorio deve dar conta, apresentaram dois membros d'esta sociedade uma proposta para ser creado aqui um curso regular de pharmacia, o qual fosse incentivo a futuros empreendimentos. Conseguiu-se d'este modo, em França um ensino regular. Nós que somos imitadores perfeitissimos, muito nos illustrariamos se podessemos imitar n'isto os francezes. Depende de nós e só de nós o bom resultado d'esta empresa. Ha na proposta de que fallo um artigo em que se estabelece uma verba relativamente avultada para compra de utensilios e aparelhos para o nosso laboratorio. Da illustração dos nossos consocios ousou esperar que entre o burguesissimo ideal de juntar dinheiro e a nobre aspiração de elevar a classe pela sciencia, todos hão de preferir que a sociedade possua em vez de muitos titulos de divida publica um bom laboratorio onde possam ser educados os seus alumnos.

Relevae-me senhores o abuso, que fiz da vossa benevolencia, e aceitae a minha sincera gratidão pelas honras de que me investistes, e ás quaes tão mal correspondi.

Disse.

Em seguida teve a palavra o sr. primeiro secretario, Alfredo da Silva Machado, para ler o

Programma das questões scientificas para o quadragésimo sétimo anno da sociedade pharmaceutica lusitana

A sociedade pharmaceutica lusitana, em observancia do

§ 8.º do art. 27.º dos seus estatutos, tem a honra de apresentar aos amadores das sciencias, o seguinte

PROGRAMMA

Primeira questão

Qual o processo preferivel para a preparação dos extractos, de modo que representem as substancias de que são tirados?

Segunda questão

Posologia dos extractos seccos?

Terceira questão

Qual o meio de evitar a alteração dos hydrolatos?

Quarta questão

Qual o meio de reconhecer a falsificação do azeite pelo oleo de amendoim?

Quinta questão

Qual o meio de reconhecer a falsificação do oleo de amendoas doces?

Sexta questão

Influencia que os canos de ferro e de chumbo actualmente empregados em Lisboa, podem ter nas propriedades physicas e chimicas das aguas potaveis, por elles conduzidas demonstrada por analyses quantitativas, executadas e descriptas de modo que se não possa duvidar da sua veracidade?

A memoria em que se tratar este ponto poderá comprehender o estudo da influencia que as aguas potaveis, conduzidas por canos de ferro ou chumbo, exercem na economia animal.

Condições

Os premios consistirão em medalhas de oiro, tendo de um lado, no centro de uma corôa de louro, a seguinte inscripção: «Ao membro benemerito», e do outro o titulo da sociedade e a legenda «Sociedade pharmaceutica lusitana» A estes premios terão direito os individuos que satisfize-

rem cabalmente a qualquer das questões propostas. Os que, não satisfazendo cabalmente a qualquer das questões referidas, a sociedade julgar dignos da honra do *accessit*, receberão o diploma de membros honorários.

Todas as memorias que vierem a concurso serão escritas em português, se os seus auctores forem naturaes d'este paiz, e em francez, se forem estrangeiros, e virão dirigidas ao primeiro secretario da sociedade, por todo o mez de abril do anno em que tiverem de ser julgadas.

Deverão trazer o nome do auctor em carta fechada, na qual se lerá por fóra, como divisa, a mesma epigraphe da memoria, e que será aberta na sessão solemne, se a memoria fôr premiada; no caso contrario a carta será entregue ao seu auctor, pedindo-a com a mesma epigraphe declarada no exterior da carta.

As memorias que houverem de ser lidas na sessão solemne anniversaria, deverão ser para esse fim approvadas pela sociedade, e além d'isso serão impressas e publicadas na collecção que terá por titulo «Memorias da sociedade pharmaceutica lusitana».

Finalmente, os premios confirmados aos concorrentes nem sempre serão uma prova de que esta sociedade sanciona absolutamente a doutrina das memorias, mas sim um testemunho authenticico de que seus auctores desempenharam em geral o exigido pela sociedade nos seus programas.

Lista dos doadores e objectos doados á sociedade durante o quadregésimo sexto anno

Pela academia médico-pharmaceutica de Barcelona:—Conforencias dadas en la Academia Médico-Pharmaceutica de Barcelona sobre generalidades de los tumores ú oncologia, por el dr. D. Salvador Bádía.

Pelo sr. Alfredo da Silva Machado, de Lisboa:—Sobre a velocidade de propagação das chammas, por Francisco da Fonseca Benevides. (Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias em sessão da 1.ª classe de 8 de janeiro de 1880.)

Pelo sr. Joaquim Antonio de Oliveira, de Coimbra:—Doenças e suas relações (estudos e observações) por A. J. de Oliveira.

Pela associação typographica lisbonense:—Homenagem a Camões.—Sessão solemne da associação typographica lisbonense para commemorar o tricentenário.

Pela camara municipal de Lisboa:—Archivo municipal do Lisboa, Boletim hebdomadario de estatistica demographica e medica.

Pelo sr. Ribeiro dos Santos Viegas:—Flora Pharmaceutica de Figueiredo. Codex francez (antigo.)

Pelo sr. Carlos Mallaina, de Breviesca:—Contra-venenos y auxilios que deben prestarse en los primeros momentos de los envenenamientos agudos, por D. Victor Blay y Peres.

Pelo colegio de farmacêuticos de Madrid:—Resúmen de las tareas y actos del Colegio de Farmacêuticos de Madrid durante el decenio de 1871 a 1881, por el secretario segundo D. Ricardo Torres Valle.

Pela direcção do observatorio do infante D. Luiz na Escola Polytechnica de Lisboa: Annaes do observatorio do infante D. Luiz de 1877 e 1878 —Postos meteorologicos, annexos ao volume 15.º dos Annaes do observatorio do infante D. Luiz.

Pelo sr. Eduardo Julio Janvrot, do Rio de Janeiro:—Rasões fundamentaes da petição dirigida á augusta camara dos srs. representantes da nação pelo instituto pharmaceutico do Rio de Janeiro, instando pela reforma do ensino da pharmacia e da lei de 1850 que regula o exercicio d'esta profissão.

Por mr. Eusèbe Ferrand, de Paris: — Premiers secours aux empoisonnés, aux noyés, aux asphyxiés, aux blessés en cas d'accidenet aux malades en cas d'indisposition subite, par E. Ferrand.

Pelo sr. D. Frederico Gomez de la Mata, de Madrid: Tratamiento quirurgico de las enfermedades de los oidos, por el dr. A. Paquet, traducida y anotada por el D. Federic^o Gomez de la Mata.

Pelo sr. Henrique José Pinto, do Porto: — Revista de medicina dosimetrica baseada na physiologia e experimentação clinica segundo o methodo do dr. Burggraefe.

Pelo sr. dr. Joaquim José Alves, de Lisboa:—Bulletin de la société royale de médecine publique du royaume de Belgique. 9 fasciculos

Pelo sr. José Joaquim da Silva Pereira

Caldas, de Braga:—Encomio a Camões, uma poesia hespanhola de D. José Lopez de La Vega em 1855, antecedido de um preambulo do professor bracarense Pereira Caldas.—Seis estrophes do episodio Adamastor, extraido dos *Lusiadas* de Camões com a versão hespanhola de D. Patricio de La Escosura, inedita; precedidas de um preambulo do professor bracarense Pereira Caldas.—Excerptos dos *Lusiadas*.—Parallelo entre Virgilio e Camões, conferencia pronunciada em sessão solemne da sociedade Nova Euterpe, a 13 de junho de 1880, por M. Emilio Dantas.—Portugal e Camões, estudo politico-moral dos *Lusiadas*.—Collecção de diversos jornaes de 10 de junho de 1880, contendo artigos commemorativos do tricentenario de Camões, a saber: A Actualidade, O Commercio do Porto, O Dez de Março, Imparcial, A Lucta, O Primeiro de Janeiro.

Pelo sr. José Silverio Rodrigues Cardoso, de Mirandella:—Relatorio dos resultados obtidos na Estação agronomica experimental de Lisboa, apresentado pelo agromomo Antonio Filippe da Silva Junior.

Pelo sr. José Tedeschi, de Lisboa:—Enciclopedia médico-farmaceutica de Barcelona.—La Crónica oftalmologica.—Los Avisos, por D. Pablo Fernandez Izquierdo.—Semanario farmaceutico, de Madrid.—La Gaceta de sanidad militar, de Madrid.—Revista médica de Chile.—Gazeta medica da Bahia.—O Instituto, de Coimbra.—Estudos medicos, órgão da sociedade dos estudos medicos de Coimbra.—Giornale di medicina militare, de Roma.—Giornale di farmacia, di chimica e di scienze affini pubblicato dalla società di farmacia di Torino.—Bulletin des travaux de la société de pharmacie de Bordeaux.—Boletim de pharmacia, do Porto.—Gazeta dos hospitaes militares.—Anales de la Academia y laboratorio de ciencias médicas de Cataluña.—Revista de medicina dosimetrica baseada na physiologia e experimentação clinica, segundo o methodo do dr. Burggrave.—Bulletin de la société de pharmacie du Sud-ouest, Toulouse.—Petites affiches pharmaceutiques et médicales.—Jornal da Sociedade das sciencias medicas de Lisboa.—O Constructor, publicação mensal destinada especialmente aos conductores de obras publicas, e em geral aos constructores e industriaes.—Jornal de agricultura e sciencias correlativas, do Porto.—L'Union Pharmaceutique, journal de la pharmacie centrale de France.—Bulletin commercial annexe de L'Union pharmaceutique.—El Laboratorio, revista de farmacia y ciencias accessorias de Barcelona.—El Monitor de la salud, de Barcelona.—La Reforma médica, organo del Instituto homeopático mexicano.—Revista de medicina, cirurgia, pharmacia e sciencias accessorias, de Paris.—Los medicamentos galénicos, estudio comparativo sobre los mismos por D. Federico Pratz Grau.—Boletin del Instituto médico valen-

ciano.—O Gremio litterario, do Fayal.—Archivo ophtalmologico de Lisboa.—Orçamentos da camara municipal de Lisboa para o anno economico de 1878-1879 e anno civil de 1881.—Relatorio apresentado á camara municipal de Lisboa, na sessão de posse em 18 de agosto de 1878, por José Elias Garcia, presidente.—Breves considerações acerca do estado da fazenda municipal, colligidas e apresentadas em sessão publica da camara municipal de Lisboa, em 25 de agosto de 1879 pelo vereador Theophilo Ferreira.—Discursos proferidos pela acção publica e particular no julgamento dos réos accusados de subtração de dinheiro do Banco ultramarino.—El Observador medico, do Mexico.—El Medico y cirujano centro-americano, publicacion mensal de medicina e cirujia y los ramos colaterales de Guatemala.—La Independencia medica, do Mexico.—La Farmacia española, de Madrid.—La Gaceta medica, de Lima.—Acta de la sesion publica inaugural que la Academia médico-farmacéutica de Barcelona celebró el dia 29 de enero de 1880.—Conferencias dadas en la Academia médico-farmacéutica de Barcelona sobre generalidades de los tumores u oncologia por el dr. D. Salvador Badia.—Sintomatologia infantil. Notas copiladas por el dr. D. Carlos Ronquillo.—L'Orosi, giornale di chimica, farmacia e scienze affini, publicato per cura dell'associazione chimico-farmacéutica fiorentina.—Ossicloruri alluminici. Osservazioni sull'attuale peso atomico dell'alluminio. Nota del Dott. Donato Tommasi. Firenze.—Conférence sur la doctrine des engrais chimiques, par Mr. Eugène Marchand.—Estudos sobre o bromureto de potassio, pelo doutor Th. Petit.—Tribuna pharmaceutica, órgão do Instituto pharmaceutico do Rio de Janeiro.—Boletim official do districto administrativo de Santarem.—Relatorio do Instituto vaccínico Campos e Bourquin.—Projecto de reforma do ensino medico por F. A. de Bettencourt Raposo.—Archivo di farmacia. Roma.—Relatorio da Escola de humanidades e de sciencias pharmaceuticas, apresentado ao Instituto pharmaceutico do Rio de Janeiro pelo pharmaceutico Janvrot em 1876.—Algumas palavras sobre a hygiene e os cuidados que se devem ter com os recém-nascidos, these por João Henriques da Cruz.—Breves considerações sobre o tratamento dos aneurismas, these por Eduardo Santos Rodrigues.—Breve estudo sobre a acção physiologica e therapeutica do alcool, these por João José Camões.—Breve estudo sobre pneumoconiose anthracosica, these por Faustino de Castro.—O cansaço, estudo de physiologia, these por Ernesto Augusto Cabrita e Silva.—O chloroformio no parto, these por Joaquim Antonio Salgado.—Apontamentos de clinica urbana, these por Luiz Theodoro de Freitas e Costa.—Etiologia da epilepsia, these por Augusto José Ramos.—Estudo sobre as hemorrhagias traumaticas de origem palustre, these por Joaquim José da Guerra Carneiro.—Hemorrhoides, seu tra-

tamento, these por Luiz Augusto Rebello.—Breve estudo sobre o herpes, these por Manuel de Almeida Ribeiro.—Inflamação aguda simples do ouvido medio, these por Joaquim Ferreira da Silva Villas Boas.—Duas palavras sobre o jaborandi e seu alcaloide a pilodarpina, these por Acacio Borges Pereira da Silva.—O mecanismo da contracção muscular, these por Guilherme Maria da Silva Jones.—Noções geraes sobre o exame clinico das creanças, these por Horacio Henrique Ferrari.—Ovariectomia em Portugal, these por José Alexandrino Craveiro-Feyo.—Breve estudo sobre o pemphigo, these por Francisco d'Assumpção Casa Nova.—Breve estudo acerca da unidade da phthisica pulmonar, these por José Agostinho Maria de Sousa.

Pelo sr. dr. Julio Augusto Henriques, de Coimbra:—Phylloxera, apontamentos.—Sociedade Breteriana, trabalhos de 1880.

Pelo ministerio das obras publicas:—Relatorio da commissão de estudo e tratamento das vinhas do Douro, por Manuel Paulino de Oliveira.—Notice abrégée sur la ferme-école régionale de Cintra par le conseiller Rodrigo de Moraes Soares, directeur général du commerce et de l'industrie.

Pelo sr. dr. Pedro Francisco da Costa Alvarenga, de Lisboa:—Symptomatologie, nature et pathogénie du bérubéri.

Pelas redacções:—Annaes do Club militar-naval.—Correio medico de Lisboa.—Enciclopedia medico-farmacéutica de Barcelona.—Estudos medicos (orgão da Sociedade dos estudos medicos de Coimbra).—Gazeta dos hospitaes militares.—Gazeta medica de Lisboa.—O Instituto, de Coimbra.—Jornal de horticultura pratica, do Porto.—Jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa.—La Crónica oftalmológica.—El Restaurador farmacéutico.—Revista farmacéutica, órgano de la Sociedad nacional de farmacia argentina.—Bulletin de la Société royale de pharmacie de Bruxelles.—Annales de la Academia y laboratorio de ciencias medicas de Cataluna.—Boletim de pharmacia do Porto.—Revista de medicina y cirurgia praticas de Madrid.—Tribuna pharmaceutica, órgão do Instituto pharmaceutico do Rio de Janeiro.—Jornal da Sociedade das sciencias medicas de Lisboa.—A Sentinella da fronteira, Elvas.—El Monitor de la salud, de Barcelona.—O Academico, Lisboa.—Boletim del Instituto medico valenciano.—Archiv der pharmacie.—Revue mensuelle de laryngologie, o d'otologie et de rhinologie, de Bordeaux.—Relatorio do Instituto vaccínico. Campos e Bourquin.

Pela Sociedade de geographia de Lisboa:—Boletim da sociedade de geographia de Lisboa.—A questão do Transvaal, documentos colligidos, traduzidos e communicados

à sociedade de geographia de Lisboa, em 23 de fevereiro de 1881, por Augusto de Castilho.—Explorações geologicas e mineiras nas colonias portuguezas, Conferencia feita na sociedade de geographia de Lisboa, na noite de 17 de janeiro de 1881 por Lourenço Malheiro. — Moçambique. Comunicação à sociedade de geographia de Lisboa nas sessões de 6, 13 e 22 de dezembro de 1880 por Joaquim José Machado.

Pela Smithsonian Institution: —Annual report, of the board of regents of the Smithsonian Institution. 1878.

**Alterações occorridas no quadro da sociedade
pharmaceutica lusitana
durante o quadragésimo sexto anno da sua instituição**

FORAM ADMITTIDOS

Para a classe de benemeritos

Antonio Augusto Felix Ferreira, Lisboa.

Para a classe de honorarios

Adolpho Frederico Moller, Coimbra.

Conde de Ficalho, Lisboa.

Emilio Silvestre Dias, Lisboa.

Dr. Julio Augusto Henriques, Coimbra.

Para a classe de effectivos

Antonio Augusto d'Ascensão.

Emilio Manuel Fragoso.

Francisco Bernardo de Sousa.

Francisco de Carvalho.

José Ferreira da Silva.

Manuel Fernandes Pessoa.

Para a classe de correspondentes nacionaes

Alvaro José da Rosa, Portalegre.

Antonio Candido da Cruz, Nova Goa.

Antonio Dias Pereira da Graça, Ilha do Principe.

Francisco Antonio Serra, Portalegre.

João Diniz d'Abreu, Tabua.

João José Pereira Leal, Pico de Regallados.

João Maria Corrêa Barbosa, Odemira.
 José Accurcio Nunes Rego de Carvalho, Peniche.
 Manuel Evangelista Junior, Almodovar.
 Manuel Lopes Afonso Ferreira, Vianna do Castello.
 Marciano Pereira dos Santos Beirão, Pará.

PEDIHAM A DEMISSÃO

Correspondentes nacionaes

Duarte Pereira Dias Ribeiro, Vianna do Castello.
 Lino Alberto de Santa Clara, Paão.

**FORAM ELIMINADOS DO QUADRO SEGUNDO AS DELIBERAÇÕES TOMADAS
 PELA SOCIEDADE EM SESSÃO DE 9 DE SETEMBRO DE 1929**

Effectivo

José Joaquim Pinto d'Almeida.

Correspondentes nacionaes

Antonio Guilhermino Furtado Junior, Bragança.
 Francisco José Rodrigues Chaves, Villa Pouca de Aguiar.
 João Chrisostomo Pereira Barroso, Villa Nova de Gaia.
 Luiz Antonio da Costa, Porto.

FALLECERAM

Effectivo

Eloy Mendes Bagorro.

Correspondentes nacionaes

José Martins Pereira, Merceana.
 Manuel Lopes Pereira, Fão.
 Thomé de Sousa Pereira Veiga, Braga.

RESUMO

Ficam existindo

Protectores.....	2
Benemeritos.....	33
Honorarios nacionaes.....	48
Honorarios estrangeiros.....	27
Effectivos.....	65
Correspondentes nacionaes.....	261
Correspondentes estrangeiros.....	32
Total.....	<u>468</u>

Finalmente o sr. presidente leu o seguinte discurso:

Meus senhores.—Na qualidade de presidente d'esta sociedade, e em obediencia ao, que preceitua o paragrapho nono do artigo sexto do nosso regimento interno, tenho de recitar uma oração analogá á solemnidade, para celebrarmos a qual estamos aqui reunidos.

O cumprimento d'este dever, aparentemente facil, inquietou o meu espirito por tal fôrma, que me teria esquivado a satisfazê-lo, se não confiasse plenamente na vossa benevolencia.

Fez no dia 24 de julho preterito quarenta e seis annos, que esta sociedade foi instituida; e n'este largo espaço de tempo tem-se assentado n'esta cadeira pharmaceuticos tão notaveis por saber e virtudes, uns vivos ainda, outros já fallecidos, mas tão presentes á nossa memoria, como se vivos fossem, que é difficilissima empresa para mim não deslustrar a cathedra presidencial, nem faltar ao, que é devido a um auditorio tão respeitavel.

E não só me embaraçaram o respeito e veneração, que consagro aos meus antecessores n'este logar, e o receio da critica dos, que me escutam; mas tambem e muito, a escolha do assumpto.

N'este ponto hesitei bastante, e como entre o agradavel e o util, é este o preferivel, decidi-me a entreter a vossa attenção, fallando-vos do estado actual da pharmacia em Portugal, e do que a todos os pharmaceuticos portuguezes, e a esta sociedade convém fazer, para que nos levantemos do abatimento, a que chegámos, e em que nem podemos, nem devemos continuar a jazer.

Se eu houvesse de investigar todas as circumstancias, que tem concorrido desde muito tempo para que a sciencia, que professámos, e a a industria, que exercemos, tenham entre nós tão desconsoladoramente definhado, com grave prejuizo dos que a ellas se dedicam, e gravissimo damno da nação, ver-me-ia forçado a apresentar-vos não um discurso, mas um livro.

Limitar-me-hei, pois, a consignar aqui hoje as fontes principaes dos males, que affligem a nossa classe e a apontar-vos os meios, que se me afiguram conducentes a remedial-os.

Perante uma assembléa, que não fosse exclusivamente composta de pharmaceuticos, ser-me-ia indispensavel, para fundamentar as minhas reflexões, provar a intima relação, que existe entre a pharmacia e a medicina; fazer vêr claramente, que da instrucção, habilitade e honradez dos pharmaceuticos depende directa e indirectamente a cura dos enfermos; e demonstrar, que a pharmacia não é hoje uma arte, que se limite á acquisição, preparação e conservação empyricas dos productos naturaes, que a medicina emprega, e á transformação rotineira e insciente dos mesmos productos em medicamentos; mas uma sciencia vasta e sobremodo complexa, que diariamente se enriquece com muitos factos, leis e theorias da physica, da chimica, da mineralogia, da botanica, da zoologia e de outras sciencias.

Tambem necessaria, se fallasse a pessoas, que não conhecessem a importancia da pharmacia, de lhes provar até á evidencia, que os pharmaceuticos habilitados com estudos vastos e profundos, iniciados em boas escolas nos segredos das sciencias physico-chimicas e historico-naturaes, hão de ser os melhores e mais aproveitaveis mestres dos povos, e os mais economicos vulgarisadores de mil conhecimentos uteis, de mil dictames scientificos, de mil conselhos praticos, dos quaes andam sequiosos os povos, e necessitadas as artes e as industrias, mormente nas terras affastadas dos grandes centros de população, onde, em regra, abundam mais os espiritos cultos.

Praticando convosco, meus collegas e amigos, escusado é demorar-me n'estes preliminares; e por isso entro já a tratar do ponto principal, pedindo e esperando me continueis a prestar attenção.

No que passo a dizer, considerarei a pharmacia sob o duplo aspecto de sciencia e de industria.

Considerada n'este seu quasi constante dualismo, a mais urgente necessidade dos, que aspiram a exercel-a com proficiencia, e dos que já a exercem, é que haja escolas, onde os alumnos, cursados os preparatorios, sem os quaes o ensino superior é impossivel, encontrem professores habéis, que lhes subministrem o ensino theorico, e sobre tudo o ensino pratico, não só da pharmacia propriamente dita, mas d'aquellas partes das sciencias correlativas, cuja aprendizagem ha de exercer nos estudantes salutar influencia até ao fim da vida, inculcando-lhes o ardente amor do estudo da natureza, que fará, não de todos, mas de muitos, chimicos e physicos distinctos, naturalistas abalisados, activos e intelligentes industriaes, exploradores cheios de abnegação, assessores valiosissimos dos magistrados, obreiros dedicados do progresso, que, em vez de se limitarem á modesta e restricta faina de seus laboratorios pharmaceuticos, hão de aspirar a exercer a sua actividade simultaneamente em suas officinas e nos postos, aonde os attrahir o labor scientifico mais de sua predilecção, segundo suas naturaes aptidões.

É certo que em todos os tempos e em todos os paizes, sem excepção do nosso, tem apparecido homens mui notaveis nas sciencias, nas letras e nas artes, que deixaram de si boa memoria, e que ainda hoje existem muitos de inegavel merito, que não tendo podido cursar as escolas, a si proprios se educaram, tendo para isso de lutar com grandes difficuldades.

As regras, porém não podem ser invalidadas pelas excepções; nem é logico esperar, que estes factos isolados e excepcionaes se repitam sempre e de modo tal, que possamos confiar n'elles a ponto de entregar ao acaso a grande obra da civilisação, cuja semente está nas escolas.

Ora, em Portugal, o ensino da pharmacia é tão imperfecto, tão rudimentar, tão irregular, que eu não sei o que mais admire, quando medito na legislação, que o prescreve, se a condemnavel e rara incuria dos governos, em at-

tenderem as incessantes reclamações, que a tal respeito, durante quasi meio seculo, lhes tem dirigido esta sociedade; se o milagre, digamos assim, de haver em Portugal muitos pharmaceuticos illustrados, que honram a classe e a sciencia, apesar das difficuldades, que se oppõem á sua illustração profissional.

Não vos historiarei o, que todos vós sabeis e lamentaes, a respeito das habilitações dos pharmaceuticos; como, creadas ha tantos annos as escolas de pharmacia annexas ás escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto, e á universidade de Coimbra, escolas, que, apesar da respeitabilidade de seus professores, mas por vicio da organização das mesmas, só podem considerar-se miniaturas de escolas, ainda se permitem os exames vagos; como por meio de portarias de favor se tem atropelado a lei, dispensando aos examinandos a idade legal, o tempo de pratica e muitas vezes, implicitamente, a indispensavel instrucção; como aos lyceus se ordenou, que nos exames dos alumnos, que se destinarem para pharmaceuticos, as provas sejam incompletas e menos rigorosas, do que as dos alumnos, que pretenderem seguir outros cursos.

Corramos, por agora, um véo sobre todas estas miserias, mas não deixemos de empenhar os nossos esforços para que, quanto antes, se lhes ponha termo.

Que nos cumpre fazer para isso?

Não é facil a resposta.

Na imprensa e em todas as partes, onde hei tratado assumptos, que mais ou menos estreitamente se ligam com os negocios da publica administração, tenho eu sempre sustentado, que um povo illustrado e livre não deve pedir ao governo senão o, que absolutamente não poder conseguir pela propria iniciativa.

Convencido d'esta verdade, quizera, que a reforma do ensino pharmaceutico em Portugal se realisasse pela iniciativa d'esta sociedade.

Quizera; mas julgo impossivel conseguir este desidera-

tum, não por que aos pharmaceuticos portuguezes faltem o animo e boa vontade indispensaveis para levar a cabo empresa tão ardua; mas porque lhes escaceam os meios pecuniarios, sem os quaes qualquer tentativa d'este genero seria vã e imperficua.

Creio, que nenhum desaire resultará para a nossa classe de eu aqui affirmar, que a maioria, a quasi totalidade, dos nossos collegas é pobre; e que os sacrificios pecuniarios, que lhes seria necessario fazer, para crear um fundo, cujo rendimento fosse sufficiente para accndir a todas as despesas certas e eventuaes de tres escolas, ou mesmo de uma só, excedem as suas forças, embora não excedam a sua boa vontade.

Na impossibilidade, pois, de crear escolas de pharmacia tão bem organisadas, que o governo as podesse sancionar, resta apenas a esta sociedade o uso do direito da petição em nome dos interesses dos povos.

Sei, que em vista da indifferença, com que os governos e as camaras legislativas tem olhado para as innumeras representações, que esta sociedade lhes tem dirigido, pedindo a reforma ou antes a organização do ensino pharmaceutico, muitos collegas se sentem tomados de profundo desalento, chegando alguns a descrer da efficacia d'este meio, que até agora nenhum resultado tem produzido.

De mim confesso, que confio ainda na justiça da causa, que advogamos, e que espero, que não venha longe o dia, em que as nossas reclamações sejam attendidas.

E como o desejo de nós todos é conseguir este beneficio de incalculavel alcance para a classe e para a nação, e empregar para isso todos os meios licitos e decorosos, seja-me permittido suggerir-vos um alvitre, que me parece não é para desprezar.

Actualmente o espirito de confraternidade entre as associações e as sociedades da mesma indole e até de indoles differentes avigora-se de dia para dia; e em Portugal, n'estes ultimos tempos as corporações estreitam com sin-

cera amidade os laços, que as uniam, e que talvez estivessem um tanto frouxos.

Aproveitando esta tendencia, que as sociedades scientificas revelam agora para mutuamente se coadjuvarem, a sociedade pharmaceutica poderia promover a reunião de um synodo composto de delegados das sociedades scientificas do paiz, afim de interessal-as na realisação da refôrma do ensino pharmaceutico.

Não me parece, que á minha idéa se possa oppôr objecção ponderosa; e se não a fundamento e discuto agora é para não alongar em demasia o meu discurso.

Em quanto, porém, se não realisa o, que tanto desejámos e havemos mister; importa, que alguma coisa façamos para elevar o nivel intellectnal da nossa classe, augmentando as aptidões dos nossos confrades.

Resurge no centro d'esta sociedade a proposta, outr'ora apresentada por um dos seus mais illustres funcionarios e por mim impugnada, por me parecer então inexequivel, de se crear aqui um curso de pharmacia e das sciencias accessorias.

Logo que a commissão, a que foi remettida, dê o seu parecer, discutir-se-á, e só então se poderá saber, se nos é possivel leval-a a effeito.

Mas se as forças d'esta sociedade não chegarem para tanto, se razões plausiveis demonstrarem, que os resultados d'aquelle emprehendimento não compensarão os sacrificios, que elle exigir, lembro-vos, que vos empenheis em inaugurar aqui conferencias regulares e praticas, sobre tudo praticas, de chimica analytica, de classificação botanica, e de microscopia.

Se esta sociedade conseguir, que pessoas competentes venham á nossa casa divulgar os conhecimentos da chimica, da botanica e da microscopia applicadas ao estudo dos alimentos, das drogas, dos liquidos normaes ou morbidos formados no organismo do homem, e ás analyses das aguas e toxicologicas, fará um relevante serviço e contribuirá muito para o engrandecimento da classe.

Se a pharmacia, como sciencia padece na nossa terra pela falta de largo, bom e regular ensino, como industria, soffre e é affrontada vergonhosamente pela invasão dos intrusos, dos charlatães, e dos productores estrangeiros.

Não me occuparei agora dos, que sem sciencia, sem diploma, e sem consciencia exercem a pharmacia, calcando aos pés as leis, e vivendo regalados sob a protecção das auctoridades, que os toleram e deixam impunes. Tambem não fallarei de outro genero de charlatães, que desvergonhadamente exploram a ignorancia e credulidade do povo com suas pancéas e elixires.

Para productores estrangeiros intelligentes, illustrados, e activos, que enriquecem a medicina de medicamentos, instrumentos eapparelhos uteis e notaveis por sua efficacia, perfeição e belleza, para esses é que eu chamo a vossa attenção.

Diz-se, geralmente, que os portuguezes são fracos inventores e optimos imitadores. Se esta asseveração é, como me parece, verdadeira, convém, que aproveitemos a habilitade, que a natureza nos concedeu.

Estudar os medicamentos estrangeiros, que se recomendam pela sua utilidade e perfeição, e preparar os, com tanto esmero, que egualen ou excedam os, que importamos é concorrer poderosamente para augmentar a riqueza publica, nobilitar a classe pharmaceutica e contraminar a torpe industria dos chamados remedios secretos.

E se alguma vez os productores estrangeiros se queixarem, responder-se-lhes-á, que imitar um medicamento de composição conhecida não é falsificar-o, nem esbulhar o, que primeiro o preparou e lançou no commercio, da gloria, a que tem jus.

Se assim não fôra relativamente a todos os artefactos e até ás produções das sciencias e das bellas artes, a humanidade não progrediria; como progride, mórmente depois que a civilisação moderna inventou as exposições, que por muito concorrem, para que os productores tomem saluta-

res lições dos productos accumulados n'um recinto para mais facil confronto.

Tem comprehendido as vantagens d'esta ordem d'estudos e d'esta licita e honrosa exploração scientifico-industrial alguns pharmaceuticos portuguezes, de alguns dos quaes me occorrem os nomes:

Em época um pouco afastada de nós distinguu-se na fabricação de algalias e outrosapparelhos de gomma elastica o respeitavel pharmaceutico, e antigo presidente d'esta sociedade, José Vicente Leitão, o qual primou tambem, como o nobssd collega Rino, na preparação das geléas medicinaes. Pedro Ferreira Norberto abasteceu durante muitos annos o mercado pharmaceutico portuguez de capsulas medicinaes e de gelatina.

As pilulas de Blancard primorosamente preparadas pelos nossos collegas, Manuel Vicente de Jesus e Francisco Simões Serra merecem a confiança dos clinicos e representam hoje uma importante produção.

O intelligente e respeitavel pharmaceutico Joaquim Urbano da Veiga, que ainda o anno passado occupava esta cadeira, socio da academia real das sciencias de Lisboa, e um dos redactores da pharmacopéa portugueza, prepara em grande e abastece as pharmacias nacionaes e muitas estrangeiras de granulos antimoniaes simples; de granulos antimonio-ferruginosos e de granulos antimônio-ferruginosos com bismutho, segundo o systema de Papillaud. São tambem dignos de menção os confeitos de protochlorureto de ferro, os de sabão oleo-calcareo e os de protoiodeto de ferro, ainda ha pouco submettidos ao exame d'esta sociedade e por ella approvados, industria dos srs. Aquino Alves e Serra.

Os papeis epispasticos do pharmaceutico Manuel Moreira Pinto; as capsulas de essencia de sandalo, e o xarope de seiva de pinheiro, medicamentos feitos com singular esmero pelo pharmaceutico Francisco das Dores Magalhães, que lhe obtiveram menção honrosa na exposição de Paris, em 1878, e tina medalha de prata na exposição do Rio de Janeiro;

as pastilhas de phosphato de cal gelatinoso, de Felix Ferreira, o xarope de louro-cerejo, especialidade, á preparação da que, se dedica o nosso consocio o sr. Drack; os varios medicamentos, na composição dos quaes se esmeram os srs. Avellares, e por ventura outros, que me não lembram agora, indicam o começo de um movimento animador e de certo retributivo, que me parece, que por todos os modos se deve favorecer e recommendar, como prenuncio de uma era nova para os que estudarem e trabalharem.

E antes de passar á ultima parte d'este meu discurso, permitti-me, que vos falle de dois homens, já fallecidos, que honraram a pharmacia portugueza, e que foram exemplo do bom partido, que se pôde tirar do estudo serio da sciencia de Soubeiran e Dourvault. Um d'estes homens, de quem, talvez nenhum de vós ouviu fallar, chamava-se Theotonio José d'Oliveira Velho, foi pharmaceutico em Thomar, e residindo nos ultimos annos de sua vida em Lisboa, creio que empregado n'uma repartição do contrato de tabaco, prestou aos caixas do mesmo contrato muito bons conselhos attinentes ao fabrico do tabaco e sabão, e fez estudos uteis ácerca da preparação dos sabonetes e dos vernizes.

O outro cavalheiro, a quem me refiro, é José Alexandre Rodrigues. Por muito tempo foi primeiro preparador de chimica da nossa sociedade; esteve na pharmacia dos nossos collegas Azevedos e n'outra, em Alcantara. Taes eram as suas prendas, como pharmaceutico-chimico, que, a convite do esclarecido professor da escola polytechnica de Lisboa, Guilherme Pegado, e se me não engano, a convite tambem do afamado chimico e meu mestre, hoje reitor da universidade de Coimbra, o sr. visconde de Villa Maior, entrou a preparador de chimica da mesma escola, ao professorado da qual passou depois, por concurso publico, perante todo o corpo cathedratico.

Eis a que pôde levar o estudo da pharmacia e o zelo por esta formosa sciencia.

Mas, meus amigos e collegas, se o meu coração exulta,

quando contemplo os pharmaceuticos intelligentes, estudiosos, amantes do trabalho, e ardendo em desejo, de que a classe se eleve, se engrandeça, e conquiste o lugar, que lhe compete; tambem se afunda em tristesa, vendo o desalento de muitos, o como se abstem de concorrer com a sua intelligencia para a grande obra, em que estamos empenhados e como esmorecem com as difficuldades, que se lhes depa-ram, e se resignam a acceitar, sem lucta, o actual estado, que só poderá mudar se todas as forças da vontade e do saber, dos que constituem a grande familia pharmaceutica, se congregarem sob uma prudente e illustrada direcção.

É este um grande mal, talvez o maior, de quantos vexam a classe pharmaceutica.

E com ser tão grande e tão funesto, não me parece, que seja difficil debellat-o.

A união gera a força.

Este motto, que encerra uma grande verdade, não foi inventado *á priori*; revela observação delida e sagaz do modo, como se executam os phenomenos do mundo physico e moral.

O atomo isolado é uma abstracção metaphysica; muitos atomos congregados formam os corpos; a cellula sosinha, representa uma planta ou um animal rudimentar; muitas cellulas reunidas constituem as plantas e os animaes, em que a vida se patenteia em mil phenomenos, qual mais complexo e mais surprehendente.

O ascetismo do eremita, que foge do bulicio do mundo para a solidão das brenhas, e que passa dias e noites genuflexo diante de um craneo descarnado e de uma cruz negra e severa, é a negação da energia humana, que deve luctar com as adversidades até as vencer, ou morrer; é o desamor da humanidade; é o egoismo, que se exorna com o falso titulo de virtude eximia,

Mas, não é só o asceta, que a razão e a philosophia reprehendem e condemnam, vendo-a eximir-se a coadjuvar

os seus semelhantes, e a permutar com elles os dons, que recebeu da natureza.

A razão e a philosophia reprehendem e condemnaam a todos, que podendo cooperar no bem com os que trabalham, se abstem de o fazer, umas vezes por excessiva modestia, outras por infundado receio de não poderem hobrear com os, que se lhes afiguram superiores a si; já por indolencia, já por indiferença.

Não queiramos nós, os pharmaceuticos portuguezes, incorrer em tão grave e tão justificada condemnação.

Se em volta da bandeira da nossa sociedade se agruparem todos os, que no paiz professam a pharmacia, e se cada um cheio de fé e de boa vontade concorrer conforme as suas forças para que este fogo de Vesta, que ha tantos annos aqui temos alimentado, não esmoreça, antes cada vez mais se attie e avivente, não haverá resistência, que não vencamos, nem melhoria, que não cheguemos a alcançar.

Disse.

As nove horas e meia da noite foi encerrada a sessão.—
O segundo secretario, *José Gomes de Mattos*.

PHARMACIA

Licor concentrado de alcatrão

Alcatrão de Guyot

(ANALYSE DE JEANNEL)

Bi-carbonato de soda 22 gram.

Alcatrão vegetal 25

Agua commum 1000

Depois de oito dias de contacto, a mistura agitada muitas vezes cada dia, dá pela decantação um liquido transparente. Duas colheres de sopa para um litro de agua constitue a agua de alcatrão.

Emprega-se puro ou dissolvido em agua em ablucões, injeccões e fumigações.

F. CHAVES.

HISTORIA NATURAL

Botânica

Catalogo das plantas medicinaes que habitam o continente portuguez

PELO SR. ADOLPHO FREDERICO MOLLER

(Continuado de pag. 185)

Spiranthes aestivalis. Rich.

(*Ophrys spiralis*. L.; *O. aestivalis*. Lamk.; *Neottia aestivalis*. D. C.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Buarcos, Quiaios, e em muitos pontos do Douro e Beira.

Flor. de maio a setembro.

Spiranthes autumnalis. Rich.

(*Ophrys spiralis*. L.; *Neottia autumnalis*. Ten.)

Hab. nas visinhanças de Coimbra, Lisboa, Cintra e em outros pontos do paiz.

Flor. em agosto e setembro.

Limodorum abortivum. Sw.

(*Orchis abortiva*. L.)

Hab. proximo da Aldéa dos Mouros. (Brot.) no Alentejo (dr. Paulino d'Oliveira), e na Serra da Arrabida.

Flor. na primavera. Parasita.

Cephalanthera ensifolia. Rich.

(*C. Xiphophyllum*. Rich. fil.; *Epipactis ensifolia*. Sw.)

Serapias ensifolia. Murr.; *S. Xiphophyllum*. L. fil.; *S. grandiflora*. Poir. non. L.; *S. nivea*. Desf. non. Chaix.)

Hab. em Bragança, Goes, em diferentes pontos da Beira

As raizes d'esta orchidea passam por ser adstringentes.

boreal, assim como em Cintra, Caldas da Rainha, e não muito longe de Monte-mór o Velho.

Flor. em maio e junho.

FLUVIALES

Najadeae. A. Rich.

(Lemnaceae. Endl.)

Lemna minor. L.

Lentilhas da agua menores.

Hab. nas aguas estagnadas das proximidades de Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. Dioscórides elogia a acção topica d'esta planta na cura das hernias das creanças, e concede-lhe o poder de apressar a suppuração nos tumores phlegmynosos. Tambem se emprega contra as queimaduras. Pouco usada.

Lemna trisulca. L.

Hab. nos remansos dos rios, junto do Porto, e nas nossas provincias septentrionaes.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. O povo emprega-a em cataplasma contra as queimaduras. Pouco usada.

Telmatophace gibba. Schleid.

(*Lemna gibba*. L.)

Lentilhas da agua maiores.

Hab. nas aguas estagnadas dos suburbios de Coimbra, e em muitos outros pontos do paiz.

Flor. no estio.

P. u. toda a planta.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usada.

¹ Temos ainda no nosso paiz a *Lemna arrhiza*. L. e a *Spirodela polyrrhiza*. Schl. (*Lemna polyrrhiza*. L.) que tem os mesmos usos medicos.

Spadiciflorae

Aròideae. Juss.

Arisarum vulgare. Kth.

(*A. latifolium*. Clus.; *Arum arisarum*. L.)

Arisaro, Capuz de fradinho, Candeias.

Hab. nas proximidades de Coimbra, Lisboa e em quasi todo o paiz.

Flor. de janeiro a março.

P. u. as raizes e folhas.

Emp. as raizes como resolutivas, espectorantes e purgativas: as folhas verdes como rubefacientes e vesicantes. Pouco usado.

Arum italicum. Mill.

(*A. maculatum* Clem. non L.)

Jaro ou pé de bezerro.

Hab. nas visinhanças de Coimbra, e em muitos pontos do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. as raizes e folhas.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente. Pouco usado.

Arum maculatum. L.

(*A. vulgare*. Lamk.)

Hab. na parte septemtrional do paiz.

Flor. na primavera.

P. u. raizes e folhas.

Emp. o mesmo que o das especies antecedentes. Pouco usado.

Dracunculus vulgaris. Schott.

(*Arum Dracunculūs*. L.; *Dracunculus polyphyllus*. C. Bauh.)

Serpentina ou Serpentaria vulgar.

Hab. na parte meridional do paiz¹.

¹ Ignora-mos se esta planta é indigena ou exotica. Willkomm, Lange e Kunth citam-na nas suas obras como oriunda de Portugal. Brotero diz que habita quasi espontanea na parte meridional do paiz.

Flor. em maio.

P. u. folhas e raizes.

Emp. o mesmo que o das especies antecedentes. Pouco usada.

Colocasia antiquorum. Schott.

(*Arum Colocasia*. L.)

Inhame do Egypto.

Hab. em Monchique.

Flor. na primavera.

P. u. as raizes.

Emp. o mesmo que o das especies antecedentes². P. usado.

Typhaceae. D. C.

Pertencentes a esta familia encontram-se no paiz a *Typha latifolia*. L. (Tabua larga). *Typha angustifolia*. L. (Tabua estreita). *Sparganium ramosum*. Huds. (Espadana d'agua) e *Sparganium simplex*. Huds. Todas habitam nas visinhanças de Coimbra. Florecem no estio. Os rhizomas são feculentos e um pouco adstringentes. Empregam-se, ainda que muito raras vezes, como diureticos, e contra as ulceras da bocca, dysenterias e gonorrheas.

Principes

Palm ac. Lin.

Chamaerops humilis. L.

(*Phoenix humilis*. Cav.)

Palmeira das vassoiras.

Hab. no Algarve.

¹ Nas raizes de muitas especies das Aroideas abunda uma fecula que se assemelha muito á do sagú, sendo a *Colocasia* a que fornece maior quantidade. Para se poder empregar como alimenticia, é necessario prival-a do principio acre e venenoso que ella contém, o que se consegue por diversos processos.

Em medicina emprega-se o amido extraído da fecula d'estas plantas, sendo o mais empregado o da *Serpentaria vulgar*.

Na ilha de Portland, na costa oriental de Inglaterra, extrae-se uma farinha das raizes das Aroideas, denominada «Portland arrow-root» com que se fabrica um pão muito nutritivo. (Texidor y Cos).

Flor. na primavera.

P. u. os fructos.

Emp. como peitoral.

Phoenix dactylifera. L.

(Ph. excelsior, Cav.)

Tamareira ou palmeira das igrejas.

Planta oriunda da Africa septentrional e cultivada no nosso paiz.

Flor. na primavera.

P. u. os fructos¹.

Emp. o mesmo que o da especie antecedente.

ACRAMPHIBRYA

GYMNOSPERMAE

Coniferae

Cupressineae. Endl.

Juniperus sabina. L.²

Sabina.

Arbusto indigena da Europa meridional, da Asia e America septentrional, e cultivado no nosso paiz.

Flor. em abril.

P. u. as summidades³.

Emp. Excitante e emmenagogo; sua acção sobre o utero é muito pronunciada. A acção local da sabina é irritante. Externamente emprega-se muitas vezes debaixo da fórma de pommada para prolongar a suppuração das superficies vesicadas, e avivar ulceras atonicas e fungosas.

Juniperus oxycedrus. L.

(*J. rufescens*. Lk. et Endl.)

¹ Os fructos d'esta planta a que chamamos *tamaras*, chegam a amadurecer sómente na parte meridional do nosso paiz.

² Variedades. *α. vulgaris*. Endl. (*J. lusitanica* Mill.), *Sabina real*.

β. humilis. Endl. (*J. prostrata*. Torr. non P., *J. alpina*. Lodd.), *Sabina rasteira*.

³ Não se deve substituir sem indicação especial pelo *Juniperus phoenicea*. L. (Zimbro Pheniceo), pois não é raro darem nas boticas esta especie pela verdadeira Sabina.

Zimbro alvar.

Hab. a parte do nosso paiz comprehendida entre o Tejo e o Sado.

Flor. em março e abril.

P. u. os estrobilos ¹.

Emp. como estomâchicos e diureticos. Pouco usado.

Juniperus communis. L.

Zimbro, Junipero.

Hab. nas serras do Gerez, da Estrella, e em outros pontos da nossa provincia de Tras-os-montes.

Flor. em abril e maio.

P. u. os estrobilos ².

Emp. internamente como estimulantes e diureticos: externamente em fumigações contra as dôres rheumaticas ³.

Cupressus sempervirens α. L.

(*C. fastigiata*. DC. *C. pyramidalis*. Targ.)

Cypreste.

Hab. a Grecia, Persia, Asia menor e alguns pontos do Hymalaya. Cultiva-se muito no nosso paiz particularmente nos cemiterios.

Flor. na primavera.

P. u. os estrobilos ⁴.

Emp. como adstringentes e febrifugos.

Abietineae. Endl.

Pinus maritima. Brot. non Lamk.

(*P. pinaster*. Ait. α. *acutisquama*. Boiss. *P. laricio* Sant. non Poir.)

Pinheiro bravo.

Hab. em quasi todo o paiz.

Flor. na primavera.

¹ Vulgarmente chamada Bagas.

² Outr'ora empregou-se na medicina as rasuras do lenho, assim como as summidades d'esta planta.

³ Os estrobilos do Zimbro entram no fabrico da Genebra.

⁴ Vulgarmente chamados Maças de cypreste. Devem ser colhidas antes da sua maturação.

P. u. os turiões ou renovos terminaes ¹, o succo leitoso ² e a seiva ³.

Emp. D'esta conifera assim como das suas congeneres, se tiram diversos productos, entre os quaes alguns têm grande emprego medico. Da gemma extrahe-se a colofonia, a resina amarella, o pez branco e negro, a terebinthina, o oleo e a essencia de terebinthina, etc. Do lenho ou acha extrahe-se o alcatrão, o breu, e obtem-se a aguarraz, o acido pirolinhoso, etc.

Os productos resinosos obtidos do pinheiro bravo e que se empregam em medicina são todos mais ou menos excitantes e alguns d'elles anthelminticos.

Os turiões ou renovos terminaes e a seiva obram como bechicos e diureticos.

Taxineae. L. C. Rich.

Taxus baccata. L.

Teixo.

Hab. nas serras da Estrella, do Gerez, e em outros pontos das nossas provincias da Beira, Douro e Minho.

Flor. em abril e maio.

P. u. as folhas e fructos ⁴.

Emp. Perey foi o primeiro medico que tentou tirar das bagas do teixo um medicamento contra as antigas prevenções da acção venenosa d'esta baga sobre o homem; aquelle pratico formou das bagas do teixo uma geléa, e um xarope util nas molestias de peito, tosse, colicas dores hemorrhoidaes e nephriticas. (*Mat. med.* do sr. Beirão).

As folhas do teixo são acres, amargas e nauseabundas. Têm acção emmenagoga; irritam fortemente o aparelho digestivo; e produzem um profundo narcotismo que pôde terminar pela morte. (Texidor y Cos — *Flora Pharmaceutica*). Pouco usado.

¹ Vulgarmente chamados Gomos.

² Vulgarmente chamado Leite ou Gemma de Pinheiro.

³ Seiva aquosa. Seiva ascendente.

⁴ Vulgarmente chamados Bagas.

*Gnetaceae. Lindl.**Ephedra distachya. Brot. non L.*

(E. fragilis. Desf.)

Cornicabra dos Algarvios.

Flor. em maio.

P. u. as sumidades.

Emp. astringentes. Pouco usada.

(Instituto de Coimbra.)

(Continúa.)

VARIEDADES

Junta escolar do concelho de Lisboa.—

A camara municipal de Lisboa nomeou, em sessão de 3 de outubro, vogaes da referida junta os srs. José Elias Garcia, José Joaquim da Silva Amado e João José de Sousa Telles, digno presidente da sociedade pharmaceutica lusitana.

Muito folgamos com a merecida honra que acaba de receber o nosso illustrado collega; e estamos certos que se ha de haver no desempenho do seu novo cargo com o saber e proficencia que todos lhe reconhecem.

Pharmacopêa internacional.— O congresso pharmaceutico internacional de Londres tomou, a respeito da projectada pharmacopêa internacional, as deliberações seguintes:

1.º O quinto congresso pharmaceutico internacional, realisado em Londres, confirma as resoluções tomadas nos precedentes congressos sobre a utilidade d'uma pharmacopêa internacional; mas é de parecer que é necessario, desde já, designar uma commissão formada de dois delegados de cada um dos paizes representados n'este congresso, que preparará no mais curto espaço de tempo possivel um trabalho em que a força de todas as drogas activas e a de seus preparados seja egualada.

2.º A commissão executiva d'este congresso será encarregada de tomar as providencias necessarias para que a

precedente deliberação seja posta em execução promptamente.

3.º O trabalho, logo que estiver concluído, será submetido pelos delegados aos seus governos respectivos ou às suas comissões pharmaceuticas.

4.º É desejavel que a comissão proponha uma nomenclatura latina systematica e uniforme para as pharmacopéas de todos os paizes.

5.º É desejavel que a comissão tome as suas providencias para que seja feita uma traducção official das pharmacopéas dos differentes paizes onde esta traducção não foi ainda publicada.

6.º É desejavel que a comissão entre na posse de todos os manuscritos contendo os documentos relativos á pharmacopéa universal, reunidos por diligencias da sociedade de pharmacia de Paris e apresentados por esta sociedade á quarta sessão do congresso internacional em S. Petersburgo.

7.º É desejavel que as sociedades de pharmacia dos diversos paizes sejam convidadas a nomear aquelles membros da comissão que não tenham sido designados pelo congresso, e a provêr as vagas que possam dar-se de tempo a tempo n'esta comissão.

A sociedade pharmaceutica lusitana foi já convidada a nomear dois delegados, por parte de Portugal, que hão-de corresponder-se com o presidente da comissão para a elaboração do projecto da pharmacopéa internacional.

S. M.

da Ordem dos Farmacêuticos

NECROLOGIA

XAVIER CORDEIRO

Quando eram decorridos apenas 30 dias que se havia findo o nosso desditoso collega Felix Ferreira, e estavamos ainda imersos em profunda dôr por tão infausto succes-

so, chegou-nos de Coimbra a noticia não menos infausta de ter fallecido a 10 de outubro, com 74 annos de idade, o sr. Candido Joaquim Xavier Cordeiro, mui digno administrador do dispensatorio pharmaceutico da universidade de Coimbra desde 1851, membro benemerito da sociedade pharmaceutica lusitana e socio do instituto de Coimbra.

Foi o sr. Xavier Cordeiro um pharmaceutico muito illustrado e profissional distincto que honrava a classe; tendo-se habilitado no tempo do antigo regimen, pois que fez exame de pharmacia em 1829, não possuia curso regular, tinha porém (o que vale mais) intelligencia clara e verdadeiro amor ao estudo. São fructo de suas lucubrações os bem apreciados *Elementos de pharmacia theorica e pratica*, que dedicou á sociedade pharmaceutica lusitana, e de que publicou duas edições.

Um grande numero de pharmaceuticos do paiz honra-se de o haver tido por mestre.

Como chefe de familia foi modelo o sr. Xavier Cordeiro e deixou de si honrosa memoria na esmerada educação que deu a seus filhos.

Este honrado ancião alliava á sua illustração e saber um character austero e ao mesmo tempo uma ineffavel e attrahente bondade, virtudes estas que lhe haviam grangeado geral consideração e estima.

A sociedade pharmaceutica lusitana deliberou por unanimidade, em sessão de 25 de outubro, que se consignasse na acta um voto de sentimento pelo obito do seu benemerito associado, o sr. Xavier Cordeiro, e se encerrasse a sessão em acto continuo, dando-se conhecimento d'esta deliberação á viuva e filhos do illustre fallecido, prestando assim merecida homenagem á memoria de quem tanto havia honrado a classe e a sociedade.

SILVA MACHADO.

INDICE ALPHABETICO

DAS

MATERIAS CONTIDAS N'ESTE TOMO

A

Abusos de policia pharmaceutica. 50, 61.

Accelerar a germinação das sementes. 23.

Acido arsenioso (anal. toxic.). 86.

Acido azotico (anal. toxic.). 87.

Acido carbonico (anal. toxic.). 88.

Acido chlorhydrico (anal. toxic.). 89.

Acido cyanhydrico (anal. toxic.). 91.

Acido fluorhydrico (anal. toxic.). 92.

Acido oxalico (anal. toxic.). 93.

Acido phenico (anal. toxic.). 95.

Acido salicylico (continuação) e seus derivados. 55.

Acido sulfhydrico (anal. toxic.). 115.

Acido sulfurico (anal. toxic.). 116.

Acido tartarico (determinação do) nos sedimentos do vinho. 85.

Acta da sessão solemne, para comemorar o 45.º anniversario da sociedade (conclusão). 5.

Acta da sessão solemne, para comemorar o 46.º anniversario da sociedade. 210.

Actas das sessões litterarias da sociedade (extractos das). 18, 25, 45, 68, 109, 129, 169, 190, 209.

Alcaloides (novos). 112.

Alcatrão de Guyot. 236.

Alcool (tabella synoptica para a diluição do). 132.

Alexandre Herculano (subscrição para o monumento que vac se erigido a este eminente escriptor) 70, 106.

Algumas considerações sobre os caracteres dos gazes e vapores organicos chlorados. 195.

Alterações occorridas no quadro da sociedade, durante o quadragésimo sexto anno da sua instituição. 224.

Alumen (pesquisa do) na farinha e no pão. 193.

Ammonia liquida (anal. toxic.). 59.

Analyse qualitativa dos halogeneos (processo da), pelo consocio o sr. Emilio Estacio. 20.

Analyses toxicologicas. 33, 58, 86, 115, 155.

Antonio Augusto Felix Ferreira (necrologia do nosso collega e dignissimo consocio benemerito o sr.). 185.

Armas (conservação das). 22.

Arsenico (separação e dosagem do) nas investigações toxicologicas. 197.

Arte ornamental hespanhola e portugueza em Lisboa (exposição retrospectiva da). 199.

Avêa (meio de economisar a). 44.

B

Balancetes da receita e despeza da sociedade, respectivos ao 2.º e 3.º trimestres de 1880 e 1.º de 1881. 24, 168.

Banho estimulante tonico. 133.

Bólos antilacteos. 75.

Botanica. 95, 120, 141, 160, 179, 237.
Bromo (anal. toxic.). 33.

C

Calçado impermeavel á humidade
(meio de tornar o). 108.
Candido Joaquim Xavier Cordeiro,
de Coimbra (necrologia do nosso
collega e dignissimo consocio be-
nemerito o sr.). 245.
Caoutchouc (modo de solver o). 147.
Caracteres dos gazes e vapores or-
ganicos chlorados (algumas consi-
derações sobre os). 195.
Caria dentaria (topico contra a). 152,
153.
Caso grave. 163.
Catalogo das plantas medicinaes que
habitam o continente portuguez
pelo membro honorario o sr. A-
olpho Frederico Moller, inspector do
jardim botanico da universidade
de Coimbra. 95, 120, 141, 160, 179,
237.
Cerveja economica. 148.
Chimica 20, 32, 55, 82, 112, 139, 153,
195.
Chloreto antimoniaco (anal. toxic.).
118.
Chloro (anal. toxic.). 34.
Chloro (processo para reconhecer o)
em presença do bromo e do iodo.
82.
Chronologia de todas as leis, alvarás,
decretos, portarias, editaes, etc.,
relativos aos pharmaceuticos, des-
de a fundação da monarchia por-
tugueza. 3.
Clas-es e exemplos das obras de arte
admissiveis á exposição de arte
ornamental e decorativa, que se
ha de abrir em Lisboa em novem-
bro de 1881. 205.
Clyster antidysenterico. 133.
Clyster calmante camphorado. 75.
Clyster contra a dysmenorrhœa. 133.
Clyster contra a gotta. 173.
Cobre e o latão (receita para bron-
zear o). 208.
Collutorio adstringente. 173.
Collutorio tonico e antiseptico. 75.
Collyrio antiscrofuloso. 133.
Collyrio contra o tumor lagrimal. 26.
Commissões permanentes, para o
46.º anno da sociedade. 69.
Conservação das armas. 22.
Consulta da sociedade, acerca de
uma amostra de sulfato de quinina
que lhe foi enviada pelos srs.

Creswell & C.^a, representan'es em
Lisboa da fabrica lombarda de
productos chimicos em Milão.
189.

Côr de acajú nos moveis (processo
para dar a). 22.

Cyanetos (anal. toxic.). 91.

D

Decreto do ministerio dos negocios
do reino, de 17 de setembro de
1880, nomeando a commissão de
reforma annual do regimento dos
preços dos medicamentos. 3.
Decreto do ministerio dos negocios
do reino, de 7 de dezembro de
1880, exonerando o pharmaceutico
Francisco Antonio Alves de Az-
vedo de vogal da commissão de re-
forma do regimento dos preços
dos medicamentos. 4.
Decreto do ministerio dos negocios
do reino, de 7 de dezembro de
1880, nomeando o pharmaceutico
José Ribeiro Guimarães Drac' para
vogal da commissão de reforma
do regimento dos preços dos me-
dicamentos. 4.
Densidades de vapor dos haloge-
neos. 139.
Deputados pharmaceuticos. 193.
Desinfeccão (processo de) dos retre-
tes. 107.
Determinação do acido tartarico nos
sedimentos do vinho. 85.
Direito pharmaceutico portuguez. 3.
Discurso do sr. presidente João José
de Sousa Telles, feito na sessão so-
lemne, para commemorar o 46.º
anniversario da sociedade. 226.
Discurso do sr. presidente Joaquim
Urbano da Veiga, feito na sessão
solemne, para commemorar o 45.º
anniversario da sociedade. 5.
Discurso do sr. presidente João José
de Sousa Telles, proferido a beira
da sepultura do nosso collega e
dignissimo consocio benemerito o
sr. Antonio Augusto Felix Ferreira.
185.
Doadores (lista dos) e objectos doa-
dos á sociedade, durante o qua-
dragesimo sexto anno. 219.

E

Effeitos da ingestão do pão bolorento
nos animaes e nos homens. 192.

Electuario adstringente. 134.

Elixir de peptona. 151.

Ensino pharmaceutico (officio-circular da sociedade dirigido aos lentes da faculdade de medicina da universidade de Coimbra e aos das escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto, sobre o). 48.

Ensino pharmaceutico (representação da sociedade dirigida á faculdade de medicina da universidade de Coimbra e escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto, sobre a reforma do). 47.

Exames de pharmacia na Suissa. 164.

Exposição retrospectiva da arte ornamental hespanhola e portugueza, em Lisboa. 199.

Extractos das actas das sessões litterarias da sociedade 18, 25, 45, 68, 109, 129, 169, 190, 209.

F

Ferro reduzido pelo hydrogenio (sobre o). 85.

Fios animaes (modo facil de distinguir os) dos tecidos vegetaes. 107.

Forragens e sua quantidade (meio simples de augmentar as qualidades nutritivas das). 23.

Fructo da falta de policia sanitaria. 163.

Funcionarios para o 46.º anno da sociedade. 19, 69.

G

Gargarejo antiescorbutico. 134.

Gargarejo antiseptico. 76.

Gargarejo estimulante. 76.

Gaz de illuminação (anal. toxic.). 155.

Germinação das sementes (acelerar a). 23.

Glycerina (relação dos medicamentos mais usados e que são solvidos na) com a indicação do coefficiente de solubilidade para 100 partes d'este liquido. 32.

Gotas anti diarrheicas. 134.

Gotas antigastralgicas. 173.

H

Halogeneos (densidades de vapor dos). 139.

Halogeneos (processo da analyse

qualitativa dos), pelo consocio o sr. Emilio Estacio. 20.

Historia natural. 95, 120, 141, 160, 179, 237.

Hydrato de chloral (reactivos do). 83.

I

Inversão do assucar de canna (observações polarimetricas sobre a rapidez da) pelo acido chlorhydrico concentrado á temperatura ordinaria. 197.

Iodeto de potassio (purificação do). 153.

Iodo (anal. toxic.). 34.

J

Jaborina. 112.

Junta escolar do concelho de Lisboa. 244.

L

Licor concentrado de alcatrão. 236.

Linimento contra o prurido. 173.

Linimento para estancar a secreção lactea. 76.

Linimento saponaceo iodado. 135.

Linimento sedativo. 76.

Linimento terebinthinado acetico. 174.

Liquido prophylactico. 26.

Lista dos doadores e objectos doados á sociedade, durante o quadregésimo sexto anno. 219.

Loção contra a calvicie. 27.

Loção contra a tinha. 27.

Luz (polarisação da). 37.

M

Madeira incombustivel (processo para tornar a). 147.

Maneira de tirar das ostras as qualidades nocivas. 128.

Materia albuminoide particular na urina (presença da). 84.

Maturação (sobre a) das uvas. 198.

Meio de conservar o peixe. 108.

Meio de economisar a avéa. 44.

Meio simples de augmentar as qualidades nutritivas das forragens e sua quantidade. 23.

Meio de tornar o calçado impermeavel á humidade. 108.

Methodos analyticos (continuação) para se reconhecer a existencia de varios toxicos nos envenenamen-

tos. 33, 58, 86, 115, 155, 197.
 Mistura antidyseptica. 174.
 Mistura antisiphilitica. 77.
 Mi-tura contra a caria dentaria. 27.
 Misericórdia de Chaves (representação da sociedade, pedindo providências ao governador civil de Vila Real contra o abuso praticado pela) de taxar a seu bel-prazer os preços dos medicamentos fornecidos. 50.
 Modo facil de distinguir os tecidos vegetaes dos fios animaes. 107.
 Modo de solver o caontchouc e as resinas pelo chloroformio. 147.
 Morte apparente (continuação), enteramentos, cremação; pelo consocio o sr. João José de Sousa Telles. 40, 62.

N

Necrologia. 185, 245.
 Necrologia do nosso collegae dignissimo consocio benemerito o sr. Antonio Augusto Felix Ferreira. 185.
 Necrologia do nosso collegae dignissimo consocio benemerito o sr. Candido Joaquim Xavier Cordeiro, de Coimbra. 245.
 Novos alcaloides, 112.

O

Objectos doados á sociedade (lista dos doadores e), durante o quadregesimo sexto anno. 219.
 Observações polarimetricas sobre a rapidez da inversão do assucar de canna pelo acido chlorhydrico concentrado á temperatura ordinaria. 197.
 Officio circular da sociedade dirigido aos lentes da faculdade de medicina da universidade de Coimbra e aos das escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto, sobre a reforma do ensino pharmaceutico. 48.
 Opodeldoch com arnica. 77.
 Ostras (maneira de tirar das) as qualidades nocivas. 128.
 Oxalatos (anal. toxic.). 93.

P

Pão bolorento (effeitos da ingestão do) nos animaes e nos homens. 192.

Parecer da commissão *ad hoc*. encarregada de estudar os quesitos propostos pelo consocio o sr. Domingos Antonio Pitta Simões. 51.
 Parecer da commissão de redacção, sobre a proposta apresentada pelo consocio o sr. dr. Joaquim José Alves, para que no jornal da sociedade se abrisse uma secção de annuncios de drogas, medicamentos,apparelhos pharmaceuticos, etc. etc., mediante as condições que se julgassem convenientes. 66.
 Parecer da commissão revisora de contas, relativas ao anno economico de 1879 a 1880. 45.
 Pastilhas de longa vida. 174.
 Pecas officiaes. 5, 25, 45, 65, 109, 129, 169, 189, 209.
 Peixe (meio de conservar o). 108.
 Peptonas. 149.
 Peptonas mercuriaes. 194.
 Pesquisa do alumen na farinha e no pão. 193.
 Pharmacia. 26, 75, 132, 149, 173, 194, 236.
 Pharmacopêa internacional. 244.
 Phosphoro (anal. toxic.). 35.
 Physica. 37.
 Pilulas antiscrofulosas. 135.
 Pilulas antiictericas. 175.
 Pilulas antirheumatismaes. 175.
 Pilulas antispasmodicas e antinervalgicas. 77.
 Pilulas antisiphiliticas. 28.
 Pilulas calmantes. 78.
 Pilulas cholagogas. 175.
 Pilulas contra a cephalalgia chlorotica. 28.
 Pilulas contra a constipação. 78.
 Pilulas contra a dysmenorrhêa. 135.
 Pilulas contra a espermatorrhêa. 78.
 Pilulas febrifugas. 175.
 Pilulas mercuriaes. 79.
 Pilulas opiadas camphoradas. 136.
 Pilulas de opio compostas. 28.
 Pilulas de ouro e mercurio. 28.
 Pilulas purgativas. 79.
 Pilulas sedativas. 79.
 Pilulas tonipurgativas. 29.
 Plantas medicinaes (catalogo das) que habitam o continente portuguez; pelo membro honorario o sr. Adolpho Frederico Moller, inspector do jardim botanico da universidade de Coimbra. 95, 120, 141, 160, 179, 237.
 Pó absorvente antiacido. 176.
 Pó antidyspeptico. 176.
 Pó contra o coryza. 80.
 Pó expectorante. 176.

Pó reconstituente phosphatado. 80.
 Poção antidiarrheica. 136.
 Poção antisyphilitica. 136.
 Poção antisiphilitica. 29.
 Poção calmante. 176.
 Poção contra a diarrheia. 153.
 Poção contra a salivação mercurial. 177.
 Poção diaphoretica. 177.
 Poção expectorante. 29.
 Poção ferruginosa. 177.
 Poção iodada. 178.
 Poção mercurial. 29.
 Poção vomitiva. 80.
 Polarisação da luz. 37.
 Policia sanitaria (fructo da falta de). 163.
 Pomada antirhenmatismal. 178.
 Pomada antisyphilitica. 30.
 Pomada bromo iodada. 137.
 Pomada resolutive. 137.
 Portaria do governador da provincia de S. Thomé e Principe, permitindo a um droguista o exercicio das funcções de pharmaceutico na Ilha de S. Thomé. 61.
 Potassa (anal. toxic.). 58.
 Preparação das côres nos vernizes. 23.
 Preparação do xarope de violetas. 152.
 Presença da materia albuminoide particular na urina. 84.
 Preservar o ferro da ferrugem (verniz para). 23.
 Principaes corpos (tabella dos) que possuem poder rotatorio. 39.
 Processo de analyse qualitativa dos halogeneos, pelo consocio o sr. Emilio Estacio. 20.
 Processo de desinfeção dos retretes. 107.
 Processo para dar aos moveis a cor de acaju. 22.
 Processo para reconhecer o chloro em presença do bromo e do iodo. 82.
 Processo para tornar a madeira incombustivel. 147.
 Programma das questões scientificas para o quadragésimo setimo anno da sociedade. 217.
 Proposta da mesa, para a sociedade subscrever para o monumento que vae ser erigido ao grande historiadór Alexandre Herculano. 70.
 Purificação do iodeto de potassio. 153.



Quadro da sociedade (alterações occorridas no), durante o quadrage-

simo sexto anno da sua instituição. 224.
 Quesitos da consulta do consocio o sr. Domingos Antonio Pitta Simões, de Torres Vedras (resolução da sociedade sobre os). 25.
 Quesitos propostos pelo consocio o sr. Domingos Antonio Pitta Simões (parecer da commissão *ad hoc*, encarregada de estudar os). 51.
 Questões scientificas (programma das) para o quadragésimo setimo anno da sociedade. 217.

R

Reactivos do hydrato de chloral. 83.
 Receita para bronzear o cobre e o latão. 208.
 Relação dos medicamentos mais usados e que são solvidos na glicerina, com a indicação do coefficiente de solubilidade para 100 partes d'este liquido. 32.
 Relatorio dos trabalhos da sociedade, durante o 46.º anno da sua installação, feito pelo segundo secretario o sr. José Gomes de Mattos. 210.
 Remedio para curar os animaes da tumelacção resultante da fermentação das forragens verdes no estomago. 22.
 Representação da sociedade dirigida á faculdade de medicina da universidade de Coimbra e escolas medico-cirurgicas de Lisboa e Porto, sobre a reforma do ensino pharmaceutico. 47.
 Representação da sociedade, pedindo providencias ao governador civil de Lisboa contra varios abusos praticados na capital, em prejuizo dos interesses legitimos da classe pharmaceutica. 65.
 Representação da sociedade, pedindo providencias ao governador civil de Villa Real contra o abuso praticado pela misericordia de Chaves, de taxar a seu bel-prazer os preços dos medicamentos que lhe são fornecidos. 50.
 Resinas (modo de solver as). 147.
 Resolução da sociedade sobre os quesitos da consulta do consocio o sr. Domingos Antonio Pitta Simões, de Torres Vedras. 25.
 Rotoina. 113.

S

- Sacchareto de lupulo. 81.
 Saes de aluminio (anal. toxic.) 156.
 Saes de baryo (anal. toxic.) 157.
 Saes de mercurio (anal. toxic.) 158.
 Saude publica. 192.
 Scopoleina. 113.
 Separação e dosagem do arsenico nas investigações toxicologicas. 197.
 Sessão solemne, para commemorar o quadragésimo quinto anniversario da sociedade (conclusão). 5.
 Sessão solemne, para commemorar o quadragésimo sexto anniversario da sociedade. 210.
 Sessões litterarias da sociedade (extractos das actas das). 18, 25, 45, 68, 109, 129, 169, 190, 209.
 Soda (anal. toxic.) 58.
 Solutio antiescrofuloso. 137.
 Solutio antisiphilitico. 30.
 Solutio contra a epilepsia idiopathica. 31.
 Solutio iodetado. 30.
 Solutio resolutivo. 31.
 Subscrição para o monumento que se vae erigir ao eminente escriptor Alexandre Herculano. 70, 106.
 Sulfato de quinina (consulta da sociedade, acerca de uma amostra de) enviado pelos srs. Creswell & Co., representantes em Lisboa da fabrica lombarda de productos chimicos em Milao. 189.
 Sulfuretos alcalinos (anal. toxic.) 60.
 Suppositorio contra a cystita. 137.

T

- Tabella indicando os graus de Baumé em que convém parar a evaporação dos solutos dos principaes saes, para a sua boa crystallisação. 114.

- Tabella dos principaes corpos que possuem poder rotatorio. 39.
 Tabella synoptica para a diluição do alcool. 132.
 Tartarato de potassa e de antimonio (anal. toxic.) 119.
 Tecidos vegetaes (modo facil de distinguir os) dos fios animaes. 107.
 Topico adstringente. 81.
 Topico contra a caria dentaria. 152, 153.
 Toxicologia. 33, 58, 86, 115, 155, 197.
 Tumefacção resultante da fermentação das forragens verdes no estomago dos animaes (remedio para curar a). 22.

U

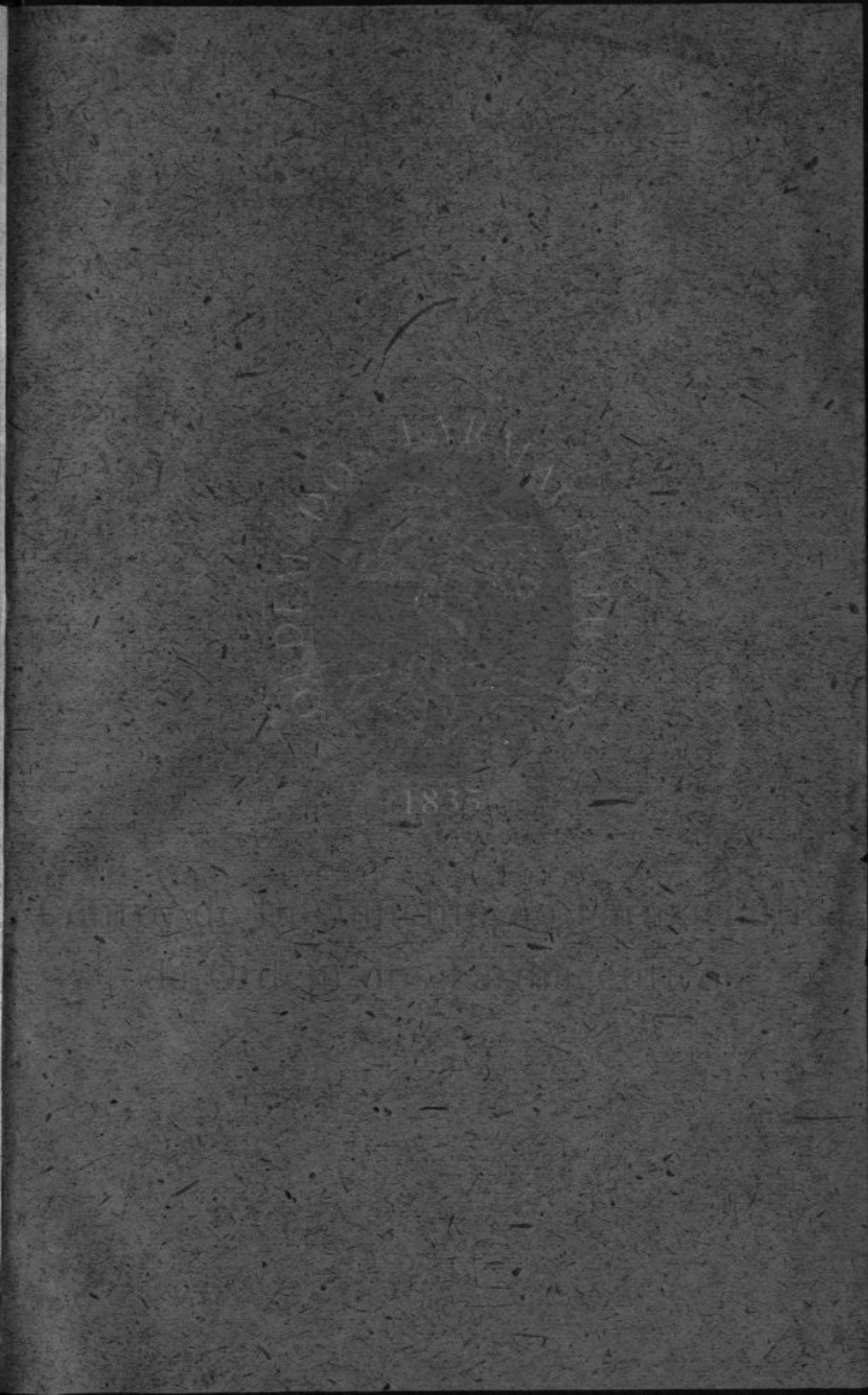
- Urinas sem glucosa desviando á direita. 107.
 Uvas (sobre a maturação das). 198.

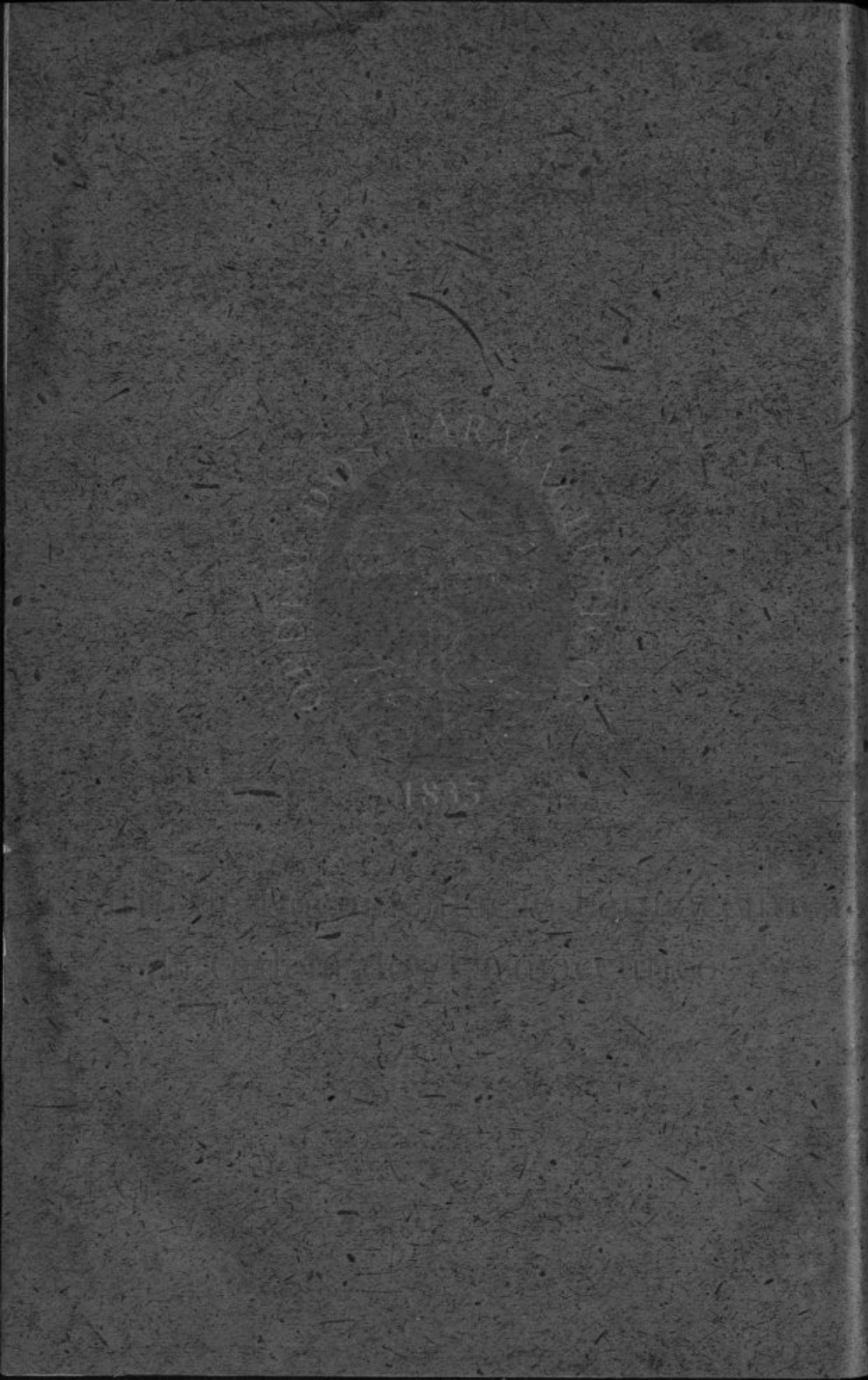
V

- Variedades. 22, 40, 61, 106, 128, 147, 163, 198, 244.
 Venenos corrosivos alcalinos. 58.
 Verniz para os moveis. 108.
 Verniz para preservar o ferro da ferrugem. 23.
 Vernizes (preparação das cores nos). 23.
 Vinho antiescrofuloso. 138.
 Vinho de peptonas. 152.

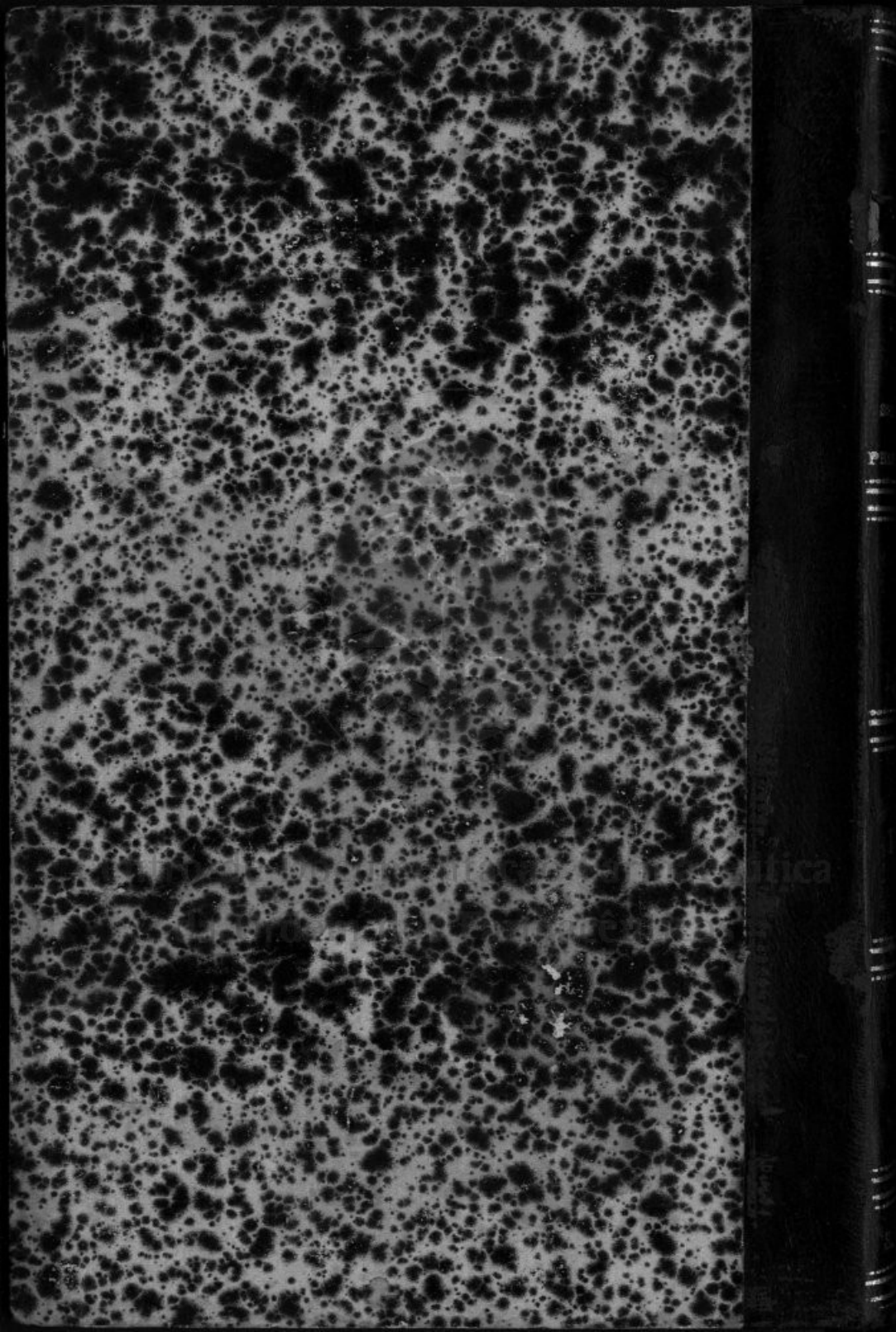
X

- Xarope antiblemnorrhagico. 31.
 Xarope antiescrofuloso. 138.
 Xarope antisiphilitico. 81.
 Xarope de peptonas. 151.
 Xarope tonico. 138.
 Xarope de violetas (preparação do). 152.









—————
—————
—————
—————

—————
—————
—————
—————

JORNAL

DA

SOCIEDADE

PHARMACEUTICA

—————
—————
—————
—————

—————
—————
—————
—————

1855

1881

—————
—————
—————
—————

—————
—————
—————
—————

S. PA. L.

—————
—————
—————
—————